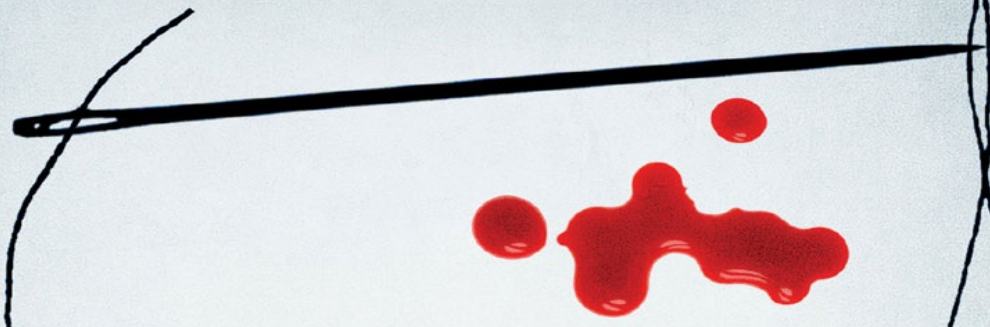
UM CORPO.
SEIS VÍTIMAS.



DANIEL COLE

BONECO DE PANO

ARQUEIRO



BONECO DE PANO



O Arqueiro

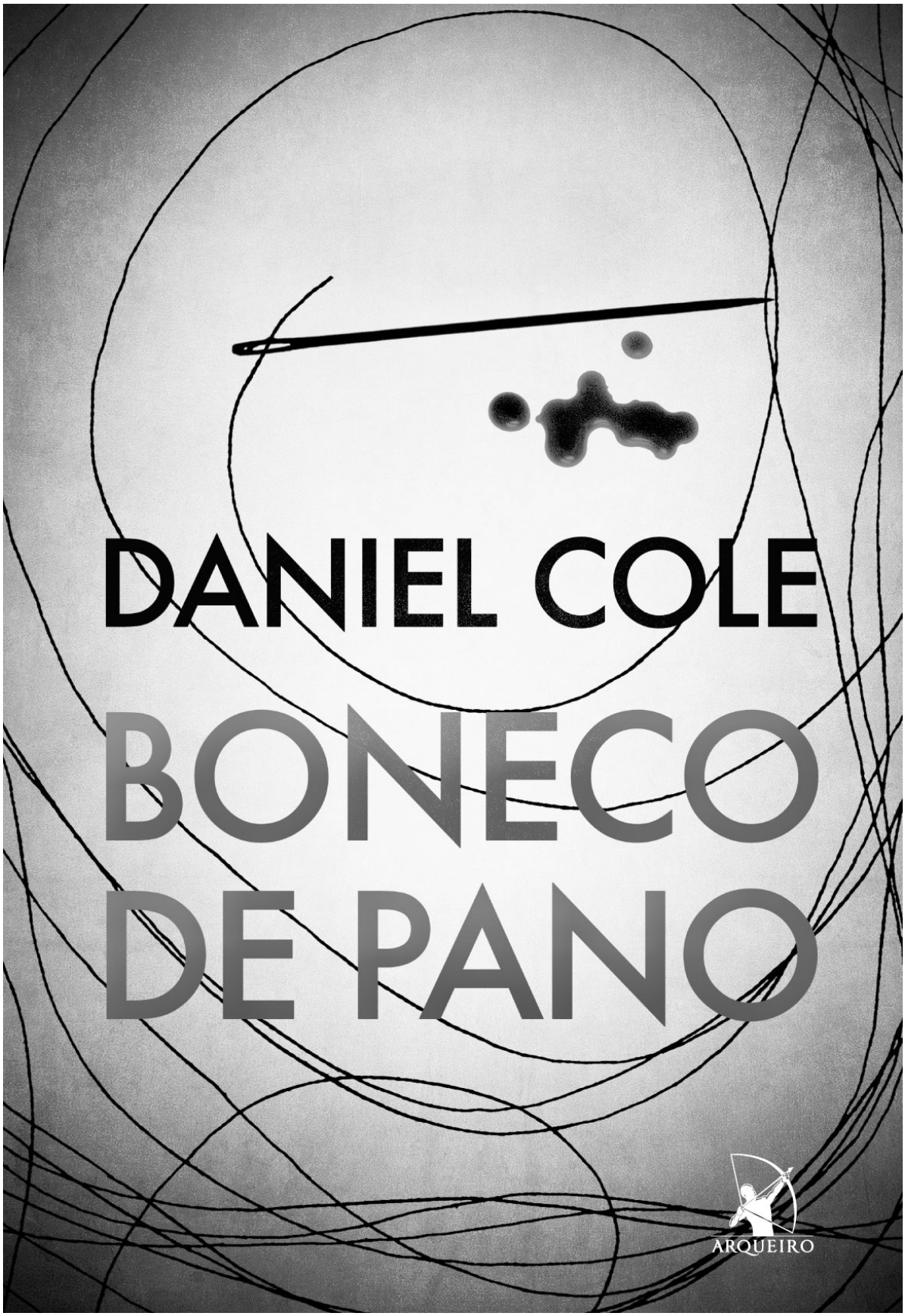
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


DANIEL COLE
BONECO DE PANO
ARQUEIRO

Título original: *Ragdoll*

Copyright © 2017 por Daniel Cole
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Rodrigo Canuto

revisão: Flávia Midori e BR 75 | Silvia Rebello

diagramação: Abreu's System

capa: Sidonie Beresford-Browne

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: ClarkeandCompany / Getty Images, Korionov / Shutterstock

foto do autor: © Ellis Parinder

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655b

Cole, Daniel
Boneco de pano [recurso eletrônico] / Daniel Cole; tradução de Marcelo Mendes. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: Ragdoll
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-704-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

17-40070

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

"Diz aí: se você é o Diabo, então eu sou o quê?"

PRÓLOGO

Segunda-feira, 24 de maio de 2010

Samantha Boyd passou por baixo do cordão de isolamento da polícia e olhou para a estátua da Justiça que se empoleirava no alto do Old Bailey, o infame e centenário tribunal no centro de Londres. Sabia que era uma imagem de retidão e integridade, mas agora a enxergava de outro jeito: uma divindade desiludida e cética, prestes a pular daquela cúpula para a calçada muitos metros abaixo. Não era de espantar que, ao contrário de todas as outras estátuas, ela não tivesse os olhos vendados: o conceito de "justiça cega" chegava a ser uma ingenuidade, especialmente num sistema tão contaminado pelo racismo e pela corrupção.

As ruas e estações de metrô vizinhas haviam sido novamente fechadas por causa da multidão de repórteres a postos diante do prédio, transformando aquela parte tão movimentada da cidade num grande assentamento de classe média. O chão estava repleto de embalagens das lanchonetes caras da região. Alguns dobravam seus sacos de dormir de grife enquanto outros se barbeavam com seus aparelhos de última geração. Um em particular, por mais que tentasse desamassar a camisa com um ferro portátil, mal conseguia disfarçar o fato de que havia pernoitado com ela no corpo.

Samantha ia abrindo caminho com certa aflição, temendo ser reconhecida. Atrasada, precisara apertar o passo na caminhada desde a estação de Chancery Lane e agora estava suando, incomodada com o coque apertado em que prendera os cabelos numa vã tentativa de mudar a aparência. Desde o primeiro dia do julgamento a imprensa vinha acompanhando de perto todos os envolvidos. Aquele seria o 46º e era bem provável que àquela altura ela já tivesse aparecido em quase todos os grandes jornais do planeta. Chegara ao ponto de ser obrigada

a chamar a polícia quando um repórter particularmente obstinado a perseguira até seu apartamento em Kensington e lá ficara. Por isso ela agora andava com a cabeça baixa, olhando para o chão, determinada a passar despercebida.

Duas filas compridas haviam se formado na esquina da rua Newgate: uma para os banheiros químicos, insuficientes para tanta gente, e outra para o quiosque do Starbucks. Seguindo pelo meio dos passantes, Samantha irrompeu na direção dos policiais que montavam guarda diante de uma das entradas mais tranquilas do tribunal. Quando acidentalmente invadiu o quadro de uma das inúmeras gravações que os repórteres vinham fazendo para os telejornais, despertou a ira de uma japonesinha, que esbravejou sonoramente na sua língua natal.

Ignorando-a, pensou consigo mesma: "Último dia." Se tudo corresse bem, dali a oito horas ela teria de volta sua vida normal.

À entrada ela mostrou seu documento de identidade a um policial desconhecido, depois enfrentou com paciência um ritual mais do que conhecido: deixou a bolsa no guarda-volumes de sempre; explicou pela enésima vez, ao passar pelo detector de metais, que a aliança de noivado não saía do dedo; afligiu-se de novo com as possíveis marcas de suor ao ser revistada. Só então embrenhou pelo labirinto de corredores para se juntar aos outros onze membros do júri e tomar com eles uma xícara de café instantâneo morno.

Diante da inexplicável atenção da mídia internacional e o incidente dela com o repórter obstinado, uma decisão até ali sem precedentes havia sido tomada pelas autoridades: isolar todos os jurados num mesmo hotel, apesar da grita geral contra os custos astronômicos que deveriam ser pagos com o dinheiro do contribuinte. Ao cabo de quase dois meses, a conversa entre eles durante o café da manhã consistia quase sempre na má qualidade dos colchões, nas dores lombares que eles provocavam, na falta de opções do serviço de quarto e nas coisas das quais sentiam saudades: cônjuges, filhos e o último episódio de *Lost*.

Quando o oficial de justiça enfim surgiu para buscá-los, instalou-se rapidamente a silenciosa tensão que até aquele momento vinha sendo mascarada pela conversa fiada. O primeiro jurado, um senhor mais velho chamado Stanley (escolhido pelos demais aparentemente por nenhum outro motivo senão a espantosa semelhança com o Gandalf de *O Senhor dos Anéis*), levantou-se à custa de algum esforço e puxou a fila para a audiência.

A Sala 1 daquele fórum, talvez uma das mais famosas do mundo, era usada exclusivamente para o julgamento dos casos mais críticos. Era nela que a maioria das celebridades do universo do crime, gente como Hawley Harvey Crippen, Peter Sutcliffe e Dennis Nilsen, havia passado para responder por seus inúmeros pecados. Uma luz chapada vazava dos janelões de vidro fosco para iluminar o lambri das paredes e o couro verde dos estofados.

Ao ocupar seu lugar na primeira fileira da bancada do júri, o mais próximo do banco dos réus, Samantha se deu conta de que o vestido branco que estava usando, uma criação sua, talvez fosse curto demais. Então colocou sobre o colo o dossiê dos jurados, para grande decepção do senhorzinho assanhado que no primeiro dia de julgamento quase havia atropelado um colega para assegurar a cadeira vizinha à dela.

Diferentemente dos tribunais do cinema americano, em que os réus quase sempre muito elegantes dividem uma mesa com seus advogados, no Old Bailey eles enfrentavam sozinhos a intimidante imponência da sala, trancafiados numa espécie de aquário, um cercadinho elevado com um guarda-corpo de vidro, baixo porém acintoso, sinal mais do que evidente do perigo que eles representavam para o resto da sociedade.

Culpados até que fosse provado o contrário.

Logo à frente do banco dos réus, à esquerda de Samantha, ficava a bancada dos juízes. Uma cornija de madeira, com uma espada de punho dourado sob o brasão de armas da casa real britânica, decorava o espaço logo atrás da cadeira central, a única que havia permanecido vazia durante todo o processo. O centro da sala era reservado para o escrivão e para as equipes da acusação e da defesa. A galeria da plateia, uma espécie de mezanino no fundo da sala, apinhava-se com os zumbis mal dormidos que haviam chegado na véspera para garantir um lugar no último dia daquele julgamento histórico. Os bancos sob a galeria acomodavam uma confusão de pessoas vagamente envolvidas nos trabalhos do dia: especialistas que os advogados poderiam convocar (mas que dificilmente convocariam), vários oficiais de justiça e, claro, o responsável pela detenção do réu e figura central de toda a controvérsia: o detetive William Oliver Layton-Fawkes, também conhecido como Wolf (Lobo) por causa das iniciais do seu nome.

Wolf não havia faltado a nenhum dos 46 dias do julgamento. Escondido no

seu assento junto da saída, de modo geral ele não fazia mais do que ficar olhando friamente para o réu trancafiado no aquário. Era um sujeito forte, de olhos muito azuis, e aparentava uns 40 e poucos anos apesar do rosto já um tanto castigado pelo tempo. Samantha talvez visse nele um homem bonito não fosse pelo aspecto cansado de quem não havia dormido durante meses e que carregava nos ombros todo o peso do mundo. O que não estava muito longe da verdade.

O Cremador, tal como o réu fora apelidado pela imprensa, revelara-se o mais prolífico serial killer de toda a história londrina: 27 vítimas em 27 dias, todas elas prostitutas entre 14 e 16 anos, violência suficiente para despertar as massas para a dura realidade até então ignorada das suas esquinas. Todas as moças haviam sido profundamente sedadas antes de serem queimadas vivas, e a maioria fora encontrada ainda em chamas, o fogo destruindo tudo o que pudesse servir de pista para a polícia. Além disso, as mortes tinham cessado de uma hora para outra, desconcertando ainda mais os investigadores que até então não haviam identificado nenhum suspeito. A Polícia Metropolitana fora duramente criticada por sua inércia ao longo da chacina de tantas almas inocentes, mas dezoito dias após a última morte, Wolf havia encontrado e prendido seu homem.

O réu no aquário era o taxista Naguib Khalid, cidadão britânico de origem paquistanesa, muçulmano sunita. Sozinho no mundo, Khalid tinha um pequeno histórico não muito grave de incêndios criminosos, e o caso já parecia praticamente resolvido quando provas fundamentadas em amostras de DNA, vinculando três das vítimas ao banco traseiro do seu carro, haviam sido apresentadas ao júri após o depoimento avassalador de Wolf. Até que a coisa mudou radicalmente de figura.

Álibis vieram à tona para contradizer os relatórios de vigilância fornecidos por Wolf e sua equipe, bem como denúncias de agressão física e coerção no período em que Khalid passara detido. Laudos periciais foram apresentados, afirmando que as amostras de DNA não podiam ser consideradas conclusivas. E para grande deleite dos advogados de defesa, um representante da corregedoria da polícia apresentara-se para mostrar uma carta que chegara às suas mãos pouco antes do último assassinato: um policial anônimo, colega de Wolf, dizia-se preocupado com o modo “obsessivo” e “emocional” com que o detetive vinha conduzindo a investigação, chegando ao ponto de recomendar o afastamento dele.

De uma hora para outra, muita lenha foi jogada naquela fogueira já tão escandalosa por si só. A polícia foi acusada de usar Khalid como bode expiatório para a própria incompetência. Tanto o comissário quanto o vice-comissário da Divisão de Operações e Crimes Qualificados foram pressionados a entregar o cargo por conta do desgoverno descoberto na sua gestão conjunta. Os tabloides não falavam de outra coisa que não fosse o malfadado detetive e seus supostos problemas com o álcool ou a suposta agressividade que havia arruinado seu casamento. A certa altura a defesa precisou ser repreendida ao sugerir, num arroubo de autoconfiança, que Wolf e o réu trocassem de lugar. Enquanto isso, Naguib Khalid não fazia mais do que observar o circo pegar fogo, sem dar nenhum sinal de que estava feliz com aquela guinada que o fizera passar de demônio a vítima.

O último dia de julgamento começou como esperado. Defesa e acusação fizeram suas observações finais diante do juiz: um rápido resumo das poucas provas ainda válidas, seguido de algumas considerações sobre os meandros da lei. Depois, os doze jurados foram levados para debater seu veredito em uma sala privada, decorada com a mesma falta de imaginação de lambris e couro verde. Ali ficariam por quase cinco horas.

Samantha já sabia havia muito como iria votar, portanto ficou surpresa ao constatar a divisão entre seus colegas. Jamais se deixaria influenciar pela opinião pública, ela vinha dizendo a si mesma, embora fosse um alívio saber que seu voto não arranharia ainda mais aquela imagem pessoal da qual agora dependiam sua loja, seu ganha-pão e sua felicidade em geral. Os mesmos argumentos foram repetidos à exaustão, e sempre havia aquele que chamava atenção para certo aspecto do depoimento do detetive, apenas para ser brutalmente silenciado pelos demais e ouvir pela milésima vez que aquilo não tinha nenhum fundamento, e que deveria ser ignorado.

De vez em quando Stanley solicitava uma votação, após a qual um bilhete era levado ao juiz para informar que eles ainda não haviam chegado a um consenso. A cada votação, cada um dos jurados ia cedendo à pressão da maioria cada vez mais expressiva até que, lá pelas tantas, chegou-se ao resultado suficientemente majoritário de dez contra dois. Stanley finalmente entregou o bilhete definitivo ao oficial de justiça e dez minutos depois foi orientado a voltar à audiência junto com os demais.

Ao entrar de novo na sala, Samantha teve a impressão de que todos os olhares se voltaram imediatamente para ela. Num primeiro momento, ficou envergonhada com o barulho que os sapatos de salto alto faziam contra o silêncio da plateia, sossegando apenas quando todos se acomodaram na bancada e os seus ruídos pessoais foram engolidos pelo burburinho geral.

Percebia que alguns a avaliavam na esperança de adivinhar o veredito, impacientes pelo anúncio oficial. O que era ótimo. Até aquele momento, ela e os demais membros do júri vinham sendo tratados com alguma condescendência pelos figurões emperucados da magistratura, mas agora a situação havia se invertido: eram eles, os jurados, que tinham a posse da bola. Sentindo-se na pele de uma criança detentora de um importante segredo, ela precisou se conter para não rir.

– Senhor réu, por favor, fique de pé – bradou o oficial de justiça.

Não sem alguma hesitação, Naguib Khalid se levantou no aquário.

– Senhor primeiro jurado, por favor, fique de pé.

Stanley se levantou na ponta da fileira em que se achava Samantha.

– Os senhores do júri chegaram a um veredito unânime?

– Não... – balbuciou Stanley, quase inaudível. Sob o olhar impaciente de Samantha, ele limpou a garganta e, a plenos pulmões, repetiu: – Não!

– Alcançaram um veredito de maioria absoluta?

– Alcançamos – disse o velho, e se corrigiu na mesma hora, ciente de que havia faltado aos rigores do protocolo forense: – Desculpe... Sim!

O oficial olhou para o juiz, que meneou a cabeça, sinalizando que aceitava o veredito majoritário.

– Nos seus 27 indiciamentos por homicídio, o réu, na deliberação dos senhores jurados, é culpado ou inocente?

Samantha sentiu um súbito frio na barriga, o que era estranho, pois já sabia o que estava por vir. Várias cadeiras rangeram quando os seus ocupantes se inclinaram para a frente, ansiosos.

– Inocente, senhor oficial.

Samantha olhou de relance para Khalid, esperando ver sua reação. Ele tremia de alívio com o rosto entre as mãos.

Foi então que começou o tumulto.

Wolf não demorou mais do que alguns segundos para alcançar o aquário,

trepar no guarda-corpo de vidro e içar Khalid pela cabeça. O taxista desabou de mau jeito no chão e nem teve tempo para gemer ou gritar, pois foi brutalmente atingido nas costelas. Wolf chegou a ferir a própria mão, tamanha a violência dos golpes.

Um alarme disparou em algum lugar.

Khalid reagiu com um murro, e Wolf despencou sobre a bancada do júri, sentindo o sangue na boca enquanto derrubava a mulher às suas costas – Samantha. Antes que pudesse se levantar, vários seguranças já haviam chegado para se interpor entre ele e o corpo caído junto à base do aquário. Wolf ainda tentou prosseguir no ataque, desferindo chutes para todos os lados, mas logo foi rendido e empurrado para o chão, desabando não muito longe de onde havia caído o porrete de um dos seguranças que conseguira acertar. Podia sentir o cheiro forte do piso encerado, misturado ao do próprio suor.

Khalid parecia morto, mas Wolf precisava ter certeza.

Num último momento de adrenalina, Wolf se desvencilhou do segurança e se arrastou até o corpo inerte embebido em manchas escuras de sangue. Pegou o porrete a seu lado e já ia fazendo uso dele quando levou na cabeça um murro forte o bastante para jogá-lo de volta ao chão. Zonzo, observou enquanto o segurança lhe desferia um segundo golpe ao mesmo tempo que seus instintos o impeliam a continuar atacando.

Não mais do que vinte segundos se passaram desde o anúncio do veredito. Wolf sabia que não havia mais nada a ser feito e rezou para que tivesse sido o suficiente.

As pessoas agora gritavam enquanto corriam na direção das portas de saída, mas os seguranças tentavam impedir a passagem delas. Estatelada no chão, Samantha olhava, atônita, para o nada à sua frente, alheia à baderna. De repente uma mulher apareceu para tirá-la dali, puxando-a pelo braço e gritando algo que ela não conseguia entender. Na realidade, ela mal percebia o alarme que ainda soava, tamanho o seu desatino. Já no saguão do prédio ela escorregou e bateu com a cabeça no joelho de sua salvadora. Não chegou a sentir muita dor, mas desabou de costas nos desenhos em preto e branco do mármore siciliano e ali ficou, mais atordoada do que antes, olhando vagamente para o barroco da abóbada 20 metros acima, para as estátuas e os vitrais.

A mulher ajudou-a a se levantar assim que uma multidão passou correndo

por elas. Conduziu-a até o fundo do saguão, onde ficava a entrada principal do prédio, fora de uso em dias de grande comoção popular, depois voltou às pressas à sala do julgamento. A gigantesca porta de madeira estava aberta, assim como o gradil de ferro, e o céu nublado parecia acenar para que ela saísse.

Samantha cambaleou para a rua e deu de cara com uma matilha ensandecida de repórteres e fotógrafos. A cena não teria sido mais perfeita caso ela tivesse posado deliberadamente: a bela jurada com seu vestido branco respingado de sangue, encimada pelo frontão em que o Anjo Escriba, ladeado pelas virtudes Força e Verdade, preparava sua interminável lista de pecadores para enviar ao chefe celeste. Dando as costas para o espocar ofuscante dos flashes, ela olhou para o alto e leu o que estava talhado na pedra da arquitrave, acima das quatro colunas que sem dúvida estavam ali para sustentar o peso metafórico das palavras:

DEFENDER OS FILHOS DOS POBRES & PUNIR OS MALFEITORES

Diante daquilo ela sentiu um peso no coração, achando que de algum modo havia negligenciado seu dever de cidadã. Seria mesmo possível botar a mão no fogo por Khalid? Que motivos ela realmente tinha para acreditar na inocência dele tão inequivocamente quanto o detetive acreditava na culpa? Olhando de novo para a imagem do anjo encapuzado, ficou com a impressão de que ele havia acabado de anotar o nome dela no livro que trazia sobre o colo.

Samantha Boyd também havia sido julgada.

QUATRO ANOS DEPOIS...

Capítulo 1

Sábado, 28 de junho de 2014
3h50

Wolf tateou o chão à procura do celular que vibrava em algum lugar, deslizando no revestimento do piso. Aos poucos o breu foi dando lugar às formas indistintas do seu novo apartamento. Com o lençol empapado de suor grudado ao corpo, ele se jogou do colchão e foi se arrastando na direção do maldito aparelho.

– Wolf – disse, aliviado por ter se lembrado do próprio nome, tateando a parede em busca de um interruptor.

– Aqui é o Simmons.

Wolf enfim acendeu a luz e bufou sonoramente quando se deu conta de onde estava. Ficou muito tentado a apagá-la de novo. O conteúdo das quatro paredes do quarto minúsculo se reduzia a um colchão velho no chão e uma lâmpada solitária no teto. O lugar era uma estufa, graças ao proprietário, que ainda não havia pedido a chave da janela para o inquilino anterior. De modo geral isso não seria um problema em Londres. Mas ele tivera a competência de fazer sua mudança coincidir com uma das inusitadas ondas de calor que de vez em quando assolavam a cidade, e aquela em particular já se arrastava por duas semanas.

Diante do silêncio do outro lado da linha, Simmons emendou:

– Também não precisa pular de alegria.

– Que horas são?

– Dez pras quatro.

– Por acaso esse não é o meu fim de semana de folga?

– *Era*. Preciso que você vá comigo até a cena de um crime.

– Do lado da sua mesa? – perguntou Wolf, brincando.

Mas nem tanto. Fazia anos desde a última vez que vira o chefe fora do perímetro da sua sala no prédio da New Scotland Yard.

– Engraçadinho. Acontece que dessa vez me escalaram.

– A coisa é tão grave assim, é?

Simmons permaneceu calado por um instante.

– Muito grave – disse afinal. – Tem uma caneta aí?

Vasculhando uma das caixas de papelão junto à porta, Wolf encontrou uma caneta para anotar o que fosse preciso na palma da mão.

– Ok. Pode falar.

Nesse mesmo instante ele viu um foco de luz se refletir no armário da quitinete praticamente vazia. Com o telefone na mão, foi ver o que era e levou um susto ao constatar o que acontecia do outro lado da janela: uma dezena de carros da polícia estacionada na rua, junto com vários repórteres e os moradores evacuados do prédio da frente.

– Trinity Towers, apartamento 108... – começou a dizer Simmons.

Mas Wolf o interrompeu:

– Hibbard Road, Kentish Town?

– Ué, como você sabe?

– Sou um detetive, não sou?

– Bem, além de detetive, talvez você seja o nosso suspeito número um. Anda, vem logo.

– Estou indo. Só preciso de...

Wolf se calou ao ver que o chefe já havia desligado. Em meio ao turbilhão de luzes que vinha de fora, notou o piscar alaranjado da máquina de lavar e lembrou que antes de dormir havia colocado nela todas as suas roupas de trabalho.

– Merda...

Dali a cinco minutos ele já estava na rua, abrindo caminho entre os curiosos reunidos diante do prédio. Abordou o primeiro policial que viu e mostrou seu distintivo, acreditando que passaria direto por ele. Mas o rapaz pegou o documento da sua mão, examinou-o sem nenhuma pressa, depois correu os olhos pela triste figura que vestia apenas um calção de praia e uma camiseta desbotada da turnê *Keep the Faith* de Bon Jovi.

– Sargento Layton-Fawkes? – disse ele, meio desconfiado.

Wolf se arrepiou. Não gostava nem um pouco daquele sobrenome metido a besta.

– Isso. Detetive Fawkes.

– O do... "massacre do tribunal"?

– Pode me chamar de William. Mas e aí, será que eu posso...? – perguntou Wolf, apontando para o prédio.

O policial devolveu o distintivo do detetive, depois ergueu a fita de isolamento e disse:

– Precisa de um guia?

Wolf baixou os olhos para o calção florido, os joelhos nus e os sapatos sociais.

– Pode não parecer, mas... acho que consigo me virar sozinho.

O policial riu e informou:

– Quarto andar. Mas não dê mole: a vizinhança aqui não é das melhores.

Wolf bufou mais uma vez, depois entrou no prédio, que tinha um cheiro forte de detergente. Ao chegar ao elevador, viu imediatamente que os botões para o segundo e o quinto andares estavam faltando. O painel metálico continha as marcas estriadas de um líquido escuro já seco, que podia ser tanto Coca-Cola quanto bosta. Por via das dúvidas, ele protegeu o dedo com uma parte da camiseta (o rosto de Richie Sambora, guitarrista da banda) antes de apertar o botão para o quarto andar. Já estivera em milhares de elevadores idênticos na sua longa carreira de policial, aquele mesmo caixote metálico que as prefeituras instalavam no país inteiro. Como não havia nada que pudessem roubar ou quebrar, os vândalos de baixa renda se contentaram em pichar obscenidades nas paredes. Sabia-se, por exemplo, que Johnny Radcliff, que "teve aqui", era um "viado".

Cerca de dez pessoas se encontravam no silencioso corredor do quarto andar. Pareciam um tanto abaladas e, ao depararem com Wolf em trajes de banho, todas torceram o nariz, a não ser por um homem de aspecto desleixado, com um crachá de perito, que acenou e aplaudiu com um sorriso ao vê-lo passar. Um cheiro ainda distante mas identificável ia ficando cada vez mais forte à medida que ele se aproximava da porta escancarada no fim do corredor. O cheiro da morte. Os que trabalhavam perto dela logo reconheciam aquela mistura de ar podre, bosta, mijo e carne em decomposição.

Wolf ia entrando no apartamento quando foi atropelado por uma mulher que irrompeu da sala para se ajoelhar no chão e vomitar praticamente a seus pés. Recuou a tempo, mas antes que pudesse contorná-la, ouviu os passos de alguém que vinha correndo na sua direção: a detetive Emily Baxter.

– Wolf! – exclamou ela, esbaforida, quebrando o silêncio do corredor. – Achei mesmo que era você! Fala sério... esse é dos bons, não é? – E para a mulher que vomitava: – Será que não dá pra você fazer isso em outro lugar?

A mulher se afastou timidamente e a detetive tomou Wolf pelo braço, puxando-o para dentro do apartamento. Era dez anos mais nova, e quase tão alta quanto ele. Como sempre, usava nos belos olhos uma maquiagem preta que os deixava um tanto estranhos, grandes demais, e os cabelos castanhos pareciam bem mais escuros sob a pouca luz do ambiente. Vestindo uma camisa justa e um belo par de calças, examinou Wolf de cima a baixo, depois abriu um sorriso irônico e disse:

– Ninguém me avisou que a reunião de hoje seria na piscina.

Wolf preferiu não morder a isca. Sabia que seria deixado em paz se não retrucasse.

– Chambers vai ficar puto quando souber o que está perdendo – acrescentou Baxter.

– Sei não – disse Wolf sem grande entusiasmo. – Eu não trocaria um cruzeiro no Caribe por um simples presunto.

– *Um simples presunto?* – devolveu ela, surpresa. – Simmons não contou nada para você?

– Não contou o quê?

O apartamento estava iluminado apenas por algumas lanternas estrategicamente distribuídas. Era bem mais amplo que o de Wolf, mas nem por isso mais agradável. Não se via nenhum móvel sob o teto alto. Aqui e ali, buracos nas paredes encardidas deixavam à mostra o forro de isolamento e a fiação velha. Banheiro e cozinha aparentemente não haviam passado por nenhuma reforma desde os anos 1960. Além do cheiro característico, as moscas eram um sinal claro de que a morte rondava. Wolf seguiu adiante com Emily Baxter.

– Mas e aí? – insistiu ele. – Que foi que o Simmons não me contou?

– Um caso desses não aparece duas vezes na carreira de um policial – respondeu ela, ignorando a pergunta. – Chumbo grosso.

Wolf se distraiu quando viu o segundo quarto e cogitou se não estava pagando caro demais pelo cubículo que acabara de alugar do outro lado da rua. Chegando ao quarto principal, esquadrinhou o chão à procura do cadáver, mas não achou nenhum entre os muitos aparelhos e as muitas pessoas que congestionavam o cômodo.

– Emily!

Ela parou e se virou para ele com impaciência.

– Que foi que o Simmons não me contou, afinal?

Atrás da detetive, as pessoas agrupadas diante do janelão que dominava o quarto afastaram-se subitamente para o lado. Antes de receber sua resposta, Wolf se adiantou naquela direção, mas sem entender direito o que estava vendo. Iluminado por um refletor (a única fonte de luz que a polícia não havia levado consigo), um corpo nu flutuava cerca de 30 centímetros acima das tábuas empenadas do piso, de costas para o quarto, pendurado a dois ganchos industriais por meio de centenas de fios de náilon quase invisíveis. Contorcia-se numa posição pouco ou nada natural, mas Wolf demorou alguns segundos para perceber o aspecto mais desconcertante daquela cena por si só tão surreal: uma perna negra anexada a um tronco branco.

Intrigado, ele se aproximou para ver melhor. Gigantescos pontos cirúrgicos alinhavavam as partes desconexas de corpos diferentes. De um lado, uma perna masculina negra; do outro, uma feminina branca. À direita, a mão grande de um homem; à esquerda, a mão bronzeada de uma mulher. O negro dos cabelos desgrenhados fazia um forte contraste com a pele alva e sardenta do tronco feminino.

A detetive Baxter se aproximou também. Saboreando sem nenhum pudor a expressão de repulsa que via no rosto do colega, sussurrou no ouvido dele:

– Foi isso que o Simmons não contou. Um cadáver só, mas... *seis* vítimas!

Wolf baixou os olhos para o chão. Viu que estava pisando na sombra do monstrengo, que lhe pareceu ainda mais grotesco naquele estado simplificado, as proporções ainda mais disparatadas, vazios de luz pontilhando as articulações entre membros e tronco. Ainda estava pensando nisso quando ouviu o chefe berrar às suas costas:

– Que diabo aqueles repórteres estão fazendo lá embaixo? – perguntou Simmons a todos ao mesmo tempo. – Porra, esse departamento tem mais

vazamentos que o *Titanic*. Se eu vir alguém falando com eles, é suspensão na hora!

Wolf riu consigo mesmo. Sabia que Simmons estava apenas interpretando o papel do chefe típico, que por trás daquela máscara de cachorro bravo havia um policial competente, esperto e consciencioso. Conhecia-o fazia mais de dez anos e, até o incidente com Naguib Khalid, considerava-o seu amigo.

– Fawkes! – chamou ele, aproximando-se. Precisava se policiar para não chamar os subordinados pelo apelido. Aos 50 e poucos anos, era cerca de 30 centímetros mais baixo que Wolf e havia desenvolvido uma pequena pança de chefe. – Não estava escrito traje esporte no meu convite – foi logo dizendo.

Wolf ouviu Emily rir às suas costas. Como antes, decidiu não dar mais trela. Depois de alguns segundos de um silêncio constrangedor, Simmons virou-se para Baxter e disse:

– Cadê o Adams?

– Quem?

– Adams. Seu novo afilhadinho.

– Ah, você está falando do Edmunds.

– Isso. Edmunds. Cadê ele?

– E como é que eu vou saber?

– Edmunds! – chamou Simmons, berrando para o resto dos presentes.

– Que história é essa de "afilhadinho"? – sussurrou Wolf para Emily, mal conseguindo disfarçar o ciúme na voz.

A detetive riu e disse:

– Agora estou dando uma de babá também. O garoto acabou de ser transferido do Departamento de Fraudes. Ainda não está acostumado com os presuntos. Se bobear, deve estar chorando num canto por aí.

Edmunds não demorou a aparecer. Tinha apenas 25 anos. Magro feito uma vareta, andava sempre muito bem vestido e apresentável, apesar dos cabelos ruivos constantemente bagunçados. Não fosse o caderno que trazia debaixo do braço, teria batido continência para o chefão ao se postar diante dele.

– O que os peritos já descobriram? – perguntou Simmons.

Edmunds consultou suas anotações, depois disse:

– Helen e sua equipe ainda não encontraram nenhuma gota de sangue no apartamento. Mas confirmaram que as partes saíram de seis corpos diferentes e

foram amputadas de modo grosseiro, provavelmente com uma serra fina, dessas de cortar metal.

– Será que *Helen* não tem mais nada pra dizer que a gente já não saiba? – cuspiu Simmons.

– Na verdade, sim – disse o novato. – Diante da ausência de sangue e da não utilização de mecanismos de compressão dos vasos sanguíneos em torno das áreas de amputação... – Simmons revirou os olhos, consultou as horas no relógio. – ... é possível afirmar com toda a certeza que as partes foram removidas *post mortem* – terminou Edmunds, visivelmente satisfeito consigo mesmo.

– Assim você vai longe na polícia, companheiro – ironizou Simmons, antes de berrar: – Alguém aí liga pra agência e cancela o comercial de margarina pro cara sem cabeça! Obrigado!

Edmunds recolheu seu sorriso imediatamente. Wolf olhou de relance para Simmons e riu. Ambos já haviam estado do outro lado de brincadeiras semelhantes: fazia parte do treinamento.

– O que eu quis dizer é que não há a menor possibilidade de que algum dos amputados ainda esteja vivo, só isso – resmungou Edmunds, constrangido.

Olhando para o janelão, e vendo o reflexo do monstrengo nas vidraças, Wolf se deu conta de que ainda não vira o outro lado dele. Então se aproximou para examiná-lo melhor.

– E *você*, detetive Baxter? – perguntou Simmons. – O que já conseguiu?

– Não muito. Um pequeno estrago na fechadura da porta, provavelmente um arrombamento. Nosso pessoal está interrogando os vizinhos, mas até agora ninguém viu nem ouviu nada. Ah, e não há nada de errado com a eletricidade do apartamento. Todas as lâmpadas foram retiradas de propósito, exceto o refletor em cima da vítima... ou melhor, *das vítimas*. Como se quisessem iluminar uma vitrine.

– E você, Fawkes? Alguma ideia? Fawkes?

Wolf olhava absorto para o rosto escuro do monstrengo pendurado no teto.

– Desculpe – disse Simmons. – Estou interrompendo alguma coisa?

– Opa, foi mal – falou Wolf finalmente, virando-se. – Mesmo com todo esse calor, só agora o nosso amigo aqui está começando a feder. Portanto, de duas, uma: ou o assassino matou as seis vítimas há pouco tempo, o que não é muito provável, ou então vinha guardando os corpos em algum lugar refrigerado.

– Isso mesmo – disse Simmons. – Vamos destacar alguém pra investigar se houve algum supermercado invadido recentemente, ou sei lá, um restaurante, qualquer lugar que precise de uma câmara frigorífica.

– Também precisamos saber se algum dos vizinhos não ouviu o barulho de uma furadeira – emendou Wolf.

– Sempre tem alguém furando alguma coisa em prédios residenciais – interveio Edmunds, arrependendo-se assim que viu a irritação estampada nos três pares de olhos que se voltaram para ele.

– Se a intenção do assassino era deixar uma obra-prima pra polícia encontrar – sugeriu Wolf –, ele não faria um serviço malfeito, não correria o risco de deixá-la despencar do teto pra que a gente chegasse aqui e encontrasse uma pilha de membros e tronco no chão. É bem provável que haja uma viga metálica acima do gesso onde esses dois ganchos foram furados. Alguém deve ter ouvido o barulho.

– Tem razão – disse Simmons. – Emily, mande alguém dar uma olhada nisso também.

– Chefe, será que a gente pode trocar uma palavrinha? – pediu Wolf, assim que a detetive se afastou com Edmunds a tiracolo. Em seguida calçou um par de luvas descartáveis e afastou as mechas de cabelos embolados que escondiam parcialmente o rosto medonho do monstrengo. Um rosto masculino. Os olhos estavam abertos e havia uma inusitada expressão de paz levando-se em conta as circunstâncias em que o proprietário havia morrido. – Está reconhecendo?

Simmons se aproximou para ver melhor.

– Não, não estou – concluiu.

– É o Khalid.

– Impossível.

– Será?

Examinando novamente o rosto inerte, Simmons aos poucos foi trocando o ceticismo pela preocupação.

– Detetive Baxter! – berrou ele. – Quero que você e o Adams...

– *Edmunds* – corrigiu Wolf.

– ... que você e o Edmunds deem um pulo agora mesmo no presídio de Belmarsh. Peçam ao diretor pra falar imediatamente com Naguib Khalid.

– Khalid? – perguntou Emily, surpresa, olhando involuntariamente para Wolf.

– Ele mesmo. Ligue assim que vir que o homem está vivo. Agora vá. É urgente.

Wolf olhou para seu prédio do outro lado da rua. Muitas janelas permaneciam escuras, mas também havia aquelas em que sorridentes moradores filmavam a confusão com seus celulares, na esperança de captar algo bem cabeludo para divertir os amigos na manhã seguinte. Por algum motivo, talvez em razão da pouca luz, eles não conseguiam ver o monstrengo de fora para dentro. Caso contrário estariam bem mais agitados.

Wolf, por sua vez, conseguia ver perfeitamente o interior do próprio apartamento. Na pressa, havia deixado todas as luzes acesas. Entre as caixas empilhadas na sala, havia uma sobre a qual estava marcado: "Calças e camisetas".

– Arrá!

Simmons voltou para seu lado, esfregando os olhos cansados. Eles permaneceram calados por um tempo, ladeando o corpo suspenso, vendo no céu escuro os primeiros raios da manhã. Mesmo com o burburinho a seu redor, podiam ouvir os passarinhos que começavam a cantar lá fora.

– Isso deve ter sido a coisa mais pavorosa que você já viu na vida, certo? – disse Simmons afinal, meio que engrolando as palavras.

– A segunda – disse Wolf, os olhos grudados no clarão que despontava no horizonte.

– A *segunda*? Estou até com medo de perguntar qual foi a primeira. – A contragosto, Simmons olhou mais uma vez para a macabra escultura de membros amputados. – O que pode ser mais pavoroso do que... isso?

Wolf chamou a atenção dele para o braço direito do monstrengo, que se estendia para a frente, sustentado por dezenas de fios de náilon. A palma da mão era bem mais clara que o roxo do resto da pele e das unhas perfeitamente cortadas, e outros tantos fios, fazendo as vezes de tendões, estiravam o dedo indicador. Verificando se não havia ninguém por perto para ouvir, Wolf sussurrou para Simmons:

– Ele está apontando pra minha janela.

Capítulo 2

Sábado, 28 de junho de 2014
4h32

Impaciente, a detetive Baxter deixou Edmunds diante do elevador que não chegava nunca e desceu pela escada, deparando com a horda de moradores furiosos que finalmente haviam recebido permissão para retornar ao prédio e agora subiam para seus respectivos apartamentos. No meio do caminho decidiu guardar o distintivo que vinha brandindo à sua frente, dando-se conta de que ele atrasava, mais do que adiantava, sua descida para a rua. A curiosidade das pessoas diante dos acontecimentos da noite já havia se dissipado, deixando em seu lugar apenas sono e irritação com a polícia.

Quando enfim chegou à portaria, encontrou Edmunds à porta principal, esperando pacientemente. Passou direto por ele e saiu à rua. A manhã estava fresca, mas a total ausência de nuvens no céu era indício de que a onda de calor ainda teria alguma sobrevida. Jornalistas e curiosos ainda se amontoavam do outro lado da fita de isolamento, e ela xingou baixinho ao ver o obstáculo que precisaria transpor para chegar a seu carro, um Audi A1 preto.

– Bico calado – cuspiu ela para Edmunds, que relevou a redundância da ordem com a docilidade de sempre.

Sob uma avalanche de perguntas e flashes, eles passaram por baixo da fita e foram abrindo caminho através da multidão. Quanto mais ouvia Edmunds se desculpar com as pessoas, mais ela se mordia por dentro, e a certa altura, sem poder se conter, virou-se para fulminá-lo com o olhar. Foi então que colidiu com a pança de um cinegrafista, fazendo com que a câmera dele, grande e aparentemente caríssima, despencasse no chão.

– Merda! Desculpe... – disse ela, automaticamente sacando do bolso um dos

seus cartões com os telefones da polícia.

Não era a primeira vez que fazia isso, que entregava um cartão como se fosse um reconhecimento de dívida, depois ia embora como se nada tivesse acontecido, alheia ao caos que havia deixado para trás. Mas antes que pudesse passá-lo ao cinegrafista, que ainda recolhia do chão os restos do seu finado aparelho, viu o cartão ser roubado da sua mão pelos dedos ágeis da mulher a seu lado. Virando-se para ver quem era, deparou com os olhos ferozes de uma repórter de TV, impecavelmente vestida e maquiada apesar da hora: nenhum sinal das olheiras e do cansaço dos seus colegas de profissão. Os cabelos eram ruivos, compridos e encaracolados. Um silêncio tenso se instalou entre as duas mulheres, para grande espanto de Edmunds, que até então nunca tinha visto sua mentora daquele jeito, tão desconcertada.

A ruiva olhou de relance para ele, depois disse à detetive:

– Até que enfim você arrumou alguém da sua idade. – E para Edmunds, num tom quase maternal: – Então? Ela já mostrou as garras pra você também?

Emily fulminou o rapaz como se ele tivesse culpa apenas por existir, e Edmunds sentiu um frio na barriga, acreditando que aquele talvez fosse o pior momento da sua vida.

– Não? – prosseguiu a mulher. – Bem, é uma questão de tempo.

– Sou noivo – disse Edmunds, sem saber ao certo o que estava fazendo.

– Vem, vamos logo – ordenou Emily, voltando à frieza habitual. E para a ruiva: – Andrea.

– Emily – devolveu a outra.

A detetive deu-lhe as costas, passou por cima dos destroços da câmera e seguiu adiante com Edmunds em seu encalço. No carro, atropelou o meio-fio duas ou três vezes antes de tirá-lo da vaga, depois pisou fundo no acelerador, deixando para trás a confusão de luzes, jornalistas e curiosos. Edmunds conferiu pela terceira vez se o seu cinto de segurança estava devidamente afivelado.

As ruas estavam praticamente desertas. A Catedral de St. Paul era uma grande silhueta contra os vermelhos e laranjas do amanhecer. O aquecedor soprava um ar quentinho no luxuoso interior do Audi, apesar do entulho de CDs, maquiagens semiusadas e embalagens de lanches. Emily não havia dito uma única palavra até então e Edmunds fazia o possível para não ceder ao sono.

Depois de algum tempo, atravessando a ponte de Waterloo, ele deixou a cabeça cair pesadamente contra o vidro da janela, mas se recompôs na mesma hora, furioso por demonstrar mais aquela fraqueza na presença da detetive. Para espantar o sono, achou por bem puxar algum tipo de conversa.

– Então... aquele era *ele*?

– Ele quem?

– O famoso William Fawkes?

Na realidade Edmunds havia visto Wolf inúmeras vezes, apenas de passagem, mas o bastante para notar a reverência dos companheiros diante do detetive veterano, bem como o desconforto dele com a sua condição de celebridade.

– O *famoso* William Fawkes... – zombou Emily.

– Já ouvi tantas histórias... – Edmunds se calou um instante, farejando o ar para ver se podia prosseguir. – Você fazia parte da equipe dele quando tudo aquilo aconteceu, não fazia?

A detetive continuou dirigindo em silêncio como se não tivesse ouvido a pergunta, e Edmunds ficou se sentindo um idiota por ter achado que ela se disporia a conversar sobre um assunto tão delicado com um reles novato. Estava prestes a pegar o celular para se distrair quando, do nada, ela respondeu:

– Sim, fazia.

– E aí? Ele realmente fez tudo aquilo que as pessoas dizem por aí? – Edmunds sabia que estava pisando em campo minado, mas sua curiosidade era ainda maior que o receio de despertar a ira da chefe. – Plantou provas? Agrediu o réu?

– Quase tudo é verdade. Mas nem tudo.

Sem pensar no que estava fazendo, Edmunds balançou a cabeça numa acintosa demonstração de censura. Foi quando ela perdeu a paciência.

– Quem você pensa que é pra julgar o cara, garoto? Você não faz a menor ideia de como é a vida de um policial! – vociferou ela. – Wolf *sabia* que Khalid era o Cremador. Simplesmente sabia. E sabia também que ele voltaria a matar.

– Com certeza havia provas legítimas nesse sentido.

Ela riu com sarcasmo.

– Espere para ver quando tiver alguns anos de carreira, quando tiver visto um bom número desses filhos da puta que conseguem se safar sem pagar pelo que fizeram! – Ela procurou se conter antes que fosse tarde demais. – As coisas não

são assim tão simples como você pensa, preto no branco. O que Wolf fez não está certo, mas ele teve bons motivos pra isso.

– Inclusive agredir um homem brutalmente num tribunal?

– Principalmente – respondeu Emily, distraída o bastante para não perceber o tom de desafio embutido na pergunta. – Ele cedeu à pressão. Um dia você ainda vai fazer a mesma coisa. Cedo ou tarde *todo mundo* faz. Então, quando chegar sua vez, reze pra ter alguém do seu lado. Ninguém ficou do lado do Wolf. Nem mesmo eu.

Edmunds não disse nada, comovido com o tom de remorso da chefe.

– Ele estava perdido. Queriam o sangue dele. Queriam usá-lo como exemplo de "policial mau". Até que, numa manhã fria de fevereiro, adivinha quem eles encontraram ao lado do cadáver estorricado de uma adolescente? Essa menina ainda estaria viva se tivessem ouvido o Wolf.

– Meu Deus... – disse Edmunds. – Você acha que aquela cabeça é dele mesmo?

– Naguib Khalid matou um monte de crianças. Um absurdo, até mesmo para os colegas de bandidagem. Para o seu próprio bem, foi permanentemente trancafiado na solitária de um presídio de segurança máxima. Não recebe visitas de *ninguém*, muito menos de alguém capaz de sair de lá com a cabeça dele debaixo do braço. Acho que o Wolf viajou.

Seguiu-se mais um bom tempo de silêncio após a sentenciosa declaração de que a viagem até Belmarsh era uma grande perda de tempo. Dando-se conta de que aquela havia sido a conversa mais longa e civilizada que já tivera com a chefe naqueles três meses e meio de convivência, Edmunds sentiu-se suficientemente à vontade para retomar o assunto abandonado havia pouco.

– É impressionante que o Fawkes... quer dizer, o Wolf, tenha conseguido voltar à corporação.

– Jamais subestime o poder da opinião pública e a disposição das autoridades pra se curvar diante dela – disse Baxter com desdém.

– Você fala como se pensasse que ele não devia ter voltado.

A detetive não disse nada.

– Não foi muito saudável pra imagem da polícia – prosseguiu ele – deixar que ele saísse ileso dessa história toda, você não acha?

– *Ileso?*

– Bem, ele nem chegou a ser preso.

– Teria sido melhor se tivesse. Os advogados, para manter as aparências, acabaram pleiteando um tratamento psiquiátrico. Mais fácil pra colar os cacos depois, eu acho. Alegaram que o estresse do caso havia desencadeado um comportamento "totalmente incaracterístico" e...

– Mas quantas vezes uma pessoa precisa fazer algo *incaracterístico* até que os outros comecem a achar que é *característico*? – interrompeu Edmunds.

Ela não lhe deu atenção.

– Falaram que ele precisava de tratamento contínuo pra uma doença diagnosticada como TPA. Transtorno de Personalidade Antissocial.

– Mas você não acreditou em nada disso, acreditou?

– De início, não. Mas se um número suficiente de pessoas fica repetindo que você é maluco e enchendo sua cabeça de comprimidos, no fim até você mesmo acaba duvidando da sua sanidade... Portanto, em resposta à sua pergunta: um ano de internação no hospital St. Ann's, rebaixamento no trabalho, reputação em frangalhos, papéis de divórcio esperando na soleira da porta... Não dá pra dizer que o Wolf tenha "saído ileso dessa história toda".

– A mulher seguiu em frente com o divórcio mesmo depois de saber que ele estava certo desde o início?

– É uma idiota, só isso que eu posso dizer.

– Você a conhece?

– A ruiva lá da rua.

– Era ela?

– A própria. Andrea. Na época ficou pensando um monte de bobagem a nosso respeito.

– Que você e o Wolf tinham alguma coisa?

– Claro. Que mais podia ser?

– E aí...? Não tinham?

Edmunds mordeu a própria língua. Sabia que vinha pisando em ovos e que acabara de quebrar o primeiro deles. A detetive Baxter nem se deu ao trabalho de responder. Deu a conversa por encerrada e enterrou o pé no acelerador.

– Como assim, "ele morreu"? – gritou Baxter para o diretor-geral do presídio de Belmarsh. Era a única de pé na saleta de aspecto ordinário.

O homem havia chegado mais cedo para adiantar trabalho, mas a inesperada visita, que já durava meia hora, atrapalhara irremediavelmente seus planos. Ele queimou a língua ao dar seu primeiro gole num café escaldante, depois disse:

– Sargento Baxter, cabe às autoridades locais repassar informações como esta ao seu departamento. De modo geral não costumamos...

– Mas... – ela tentou interrompê-lo, sem sucesso.

– O detento Naguib Khalid adoeceu na sua cela solitária e foi removido para a enfermaria, depois hospitalizado no Queen Elizabeth.

– Adoeceu como? – perguntou a detetive, sentando-se.

O diretor colocou os óculos de leitura e abriu uma pasta de arquivo sobre a mesa.

– Segundo está escrito aqui: "dificuldade respiratória e náusea". Ele foi levado para a UTI do hospital por volta das oito da noite "ao apresentar um quadro de hipoxemia e não responder à terapia de oxigênio", se é que isso significa alguma coisa pra vocês.

Os detetives fizeram que sim com a cabeça, mas encolheram os ombros e riram discretamente um para o outro assim que o diretor baixou os olhos para o seu relatório.

– Dois policiais montaram guarda diante do quarto dele por 24 horas. Inutilmente por 21 horas, pois o homem morreu às onze – arrematou ele, fechando a pasta e retirando os óculos. – Infelizmente isso é tudo que tenho a informar. Sugiro que procurem o hospital caso precisem de mais detalhes. Portanto, se isso for tudo... – Deu mais um gole sofrido no café quente, depois afastou a xícara antes que ficasse sem língua.

A detetive Baxter e Edmunds se levantaram para sair. Ele abriu um sorriso e estendeu a mão para o diretor.

– Obrigado pela gentileza... – começou a dizer.

– Por hoje é só – interrompeu ela e saiu.

Envergonhado, Edmunds recolheu a mão estendida e saiu também, deixando a porta se fechar sozinha às suas costas. Mas, antes que batesse, Baxter voltou correndo à sala para uma última pergunta.

– Merda. Eu já ia esquecendo. Quando Khalid saiu do presídio pro hospital... ele estava com a cabeça em cima do pescoço, não estava?

O diretor a encarou por alguns segundos, perplexo.

– Estava... – balbuciou ele.

– Ok, valeu.

Na sala de reuniões do Departamento de Homicídios e Crimes Hediondos, um rádio tocava "Good Vibrations", dos Beach Boys. Wolf sempre achava mais fácil trabalhar com música, e ainda era cedo o bastante para que o volume alto não incomodasse seus colegas.

Ele agora vestia uma camisa branca amarrotada, calças de sarja azul-marinho e o único par de sapatos que tinha, os *oxford* feitos sob medida na centenária Loake, a compra mais extravagante e ao mesmo tempo mais sensata que fizera em toda a sua vida. Lembrava-se apenas vagamente da época anterior a eles, dos sapatos horríveis que era obrigado a calçar toda manhã após as dezenove horas de trabalho duro e as quatro ou cinco de sono leve.

Em razão da música alta, não ouviu quando o celular começou a vibrar em cima da mesa. Estava sozinho naquela sala imensa, com capacidade para trinta pessoas, mas tão pouco usada que um ano depois da reforma ainda exalava o cheiro do carpete novo. Vidraças jateadas separavam-na da sala principal.

Dançando ao ritmo da música, e cantando sem nenhuma afinação, ele pegou mais uma fotografia da mesa e foi espetá-la no quadro de cortiça que cobria quase inteiramente uma das paredes. Em seguida recuou alguns passos para admirar sua obra de arte: duas versões enormes do monstrengo do apartamento, uma de frente e outra de costas, com fotografias ampliadas das diferentes partes humanas. Mais uma vez olhou para o rosto opaco e rezou para que estivesse certo, de modo que pudesse voltar a dormir um pouco mais tranquilo com a certeza de que Khalid estava morto. Mas a detetive Baxter ainda não havia ligado para confirmar suas suspeitas.

– Bom dia – disse uma voz familiar às suas costas, com seu inconfundível sotaque escocês. Era o sargento Finlay Shaw, o detetive mais antigo de toda a unidade, que acabara de entrar na sala.

Wolf imediatamente parou de dançar e baixou o volume do rádio. Finlay era um sujeito calmo mas intimidante que estava sempre cheirando a cigarro. Tinha um rosto bem enrugado para os seus 59 anos de idade, além de um nariz que já havia sido quebrado mais de uma vez e que nunca voltara a ter um aspecto normal. Assim como Emily Baxter havia herdado Edmunds, ele tinha a

incumbência de pajear Wolf após sua reintegração ao serviço. Havia entre eles um acordo tácito: Finlay, que via a aposentadoria despontar no horizonte, deixava Wolf fazer o que bem entendesse desde que recebesse um relatório completo ao fim de cada semana.

– Parece que você tem dois pés esquerdos – disse o homem com sua voz rouca de fumante.

– Eu sei, eu sei – respondeu Wolf, acanhado. – Mas canto muito melhor do que danço.

– Você é que acha – devolveu o outro. – Mas não é disso que estou falando. – Aproximando-se do quadro de cortiça, ele apontou para a foto que Wolf acabara de espetar. – Você colocou dois pés esquerdos.

– Caramba... – Wolf foi vasculhando as fotos que haviam sobrado na mesa até encontrar o pé correto. – Você sabe, não é? De vez em quando faço essas coisas só pra que você se sinta útil.

– Eu imagino – riu Finlay.

Wolf corrigiu sua montagem, e os dois ficaram olhando para o quadro.

– Lá pelos anos 1970 – lembrou Finlay –, trabalhei num caso mais ou menos parecido: Charles Tenyson. – Vendo a interrogação no olhar de Wolf, explicou: – Ele ia deixando pedaços de corpo humano pra gente encontrar. Uma perna aqui, uma mão ali. De início achamos que era um gesto gratuito, aleatório, mas não. Cada um daqueles pedaços tinha algo que identificava a vítima. Ele queria que a gente descobrisse quem ele havia matado.

Wolf apontou para o quadro.

– Nesta mão esquerda temos um anel, e na perna direita, uma cicatriz de cirurgia. Não sei se isso adianta de alguma coisa.

– Pode apostar que sim. Uma pessoa que se dá ao trabalho de fazer um massacre desses sem deixar pra trás uma única gota de sangue... dificilmente deixaria esse anel aí à toa.

Wolf agradeceu os valiosos comentários de Finlay com um demorado e ruidoso bocejo.

– Quer que eu traga um café? Estou saindo pra fumar – ofereceu Finlay. Já à porta da sala, disse: – Leite e dois cubos de açúcar, é assim que você gosta, não é?

– Caralho, você não aprendeu até hoje? Um *macchiato* duplo, extraquente, com leite desnatado e xarope de caramelo sem açúcar.

– Ok. Leite e dois cubos de açúcar – disse Finlay, e foi embora, por pouco não atropelando a comandante Vanita, que vinha passando.

Wolf imediatamente reconheceu a diminuta indiana que volta e meia aparecia na televisão. Estranhou que não a tivesse visto se aproximar: a mulher sempre dava a impressão de quem tinha acabado de sair de um desenho animado qualquer e o look do dia consistia na inexplicável combinação de blazer roxo com calças laranja. Lembrava que ela havia participado de uma das inúmeras entrevistas e avaliações que fora obrigado a enfrentar antes de ser reintegrado à polícia, e se não lhe falhava a memória, ela havia sido contra a ideia. Cogitou esconder-se atrás do bloco de cavalete, mas Vanita já havia parado à porta para puxar conversa.

– Bom dia, detetive.

– Bom dia.

– Isto aqui está parecendo uma floricultura hoje – disse ela.

Wolf olhou confuso para as duas colagens espetadas no quadro atrás de si. Só então percebeu que ela estava apontando para o salão principal, onde dezenas de buquês e vasos de flores se espalhavam sobre mesas e armários de arquivo.

– Ah, claro. Elas têm chegado diariamente faz uma semana. Acho que têm a ver com o caso Muniz. Pelo visto, a comunidade inteira mandou flores.

– Que bom que reconhecem o nosso trabalho de vez em quando. Só pra variar – observou a comandante. – Mas estou procurando o seu chefe, que não está na sala dele.

O celular de Wolf voltou a vibrar sobre a mesa. Ele examinou o identificador de chamadas e desligou. Sem grande entusiasmo, ofereceu:

– Posso ajudar em alguma coisa?

– Infelizmente não – respondeu Vanita, sorrindo. – A imprensa está lá fora, falando horrores a nosso respeito, e o comissário quer que a gente dê um jeito nisso.

– Pensei que coubesse a você esse tipo de coisa – disse Wolf.

Ambos viram quando Simmons passou do outro lado da porta, indo para sua sala. Vanita riu e disse:

– Hoje não. A merda sempre rola de cima pra baixo, Fawkes. Você sabe disso.

– Como você pode ver, estou atolado até o pescoço – disse Simmons, com uma sinceridade quase convincente. – Preciso que você vá lá conversar com os abutres por mim.

Não mais que dois minutos após a comandante Vanita sair, Wolf havia sido convocado à sala do chefe, um cubículo de 4 metros quadrados com apenas uma mesa, uma televisão minúscula, um arquivo enferrujado, duas cadeiras giratórias e um banquinho de plástico (para os dias de festa). Aos olhos de Wolf, tanta ostentação chegava a ser ofensiva.

– Você quer que *eu* fale com eles?

– Claro. A imprensa adora você. Você é William Fawkes!

Wolf suspirou e disse:

– Será que não tem ninguém abaixo de mim na cadeia alimentar pra quem eu possa repassar esse pepino?

– Vi o cara da limpeza lá no banheiro... Mas acho que você é mais indicado do que ele.

– Ok, ok, você venceu – resmungou Wolf.

O telefone sobre a mesa começou a tocar. Wolf foi saindo da sala para que o chefe atendesse, mas Simmons sinalizou para que ele ficasse.

– Fawkes está aqui comigo. Vou passar pro viva-voz.

Mal se ouvia o que Edmunds dizia por causa do motor do Audi, que roncava ao fundo da ligação. Wolf chegou a ficar com pena do garoto: sabia por experiência própria que Emily era péssima motorista.

– Estamos a caminho do Queen Elizabeth. Khalid foi transferido pra UTI do hospital uma semana atrás.

– Vivo? – berrou Simmons, irritado.

– Sim – respondeu Edmunds.

– E agora?

– Morto.

– Com ou sem cabeça? – completou Simmons, mais impaciente ainda.

– Ligo assim que soubermos.

– Por favor.

Simmons desligou, balançou a cabeça e retomou seu assunto com Wolf.

– Estão esperando você lá fora. Diga que temos seis vítimas. O que não é nenhuma novidade. Diga também que estamos trabalhando no processo de

identificação e vamos contatar os familiares antes de qualquer anúncio público. Não conte nada sobre o monstrengo costurado. Nem sobre o seu apartamento.

Wolf bateu uma continência debochada e saiu. Ao fechar a porta, viu que Finlay voltava com os dois copos de café comprados na rua.

– Chegou na hora certa – gritou do seu canto na sala, que começava a encher com o pessoal do turno da manhã. Era fácil esquecer que, enquanto os casos de alta visibilidade ocupavam inteiramente o tempo das pessoas envolvidas, o resto do mundo continuava aprontando das suas: gente matando gente, estupradores e ladrões vagando soltos por aí.

Assim que passou pelos cinco buquês deixados em cima de uma mesa, Finlay começou a lacrimejar e espirrar, e estava a dois passos de Wolf quando, sacolejado por um espirro brutal e incontrolável, deixou os dois cafés caírem no carpete. Não pôde deixar de notar a decepção estampada no rosto do companheiro.

– A porra dessas flores! – rosnou, apesar da promessa feita à mulher de abandonar os palavrões após o nascimento do primeiro neto. – Vou comprar outro.

Wolf já ia dizendo que não precisava quando um entregador emergiu do elevador com mais uma impressionante braçada de flores. Finlay precisou se controlar para não agredi-lo.

– Flores para a Srta. Emily Baxter! – anunciou o garoto, meio apatetado.

– Perfeito – resmungou Finlay.

– Este deve ser o quinto ou sexto buquê pra ela. Aposto que é uma gata, não é? – disse o entregador, pegando Wolf de surpresa com a pergunta inconveniente.

– Hmmm... Ela é... digamos...

– Não costumamos olhar para as nossas colegas de trabalho com estes olhos – interveio Finlay, vendo a saia justa em que seu tutelado havia se metido.

– Depende do que você... – gaguejou Wolf.

– Claro que ela é muito bonita – cuspiu Finlay com impaciência, deixando de lado a disposição calma de antes. – Mas...

– Acho que todo mundo tem o seu charme particular, digamos assim – concluiu Wolf. Depois piscou o olhos para Finlay, satisfeito com a própria esperteza ao escapar de uma pergunta potencialmente tão perigosa.

– Mas ele jamais... – emendou Finlay.

– Jamais – concordou Wolf.

O entregador ficou olhando para ambos sem entender muito bem o que estava acontecendo.

– Ok – foi só o que ele disse.

– Wolf! – chamou uma oficial do outro lado da sala, dando ao detetive um pretexto para abandonar Finlay com o entregador. Ela erguia um telefone na direção dele. – Sua mulher na linha. Falou que é importante.

– Ela não é mais minha mulher – corrigiu Wolf.

– Tanto faz, ela ainda quer falar com você.

Wolf mal tinha dado um passo rumo ao aparelho quando Simmons saiu da sua sala e, ao vê-lo, esbravejou:

– O que você ainda está fazendo aqui, cara? Anda, *rua*!

Exasperado, Wolf pediu à oficial:

– Fala pra ela que ligo depois.

E saiu para o elevador, rezando para que a ex-mulher não estivesse entre o bando de repórteres que esperava por ele sete andares abaixo.

Capítulo 3

Sábado, 28 de junho de 2014
6h09

Emily Baxter e Edmunds estavam havia mais de dez minutos na recepção do hospital. Persianas aparentemente frágeis bloqueavam a entrada de uma lanchonete e uma livraria, e o estômago de Emily roncava sempre que ela olhava para os saquinhos de biscoito que via empilhados do outro lado delas. Por fim um segurança obeso mórbido caminhou até o balcão, e a recepcionista antipática apontou na direção deles.

– Oi! – chamou ela de longe, como se estivesse em casa. – O Jack vai descer com vocês agora.

A má vontade do segurança não podia ser mais evidente. Arrastando o corpanzil sem nenhuma pressa, visivelmente contrariado, ele conduziu os dois visitantes para os elevadores do saguão principal. Emily perdeu a paciência:

– Não temos o dia todo! – disse ela.

Isso serviu apenas para desacelerar ainda mais o homem, que só foi abrir a boca quando saiu com eles no subsolo do prédio.

– A polícia "de verdade" não confiou na gente, reles seguranças, pra desempenhar a complexa tarefa de sentar a bunda numa cadeira e vigiar um quarto – comentou ele. – Tomaram as rédeas da coisa e... deu no que deu.

– O corpo continuou sendo vigiado depois que o desceram pra cá? – perguntou Edmunds, caprichando na simpatia para conquistar o homem.

Estava com seu bloquinho em punho, pronto para anotar a resposta enquanto seguia pelo claustrofóbico corredor.

– Olha, é só uma hipótese – disse o outro, com uma súbita e exagerada

cordialidade –, mas *talvez* a polícia tenha achado que o cara era bem menos perigoso depois de morto. – Ele riu do próprio gracejo.

Edmunds olhou para sua chefe esperando que ela balançasse a cabeça ou dissesse algo para ridicularizar a estupidez da pergunta que ele havia feito, mas, para sua grande surpresa, ela partiu em sua defesa.

– O que meu colega está tentando fazer, sem sucesso, é extrair da sua simpática pessoa uma informação bastante simples: este necrotério é ou não é um lugar seguro?

Eles pararam diante de uma porta dupla. Em uma delas, um pequeno adesivo informava: ENTRADA PROIBIDA. Apontando o dedo gordo na direção dele, o homem disse:

– Quer segurança melhor?

A detetive Baxter entrou no necrotério, esperou que Edmunds passasse por ela, depois disse:

– Obrigada, o senhor foi muito... – E bateu a porta na cara do homem. – Imbecil.

Ao contrário do guarda marrento, o legista de plantão revelou-se uma pessoa prestativa e eficiente. Devia ter uns 50 e poucos anos, os cabelos grisalhos fazendo par com a barba perfeitamente aparada. Não precisou mais do que alguns minutos para localizar os arquivos relativos a Naguib Khalid, tanto os físicos quanto os digitais.

– Eu não estava presente na necropsia – disse –, mas, segundo estes registros aqui, foram encontrados vestígios de tetrodotoxina no sangue dele. Essa foi a *causa mortis*.

– Essa tetoxin...

– Tetrodotoxina – corrigiu ele, sem nenhum traço de condescendência.

– Isso. Do que se trata exatamente? E como é administrada?

– É uma neurotoxina de ocorrência natural.

Os detetives arregalaram os olhos com expressão interrogativa.

– É um veneno que ele deve ter ingerido naturalmente. A maioria das fatalidades por TTX decorre da ingestão de um peixe chamado baiacu, uma iguaria pra muita gente. Quanto a mim, prefiro os meus Ferrero Rocher.

O estômago de Emily roncou novamente.

– Quer dizer então que devo voltar à delegacia e informar meu chefe que um

peixe matou o famigerado Cremador? – disse ela, impávida.

– Todo mundo morre de alguma coisa – devolveu o legista, como se fosse necessário desculpar-se de algo. – Há outras fontes de TTX na natureza: certas espécies de estrela-do-mar, alguns moluscos... Se não me engano, há também um sapo que... – Percebendo que a detetive não estava nem um pouco interessada, acrescentou: – Suponho que você queira ver o corpo, certo?

– Por favor – respondeu ela.

Algo que até então Edmunds ainda não tinha ouvido sair da boca dela.

– Posso saber por quê? – perguntou o homem, conduzindo-os para os gavetões frigoríficos.

– Pra ver se ele ainda está com a cabeça no lugar – respondeu Edmunds, fazendo suas anotações.

O legista olhou para a sargento Baxter, esperando que ela sorrisse ou talvez se desculpasse pelo humor negro do colega, mas recebeu apenas um meneio da cabeça que confirmava tranquilamente a resposta do outro. Meio atrapalhado, localizou a gaveta certa na fileira inferior e foi abrindo-a com cuidado. O suspense era grande. Não era todo dia que eles viam o cadáver envenenado de um assassino em série.

Os pés e as pernas escuras exibiam inúmeras cicatrizes e queimaduras antigas. Depois vieram as mãos e a virilha. Emily olhou com aflição para os dois dedos desfigurados da mão esquerda, lembrando-se daquela noite em que Wolf surgira imundo de sangue após interrogar Khalid na cela da delegacia. No dia seguinte, ao ser interpelada pelos corregedores, jurara de pés juntos que não tinha visto nada.

No tronco estavam as cicatrizes das inúmeras cirurgias a que o homem fora submetido após o ataque de Wolf no tribunal. E quando a gaveta enfim se abriu por completo, para espanto geral, eles depararam com o reflexo distorcido dos próprios rostos no metal da bandeja onde originalmente deveria haver uma cabeça.

– Merda...

Wolf zanzava de um lado para outro diante da entrada principal da New Scotland Yard, observando, nervoso, a pequena multidão reunida à sombra do espigão de vidro que ocupava quase 8 mil metros quadrados do coração de

Westminster. Ainda estavam dando os últimos retoques no palanque montado às pressas no lugar preferido dos fotógrafos, bem ao lado da famosa placa giratória do prédio.

Certa vez ele ouvira de alguém que as letras metálicas da placa visavam simbolizar a constante vigilância da Polícia Metropolitana: os observadores que se viam espelhados nelas sentiam-se observados também. O mesmo podia ser dito do prédio inteiro, que nos dias de sol praticamente sumia ao refletir de cima a baixo os tijolinhos vermelhos do hotel vitoriano que ficava em frente, bem como os do Broadway 55, o famoso prédio histórico da rua de trás.

Wolf repreendeu a si mesmo quando ouviu o celular tocar em seu bolso. Já deveria tê-lo desligado mais cedo, mas vendo que a chamada era de Simmons, atendeu imediatamente.

– Fala, chefe.

– Baxter acabou de confirmar: é o Khalid mesmo.

– Eu sabia. Como?

– Um peixe.

– Hein?

– Comeu um peixe venenoso.

– Merecia coisa pior.

– Vou fingir que não ouvi.

Alguém gesticulou para Wolf.

– Estão me chamando aqui, chefe.

– Boa sorte.

– Valeu.

– Não vá falar nenhuma merda, ok?

– Deixa comigo.

Wolf desligou e conferiu sua imagem refletida na vidraça mais próxima, verificando se o zíper da calça não estava aberto, se as olheiras não estavam piores que de costume. Em seguida caminhou para o palanque, determinado a acabar com aquilo o mais rápido possível. Sentiu um frio na barriga assim que deu com as lentes negras das câmeras de televisão filmando cada um dos seus passos: por um segundo se viu novamente deixando o Old Bailey em meio ao tumulto de repórteres, escondendo o rosto de maneira inútil enquanto era empurrado para dentro do camburão da polícia. De vez em quando ainda

sonhava com tudo aquilo. Tenso, ele subiu ao palanque e balbuciou as primeiras palavras do texto que havia preparado:

– Bom dia, senhoras e senhores. Sou o sargento-detetive William - Fawkes, da...

– Mais alto! – berrou alguém.

Um dos homens que haviam montado o palanque se adiantou rapidamente para ligar o microfone, que uivou por alguns segundos, arrancando risos dos presentes. Procurando ignorá-los, Wolf prosseguiu:

– Obrigado. Como eu ia dizendo, sou o sargento-detetive William Fawkes, da Polícia Metropolitana, um dos integrantes da equipe responsável pela investigação dos múltiplos homicídios de hoje. – Até ali tudo certo. Os repórteres já começavam a berrar suas perguntas, mas ele não lhes deu ouvido. – Confirmamos que os restos mortais de seis vítimas foram recuperados de um endereço em Kentish Town nas primeiras horas do d...

Foi então que ele cometeu o erro de erguer os olhos das suas anotações e voltá-los para a multidão. Não demorou para localizar a inconfundível cabeleira ruiva de Andrea. Percebeu que ela estava aflita e com isso se atrapalhou ainda mais, a ponto de deixar cair no chão todas as fichas. Lembrou que algumas continham informações ainda sigilosas, mas por sorte conseguiu coletá-las de volta antes que fossem parar nas mãos erradas. Voltando ao microfone, prosseguiu:

– ... nas primeiras horas do dia de hoje. – Estava com a boca seca. Sabia que o rosto enrubescido traía seu constrangimento, como sempre acontecia. Então resolveu pular direto para a última das fichas. – Estamos no processo de identificar as vítimas, e os nomes não serão divulgados antes de falarmos com os familiares. Nossa investigação ainda está no início; portanto, isso é tudo que podemos informar neste momento. Conto com a compreensão de todos. Obrigado.

Por um segundo ele ficou esperando pelos aplausos, mas se deu conta de que, diante das circunstâncias e da pobreza do seu desempenho, não havia nada a ser aplaudido. Os repórteres ainda gritavam seu nome, insatisfeitos com o boletim, no entanto ele desceu do palanque e foi caminhando de volta para o interior do prédio.

Assustou-se quando reconheceu os berros de Andrea às suas costas. Virando

o rosto, percebeu que ela conseguira se desvencilhar do primeiro guarda, mas não dos outros dois que acorreram logo em seguida. De repente, quase num reflexo condicionado, foi tomado pela mesma raiva que havia contaminado os primeiros encontros após o divórcio. Por um segundo ficou tentado a deixar que a levassem embora, mas interveio assim que um membro do GPD – Grupo de Proteção Diplomática – se adiantou com um fuzil de assalto em punho, um Heckler & Koch G36C com cara de pouquíssimos amigos.

– Ok, ok, podem deixá-la passar – gritou para os guardas.

A última conversa entre eles, para discutir os detalhes práticos da venda da casa, havia sido especialmente difícil, agressiva até, por isso ele ficou surpreso quando ela correu a seu encontro e o apertou num demorado abraço. Precisou respirar pela boca para não sentir o perfume delicioso daqueles cabelos, do qual tinha ótimas lembranças. E ficou mais surpreso ainda quando viu que ela tinha os olhos molhados ao se livrar do abraço.

– Não posso revelar mais nada, Andie...

– Você agora não atende mais seu telefone? Faz quase duas horas que estou tentando falar com você! – disse ela, agora genuinamente furiosa.

Wolf sempre tivera dificuldade para acompanhar aquelas mudanças tão súbitas de humor.

– Desculpa. É que hoje o dia está meio complicado – respondeu ele, e brincou: – Parece que houve uma confusão por aí, ainda não sei direito o que é.

– Uma confusão bem em frente ao seu apartamento!

– Pois é. A vizinhança é barra-pesada.

– Preciso fazer uma pergunta, mas você vai ter de responder a verdade, ok?

– Hmmm...

– O buraco é bem mais embaixo, não é? Aquele corpo lá no apartamento... eram partes de corpos diferentes costuradas feito um boneco de pano...

– Como foi que...? Quem foi que...? – gaguejou Wolf. – Bem, falando em nome da Polícia Metropolitana, eu não posso...

– E a cabeça é do Khalid, não é?

Ouvindo isso, Wolf puxou-a pelo braço e a levou para um canto mais discreto, o mais longe possível dos guardas à porta do prédio. Ela tirou da bolsa um envelope pardo bem recheado.

– Acredite em mim, sou a última pessoa no mundo interessada nesse

asqueroso. Na minha opinião, foi ele que destruiu o nosso casamento. Mas reconheci a fisionomia dele nas fotos.

– Que fotos? – perguntou Wolf, preocupado.

– Meu Deus... Eu sabia que não eram falsas – disse ela, perplexa. – Alguém me mandou fotos daquele... daquele *monstro*. Faz horas que não consigo pensar em outra coisa. Preciso voltar ao trabalho. – Andrea se calou quando alguém passou por perto e depois continuou: – Will, a pessoa que me mandou essas fotos, seja lá quem for, também incluiu uma lista de nomes. Por isso eu venho tentando falar com você. São seis nomes seguidos de uma data.

Wolf pegou o envelope que ela trazia consigo e abriu.

– O primeiro é o do prefeito Turnble e a data é a de hoje – adiantou Andrea.

Sem dizer uma única palavra, Wolf lhe deu as costas e disparou prédio adentro. Ela ainda gritou algo, mas as palavras morreram nas portas de vidro que se fecharam automaticamente atrás dele.

Simmons estava falando ao telefone com o comissário, que então recorria a ameaças nem tão veladas assim, dizendo que ninguém era insubstituível a cada vez que ouvia explicações pela morosidade da investigação. Simmons ainda expunha seu plano de ação quando Wolf irrompeu na sala sem ser anunciado.

– Fawkes! – berrou ele. – *Cai fora!*

Debruçando-se sobre a mesa do chefe, Wolf apertou o primeiro botão que viu a fim de desligar o telefone.

– Que diabos você pensa que está fazendo? – espantou-se Simmons.

Antes que Wolf pudesse responder, o comissário disse ao viva-voz:

– Simmons, você está falando comigo?

– Merda.

Wolf tentou outro botão.

– Você ligou para... – disse a voz robótica de uma secretária eletrônica.

Simmons levou as mãos à cabeça, prestes a arrancar os próprios cabelos, quando Wolf apertou um terceiro botão.

– Como é que se desliga essa porra? – disse ele, exasperado.

– É o botão vermelho em cima do... – respondeu solicitamente o próprio comissário, antes do clique que enfim abortou a desastrosa ligação.

Wolf espalhou as polaroides do monstrengo sobre a mesa.

– Nosso homem mandou estas fotos pra imprensa, acompanhadas de uma lista com os nomes das próximas vítimas.

Simmons esfregou o rosto e examinou as fotos que mostravam o cadáver coletivo em diferentes estágios da sua montagem.

– O primeiro da lista é o prefeito Turnble – prosseguiu Wolf. – *Hoje*.

Simmons precisou de um instante para assimilar a informação. Voltando a si, sacou o celular e ligou para Turnble.

– Terrence! – atendeu o prefeito. – A que devo o prazer?

– Ray, onde você está? – Simmons foi logo perguntando.

– No nosso bom e velho Richmond Park. Voltando pro carro na avenida Ham Gate. Daqui a pouco tenho uma cerimônia de arrecadação de fundos em...

Simmons sussurrou o endereço para Wolf, que já tinha a sala de controle ao telefone.

– Ray, estamos com um probleminha aí. Uma ameaça contra a sua vida. Uma ameaça legítima.

Para a surpresa de Simmons, o prefeito recebeu a notícia com total naturalidade.

– Mais uma? – debochou ele.

– Fique onde está – instruiu Simmons. – Vou despachar viaturas pra escoltá-lo até aqui, onde você vai ficar até descobrirmos mais alguma coisa.

– Acha mesmo necessário?

– Explico melhor quando você chegar.

Simmons desligou e Wolf disse:

– Três viaturas já estão a caminho. Uma delas é uma unidade armada.

– Ótimo. Ligue para a detetive Baxter e ordene que ela volte imediatamente com aquele fulano. Depois mande blindar o sétimo andar: ninguém entra e ninguém sai. Avise aos seguranças que o prefeito vai entrar pela garagem.

Ray Turnble acomodou-se com paciência no banco traseiro do seu Mercedes Classe E. A caminho do carro pedira a seu assistente que cancelasse todos os compromissos, antevendo o dia longo e maçante que teria pela frente. Não fazia nem dois meses que havia recebido uma ameaça anônima por e-mail e fora obrigado a passar uma tarde inteira trancafiado na sua casa em Richmond – até descobrirem que a mensagem fora enviada por um garoto de 11 anos, aluno de

uma escola que ele havia visitado mais cedo na mesma semana. Nada impedia que a história se repetisse agora, outra monumental perda de tempo.

O trânsito já estava intenso na avenida Ham Gate, muita gente querendo aproveitar as belezas do parque naquela ensolarada manhã de sábado. Por isso eles saíram dali e foram esperar diante do complexo recém-desocupado do Royal Star and Garter Home. Admirando o belo prédio encastelado no alto da Richmond Hill, o prefeito se perguntou quanto tempo levaria até que aquela importante peça do patrimônio histórico da cidade sucumbisse, assim como tantas outras, ao triste destino de ser transformada num complexo residencial para banqueiros ricos.

Ele tirou da maleta a bombinha que sempre levava consigo e deu uma longa inalada. A onda de calor, que parecia não ter mais fim, empesteava o ar com pólen, tão perigoso para os seus pulmões, e ele faria o necessário para não ser hospitalizado pela terceira vez naquele ano. Desde muito vinha sentindo nas canelas as mordiscadas do seu adversário mais ferrenho e sabia que o cancelamento da agenda não passaria despercebido. Para aliviar a tensão ele baixou a janela do carro e acendeu um cigarro. Havia conseguido reduzir bastante o consumo diário, mas ainda não percebia a ironia que era carregar o maço na mesma maleta em que levava a bombinha.

Dali a pouco Turnble ouviu as sirenes uivando ao longe e bufou desanimado ao constatar que eram para ele. Uma viatura estacionou ao lado do Mercedes e um dos policiais fardados desceu para instruir o motorista. Em trinta segundos eles já estavam a caminho da New Scotland Yard, costurando o trânsito, furando sinais, invadindo pistas exclusivas para ônibus. Com sorte não haveria ninguém filmando o exagero ridículo de uma escolta de três carros em torno daquele Mercedes tão fácil de se identificar.

Ligeiramente afundado no banco, Turnble agora ia acompanhando pela janela a gradual substituição das mansões de Richmond pelos prédios comerciais do trajeto rumo a Westminster, cada um mais feio que o outro, sedentos de atenção, espremidos entre si.

Capítulo 4

Sábado, 28 de junho de 2014
7h19

Edmunds podia jurar que eles haviam atropelado um ciclista lá pelas bandas de Southwark. Já do outro lado do rio, achou por bem fechar os olhos quando Emily jogou o Audi na contramão para fazer uma ultrapassagem arriscada, por pouco não atropelando mais gente, dessa vez a multidão de pedestres que saía da estação Temple do metrô e ameaçava atravessar a rua. O carro dispunha de faróis de alerta azuis sob a grade metálica dianteira, imperceptíveis quando desligados, mas nem tão perceptíveis assim quando ligados.

Edmunds voltou a respirar apenas quando sua chefe retornou à pista correta e só percebeu que seu celular estava tocando quando a maluca ao volante foi obrigada a reduzir a velocidade por conta do ônibus à sua frente. A tela do aparelho foi preenchida com a foto de Tia, uma mulher linda, negra, de 20 e poucos anos.

– E aí, meu amor, tudo bem? – disse ele ao atender.

– Oi. Você sumiu no meio da noite e quando vi essa confusão toda nos noticiários... bem, fiquei preocupada. Só estou ligando pra saber se está tudo bem.

– Agora não dá pra falar direito, meu amor. Posso ligar mais tarde?

– Ok – disse Tia, contrafeita. – Quando vier, traz uma caixa de leite.

Edmunds pegou seu caderno e anotou "caixa de leite" logo abaixo da definição de "tetrodotoxina".

– E um pacote de hambúrguer – acrescentou Tia.

– Mas você é vegetariana!

– *Hambúrguer!* – cuspiu ela.

E Edmunds anotou.

– Mais um pote de Nutella.

– Caramba, que diabos você pretende fazer? – perguntou ele, e deixou escapar um gritinho pouquíssimo viril quando a detetive Baxter deu mais uma guinada brusca para entrar no prédio da New Scotland Yard, por muito pouco não provocando um acidente.

– Merda! – disse ela, rindo de si mesma.

– Ok, então – respondeu Edmunds para Tia, arfando. – Agora preciso desligar. Te amo.

Eles passaram pela barreira de seguranças e mergulharam com o Audi na garagem do subsolo, o sinal da ligação caindo antes que Tia pudesse terminar sua despedida.

– Minha noiva – explicou Edmunds, e abriu um sorriso para dizer: – Está na 24ª semana.

Emily olhou para ele com o rosto inexpressivo.

– Está grávida – insistiu o garoto. – Na 24ª semana de gestação.

Nada mudou no rosto da outra.

– Parabéns – disse ela afinal, e ironizou: – Eu só estava aqui pensando: nós, detetives... a gente dorme demais durante a noite, muito mais do que devia, mas um bebê chorão vai resolver esse problema pra você. – Estacionou o carro do jeito que pôde e, virando-se para o lado, disparou: – Olha, você não vai segurar a onda. Por que não me poupa dessa perda de tempo e volta logo pro Departamento de Fraudes?

Dito isto, desceu e bateu a porta atrás de si.

Edmunds ficou sozinho no carro, visivelmente abalado. Não por causa da rispidez do que acabara de ouvir, nem do desinteresse da detetive pela sua futura paternidade, mas sobretudo porque suspeitava ter ouvido dela a mais pura expressão da verdade: era bem possível que ele realmente não levasse jeito para aquele trabalho.

Todos os integrantes do Departamento de Homicídios e Crimes Hediondos espremiam-se no pouco espaço da sala de reuniões, inclusive aqueles que não tinham nenhum envolvimento direto com o caso, mas que agora se encontravam encurralados no prédio, proibidos de sair. A corrente de ar cuspida pelo sistema

de refrigeração central, embora fraca para tanta gente, fazia tremular as fotografias espetadas no quadro de cortiça, dando a impressão de que o monstrengo ainda balançava como havia feito no apartamento, suspenso pelos fios de náilon.

Simmons e a comandante Vanita vinham confabulando por mais de cinco minutos e as pessoas começavam a ficar impacientes com o calor crescente da sala.

– ... pela entrada da garagem – dizia ele –, depois o levamos pra Sala de Interrogatórios 1.

– Melhor a Sala 2 – sugeriu alguém. – A outra ainda está com aquele vazamento na tubulação. Imagino que o prefeito não precise de uma tortura chinesa depois de tanta chateação.

Alguns riram, decerto aqueles que extraoficialmente, e justo por conta da tal goteira, já haviam escolhido a Sala 1 para fazer os seus interrogatórios.

– Tudo bem, então: Sala 2 – disse Simmons. – Finlay, tudo pronto?

– Tudo.

Aparentemente Simmons não ficou muito convencido com a resposta. Wolf cutucou discretamente seu tutor, que acrescentou:

– Ah, dei ordens pra que deixassem a Emily e o... o...

– Edmunds – soprou Wolf.

– Qual é mesmo o primeiro nome dele? – quis saber Finlay.

Wolf encolheu os ombros, dizendo:

– Sei lá. Deve ser Edmund.

– ... pra que deixassem a Emily e esse Edmund Edmunds passarem. Guardas estão de sentinela em todas as portas, os cães já farejaram o que tinham de farejar e o pessoal do Grupo de Proteção Diplomática está esperando na garagem, todos devidamente armados. Todas as cortinas e persianas deste andar estão fechadas, e os elevadores, desligados. O que significa que vamos ter de descer de escada... ou melhor, o Wolf terá de descer de escada.

– Ótimo – disse Simmons. – Fawkes, assim que você receber o prefeito, um policial armado vai acompanhá-los da garagem até aqui. Não esqueça que num prédio grande assim não dá pra gente achar que conhece todo mundo. E pode ir se preparando: depois que vocês dois entrarem naquela Sala de Interrogatórios, não têm hora para saírem de lá.

– Nem mesmo uma estimativa?

– Vão precisar esperar até que tenhamos absoluta certeza de que o prefeito não está correndo nenhum tipo de risco.

– Fique tranquilo, levo um balde para você – disse o arrogante detetive Saunders, achando muita graça na própria piada.

– Na realidade eu estava mais preocupado com o almoço – afirmou Wolf.

– O prato do dia é baiacu – comentou o outro às gargalhadas, testando a paciência do colega.

Simmons achou por bem intervir. Aos berros, disse:

– Saunders, está achando que isto aqui é um circo? Não é. Por favor, se manda. – Talvez tivesse exagerado um pouco, intimidado com a presença da comandante Vanita.

– Na verdade... não posso sair – gaguejou Saunders com sua cara de rato, não muito diferente de um colegial repreendido pelo diretor. – Por causa da blindagem.

– Então senta aí e fica quieto.

Os detetives Baxter e Edmunds não poderiam ter escolhido momento melhor para entrar na sala.

– Que bom que vocês chegaram. Tenho uma longa lista de pistas para vocês investigarem – disse Simmons, atirando para Emily uma pasta de arquivo que ela imediatamente repassou a Edmunds.

– Que foi que a gente perdeu?

– Will e eu estamos no destacamento de proteção – respondeu Finlay. – Você e Edmunds foram incumbidos de identificar as partes. E o Saunders...

– ... foi incumbido de não falar merda – completou ela.

Finlay apenas meneou a cabeça, aliviado por ela o ter poupado de quebrar mais uma vez a promessa de abandonar os palavrões.

– Bem, agora que estão todos aqui, vamos lá – disse Simmons. – Isto é o que temos até agora: seis mortos, cujas partes mutiladas foram costuradas como um boneco de pano, uma ameaça imediata contra o prefeito, mais cinco contra outras pessoas. – Ignorando a inquietação geral, ele prosseguiu: – Alguém tem alguma...?

– Você esqueceu um dado importante – interrompeu Finlay. – O dedo do boneco apontando para a janela do Will.

– Pois é, isto também – disse Simmons. – Alguém tem alguma teoria? – perguntou, recebendo como resposta o silêncio de uma sala lotada. – Ninguém? Nada?

Hesitante, Edmunds ergueu o dedo e disse:

– Acho que se trata de uma provocação...

– Como assim?

– Na faculdade escrevi uma monografia sobre os motivos que levam os assassinos em série a mandar recados para a imprensa ou para a polícia. São muitos os exemplos: tem o Zodíaco, o Happy Face, o...

– O maluco daquele filme *Seven*... – disse Saunders, imitando a voz do garoto. Houve quem risse, mas Simmons o fulminou com o olhar.

– Você é o cara que veio do DF, não é? – perguntou alguém.

Edmunds prosseguiu sem dar ouvidos.

– Frequentemente, mas nem sempre, esses recados contêm provas bastante convincentes de que eles realmente são os assassinos: às vezes são apenas detalhes que não foram divulgados; outras vezes dicas bem mais substanciais.

– Como as fotos enviadas hoje para a mulher do Fawkes – ofereceu Vanita, alheia à gafe cometida.

– *Ex*-mulher – corrigiu Wolf.

– Exatamente. E em casos muito raros isso é feito como um pedido de ajuda, uma súplica para que a polícia os impeça de voltar a matar, já que eles se veem apenas como vítimas indefesas de uma espécie de compulsão homicida. Quando não é isso, pode ser também que julguem inaceitável que outra pessoa assuma a autoria da sua obra. Seja como for, consciente ou não, a motivação deles é sempre a mesma: provocar a própria captura.

– E você acha que este é um desses casos? – perguntou Vanita. – Por quê?

– Por causa dessa lista com os nomes... o cronograma preestabelecido... o uso de uma jornalista como mensageira... Imagino que ele permaneça na moita por um tempo, observando o resultado desta sua primeira cartada, mas o mais provável é que não consiga resistir ao impulso de se aproximar cada vez mais da investigação. A cada crime essas pessoas vão ficando mais seguras de si, mais prepotentes, mais dispostas a correr riscos. Cedo ou tarde, são *elas* que vêm até nós.

Todos na sala olharam para ele, surpresos.

– Acho que eu ainda não tinha visto você abrir a boca pra falar o que quer que fosse – observou Finlay.

Edmunds deu de ombros, tímido.

– Mas por que logo *eu*? – perguntou Wolf. – Por que diabos ele deixou aquele monstrengo apontando justamente pra minha janela? Por que escolheu justamente a minha mulher pra mandar essas fotos?

– *Ex*-mulher – corrigiram os detetives Baxter e Finlay ao mesmo tempo.

– O que é que a minha... – Wolf parou para reformular sua pergunta. – Por que eu?

– Provavelmente ele não vai muito com a sua cara – disse Finlay.

Todos estavam curiosos para ouvir a resposta de Edmunds, que retrucou:

– É muito mais raro que o assassino escolha uma pessoa em particular como interlocutora, seja dentro da polícia ou fora dela. Mas quando isso acontece... quando isso acontece os motivos são sempre pessoais. O que não deixa de ser uma espécie de reconhecimento. Provavelmente o nosso assassino reconhece Wolf, e apenas ele, como um adversário à altura.

– Então devia ter mandado flores – disse Wolf, sério.

– Quem mais está na tal lista? – perguntou a sargento Baxter, ansiosa para desviar a conversa para algo que não fosse tema de nenhuma monografia assinada por Edmunds.

– Essa eu mesma respondo, Terrence – disse Vanita, dando um passo adiante. – Decidimos manter essa informação em sigilo por enquanto. Primeiro, porque não queremos provocar uma situação de pânico; segundo, porque nossa prioridade agora deve ser apenas o prefeito; terceiro, porque ainda não sabemos se esta ameaça é real ou não, e a última coisa que a polícia precisa neste momento é de mais um processo judicial nas costas.

Coube a Wolf vestir essa carapuça e ele sentiu na pele cada um dos olhares acusatórios que se viraram na sua direção.

A linha interna da sala de reuniões tocou. Simmons atendeu.

– Ok, vamos lá, então... Obrigado – disse ele, sinalizando em seguida para a comandante Vanita.

– Reunião encerrada. Comportem-se!

O Mercedes do prefeito já estava parado na vaga quando Wolf chegou ao

estacionamento do prédio. Ao contrário dos demais pavimentos, o subsolo não dispunha de refrigeração e o calor que emanava do chão, embalado pelo cheiro de óleo, borracha e dióxido de carbono, era quase sufocante. A infinidade de lâmpadas no teto produzia uma luz de tal modo chapada e ofuscante que chegou a desnortear o relógio biológico de Wolf. Na exaustão em que se encontrava, ele ficou se perguntando se era noite outra vez e precisou conferir as horas no relógio: 7h36 da manhã.

Ao vê-lo, o prefeito desceu do carro antes que o motorista pudesse abrir a porta para ele.

– Alguém pode me dizer que diabos está acontecendo? – foi logo perguntando, batendo a porta com força.

– Sr. Prefeito – disse Wolf, estendendo a mão para cumprimentá-lo. – Sou o sargento-detetive Fawkes.

A irritação do homem se dissipou imediatamente. Por um átimo ele ficou meio desconcertado, mas depois apertou a mão de Wolf com um excesso de entusiasmo aparente.

– É um prazer conhecê-lo pessoalmente, detetive – disse, talvez para compensar o arroubo de antes. Parecia estar posando para uma foto no evento público que fora obrigado a cancelar.

– Por favor, venha comigo – pediu Wolf, sinalizando para o oficial do Grupo de Proteção Diplomática que os escoltaria até o sétimo andar.

– Só um minuto – disse o prefeito. – Quero saber agora mesmo o que está acontecendo.

Wolf recolheu a mão que por instinto havia pousado nas costas do ilustre visitante com a intenção de apressá-lo. Em seguida, fazendo um esforço consciente para não se irritar com o tom autoritário, falou entre dentes:

– Simmons explicará pessoalmente ao senhor. Ele faz questão.

Desacostumado a negativas, Turnble acabou cedendo.

– Muito bem, então – disse. – Mas acho estranho que Terrence tenha mandado justo você para me receber aqui nesta garagem. Ouvi o seu pronunciamento no rádio agora há pouco. Você não deveria estar trabalhando no caso do assassino em série?

Wolf sabia muito bem que não devia deixar escapar nenhuma informação,

mas precisava tirar o homem dali e estava cansado de tanta prepotência. - Virando-se para encará-lo, disse:

– Eu estou, senhor.

O prefeito era bem mais veloz do que aparentava. Não fosse pela asma e pelas décadas de tabagismo, talvez estivesse muito à frente dos seus dois seguranças. Mas tanto ele quanto a dupla de policiais pararam assim que entraram no saguão principal do prédio. O espaço amplo e minimalista era uma das poucas áreas do imóvel que haviam se livrado inteiramente dos vestígios da arquitetura original da década de 1960. O comissário havia recusado terminantemente o pedido de Simmons para interditá-lo durante a passagem do prefeito, alegando que os guardas armados, as câmeras de segurança, os detectores de metal e um prédio inteiro recheado de policiais faziam dali o lugar mais protegido e seguro de toda a cidade.

O lugar estava bem mais vazio do que estaria num dia de semana, mas ainda havia aqueles que zanzavam de um lado para outro ou tomavam seu café no quiosque central. Escolhendo o mais desobstruído dos trajetos possíveis, Wolf apertou o passo e foi conduzindo o prefeito na direção da porta que dava acesso às escadas. Turnble, agora visivelmente tenso, foi o primeiro a avistar o homem calvo que entrou no prédio e veio correndo na direção deles.

– Detetive!

Wolf virou-se para ver o que era. Rapidamente postou-se diante dele para protegê-lo.

– Para o chão! Para o chão! – berrou o oficial do GPD mirando sua pistola contra o careca, que trazia na mão um saco de papel pardo.

O sujeito parou imediatamente, derrapando no piso, apavorado.

– Deitado no chão! – repetiu o oficial, vendo que o outro ainda não tinha entendido suas instruções. – O saco! Largue o saco imediatamente!

O homem jogou o saco para longe, deslizando-o na direção do prefeito. Sem saber ao certo se aquilo havia sido um ato deliberado ou apenas um reflexo do nervosismo, Wolf empurrou o prefeito alguns passos para trás.

– O que tem dentro desse saco? – berrou o oficial para o homem, que ergueu a cabeça para fitar Wolf e Turnble. – Olhos no chão! Olhos no chão! Vou repetir: o que tem... dentro... do saco?

– Meu café da manhã! – gritou o outro, cada vez mais aflito.

– Por que você estava correndo?

– Estou quase vinte minutos atrasado para o trabalho. No departamento de TI.

Sempre com a arma apontada para o homem, o homem do GPD foi recuando até o saco, agachou-se ao lado dele e com muito cuidado espiou o que havia dentro.

– Parece uma empanada – falou para Wolf, como se estivesse tentando identificar algum dispositivo desconhecido.

– Empanada de quê? – berrou Wolf para o careca.

– Presunto e queijo – balbuciou ele.

Wolf riu e disse:

– Então está confiscada.

Eles chegaram ao sétimo andar sem nenhum outro problema que não fosse o cansaço da subida. Com o rosto vermelho, Turnble chiava sonoramente cada vez que enchia os pulmões. Wolf agradeceu ao oficial do GPD e Finlay os conduziu para dentro.

As cortinas fechadas deixavam o ambiente claustrofóbico e as lâmpadas não passavam de um triste substituto para a claridade natural da manhã. Eles atravessaram o salão a passos largos, indiferentes ao olhar curioso daqueles que espiavam por trás de algum computador ou de um buquê de flores. Ao avistá-los, Simmons saiu da sua sala para cumprimentar o velho amigo.

– Que bom vê-lo por aqui, Ray – disse ele com sinceridade. E para Wolf: – Algum problema lá embaixo?

– Um alarme falso, só isso – respondeu o detetive, mastigando sua empanada.

– Terrence, vou ficar muito agradecido se você me explicar o que está acontecendo – suplicou o prefeito.

– Claro, vamos conversar em particular. – Simmons levou-o para a Sala de Interrogatórios e fechou a porta. – Mandei uma viatura ficar de plantão diante da sua casa. Achei que você fosse gostar de saber que Melanie e Rosie estão em segurança.

– Muito obrig... – Ele não conseguiu terminar, vencido pela crise de asma que

o deixou arfando, chiando e tossindo. Conhecia desde muito aquela sensação de ter alguém sentado em seu peito, impedindo a respiração. Com calma abriu a maleta, tirou sua bombinha e inalou duas vezes, o bastante para trazer o alívio de que precisava. – Muito obrigado pela sua atenção, Terrence – disse afinal e ficou olhando para Simmons, impaciente.

Percebendo que estava com a posse da bola, Simmons começou a andar de um lado a outro na saleta.

– Vejamos... Por onde começar? Você já deve saber, claro, que na madrugada de hoje encontramos seis cadáveres. Acontece que a coisa é mais complicada do que isso...

Ao longo dos quinze minutos seguintes, Simmons explicou tudo o que havia acontecido. Wolf ficou ouvindo sem dizer nada, surpreso ao ver o chefe revelar detalhes que de forma alguma poderiam chegar ao ouvido dos jornalistas. Supôs então que ele confiava tacitamente no amigo prefeito e concluiu que este, na qualidade de alvo de um psicopata, tinha todo o direito de perguntar o que desejasse. A única coisa que Simmons se recusou a revelar foram os outros cinco nomes na lista.

– Fique tranquilo – disse ele. – Aqui você está mais do que seguro.

– E por quanto tempo pretendem me deixar trancafiado nesta masmorra?

– O mais sensato é mantê-lo aqui pelo menos até a meia-noite. Dessa maneira, o assassino não conseguirá seguir com seu plano. Naturalmente vamos ter de reforçar a sua segurança, mas suponho que amanhã você já possa voltar a algo parecido com uma vida normal.

Turnble assentiu, resignado.

– Agora, se você me der licença... Quanto mais cedo pegarmos esse maluco, melhor para você – disse Simmons, seguro, já se adiantando para a porta. – Fawkes ficará aqui com você.

O prefeito se levantou para falar com Simmons com alguma privacidade e Wolf se virou para a parede como se isso fosse impedi-lo de ouvir o que seria dito às suas costas na saleta.

– Tem certeza de que isso é necessário? – choramingou Turnble.

– Tenho. Tudo vai acabar bem, não se preocupe.

Simmons saiu e, do interior da sala, eles puderam ouvir as ordens que o chefe deu ao guarda de vigília na porta. Turnble inalou mais duas vezes, virou-se para

Wolf e abriu outro sorriso amarelo para deixar claro como estava contente diante da perspectiva de passar um dia inteiro na companhia do infame detetive.

– E agora? – perguntou ele, suprimindo um acesso de tosse. – O que é que a gente faz?

Wolf recolheu a papelada de trabalho que Simmons gentilmente havia deixado à sua frente, reclinou-se na cadeira, cruzou os pés sobre a mesa e disse:

– Agora a gente espera.

Capítulo 5

Sábado, 28 de junho de 2014
12h10

O ambiente no sétimo andar ficava cada vez mais tenso à medida que as horas iam passando, mais lentas do que nunca naquela espécie de prisão. As pessoas já estavam irritadas e entre elas o tema mais recorrente era a injustiça do tratamento preferencial dado ao notável oficial, bem diferente daquele outro oferecido aos cidadãos comuns em circunstâncias semelhantes. Na opinião de Emily Baxter, aquele súbito furor pela igualdade, sobretudo entre alguns dos homens mais conservadores e obtusos que ela conhecia, decorria muito mais do amor-próprio exacerbado de cada um que de um desejo real por um mundo melhor. Muito embora, isso ela tinha de admitir, eles estivessem cobertos de razão.

Volta e meia alguém olhava sem convicção para a Sala de Interrogatórios, quase torcendo para que algo realmente acontecesse, apenas para justificar todo aquele transtorno. A única coisa que lhes restava era trabalhar na papelada burocrática dos seus casos individuais, o que, aliás, consumia 90 por cento do tempo de um detetive de polícia. Mas paciência tinha limites: não era humanamente possível ir além de certo ponto de uma vez só. Os treze mais exaustos, que já haviam completado 13 horas de turno, haviam transformado a sala de reuniões numa espécie de dormitório, escondendo as colagens medonhas de Wolf com um quadro branco e apagando as luzes na esperança de cochilar um pouco antes de começarem o turno seguinte.

Simmons esbravejou quando, pela sétima vez, alguém pediu permissão para deixar em caráter excepcional o andar blindado. Depois disso ninguém ousou procurá-lo para pedir o que quer que fosse. Todos possuíam um motivo mais do

que compreensível, e ele tinha plena consciência de que suas medidas drásticas teriam um impacto negativo, talvez irremediável, sobre outros casos tão importantes quanto aquele, mas... fazer o quê? Seria bem melhor que ele não fosse amigo pessoal de Turnble, detalhe que seguramente se voltaria contra ele mais tarde, por mais que soubesse que agiria exatamente da mesma forma se o prefeito fosse outro. O mundo inteiro voltava seus olhos para a Polícia Metropolitana de Londres. Se eles se mostrassem fracos, vulneráveis, incapazes de evitar uma morte anunciada, as repercussões seriam desastrosas.

Como se isso não bastasse, a comandante Vanita havia se apoderado da sala dele, obrigando-o a se instalar temporariamente na mesa de Chambers, que se encontrava em férias pelo Caribe. Simmons imaginou se a notícia dos assassinatos já havia chegado aos ouvidos do experiente detetive, bem como se ele, caso estivesse presente, seria capaz de jogar alguma luz sobre a bizarra investigação que agora tinham em mãos.

A detetive Baxter passara boa parte da manhã tentando localizar o proprietário do apartamento em que o monstrengo fora encontrado. Segundo o homem, os locatários eram dois jovens recém-casados com seu filho recém-nascido. Era bem provável que o casal tivesse contribuído com partes do seu corpo para a construção do cadáver híbrido e ela nem quis imaginar qual teria sido o destino do indefeso bebê. No entanto, avançando na investigação, aliviou-se ao constatar que na sua base de dados não havia nenhum registro do casamento dos tais jovens: tudo indicava que eles haviam fornecido dados falsos ao ingênuo locador.

Ao ligar de volta uma hora depois para interpelar o locatário, espremeu-o até descobrir o que de fato acontecera: ele havia recebido uma proposta diretamente por carta, oferecendo pagamento em dinheiro vivo, e os aluguéis vinham sendo deixados na caixa de correio do seu próprio apartamento. Ele jamais encontrara seu inquilino pessoalmente e tinha jogado no lixo todos os envelopes. Apavorado, pediu que não o denunciasse pelos impostos sonegados, e ela aquiesceu, sabendo que cedo ou tarde o fisco acabaria abocanhando o sujeito. Além disso, não queria mais trabalho para si, já havia perdido tempo demais naquele barco furado.

Edmunds, por sua vez, era a animação em pessoa. Em parte por causa da sua localização: debruçado num canto da mesa de Emily, tinha sobre a cabeça uma

saída de ar refrigerado que soprava diretamente nele. Para completar, tinha feito um considerável progresso na tarefa razoavelmente simples que recebera da chefe: descobrir quem fornecia as refeições para o presídio de Belmarsh.

Ao que parecia, a comida era em grande parte preparada na cozinha local, mas, após uma greve em 2006, uma empresa chamada Complete Foods havia sido contratada para atender às demandas especiais dos detentos muçulmanos. Bastara um simples telefonema para a prisão para descobrir que Khalid era o único que vinha recebendo a versão sem glúten das refeições. E ao saber que a empresa vinha investigando problemas na sua cozinha após a intoxicação alimentar e subsequente hospitalização de duas pessoas que tinham consumido refeições semelhantes, ele precisou conter o próprio entusiasmo, mal vendo a hora de mostrar seus avanços para a chefe, que aparentemente andava em círculos.

Segundo informara um gerente da fornecedora de alimentos, a comida era preparada durante a noite e despachada nas primeiras horas da manhã para presídios, hospitais e escolas. Edmunds pedira a ele que levantasse o nome de todos os funcionários que haviam trabalhado na cozinha na noite anterior à intoxicação de Khalid e que tivesse em mãos as imagens das câmeras de segurança para a visita que eles fariam à empresa no dia seguinte. Estava prestes a ligar para os dois clientes que também haviam sofrido casos de intoxicação, antevendo as histórias tristes que ouviria, quando alguém o cutucou no ombro.

– Desculpa aí, companheiro, mas o chefe pediu para você render o Hodge lá na porta da Sala de Interrogatórios. Preciso dele para um negócio aí – disse o homem, empapado de suor, saboreando cada segundo passado sob o jato de ar refrigerado.

Diante de explicação tão lacônica, Edmunds logo desconfiou que o sujeito não estava fazendo mais do que resgatar um amigo da tarefa excruciante de ficar de braços cruzados diante de uma porta durante horas. Olhou para Emily em busca de ajuda, mas nada pôde fazer quando ela sinalizou para que ele obedecesse. Então voltou com o telefone para o gancho e, muito a contragosto, foi para a saleta.

Edmunds passou o peso do corpo de uma perna para outra, depois recostou-se pacientemente na porta que já vinha guardando fazia cinquenta minutos. Agora

que não tinha nada com que distrair a cabeça, estava começando a sentir nas pálpebras o preço da noite passada em claro, exausto, deixando-se embalar pelo burburinho das conversas, pelo batucar dos teclados, pelo zumbido da copiadora. Não queria qualquer outra coisa que não fosse fechar os olhos naquele momento. Só conseguia pensar nisso. Deixou a cabeça bater contra a porta e ia cochilando quando ouviu alguém dizer algo no interior da saleta.

– É um jogo engraçado, a política.

Wolf se assustou com o comentário súbito mas obviamente calculado do prefeito. Estava ali havia cinco horas, durante as quais não tinha trocado uma única palavra com o detetive. Largou sobre a mesa o relatório que vinha lendo, esperando que ele continuasse. Mas, vendo que Turnble seguia fitando os próprios sapatos sem nada dizer, imaginou que talvez ele sequer tivesse percebido que pensara em voz alta. Já ia pegando o relatório de novo quando enfim ouviu:

– Você quer melhorar as coisas pra população em geral, mas só pode fazer algo se estiver no poder. Acontece que ninguém permanece no poder sem votos e, para obter os votos necessários, você precisa fazer concessões à vontade pública. Mas aí, ao fazer essas concessões, muitas vezes você é obrigado a abrir mão justamente daquelas melhorias que queria fazer desde o início. É um jogo engraçado, a política.

Wolf não tinha a menor ideia do que dizer diante daquela pérola de sabedoria, então, meio constrangido, ficou esperando que o prefeito dissesse mais alguma coisa ou voltasse ao silêncio de antes.

– Você não precisa fingir que gosta de mim, Fawkes.

– Ok – retrucou Wolf, rápido demais.

– Por isso fico duplamente agradecido pelo que você está fazendo por mim.

– Estou fazendo o meu trabalho, só isso.

– Assim como *eu* estava. Queria que você soubesse disso. Naquela época a opinião pública não estava a seu favor. Portanto, eu também não poderia estar.

Wolf ficou achando que "não estava a seu favor" era muito pouco diante do inferno ao qual ele fora submetido: a crueldade da difamação pública, a rapidez com que o haviam transformado num símbolo de imoralidade, a desfaçatez com que o usaram como bode expiatório para apaziguar os ânimos de um eleitorado

cada vez mais hostil à corrupção. De um segundo a outro ele havia se tornado um saco de pancadas contra o qual os virtuosos podiam descarregar todas as suas revoltas e frustrações.

Levado pela manifestação contra a podridão da polícia civil, ele, na qualidade de prefeito, viera a público para divulgar suas novas e revolucionárias diretrizes: *A polícia e as políticas de segurança pública*. Volta e meia subia em algum palanque para exigir que Wolf fosse punido com todos os rigores da lei, dizendo que era preciso "policiar a polícia".

Wolf chegava a rir mentalmente sempre que relembrava a guinada que a segunda prisão de Naguib Khalid havia provocado naquele enredo tão mal costurado: sem trocar de roupa, ainda mencionando o nome dele a torto e a direito, o prefeito cara de pau agora não falava de outra coisa que não fosse a sua *Estratégia de combate às iniquidades da saúde pública*, criticando duramente a má qualidade dos serviços oferecidos aos "guerreiros da polícia civil" e à cidade de Londres como um todo.

Insuflados por um político particularmente carismático e popular, os sectários do prefeito aplaudiam com prontidão e entusiasmo todas as suas manobras eleitoreiras. Eles, que também clamaram pelo sangue de Wolf, agora faziam campanha pela sua reintegração na polícia. Um deles, mais afoito que a média, chegara ao ponto de defender ambas as coisas em entrevistas na televisão.

Não havia dúvida de que, sem o apoio do prefeito e sua ruidosa cruzada no sentido de reerguer um dos heróis mais injustiçados da cidade, Wolf ainda estaria atrás das grades. No entanto, ambos sabiam que William Oliver Layton-Fawkes não devia nada a ninguém.

Wolf achou por bem permanecer calado, receando arrepender-se mais tarde caso abrisse a boca para dizer o que lhe passara pela cabeça.

– Aliás, você fez a coisa certa – prosseguiu Turnble com a mesma empáfia de antes, alheio às nuvens negras que haviam brotado no semblante do seu interlocutor. – Há uma grande diferença entre brutalidade e desespero. Hoje consigo entender. Para falar a verdade, acho até que você devia ter matado o filho da puta naquele tribunal. A última menina na qual ele ateou fogo tinha a mesma idade da minha filha. – Sua asma dera uma boa trégua durante o prolongado silêncio, mas os chiados não demoraram a ressurgir com o súbito falatório. Ele pegou novamente sua bombinha, mas, ao sacudi-la no ar, percebeu que o tubo

azul estava quase vazio. Não era para menos: desde que pisara naquela saleta, inalara em algumas horas o equivalente a uma semana inteira de salbutamol. Despreocupado, deu uma última sugada e prendeu a respiração quanto pôde. Em seguida disse: – Fazia tempo que eu queria lhe dizer isto. Não era nada pessoal. Eu estava apenas fazendo o meu...

– O seu trabalho, eu sei – interrompeu Wolf, amargo. – Todo mundo estava fazendo o seu trabalho: a imprensa, os advogados, o herói que triturou meu pulso antes que eu pudesse acabar com o Khalid... Pois é, eu entendo.

Turnble meneou a cabeça. Sua intenção não havia sido exasperar o detetive, mas agora ele se sentia bem mais leve, tendo tirado aquilo do peito depois de tanto tempo. Abriu a maleta, pegou seu maço de cigarros.

– Posso?

– Está brincando... – disse Wolf, mal acreditando no que estava vendo.

– Todos temos os nossos vícios – retrucou Turnble, impositivo. Até ali sua empáfia vinha sendo mais ou menos contrabalançada pela modéstia do pedido de desculpas, mas agora que eles estavam quites não havia mais motivo para deferências. – Se você quiser que eu fique trancafiado nesta sala por mais onze horas, não vai poder reclamar. Mas não se preocupe. É só um agora e outro depois do jantar.

Antes que Wolf pudesse abrir a boca, o prefeito apertou o cigarro entre os lábios, acendeu o isqueiro, protegeu a chama contra o jato do ar-condicionado, deu o primeiro trago e...

Por um átimo os dois homens ficaram olhando um para o outro sem entender o que estava acontecendo: o fogo havia descido feito um rastilho para o filtro do cigarro, inicialmente queimando a boca do prefeito para depois se alastrar por toda a parte inferior do rosto. Turnble ainda tentou encher os pulmões para gritar algo, mas inalou o fogo do rosto, que foi queimando suas carnes por dentro.

– Socorro! – berrou Wolf, adiantando-se para o homem em chamas, sem saber ao certo o que fazer com ele. – Alguém me ajuda aqui!

Edmunds irrompeu imediatamente na saleta, em choque ao ver Turnble cuspir um jato incandescente sobre o braço de Wolf, ateando fogo na camisa do detetive. Assustado, Wolf soltou o prefeito e foi acidentalmente atingido na face pelo braço desgovernado que vinha tentando imobilizar. Ocorreu-lhe então que

bastaria obstruir o nariz e a boca do homem, caso fosse possível aproximar-se dele, para que o fogo se apagasse por conta própria na ausência do oxigênio.

Sob o escândalo do alarme de incêndio e o olhar apavorado dos curiosos, Edmunds saiu rapidamente ao corredor, tirou a manta corta-fogo do escaninho de emergência e voltou com ela para a saleta, seguido de Simmons. Os aspersores de teto pareciam atrapalhar mais do que ajudar: cada vez que Turnble cuspia a água que chovia do alto, labaredas saíam junto, espalhando fogo para todo lado. Era como se fosse um dragão. Wolf ainda tentava derrubar o homem para o chão quando Edmunds, com a manta já aberta, arremeteu contra ambos e desabou junto com eles.

Simmons mal acreditou nos próprios olhos quando o rapaz ergueu a manta e ele pôde ver o rosto desfigurado, antes bonito, do seu amigo prefeito. Dando-se conta de que o cheiro forte à sua volta era de carne humana queimada, começou a ter ânsias vômito e saiu da sala ao mesmo tempo que vinham entrando dois policiais, um deles com outra manta para cobrir o braço ainda em chamas de Wolf. Edmunds apalpou o pescoço de Turnble à procura de pulso na carótida, depois aproximou o ouvido do que havia sobrado da boca arruinada, em busca de algum sinal de respiração.

– Nada! – berrou ele, sem saber direito para quem.

Ato contínuo, rasgou a camisa de alfaiataria do prefeito, que se desintegrou nas suas mãos, e começou a fazer compressões no peito dele. Imediatamente percebeu que a cada golpe no esterno a garganta do homem ia se obstruindo ainda mais com o sangue e os restos de tecido calcinado, e uma das coisas que ele havia aprendido logo no início do seu curso de primeiros socorros no ambiente de trabalho era exatamente isto: na ausência de uma via respiratória, não havia compressão que pudesse salvar a vida de alguém. Resignado, jogou-se no chão encharcado pela água dos aspersores e, vendo que Simmons espiava do outro lado da porta, disse:

– Sinto muito, senhor.

Por um instante Edmunds fechou os olhos e tentou encontrar algum sentido nos acontecimentos surreais daqueles últimos dois minutos e meio. De repente ouviu sirenes se aproximando.

Com uma expressão difícil de interpretar, Simmons entrou novamente na sala e correu os olhos pelo corpo incinerado do amigo, ciente de que aquela

imagem o assombraria pelo resto da vida. Depois voltou-se para Wolf, que, ajoelhado no chão, sofrendo com as dores, examinava as queimaduras do próprio braço. Içando-o pelo pano da camisa, obrigou-o a se levantar e o empurrou contra a parede, para grande espanto dos demais.

– Sua obrigação era protegê-lo! – gritou com os olhos marejados, sacudindo Wolf com violência. – Era para isso que você estava aqui!

Edmunds levantou-se rapidamente e tentou imobilizar o chefe sem sucesso. Os dois policiais se adiantaram para ajudá-lo e, junto com a detetive Baxter, que acabara de surgir na sala, arrastaram-no para o corredor e fecharam a porta às suas costas com o intuito de preservar a cena do crime.

Abandonado na companhia do grotesco cadáver, Wolf deixou-se escorregar para o chão e ficou ali, encolhido no seu canto. Correu a mão pela nuca e viu que os dedos saíram sujos de sangue. À sua volta, dezenas de labaredas minúsculas e oleosas ainda ardiam sobre o chão molhado feito lanternas japonesas guiando espíritos perdidos para o mundo dos mortos. Atordoado, ele inclinou a cabeça para trás e abriu as mãos para que a chuva fria dos aspersores lavasse seu sangue.

Capítulo 6

Sábado, 28 de junho de 2014
16h23

Andrea desceu do táxi à sombra da Heron Tower, o terceiro prédio mais alto da capital inglesa. No alto do espigão, volumes irregulares eclipsavam o sol ao se lançarem de modo incoerente rumo ao céu, coroados por uma lança que parecia equilibrar-se ali muito precariamente, suplicando por aplausos à custa da estética e, pelo visto, da integridade estrutural também. A redação do telejornal não poderia ter se instalado num lugar mais apropriado.

Ao entrar na ampla recepção, foi direto para as escadas rolantes, deliberadamente ignorando os seis elevadores transparentes que numa velocidade estonteante transportavam hordas de executivos tensos para suas respectivas mesas. Enquanto deslizava rumo ao mezanino, ia admirando o aquário gigantesco que ficava atrás do balcão dos recepcionistas, que pareciam trabalhar placidamente, alheios à ameaça constante daquela fatia de oceano às suas costas, 70 mil litros d'água contidos por uma reles camada de acrílico. Observando o sonolento vaivém dos peixes, e a profusão de cores da escultura de coral, ela pensava na sua mais recente paixão: o mergulho com snorkel. Distraída, por pouco não tropeçou ao ser lançada da escada.

A convocação para a cena do crime havia chegado às três da madrugada. Após finalmente conseguir falar com Wolf e entregar a ele o sinistro envelope que encontrara em meio à sua correspondência, ela ainda ficara por mais quatro horas diante do prédio da New Scotland Yard, junto com seu operador de câmera, no intuito de gravar boletins ao vivo a cada trinta minutos. Isso implicava requentar inúmeras vezes as mesmas informações, dando a entender,

mas nunca afirmando categoricamente, que fatos muito relevantes haviam ocorrido do lado de cá das portas fechadas do quartel-general da polícia.

Depois do boletim das onze ela havia recebido um telefonema de Elijah Reid, o editor-chefe, mandando que ela voltasse para casa e descansasse pelo menos algumas horas. De início, ela havia recusado com veemência. Não tinha a menor intenção de ficar de fora daquela que parecia ser a matéria mais sensacional desde as peripécias do Cremador, especialmente quando era a única a ter visto o conteúdo arrepiante do tal envelope, informação que ela ainda não havia dividido com o chefe. No entanto, acabara cedendo ao ouvir dele a promessa de que ligaria assim que algo acontecesse, por mais ínfimo que fosse.

Foi uma deliciosa e ensolarada caminhada de meia hora desde Westminster (passando pelos jardins do Palácio de Buckingham e da Belgrave Square) até o prediozinho vitoriano de Knighstbridge em que ela dividia um apartamento com o noivo e a filha dele, uma menina de 9 anos.

Chegando lá, ela foi direto para o quarto, fechou as cortinas e se jogou na cama ainda com as roupas de trabalho, embalada pela penumbra e pelas cores suaves da elegante decoração. Depois de acionar o despertador do celular, tirou da bolsa a pasta em que havia guardado fotocópias de todo o material deixado com Wolf e a apertou contra o peito, fechando os olhos ao pensar na tremenda importância daquilo tudo para a polícia, para as pessoas da lista e... para ela própria também.

Ela ficou ali por mais de uma hora e meia, sem conseguir dormir, olhando fixamente para o lustre antigo do cômodo enquanto calculava as implicações legais e morais envolvidas na entrega daquele material para Elijah. Sabia perfeitamente que o chefe não pensaria duas vezes antes de exibir aquelas doze fotos em rede nacional. Um alerta para os mais sensíveis, algo como “estas imagens são de natureza explícita e podem ferir a...”, serviria apenas para aguçar a curiosidade mórbida e insaciável dos telespectadores. Por um instante lhe veio à cabeça uma imagem grotesca: os parentes das vítimas até então anônimas vendo as imagens na televisão, ao mesmo tempo fascinadas e repugnadas ao identificar traços conhecidos nos membros mutilados.

Naquela manhã, dezenas de jornalistas haviam reportado as mesmas informações diante da mesma placa giratória da New Scotland Yard, competindo entre si pela audiência de um mesmo público cada vez mais repleto de opções.

Que o assassino tivesse mandado aquelas fotos justamente para ela, Andrea, daria à emissora uma pequena vantagem sobre as concorrentes BBC e Sky News, que reproduziriam as imagens minutos depois da sua primeira divulgação. Mas ela sabia exatamente o que fazer para garantir que todos os aparelhos de TV do país lhe dessem a tão cobiçada preferência:

1. A isca: informar que ela havia sido contatada pelo mais novo assassino em série da cidade;

2. O aperitivo: dizer que as fotografias seriam exibidas mais tarde, revelar o conteúdo delas e fazer conjeturas absurdas apenas para abrir o apetite dos mais ingênuos. Talvez até fosse o caso de convocar algum ex-policial, um investigador particular ou mesmo um autor de livros policiais para fazer as vezes de comentarista.

3. A entrada: informar que, junto com as fotos, ela havia recebido uma lista manuscrita com os nomes das próximas seis vítimas, além das datas da morte de cada uma. "Tudo isso daqui a cinco minutos", ela diria. Tempo suficiente para que a notícia se espalhasse, mas não para que a polícia abortasse a transmissão.

4. O prato principal: com a audiência do país inteiro, ela divulgaria os nomes e as datas, intercalando-os com pausas dramáticas assim como faziam os jurados dos programas de calouros antes de divulgar o nome dos finalistas. Um rufar de tambores talvez fosse um pouco exagerado.

Andrea se odiava por apenas cogitar a estratégia. Havia uma grande possibilidade de que a polícia ainda não tivesse contatado os seis novos alvos do facínora, e essas pessoas tinham todo o direito de saber do seu infortúnio pelo menos algumas horas antes do resto do mundo. Além disso, ela seria presa. Nada disso importava para Elijah, que não se deixava intimidar por esse tipo de coisa. Não fazia muito que ele havia chegado à emissora, mas Andrea já tivera a oportunidade de vê-lo destruindo vidas apenas com suas conjeturas infundadas, passando adiante informações de origem duvidosa a respeito de investigações ainda em andamento e por duas vezes sendo levado a juízo a primeira por obstrução da justiça e a segunda por tentativa de suborno a um policial.

Ao perceber que o sono não viria mais, ela se levantou na cama. Não estava nem um pouco mais descansada do que antes, mas pelo menos havia chegado a uma conclusão quanto ao que fazer. Mesmo sabendo das consequências, usaria as fotografias, pois naquela balança o prato dos benefícios profissionais pesava

muito mais que o das encrencas com a polícia. No entanto, manteria em sigilo a lista com os nomes das vítimas. Isso era o correto. Era um alívio constatar que ela ainda tinha dentro de si forças suficientes para se defender contra a pressão cada vez maior no sentido de se tornar uma pessoa tão cruel e inescrupulosa quanto seu chefe.

De volta à Heron Tower, ela enfim alcançou o corredor que levava à redação do telejornal, que ocupava o décimo andar do prédio. Mesmo numa altura relativamente modesta, ela sempre procurava evitar as janelas que davam para a rua Camomile. Como de costume, ao entrar na sala, incomodou-se com a confusão que reinava no lugar 24 horas por dia: pessoas berrando umas com as outras, telefones tocando sem parar, uma infinidade de telas de plasma chumbadas às paredes, algumas com o volume alto, outras não. Sabia que numa questão de minutos acabaria se acostumando à barulheira, passando a ouvir apenas um burburinho indistinto. Sabia também que esse era o elemento natural de Elijah, que regozijava-se no caos.

Na realidade a sala ocupava também o 11º andar, mas como um espaço dúplex, sem uma laje intermediária entre os dois pavimentos. Após anos trabalhando em emissoras regionais, Andrea achava aquilo tudo um grande exagero, uma ostentação, quase uma paródia do que realmente deveria ser uma redação. Para ela bastavam uma mesa, um computador e um telefone.

O novo editor-chefe havia sido roubado da televisão americana, mais especificamente de um noticiário investigativo que, não sem muita controvérsia, havia denunciado esquemas de corrupção em inúmeras empresas e marcas de renome internacional. Trouxera com ele vários daqueles americanismos mais condescendentes, como as técnicas de fortalecimento do espírito de equipe ou do moral no ambiente de trabalho, um martírio para os ingleses de natureza bem mais reservada.

Andrea acomodou-se na sua cadeira ergonômica amarelo néon (pesquisas científicas apontavam uma relação direta entre as cores fortes e a eficiência profissional) e imediatamente conferiu sua correspondência para ver se não havia chegado mais nada do assassino. Em seguida tirou da bolsa a pasta que trouxera de casa e já ia subindo com ela até a sala de Elijah, que ficava numa espécie de mezanino, quando as pessoas começaram a se levantar para ver algo na televisão, a maior da sala. Notou que Elijah também havia saído da toca para

observar a comoção. Parado junto ao guarda-corpo com os braços cruzados diante do peito, ele lançou um olhar impassível na sua direção, depois voltou-se para o tal aparelho de TV, acompanhando do alto o que se passava nele. Curiosa, Andrea se juntou ao grupo.

– Aumenta o volume! – berrou alguém.

De repente a famosa placa da New Scotland Yard surgiu na tela, e Andrea reconheceu a mão do seu cinegrafista Rory quando um *zoom out* ligeiramente fora de foco enquadrou a repórter, uma loura lindíssima, usando um vestidinho de verão com um decote indecorosamente profundo. Um gaiato qualquer assobiou um *fiu-fiu* nas fileiras da frente. Fazia apenas quatro meses que Isobel Platt começara a trabalhar na emissora, e aos olhos de Andrea era um insulto à profissão de jornalista que tivessem contratado aquela toupeira (com idade de menos e curvas de mais) tão somente porque ela sabia ler. E agora, vendo-a ali no seu lugar, ela se sentiu pessoalmente exasperada.

Sorrindo de orelha a orelha, Isobel informava que um porta-voz da polícia faria um pronunciamento "i... mi... nen... te... men... te". O destaque do decote era tal que Andrea cogitou por um instante por que Rory se dava ao trabalho de incluir a cabeça da garota no enquadramento. Chegou a ficar com os olhos marejados, magoada, convicta de que Elijah a observava de longe para ver o tamanho do estrago que havia feito. Mas ela não daria o braço a torcer. Jamais daria ao chefe a satisfação de virar para trás ou sair da sala. Então se manteve firme onde estava, os olhos grudados na televisão.

Não era a primeira vez que ela subestimava o maquiavelismo do seu editor-chefe. Entendia o raciocínio dele: na luta pela audiência naquela matéria que prometia ser a mais importante do ano, por que não plantar diante das câmeras uma modelete de 20 anos como um atrativo adicional? Não seria nenhuma surpresa se na chamada seguinte a garota surgisse com os peitos de fora.

Perdida nos próprios pensamentos, Andrea mal prestara atenção na notícia estarrecedora de que o prefeito Turnble havia morrido subitamente durante uma visita ao quartel-general da Polícia Metropolitana para uma reunião corriqueira de revisão de diretrizes. A essa altura, sua autocomiseração já tinha dado lugar à raiva pura e simples: *de forma alguma* ela entregaria de bandeja aquela reportagem que era sua por direito. Portanto, nem um pouco interessada no que os peitos de Isobel tinham a dizer sobre o pronunciamento da polícia, ela voltou

às pressas para sua mesa, pegou o material fotocopiado e subiu com ele para falar com o chefe.

Ao que parecia, Elijah já esperava sua visita: com calma ele voltou à sua mesa e deixou a porta aberta atrás de si.

Fazia mais de cinco minutos que o homem não parava de gritar, furioso por Andrea ter retido aquelas fotos explosivas por tanto tempo. Já a tinha demitido sete vezes, xingado a mãe dela por no mínimo três e literalmente colocado a secretária para correr quando entrou na sala para ver o que estava acontecendo.

Andrea esperou pacientemente até que ele terminasse. Divertia-se não só com a previsibilidade do longo discurso, mas sobretudo com a inconstância do sotaque do americano: quanto mais irritado ele ficava, mais a urbanidade do suposto sotaque nova-iorquino ia dando lugar às caipirices do seu real sotaque sulista. Elijah era um homem vaidoso. Ia à academia duas vezes ao dia, antes e depois do expediente, e usava sempre uma camisa justa o bastante para alardear os resultados da sua obsessão. Já havia passado dos 40, mas não possuía um único fio branco nos cabelos, que, aliás, eram de um dourado pouco natural e estavam sempre impecavelmente penteados para trás. Na emissora havia quem o achasse um homem irresistível, a própria definição do que devia ser um macho alfa. Andrea, por sua vez, achava-o ridículo e asqueroso. Precisou esperar mais um minuto até que aquele furor ditatorial se dissipasse.

– Essas fotos têm uma péssima qualidade, quase não dá pra aproveitá-las – disse ele, procurando disfarçar a empolgação enquanto as espalhava sobre a mesa.

– Eu sei – disse Andrea calmamente. – Estas são só para você. As com alta resolução estão armazenadas num pendrive.

– E onde está esse pendrive? – perguntou Elijah, aflito. Vendo que não receberia uma resposta, disse: – Parabéns, garota. Você está aprendendo direitinho.

Por maior que fosse a condescendência do comentário, Andrea sentiu uma ponta de orgulho. As forças daquele jogo agora se equilibravam bem mais. Ali estavam dois tubarões nadando em torno de um mesmo pedaço de carne.

– Os originais estão com a polícia?

– Estão.

– Com o Wolf? – Elijah havia acompanhado com bastante interesse todo o processo de divórcio de Andrea. Conhecia Wolf, que até do outro lado do Atlântico havia ficado famoso após o episódio com o Cremador. – Nesse caso... ninguém pode nos acusar de sonegação de evidências, correto? Mande estas fotos para o pessoal das artes gráficas. Você continua devidamente empregada.

Andrea ficou surpresa. Naturalmente ele havia entendido que a intenção dela não era apenas manter o emprego, mas recuperar o comando da reportagem. E devia ter interpretado corretamente a expressão no rosto dela, pois, com um sorriso malicioso, ele disse:

– Porra, também não precisa dar uma de vítima. Você já fez o seu trabalho e pronto. Agora é a Isobel que está lá. É ela quem vai tocar o barco daqui pra frente.

Mais uma vez Andrea sentiu os olhos marejados e fez o possível para disfarçar enquanto botava a cabeça para funcionar, imaginando como deveria contra-atacar.

– Então só me resta...

– O quê? Pedir demissão? Entregar essas fotos pra concorrência? – riu Elijah. – Sou capaz de apostar que esse pendrive que você usou é de propriedade da empresa. Se eu souber que você pretende sair daqui com material roubado... tenho todo o direito de exigir que você seja revistada pelos seguranças.

A imagem do dispositivo veio imediatamente à cabeça de Andrea, que o havia alojado na carteira, entre o cartão de fidelidade da Starbucks e a habilitação para mergulho recreativo. Os seguranças o encontrariam num piscar de olhos. Mas então ela lembrou que ainda tinha uma carta na manga.

– Também há uma lista – falou de repente, antes que a consciência pudesse cumprir seu papel. – Uma lista das próximas vítimas do assassino.

– Conta outra.

Andrea tirou do bolso a fotocópia que fizera da tal lista, já bem amassada, e a dobrou cuidadosamente de modo que apenas a primeira linha ficasse à mostra: "Prefeito Raymond Edgar Turnble – Sábado, 28 de junho."

Elijah olhou com desconfiança para o papel, que ela fazia questão de manter fora do seu alcance. Observava do alto quando Andrea se afastou da televisão, passou pela mesa dela e subiu para falar com ele. Ela não havia tido oportunidade para produzir uma fotocópia.

– Debaixo deste primeiro nome vêm mais cinco. E se você estiver pensando em roubar esta lista das minhas mãos, eu juro: engulo o papel todinho antes que faça qualquer coisa.

Percebendo que ela não estava brincando, Elijah se recostou na cadeira e abriu um sorriso de satisfação, como se finalmente eles tivessem chegado ao fim de uma longa e difícil partida de xadrez.

– O que você quer? – perguntou ele.

– Quero a *minha* matéria de volta.

– Fechado.

– A Isobel que fique lá onde está, chupando dedo. Vou apresentar meu boletim daqui mesmo, do estúdio.

– Mas você é uma repórter de rua.

– Pode dizer ao Robert e à Marie que hoje eles não serão necessários. Vou precisar do jornal inteiro.

Um momento de hesitação.

– Tudo bem. Mais alguma coisa?

– Sim. Mantenha todas as portas trancadas até que eu termine, não abra para ninguém. Não posso deixar que me prendam antes de terminar.

Capítulo 7

Sábado, 28 de junho de 2014
17h58

Wolf estava sozinho na sala de Simmons. Sentira-se um tanto invasivo ao entrar ali e deparar com os vestígios da raiva do chefe: o metal amassado do armário de arquivo que ele havia chutado, as migalhas de gesso da parede que ele tinha esmurrado. Constrangido, ele agora remexia distraidamente na bandagem úmida que cobria seu braço esquerdo, esperando o que pudesse acontecer em seguida.

Após arrastar Simmons para fora, Emily Baxter voltara à Sala de Interrogatórios para buscar Wolf, encontrando-o murcho ao lado do corpo inerte do prefeito, derrotado pelo temporal dos aspersores, encarando o vazio, alheio à sua chegada. Até então nunca o tinha visto daquele jeito, tão perdido e vulnerável. Carinhosamente o ajudou a se levantar e saiu com ele para o corredor sob o olhar curioso e estupefato dos demais.

– Ah, pelo amor de Deus... – bufou ela para os mais indiscretos.

Sustentando boa parte do peso dele, arrastou-o como pôde até o banheiro feminino e, à custa de muito esforço, acomodou-o sobre a bancada, no espaço entre as duas pias. Em seguida desabotoou-lhe a camisa encharcada, despiu-a até onde foi possível e, com muita calma e cuidado, foi puxando os fiapos de tecido que haviam colado à queimadura do antebraço. O banheiro agora recendia a suor, desodorante barato e pele queimada. De repente, levada por um impulso totalmente irracional, receou que alguém entrasse ali e a encontrasse na companhia de um homem. Fazendo exatamente o quê? Nada de errado.

– Aguenta aí – disse ela, pensando que já havia tirado o que era possível. Deixou-o sozinho e voltou dali a pouco com um kit de primeiros socorros e uma

toalha, que usou para enrolar seus cabelos molhados. Sem muita segurança do que estava fazendo, aplicou o emplastro sobre a queimadura e enrolou o antebraço com uma quantidade de gaze suficiente para mumificar um corpo inteiro.

Minutos depois alguém bateu à porta. Edmunds entrou e, sem grande entusiasmo, admitindo timidamente que vestia uma camiseta por baixo, tirou a camisa para que sua supervisora a vestisse em Wolf. Embora alto, tinha o corpo magrelo de um estudante, e a camisa mal abotoou no corpo adulto do outro. Melhor do que nada, pensou Emily. Terminado o trabalho, ela se empoleirou na bancada e permaneceu ali, muda ao lado dele, disposta a esperar o tempo que fosse até que ele se recuperasse.

Wolf passou o resto da tarde num canto mais tranquilo, redigindo um detalhado relatório sobre o que havia acontecido no interior da saleta trancada. Não deu ouvidos a nenhum dos milhares de palpites não solicitados, sugerindo que ele pleiteasse uma licença médica e fosse descansar em casa. Faltava pouco para as seis quando enfim foi convocado à sala do chefe, que sumira de vista desde a explosão de violência horas antes.

Enquanto esperava, deu-se conta de que fora ajudado pela sargento Baxter num banheiro qualquer, a cabeça ainda um tanto confusa. Mas não o suficiente para evitar a vergonha de ter negligenciado os exercícios abdominais daquela manhã – e dos últimos quatro anos. Chegou a sentir um frio na espinha ao se imaginar com a pança exposta diante da colega.

Dali a pouco Simmons entrou na sala, fechou a porta e foi sentar na sua cadeira do outro lado da mesa, de frente para Wolf. Trazia duas sacolas de supermercado, das quais tirou uma garrafa de uísque irlandês Jameson, um pequeno saco de gelo e uma embalagem de copos descartáveis com estampa dos Transformers. Ainda estava com os olhos inchados depois de ter dado a notícia para a mulher do prefeito, antes de falar com a imprensa. Preparou duas doses generosas do uísque e, calado, empurrou uma delas na direção de Wolf. Deu seu primeiro gole e disse:

– Se não me falha a memória, esta é a sua marca favorita.

– Sua memória não falhou – disse Wolf, bebendo também.

– E a cabeça, como está? – perguntou Simmons, como se não houvesse tido participação na leve concussão do detetive.

– Melhor que o braço – respondeu Wolf, um pouco mais animado, mas sem saber ao certo o que os médicos conseguiriam salvar das suas carnes caso os curativos de Emily fossem tão bons quanto o tratamento que ela dera à sua pele.

– Posso ser franco? – Simmons não esperou pela resposta. – Nós dois sabemos que você estaria sentado aqui nesta cadeira se não tivesse feito a merda que fez. Sempre foi um policial melhor do que eu.

Wolf foi cortês o bastante para permanecer impassível.

– Talvez você tivesse tomado decisões mais acertadas que as minhas – prosseguiu Simmons. – Talvez Ray ainda estivesse vivo se... – Ele deu um gole no uísque.

– A gente não tinha como saber.

– Que a bombinha estava adulterada com uma substância incendiária? Que esses buquês que estão aqui há dias estavam todos infestados de ambrosia?

– Infestados de...? – perguntou Wolf, que a caminho da sala já havia notado a pilha de sacos plásticos com o material colhido pela perícia.

– Ao que parece o pólen dessa flor chamada ambrosia tem o efeito de uma criptonita para os asmáticos. E fui eu quem mandou trazer o homem para cá. – Esquecendo que era apenas um copo de plástico que tinha nas mãos, Simmons arremessou-o contra a parede, furioso consigo mesmo. Viu o copo ricochetear para a mesa e, resignado com o fracasso do seu gesto, pegou-o de volta e o encheu com mais uísque, dizendo: – Então... vamos acabar logo com isso, antes que a comandante volte. O que é que vamos fazer com você?

– Comigo?

– Bem, esta é aquela reunião em que eu digo que você está envolvido demais no caso, sugiro que é do interesse de todo mundo que você seja afastado, aí você...

Wolf abriu a boca para dizer algo, mas Simmons não deixou.

– Aí você me manda à merda, e eu relembro o que aconteceu com Khalid, depois você me manda à merda de novo, e só então eu acabo cedendo, deixando que você continue no caso, mas advertindo que, ao primeiro sinal de preocupação por parte dos seus colegas de equipe, da sua psiquiatra ou da minha própria parte, você será realmente afastado, sem direito a choro. É isso. Foi muito bom conversar com você.

Wolf assentiu com a cabeça. Tinha plena consciência de que o chefe estava

comprando uma briga em seu nome.

– Sete mortos... e até agora as únicas armas identificadas foram flores, uma bombinha e um peixe. – Simmons balançou a cabeça numa atitude pessimista. – Lembra-se dos velhos tempos quando as pessoas tinham a decência de simplesmente sacar um revólver e atirar nas outras?

– Dias melhores virão – disse Wolf, propondo um brinde com seu copinho de Optimus Prime, líder dos Autobots.

– Dias melhores virão – ecoou Simmons, erguendo o seu também.

Wolf sentiu o celular vibrar no bolso da calça. Sacou-o e encontrou uma pequena mensagem de Andrea:



Wolf ficou subitamente preocupado. Sabia que Andrea não estava se desculpando apenas pelo pênis que havia desenhado no lugar do pretendido coração. Já ia mandar uma mensagem de volta quando Emily Baxter irrompeu na sala e ligou a televisão à parede. Simmons estava exaurido demais para dizer qualquer coisa.

– A cadela da sua ex-mulher está apresentando o jornal – informou ela.

Andrea surgiu na tela no meio de uma frase. Estava linda. Vendo-a assim, mais objetivamente, Wolf percebeu que não dera o devido valor à beleza dela. Os olhos eram quase surreais de tão verdes. Os cabelos ruivos e cacheados estavam presos no alto, o penteado que ela costumava reservar para festas e casamentos.

E o motivo para o pedido de desculpas logo ficaria claro. Andrea não estava transmitindo da rua nem fazendo uma distorcida locução sobre uma foto qualquer, mas apresentando o telejornal do estúdio, o grande sonho da sua vida.

– ... que a morte do prefeito Raymond Turnble hoje pela manhã foi, na realidade, um homicídio premeditado e vinculado aos seis corpos encontrados nesta madrugada em Kentish Town – dizia ela, em nenhum momento deixando transparecer o nervosismo imaginado por Wolf. – As imagens que mostraremos a seguir talvez não sejam apropriadas para...

– Liga pra sua mulher, Fawkes. Agora! – berrou Simmons.

– Ex-mulher – corrigiu Emily.

E os três começaram a digitar freneticamente nos seus respectivos aparelhos de telefone.

– Sim, preciso do número da redação do...

– Duas unidades para estrada Bishopsgate, número 110...

– Caralho, ninguém atende...

Ao fundo, Andrea continuava com sua reportagem:

– ... confirmaram que a cabeça pertence a Naguib Khalid, também conhecido como Cremador. Até o momento não se sabe como Khalid, que vinha cumprindo pena no...

– Vou tentar a segurança do prédio – disse Wolf, depois de deixar um recado curto e grosso na caixa postal da ex-mulher: "Me liga *agora*!"

– ... aparentemente desmembrados antes de serem costurados de volta para formar um corpo completo – relatava Andrea enquanto as fotografias tenebrosas iam sendo mostradas uma a uma –, ao qual a polícia vem se referindo como "Boneco de Pano".

– De onde foi que ela tirou *isso*? – rugiu Simmons.

Os três interromperam o que vinham fazendo para ouvir a reportagem:

– ... com outros cinco nomes e a data exata da morte de cada um. Tudo isso será revelado daqui a pouco. Sou Andrea Hall. Voltamos depois de um breve intervalo.

– Ela não está falando sério, está? – Simmons perguntou a Wolf, perplexo.

Wolf não respondeu. E numa fração de segundo todos voltaram ao furor dos telefonemas.

Cinco minutos depois, terminados os comerciais, a imagem de Andrea voltou à tela sob luzes que foram se acendendo gradativamente no estúdio, dando a impressão de que ela ficara esperando no escuro durante todo esse tempo. Os detetives Wolf, Simmons e Baxter aguçaram os ouvidos. No salão, muitos já se agrupavam diante do aparelho de TV que alguém havia tirado da sala de reuniões.

Não havia mais o que fazer senão esperar.

Andrea, como era de imaginar, não havia retornado a ligação de Wolf. Os

seguranças do prédio da emissora não conseguiram entrar no recinto e os policiais despachados por Simmons nem haviam chegado. Mas Simmons conversara com o editor-chefe, que ele conhecia muito bem. Dissera ao americano insuportável que ele estava sabotando uma investigação policial e correndo o risco de ser indiciado judicialmente. Como não conseguira intimidá-lo, apelara para a humanidade do homem, dizendo que ainda não tinha informado as pessoas da lista sobre a espada pendurada acima da cabeça delas.

– Então vamos poupá-lo desse trabalho – rebatera Elijah. – Depois não vá dizer que somos imprestáveis, hein?

Recusara-se a chamar Andrea e com isso encerrara a ligação.

Agora só lhes restava uma coisa a fazer: continuar assistindo ao noticiário junto com o resto do mundo. Simmons serviu mais três doses de uísque e ofereceu uma a Emily, que farejou a bebida com desconfiança antes de entornar um bom gole garganta abaixo. Ela já ia pedindo para ver a tal lista, que de qualquer forma se tornaria pública em instantes, quando o telejornal retornou.

Andrea perdeu sua primeira deixa e Wolf logo viu que ela estava nervosa, hesitante, repensando o que estava prestes a fazer. Sabia que debaixo daquela bancada minimalista os joelhos da ex-mulher saltitavam como sempre acontecia nos momentos de aflição. Ela olhava para a frente, para os milhões de olhos que a viam do outro lado da câmera, e Wolf ficou com a impressão de que ela procurava por ele no meio da multidão, por uma maneira de sair daquele buraco que ela própria havia cavado. Alguém deve ter soprado algo no ponto eletrônico que ela levava ao ouvido, pois foi com um pequeno susto que ela disse:

– Boa noite. Sou Andrea Hall. Bem-vindos ao...

Em consideração aos telespectadores tardios, por uns cinco minutos ela recapitulou o que havia sido informado até então e mostrou as fotos horrendas uma segunda vez. Começou a tropeçar nas palavras ao informar que uma lista escrita à mão havia sido anexada às fotos, e estava visivelmente trêmula quando anunciou os seis nomes da lista:

– Prefeito Raymond Edgar Turnble, dia 28 de junho; Vijay Rana, dia 2 de julho; Jarred Garland, dia 5 de julho; Andrew Arthur Ford, dia 9 de julho; Ashley Danielle Lochlan, dia 12 de julho...

Ela fez uma pausa, não em busca de um efeito dramático – lera os nomes anteriores de um jeito amador, como se estivesse com pressa, querendo terminar

logo com aquilo –, mas para secar a lágrima borrada de rímel que acabara de escorrer de um dos olhos. Depois reorganizou os papéis à sua frente, dando a entender, sem sucesso, que a interrupção decorria de alguma desorganização. De repente deixou a cabeça cair sobre os braços cruzados e estremeceu como se sentisse nos ombros o peso do que havia feito.

– Andrea? Andrea? – sussurrou alguém atrás da câmera.

Ela reergueu a cabeça naquele que era o seu grande momento profissional, a maior audiência de toda a sua vida. Agora não era apenas o rosto que estava borrado de rímel, mas as mangas da blusa também. Andrea limpou a garganta e disse:

– Desculpem, estou bem. – Pausa. – E no dia 14 de julho, o detetive da Polícia Metropolitana, principal responsável pela investigação dos crimes do Boneco de Pano... o sargento-detetive William Oliver Layton-Fawkes.

Capítulo 8

Segunda-feira, 30 de junho de 2014
9h35

– Mal.

– Mal?

– E triste.

– Triste – repetiu a Dra. Preston-Hall. Bufou demoradamente, largando seu bloco de anotações na mesinha antiga ao lado da poltrona. – Você vê o homem sob sua proteção morrer bem na sua frente, depois fica sabendo que o psicopata responsável pretende matar você daqui a quinze dias e isso é tudo que você tem para me dizer? Que está "mal"? E "triste"?

– Puto? – arriscou Wolf, convencido de que estava indo muito bem.

Isso pareceu reacender o interesse da psiquiatra. Ela retomou sua caderneta e se inclinou para a frente.

– Quer dizer então que você está com raiva... – disse.

Wolf refletiu por um instante.

– Para falar a verdade, não.

Novamente a psiquiatra jogou o bloco para o lado, com força suficiente para que ele deslizasse da mesinha para o chão. Aparentemente quem estava puta ali era ela.

Desde sua reintegração à polícia, Wolf vinha se consultando todas as segundas-feiras com a psiquiatra que prestava serviços para a Polícia Metropolitana. O consultório dela ficava numa casa geminada de estilo georgiano na Queen Anne's Gate, uma ruazinha tranquila, a não mais que uns três minutos do prédio da New Scotland Yard, e era identificada apenas por uma discreta placa de bronze ao lado da porta.

A mulher tinha uma presença tão elegante quanto o seu entorno. Devia estar na casa dos 60 e poucos anos, orgulhosa da idade que tinha, apreciadora das boas roupas, meticulosa no jeito que esculpia os cabelos grisalhos. Tinha o mesmo ar sério e impositivo daquelas diretoras de colégio das quais não havia criança que se esquecesse.

– Me conte: você tem tido aqueles sonhos outra vez? – perguntou ela. – Aqueles com o hospital?

– Você diz hospital, eu digo hospício.

Suspiro.

– Apenas quando eu durmo – completou Wolf.

– E você dorme quando...

– Quando não consigo mais evitar. E que fique bem claro: não são sonhos, são pesadelos.

– Bobagem – retrucou a psiquiatra. – Não há nada de intrinsecamente pavoroso nos sonhos. Somos *nós* que projetamos o nosso medo neles.

– Com todo respeito... É muito mais fácil dizer uma coisa dessas quando você não passou treze meses da sua vida neste inferno em particular.

Ao perceber que seu paciente estava muito mais disposto a polemizar do que a revelar algo mais pessoal, a Dra. Preston-Hall achou por bem deixar o assunto de lado. Pegou o envelope lacrado que ele havia trazido, abriu-o e leu o relatório que Finlay Shaw enviava toda semana. Pela expressão em seu rosto, parecia ver naquilo o mesmo desperdício de tempo, árvores e tinta de caneta que Wolf também via.

– Pelo que diz aqui, o sargento Shaw está mais do que satisfeito com o jeito como você enfrentou todo esse estresse dos últimos dias. Numa escala de um a dez, deu a você um dez. Só Deus sabe no que ele baseia essa escala. De qualquer modo... parabéns.

Wolf olhou através da janela para a gloriosa arquitetura oitocentista dos imóveis do outro lado da rua, preservados ou reformados de modo fiel ao estilo original. Não fossem os ruídos urbanos de uma segunda-feira tão caótica, pensaria que viajara no tempo. Uma brisa suave encontrou seu caminho sala adentro, um alívio diante das temperaturas que não paravam de subir do lado de fora.

– Vou recomendar que passemos a nos encontrar duas vezes por semana até

a conclusão deste caso – prosseguiu a psiquiatra, ainda com os olhos voltados para o detalhado relatório redigido com os garranchos de Finlay e certamente ditado por Wolf.

Wolf empertigou o tronco, contendo-se para não explodir.

– Obrigado pela preocupação – disse, nem um pouco convincente. – Acontece que não tenho tempo para isso. Tenho um assassino para encontrar.

– É aí que está o problema. Neste "tenho". Será que você não está repetindo o mesmo erro da outra vez? Prender esta pessoa não é uma responsabilidade exclusivamente sua. Você tem companheiros, uma equipe...

– Também tenho uma cabeça a prêmio.

– E eu tenho as minhas responsabilidades profissionais.

Wolf ficou com a nítida impressão de que a mulher começaria a sugerir três encontros por semana caso ele continuasse a argumentar.

– Muito bem, então – disse ela, consultando sua agenda. – Que tal esta quarta-feira pela manhã?

– Nesta quarta estarei concentrando toda a minha energia para impedir o assassinato de um homem chamado Vijay Rana.

– Então na quinta?

– Tudo bem.

– Às nove?

– Ok.

A Dra. Preston-Hall assinou a papelada e sorriu com satisfação. Wolf saiu em direção à porta.

– William – disse ela, antes que ele partisse. – Cuide-se.

Wolf acatara com cordialidade a sugestão de Simmons de que ele tirasse o domingo de folga após todo o tormento de sábado. Sabia que o chefe não estava fazendo mais do que virar a bunda para a parede, preferindo esperar o aval da psiquiatra antes de aceitá-lo de volta ao trabalho. A caminho de casa, passara num supermercado Tesco e comprara comida suficiente para sobreviver o resto do fim de semana, supondo corretamente que encontraria um bando de repórteres à sua espera na rua. Por sorte conseguira evitá-los ao passar por baixo do cordão de isolamento que os peritos da polícia manteriam ali até o término do seu trabalho.

Aproveitara esse pequeno descanso forçado para abrir algumas das caixas de papelão que Andrea tinha arrumado para ele meses antes. Em tese elas deveriam conter metade de uma casa, mas estavam bem longe disso e, pelo visto, também não continham um carro.

Andrea havia ligado dezessete vezes desde a noite de sábado, mas ele não atendera a nenhuma das chamadas. Tinha falado apenas com a mãe, que parecera genuinamente preocupada por dois minutos inteiros antes de passar ao tópico muito mais importante da cerca quebrada da sua vizinha Ethel, assunto que acabara ocupando integralmente os quarenta minutos finais da ligação. Ele prometera dar um pulo em Bath pelo fim de julho para consertar a tal cerca. Pelo menos seria poupado dessa amolação caso fosse brutalmente assassinado no dia 14.

Chegando ao Departamento de Homicídios e Crimes Hediondos, ele deparou com o barulho inconfundível de uma furadeira. Uma equipe de pedreiros mal-encarados começava a consertar os estragos causados pela água na Sala de Interrogatórios. À medida que adentrava o salão, identificou diferentes reações por parte dos companheiros: muitos o cumprimentaram com um sorriso compassivo; um desconhecido se ofereceu para buscar um café; outro, que sequer participava do caso, afirmou categoricamente: "A gente ainda vai pegar esse filho da puta." Outros o evitaram por completo, talvez vendo nele um morto-vivo ou receando morrer por tabela com o peixe venenoso, a substância química, o pólen alergênico ou o que quer que o psicopata escolhesse para despachá-lo.

– Finalmente! – exclamou Emily Baxter quando ele se aproximou da mesa que ela dividia com Edmunds. – E aí? Descansou direitinho enquanto a gente ralava, fazendo seu trabalho por você?

Wolf ignorou a alfinetada. Sabia mais do que ninguém que a hostilidade da colega era um comportamento usual: se estava infeliz, ficava agressiva; se estava confusa, inventava alguma discussão; se estava constrangida, resvalava para a violência. Mas era estranho que tivesse permanecido tão reservada desde o desastroso noticiário da noite de sábado: nem tentara encontrá-lo por telefone, mesmo sabendo que talvez fosse a única pessoa com quem ele gostaria de falar.

Vinha agindo como se nem soubesse da existência da tal lista, e Wolf achou melhor não confrontá-la.

– Pois é – disse ela e apontou para Edmunds a seu lado. – Pelo visto nosso amigo aqui não é tão inútil quanto a gente imaginava. – Em seguida colocou Wolf a par dos últimos acontecimentos.

Eles haviam sido obrigados a desistir das flores como pista principal após ouvirem de um especialista que a tal ambrosia podia ser cultivada em qualquer estufa do país. Além disso, os buquês haviam sido comprados em diferentes floriculturas da cidade e pagos em dinheiro pelo correio.

Dando sequência às investigações iniciais de Edmunds, eles foram ao escritório da fornecedora de refeições Complete Foods e tinham em mãos uma longa lista com os nomes dos funcionários que haviam trabalhado na noite anterior à intoxicação de Naguib Khalid. Mais importante que isso, nas imagens das câmeras de segurança eles tinham identificado o vulto de um desconhecido entrando na cozinha da empresa nas primeiras horas da manhã. Edmunds entregou a Wolf um pendrive com o vídeo. Orgulhoso da própria eficiência, dava a impressão de que um afago na cabeça não seria de todo descabido.

– Mas tem uma coisa que ainda não está batendo – disse ele.

– De novo, não... – resmungou Emily.

– Descobri que o mesmo peixe venenoso foi entregue em outros três lugares além do presídio. Isto é, três outras pessoas ingeriram a mesma tetrodotoxina, duas das quais já morreram.

– E a terceira? – perguntou Wolf, intrigado.

– Um aluno...

– Um gótico muito sortudo da St. Mary's Academy – interrompeu Emily. – Faltou à aula justamente no dia da sua quentinha personalizada.

– Pois é – disse Edmunds. – É muito estranho que o assassino tenha fornecido essa lista de seis pessoas para depois matar aleatoriamente outras três.

– Duas e meia – corrigiu a sargento Baxter.

– Ele nem se deu ao trabalho de assumir a responsabilidade por essas mortes adicionais. Assassinos em série não agem assim. Aí tem coisa.

Impressionado, Wolf virou-se para a detetive e disse:

– Agora entendo por que você gosta tanto dele.

Edmunds abriu um sorriso de orgulho.

– Não gosto – retrucou ela.

Edmunds fechou seu sorriso.

– Quando *ela* estava sob minha supervisão – Wolf contou a ele –, eu não dava esse mole de deixar que dividisse a minha mesa.

– Não amola – disse ela.

– E a bombinha? Alguma novidade?

– O tubo foi desmontado e soldado de volta. Não havia nenhum medicamento dentro dele, apenas um composto químico cujo nome eu nem consigo pronunciar – disse Emily. – Ainda estamos investigando, mas parece que é um composto comum, desses que qualquer pivete pode fabricar no laboratório de química da escola. Portanto... melhor não cantar vitória antes da hora.

– De qualquer modo – interveio Edmunds –, para trocar os inaladores o assassino precisou chegar muito perto do prefeito, provavelmente na mesma manhã do crime. Então... por que não matou o homem ali mesmo? Tudo indica que o mais importante não seja só a vingança, mas a teatralidade da coisa toda.

– Faz sentido – concordou Wolf, que hesitou um segundo antes de tocar no mais delicado dos assuntos, aquele que todos vinham evitando até então. – E as pessoas da lista? O que está sendo feito com relação a elas?

Visivelmente tensa, Emily disse:

– Nada está com a gente. Estamos trabalhando com os que já morreram, não com os que ainda vão... – Ela se calou a tempo, dando-se conta da mancada. – Você vai ter de falar com o seu parceiro.

Wolf se levantou. Antes de sair, perguntou casualmente:

– Alguma notícia do Chambers?

– Por que você quer saber? – devolveu Baxter, desconfiada.

– Por nada – disse Wolf, sacudindo os ombros. – Fico imaginando se ele já sabe de tudo que aconteceu. Sei lá, acho que vamos precisar de toda a ajuda que estiver ao nosso alcance.

Cansado do olhar indiscreto dos curiosos, Wolf vinha trabalhando incansavelmente no isolamento da sala de reuniões, onde alguém, com uma letra bastante elaborada, havia escrito “Boneco de Pano” sobre as duas colagens fotográficas que ele havia organizado. Não fazia a menor ideia de como encaixar

o maldito pendrive de Edmunds na entrada da televisão da sala, e já estava quase desistindo quando Finlay, quinze anos mais velho, entrou e disse:

– Tem um buraco na lateral do aparelho. Não, não, mais para baixo... Deixa que eu coloco para você. – Ele tomou o dispositivo da mão de Wolf e o plugou sem nenhuma dificuldade.

Na tela de menu havia apenas um arquivo: o vídeo com as imagens da câmera de segurança.

– E aí, quais são as novidades? – perguntou Wolf.

– Despachamos policiais para proteger Jarred Garland, Andrew Ford e Ashley Lochlan. Só os que moram em Londres.

– Claro, por que ele me provocaria se quisesse matar alguém fora da minha jurisdição?

– Pois é, meio por aí. Os homônimos que moram fora da capital são problema das suas polícias locais – disse Finlay. – Por enquanto não temos a menor ideia do paradeiro de Vijay Rana. O cara é contador e morava em Woolwich até cinco meses atrás, quando sumiu no mapa depois que a Receita Federal descobriu as falcatruas fiscais que ele vinha cometendo. Está na lista negra do Departamento de Fraudes, mas parece que ainda não foram muito longe no caso dele. De todo modo, pedi que mandassem o dossiê.

Wolf conferiu seu relógio, depois disse:

– Temos 38 horas até quarta-feira. Vamos rezar, pelo bem dele próprio, para que a gente o encontre antes do assassino. E os outros, quem são?

– Garland é jornalista. Nada mais natural que tenha um monte de inimigos. Temos duas Ashley Lochlan em Londres. Uma é garçonete e a outra é uma menina de 9 anos.

– Mas as duas estão sendo protegidas, certo?

– Claro. E Ford é um segurança, eu acho. Pelo menos era. Até pendurar as chuteiras com uma dispensa médica.

– Qual é a conexão entre eles?

– Por enquanto nenhuma. A prioridade neste momento é localizá-los e protegê-los.

Wolf ficou calado por um tempo, ruminando suas conjeturas.

– Pensando no quê, companheiro? – perguntou Finlay, curioso.

– Estou aqui me perguntando: com quem será que esse Vijay Rana fodeu

com a sua contabilidade criativa? Seria um jeito muito inteligente de descobrir o paradeiro de um foragido: botar a polícia atrás dele.

– É verdade.

– Talvez seja melhor permanecer na sua toca por enquanto.

– Talvez.

Só então Wolf notou a papelada que Finlay trouxera. No topo da pilha via-se a fotografia de uma mulher de meia-idade vestindo apenas o que deveria ser uma lingerie sexy.

– Que porra é essa, cara?

Finlay riu e disse:

– Seu fã-clube! As Lobas do Wolf, como elas mesmas se denominam. Agora que você é um homem condenado, todas as malucas do país saíram do manicômio com uma proposta indecente para lhe fazer.

Wolf foi examinando alguns dos papéis no topo da pilha, sem acreditar no que estava vendo, enquanto Finlay examinava o resto, jogando no chão o que julgava irrelevante.

– Esta aqui até que mandou bem! – exclamou ele a certa altura. – Vestiu uma camiseta da campanha que fizeram para você na época: "Libertem o Lobo!" Ainda tenho a minha. Mas, claro, não fico tão sexy assim.

Refletindo melhor, Wolf concluiu que deveria ter previsto aquela loucura toda. Era o mesmo tipo de correspondência que tantas vezes vira receber os monstros condenados à prisão perpétua que ele próprio ajudara a prender. Assim como era capaz de esboçar um perfil psicológico dos assassinos que passavam por suas mãos, ele quase podia enxergar essas mulheres à sua frente: desesperadas, solitárias, socialmente ineptas, geralmente vítimas de algum abuso doméstico crônico, convencidas de que nenhum ser humano era intrinsecamente mau, de que podiam sozinhas salvar a alma daquela gente tão mal compreendida pela lei.

Pelo que tinha lido, Wolf sabia que esse curioso passatempo era muito comum nos Estados Unidos, onde inúmeras instituições estimulavam as pessoas a escrever para um dos milhares de detentos à espera do cumprimento da sua sentença de morte. Por que diabos elas fariam uma coisa dessas? Para estabelecer uma relação com os condenados e depois martirizar a si mesmas com o final trágico de uma história de cinema? Para exercitar seus corações volúveis numa

relação com prazo de validade? Para fazer parte de algo maior e bem mais interessante do que suas próprias vidas medíocres?

Wolf era experiente o bastante para saber que não podia verbalizar suas opiniões. Receando a ira dos politicamente corretos, tinha na ponta da língua todo um discurso de indignação para recitar diante de cada verdade ou observação polêmica. Compreendia que aquela gente pensaria de outra forma se, como ele, não fosse poupada dos aspectos mais pavorosos do mundo cão: se, como ele, tivessem de encarar o olhar incontrito daqueles predadores ferozes; se, como ele, tivessem de empapar os sapatos de sangue ao pisar na cena de um crime hediondo; se, como ele, tivessem de fazer toda uma ginástica mental para consolar os parentes dos mortos. Quantas dessas pessoas ainda se disporiam a escrever um bilhete que fosse se conhecessem de perto aqueles monstros?

– Opa, olha só pra esta aqui! – exclamou Finlay, alto o bastante para que alguns do outro lado da porta virassem a cabeça. Erguia à sua frente a fotografia de uma loura de seus 20 e poucos anos, trajando um dos uniformes de gala da polícia.

Wolf espantou-se ao examinar a foto, convencido de que ela poderia figurar na capa de qualquer revista masculina.

– Pro lixo – disse ele afinal. Já tinha no pé um sociopata sedento de atenção, não precisava de outros.

– Mas... ela se chama Missy... é de Brighton... – afirmou Finlay, lendo o resto do e-mail.

– Pro lixo! – repetiu Wolf. – Como é que eu faço pra tocar a porra desse vídeo?

A contragosto, Finlay jogou o papel no chão, sentou-se ao lado do detetive e apertou um botão no controle remoto.

– Você vai se arrepender amargamente se estiver morto daqui a duas semanas – disse.

Wolf ignorou-o, preferindo concentrar toda a sua atenção na tela grande da TV. As imagens, bastante granuladas, eram de uma câmera postada no alto do galpão onde funcionava a cozinha da Complete Foods. Duas caixas mantinham aberta a porta dupla e o que se via para além dela eram funcionários mal-pagos realizando seu trabalho roboticamente ao mesmo tempo que cultivavam sua próxima lesão por esforço repetitivo.

De repente surgiu no enquadramento o vulto inconfundível de um homem. Comparando-o às dimensões de uma porta padrão, Edmunds calculou que ele tinha pouco mais de 1,80 metro. Embora estivesse chegando de fora, vestia um avental sujo, uma rede na cabeça e uma máscara no rosto, assim como todos os outros. Hesitou apenas um instante para decidir qual rumo tomar, depois seguiu com passos resolutos até sumir do outro lado de uma pilha de caixas prontas para entrega, onde ficou por dois minutos. Em seguida voltou à porta e saiu noite afora sem que ninguém desse pela presença dele.

– Bem, isso não adiantou muita coisa, não é? – suspirou Finlay.

Wolf pediu que ele voltasse o vídeo até o quadro mais nítido do rosto do homem, dentro do que permitia a resolução. Por alguns segundos os dois ficaram estudando a imagem. Mesmo depois que os técnicos a corrigissem no computador, não havia muito o que ver: a máscara cobria boa parte do rosto e a rede cobria boa parte do que parecia ser uma cabeça calva. O único aspecto digno de atenção era o avental aparentemente sujo de sangue seco.

Naguib Khalid estava preso numa unidade de segurança máxima. Matá-lo decerto havia exigido um planejamento demorado e complexo. Por isso Wolf supunha, talvez erradamente, que o assassino o tivesse matado primeiro, antes de passar para os alvos mais fáceis. Ele agora se perguntava qual das outras cinco vítimas já estaria desmembrada no momento da filmagem e, mais importante ainda, por quê?

Capítulo 9

Segunda-feira, 30 de junho de 2014
18h15

Edmunds erguia os dois pequenos frascos contra a luz. Um deles se intitulava "Rosa do Cairo", e o outro, "Sherwood". Mesmo após três minutos inteiros de meticulosa comparação, os dois esmaltes pareciam ser exatamente da mesma cor.

Ele estava no labiríntico primeiro andar da Selfridges, onde ficavam os quiosques de cosméticos, que, dispostos de maneira aparentemente caótica, serviam como uma espécie de quebra-mar contra o tsunami de clientes que entrava pela Oxford Street. Havia passado por um sem-número de rostos igualmente desorientados, pessoas separadas dos seus amigos ou parentes e abandonadas para vagar ao léu entre os balcões de rímel, batom e cremes de toda sorte que nenhuma delas pretendia comprar.

– Posso ajudá-lo? – perguntou uma loura bem maquiada, vestida de preto da cabeça aos pés. Nem mesmo as muitas camadas de base conseguiam esconder o sarcasmo do sorriso que ela abriu ao notar os cabelos desgrenhados do detetive e as duas unhas que ele havia pintado de roxo.

– Vou levar estes dois – informou ele, satisfeito, borrando a mão da moça com um pouco de *glitter* roxo ao entregar os frascos.

Com um sorriso largo e bajulador, pronta para tirar de Edmunds uma pequena fortuna, ela o conduziu para o caixa do outro lado do seu pequenino império.

– Eu amo o Sherwood – disse. – Mas também adoro o Rosa do Cairo.

Edmunds comparou mais uma vez os dois frascos no fundo cavernoso da sacola que ela lhe entregou, e novamente não viu diferença alguma entre eles. Em seguida guardou o recibo na carteira, rezando para ser reembolsado mais tarde

por aquela despesa que equivalia mais ou menos à metade do seu orçamento mensal para compras de mercado.

– Posso ajudá-lo em algo mais? – perguntou a moça, voltando à frieza habitual agora que havia efetuado sua venda.

– Sim. Como é que eu saio daqui? – Fazia muito que ele havia se perdido dentro da loja.

– Vá na direção das escadas rolantes. A saída fica logo depois.

Edmunds costurou seu caminho até as escadas, mas deparou com um segundo labirinto, talvez pior que o primeiro: a seção de perfumes. Cumprimentou um homem pelo qual já havia passado três vezes na seção de cosméticos, respirou fundo e retomou bravamente sua caçada pelas portas de saída.

Esse demorado desvio no seu caminho de volta para casa tinha a ver com um fato novo na investigação. Terminado o trabalho dos peritos na cena do crime, ainda no domingo, o Boneco de Pano fora levado para o necrotério da polícia. A tarefa não foi nada fácil, dada a necessidade de se preservar a postura exata durante o transporte, bem como a distribuição do peso dos diferentes membros. Eram onze horas daquela manhã de segunda-feira, quando, após uma interminável bateria de testes, exames e amostragens que havia consumido todo o resto do domingo, finalmente Emily e ele ganharam acesso ao corpo costurado.

Longe da penumbra surreal da cena do crime, sob a luz implacável das lâmpadas fluorescentes de um laboratório pericial, o incoerente cadáver se revelava ainda mais repugnante: nacos de carne mutilados sem nenhum cuidado, apodrecendo aos poucos na refrigeração da sala. Os pontos grosseiros que alinhavavam as partes, antes tão sobrenaturais, não passavam de mais um aspecto da violência animal praticada nos corpos individuais.

– E aí, como andam as investigações? – perguntou Joe, o legista de jaleco branco e cabeça raspada que aos olhos de Edmunds mais parecia um monge budista.

– De vento em popa – ironizou Emily.

– Mal assim, é? – riu o homem, aparentemente acostumado, ou afeito, à hostilidade da detetive. – Talvez isto possa ajudar – disse ele, entregando a ela uma embalagem plástica com um anel grande no interior.

– Já disse mil vezes que não quero nada com você, cara – retrucou ela,

arrancando mais uma risada do simpático legista.

– Estava na mão esquerda, uma mão masculina. As impressões digitais não são as da vítima.

– De quem, então?

– Sei lá. Pode ser que não seja nada de relevante.

Um tanto desanimada, a detetive disse:

– Não tem mais nada que você possa revelar sobre estas impressões?

– Tem.

Ela arqueou as sobrancelhas, ansiosa.

– Ele... ou ela... tinha dedos – disse Joe.

E as sobrancelhas despencaram. Edmunds deixou escapar uma risada, que procurou transformar num acesso de tosse assim que viu o olhar fulminante da chefe.

– Brincadeirinha – desculpou-se o legista. – Mas fique tranquila, tenho mesmo algo importante para mostrar – disse ele, apontando para a perna masculina negra, sobre a qual se via uma grande cicatriz cirúrgica. Em seguida, erguendo uma radiografia contra a luz, chamou atenção para as duas barras compridas e muito brancas que contrastavam com os ossos desbotados. – São as placas e os pinos que sustentam a tíbia, a fíbula e o fêmur. Foi uma cirurgia grande e complexa, dessas em que os médicos ficam se perguntando se não é melhor amputar. Alguém há de se lembrar dela.

– Essas próteses... Por acaso elas não vêm com um número de série ou algo assim? – perguntou a sargento Baxter.

– Posso dar uma olhada – disse Joe. – Em todo caso, não sei se é possível fazer um rastreamento se a cirurgia tiver acontecido há muito tempo. E esta cicatriz não parece nada recente.

Enquanto Emily examinava a radiografia com o legista, Edmunds curvou-se para ver de perto o braço feminino direito, que parecia apontar para o reflexo deles nas vidraças de uma janela. Todas as unhas da mão estavam perfeitamente pintadas com um esmalte roxo, mas...

– A do indicador é diferente! – exclamou ele.

– Ah, você notou – disse Joe. – Eu ia mesmo falar disso. Na escuridão do apartamento não dava para ver, mas você tem razão: um esmalte diferente foi usado na unha do indicador.

– E como é que isso pode nos ajudar? – indagou Emily.

Joe buscou uma lanterna de raios ultravioleta e correu o lume roxo sobre o braço gracioso da morta, revelando manchas escuras aqui e ali, sobretudo na região do pulso.

– Houve uma luta – explicou ele. – Mas veja estas unhas... Nenhuma delas está quebrada. E o esmalte está perfeito. Com certeza foi pintado depois.

– Depois do quê? Da luta ou da morte? – perguntou a detetive.

– Dos dois, eu diria. Não encontrei nenhum sinal de inflamação, o que significa que ela morreu logo depois de surgirem os hematomas.

– Hmm. Acho que o assassino está tentando avisar alguma coisa.

Obras de conservação fecharam um trecho pequeno mas importante da linha Northern do metrô. Antevendo a superlotação dos ônibus, Wolf preferiu tomar a linha Piccadilly, descer na estação Caledonian Road e enfrentar a caminhada de 25 minutos até seu apartamento em Kentish Town. Torceu o nariz para a feiura do trajeto após atravessar o Parque Caledonian e deixar para trás a torre do relógio (tanto mais linda quanto maior a pátina dos metais), mas a temperatura havia caído para um nível bem mais civilizado, dando um ar revigorante ao anoitecer naquelas bandas da cidade.

O dia havia sido consumido quase inteiramente na vã tentativa de localizar Vijay Rana. Ele e Finlay tinham se despencado até Woolwich e encontrado a casa do contador, tal como previsto, num estado de total abandono. O jardim se transformara em um grande matagal que chegava a encobrir trechos do caminho que levava até a porta da frente. De uma das janelas se via parte da correspondência acumulada, uma montanha de panfletos e envelopes fechados.

O dossiê enviado pelo Departamento de Fraudes não continha nada de útil e o sócio de Rana, lesado por ele na firma de serviços contábeis, dissera com todas as letras que mataria o sujeito com as próprias mãos se soubesse onde ele estava escondido. A única descoberta interessante era a total ausência de informações a respeito de Vijay Rana de 1991 para trás. Por algum motivo ele havia mudado de nome. No entanto, bastaria um pouco de sorte para que eles encontrassem o nome de batismo nos anais da Justiça ou do Arquivo Nacional e, com isso, conseguissem levantar a ficha corrida do homem, talvez até o seu paradeiro atual.

Wolf estava quase chegando em casa quando avistou um Bentley azul

estacionado ilegalmente diante da porta do prédio. A placa era personalizada. Atravessando a rua, viu que um senhor grisalho esperava ao volante. Tirou as chaves de um dos bolsos da calça, mas, antes que pudesse usá-las para entrar no prédio, ouviu o celular tocar. Era Andrea. Ignorando-a, voltou a guardar o aparelho no bolso e segundos depois ouviu a porta do Bentley bater pesadamente às suas costas.

– Por que você não está atendendo minhas ligações? – esbravejou Andrea.

Wolf bufou acintosamente, depois se virou para a ex-mulher. Vendo-a impecavelmente vestida, concluiu que ela devia ter passado o dia todo diante de uma câmera de TV. Notou que Andrea estava usando o colar que ganhara dele no primeiro aniversário de casamento, mas preferiu não dizer nada.

– Passei toda a noite de sábado trancafiada – prosseguiu ela.

– É isso que acontece com as pessoas que infringem a lei.

– Ah, tenha a santa paciência, Will. Você sabe tão bem quanto eu que se eu não tivesse anunciado aquela lista, outra pessoa faria isso no meu lugar.

– Tem certeza?

– Claro que tenho! Ou você acha que o assassino ia ficar de braços cruzados, dizendo "Ah, que pena, ela não divulgou a minha lista. Melhor esquecer essa história de esquartejar cadáveres por aí"? É evidente que não. Ele teria procurado outra emissora e provavelmente acharia um tempinho na sua agenda para me esquartejar também.

– É isso que você entende por um pedido de desculpas?

– Não tenho nada do que me desculpar. Mas quero que você me perdoe.

– Primeiro a gente pede desculpas, depois é perdoado ou não. É assim que a coisa funciona.

– Ah, é? Quem foi que disse?

– Sei lá... A etiqueta da polícia?

– E por acaso a polícia tem alguma etiqueta?

– Não vou entrar nesse mérito com você agora – disse Wolf, espantado ao ver a facilidade com que eles resvalavam para os maus hábitos do passado, mesmo naquelas circunstâncias. Virando-se para o carro caríssimo do qual ela havia saltado, perguntou: – Desde quando seu pai tem um Bentley?

– Ah, vá à merda! – cuspiu ela, tomando-o de surpresa.

Aos poucos Wolf se deu conta do motivo pelo qual a havia ofendido.

– Caramba. É ele, não é? O seu novo "mozão" – disse ele, estreitando os olhos para enxergar melhor através dos vidros escuros do carro.

– Esse é o Geoffrey, sim.

– Ah. Geoffrey. É esse o nome dele. Bem, Geoffrey me parece bastante... rico. Tem o quê? Uns 60 anos?

– Para de ficar olhando!

– Olho pra onde eu quiser.

– Quanta maturidade...

– Cuidado pra não apertar muito o coroa, hein? Senão vai acabar quebrando alguma coisa. Osteoporose é foda.

Sem conseguir se conter, Andrea chegou a esboçar um sorriso.

– Falando sério... – disse Wolf baixinho. – Foi por causa desse cara aí que você me deixou?

– Deixei você por *sua* causa.

– Ah.

Seguiu-se um silêncio desconfortável. Até que Andrea falou:

– Viemos aqui pra convidar você pra jantar com a gente. Faz quase uma hora que estamos esperando. Estou morrendo de fome.

– Puxa, não vai dar... – grunhiu Wolf, como se estivesse muito desapontado. – É que eu já estava de saída.

– Você ainda nem chegou em casa.

– Olha, obrigado pela gentileza, mas... você se importa se eu ficar de fora dessa vez? Tenho uma porrada de coisas pra fazer e só mais um dia pra encontrar o Rana... – Wolf imediatamente se deu conta de que havia falado mais do que devia.

– Vocês ainda não encontraram o cara? – perguntou Andrea, perplexa.

– Andie, estou *muito* cansado. Nem sei mais o que estou dizendo. Preciso ir, ok?

Wolf deixou-a na calçada e entrou no prédio. Andrea voltou para o carro.

– Perdeu seu tempo, não perdeu? – disse Geoffrey, assim que ela se acomodou no banco a seu lado.

– Pelo contrário.

– Se você está dizendo... Então? Vamos jantar no Greenhouse?

– Você não vai se incomodar de jantar sozinho hoje, vai?

Geoffrey suspirou e disse:

– Já entendi. De volta pra emissora, não é?

– Por favor.

Wolf entrou na quitinete e imediatamente ligou a televisão para abafar mais um bate-boca do casal claramente incompatível que morava no apartamento de cima. O programa da vez tinha algo a ver com o mercado imobiliário, pois o apresentador acompanhava dois recém-casados por uma casa de três quartos situada ao lado de um bucólico parque numa parte bem mais tranquila do país. Era ao mesmo tempo cômico e deprimente ouvi-los deliberar sobre o preço irrisório que estavam pedindo pelo imóvel, um dinheiro que em Londres não seria suficiente para comprar nem mesmo aquele pulgueiro que ele havia alugado semanas antes. Wolf foi para a janela da cozinha e ficou olhando para o apartamento escuro do outro lado da rua, receando ver o Boneco outra vez, pendurado no teto, apontando na direção dele.

Lá pelas tantas o programa chegou ao fim (os recém-casados concluíram que podiam comprar coisa melhor com o dinheiro que tinham) e um sorridente meteorologista entrou no ar para dizer que a noite traria uma forte tempestade para enfim dar cabo do calor dos últimos dias. Ao ouvir isso, Wolf desligou a televisão, fechou as cortinas do quarto e se jogou no colchão com o livro que vinha lendo havia quatro meses. Não tinha virado mais do que uma página e meia quando cedeu ao peso das pálpebras e apagou.

O celular vibrou sobre as roupas que ele havia dobrado sobre o chão; o ruído foi suficiente para despertá-lo. Apesar da sonolência ele logo constatou que o braço queimado, ainda muito dolorido, havia "chorado" sob as bandagens durante a noite. Estranhou o quarto sob a luz cinzenta da manhã, muito diferente dos tons alaranjados das últimas duas semanas. Rolou no colchão e atendeu a chamada:

– Fala, chefe.

– Que merda você aprontou agora? – rugiu Simmons do outro lado da linha.

– Sei lá. Qual foi a merda que eu fiz?

– Sua mulher...

– *Ex*-mulher.

– ... estampou a cara de Vijay Rana no primeiro jornal da manhã e anunciou

pro mundo inteiro que a polícia não teve competência suficiente pra encontrá-lo. Você está querendo o quê? Que eu seja demitido?

– Pelo menos conscientemente, não.

– Você que ateou o fogo, você que apague o incêndio.

– Deixa comigo.

Com as pernas ainda meio bambas de sono, Wolf foi para a sala, tomou dois analgésicos para o braço e novamente ligou a televisão. Lá estava Andrea, impecável como sempre, mas com as mesmas roupas da véspera. Com seu infalível pendor para a dramaticidade, ela agora citava um "porta-voz da polícia", seguramente inventado, que implorava a amigos e parentes de Vijay Rana que o convencessem, para seu próprio bem, a se apresentar no posto policial mais próximo.

No canto superior da tela, um relógio fazia a contagem regressiva para a manhã de quarta-feira. Atordoado, sem saber por onde começar, Wolf viu que dispunha de apenas mais dezenove horas e 23 minutos para agir antes que o assassino fizesse sua próxima vítima.

Capítulo 10

Terça-feira, 1º de julho de 2014
8h28

Londres voltara à sua monocromia habitual, a cor do céu nublado roçando o cinza dos espigões altíssimos que projetavam suas sombras sobre o concreto da paisagem urbana.

Wolf ligou para Andrea no curto trajeto entre a estação de metrô e a New Scotland Yard. Ficou surpreso quando ela atendeu quase imediatamente, depois foi sua vez de surpreendê-la com uma inesperada cordialidade. Andrea jurou de pés juntos que sua única intenção havia sido contribuir com a polícia e se redimir de qualquer inconveniente que pudesse ter causado, argumentando que não podia ser tão ruim assim colocar o país inteiro à procura de Vijay Rana. Wolf não soube o que dizer para contra-argumentar apesar de todo o casuísmo da lógica, mas obrigou a ex-mulher a prometer que passaria a consultá-lo de antemão sempre que tivesse alguma informação mais polêmica para entregar à nação.

Chegando ao sétimo andar, ele deparou com Finlay debruçado no trabalho, falando ao telefone com alguém das Cortes de Justiça, ressaltando o aspecto "vida ou morte" daquela simples tarefa que eles ainda não haviam conseguido executar. Instalou-se na mesa mais próxima e deu uma rápida olhada na papelada deixada pelos detetives do turno da noite, que aparentemente não tinham muito a acrescentar. Na falta de ideia melhor, optou por dar prosseguimento ao trabalho deles, um longo e árduo exercício de paciência ao examinar cada item de um sem-número de extratos bancários, contas de cartão de crédito e históricos telefônicos.

Às 9h23, o telefone de Finlay tocou.

– Shaw falando. – Ele bocejou.

– Bom dia. Aqui é Owen Whitacre, do Arquivo Nacional. Desculpe ter demorado tanto para...

Finlay sinalizou para chamar a atenção de Wolf.

– E aí, conseguiram levantar o nome do cara?

– Felizmente, sim. Aliás, neste exato momento estamos enviando a vocês um fax com todas as certidões. Mas em vista do que... em vista do que descobrimos, achei que devia falar com o senhor pessoalmente.

– Descobriram o quê? Pode falar.

– Acontece que Vijay Rana nasceu Vijay Khalid.

– *Khalid?*

– Exatamente. Então verificamos e descobrimos que ele tem um irmão mais novo: Naguib Khalid.

– Caraca...

– Perdão?

– Nada. Obrigado pela ajuda – disse Finlay, e desligou.

Simmons imediatamente designou três pessoas para ajudar Wolf e Finlay a revirar o passado oculto de Rana. Os cinco se isolaram na sala de reuniões, longe da barulheira e das distrações do salão principal, e atacaram o trabalho com o furor conjunto da pressa e da esperança. Ainda tinham catorze horas e meia para encontrá-lo. Era tempo suficiente.

Edmunds sofria terrivelmente com um torcicolo após a noite mal dormida no inacreditável desconforto daquele maldito sofá. Na véspera chegara em casa (um dúplex singelo que um dia pertencera à prefeitura) por volta das oito horas, deparando com a sogra na cozinha, lavando a louça do jantar. Tinha se esquecido completamente do compromisso. Com as mãos cheias de espuma e a alegria de sempre, a mãe de Tia o recebera com um caloroso abraço, ficando na ponta dos pés para compensar minimamente a diferença de altura entre os dois. Tia, por sua vez, exibia uma tromba de proporções paquidérmicas. Percebendo a eletricidade no ar, a sogra se desculpara e saíra dali o mais depressa possível, tal como mandava a etiqueta da vida familiar.

– Faz quinze dias que a gente planejou esse jantar – disse Tia.

– Fiquei preso no trabalho, desculpa.

– Era pra você trazer a sobremesa, lembra? Tive de improvisar com um dos meus pavês.

Edmunds respirou aliviado. Sabia perfeitamente o que era "um dos meus pavês". Arregimentando os seus talentos de ator, comentou:

– Puxa, que pena... Você podia ter guardado um pouquinho pra mim.

– Você não merece, mas guardei.

– Oba. – *Droga.*

– Então é assim que vai ser nossa vida de agora em diante? Você faltando aos meus jantares e chegando tarde em casa com as unhas pintadas?

Edmunds timidamente começou a descascar o esmalte de uma das unhas.

– São oito e meia, Tia – falou. – Não é exatamente "tarde".

– Quer dizer então que vai ficar pior? *Vai?*

– Pode ser que sim – disse ele, ríspido. – Meu trabalho agora é este, oras.

– Foi por isso que eu não queria que você saísse do Departamento de Fraudes – retrucou ela, erguendo a voz.

– Mas *eu* queria!

– Você não vai poder continuar tão egoísta assim depois que o nosso filho nascer!

– Egoísta, *eu*? – berrou ele de volta, mal acreditando no que tinha ouvido. – Só porque estou me matando de trabalhar pra ganhar o dinheiro que a gente precisa pra formar uma família? Você acha que a gente vai viver do quê? Do seu salário de cabeleireira?

Ele se arrependeu imediatamente do que disse, mas o estrago já estava feito. Tia disparou escada acima e se trancou no quarto, batendo a porta com força. Agora não havia mais o que fazer, senão deixar para se desculpar depois. No entanto, ela ainda não tinha acordado quando, na manhã seguinte, ele precisou sair para o trabalho. Firmou consigo o compromisso de levar um buquê de flores quando voltasse mais tarde.

A detetive Emily Baxter estava à sua espera quando ele enfim chegou à mesa que dividiam. Com sorte não perceberia que ele estava vestindo a mesma camisa do dia anterior (as outras estavam passadinhas no armário, mas dentro de um quarto trancado) e que não conseguia virar a cabeça para a direita. Ela vinha falando com ortopedistas e fisioterapeutas sobre cirurgias de reconstrução da

perna e, ao vê-lo, mandou que investigasse o que fosse possível sobre o anel de prata.

Pesquisando no celular, Edmunds identificou a joalheria mais próxima, voltou à rua e foi a pé até o distrito de Victoria. Na loja foi recebido por um exuberante vendedor que logo se dispôs a ajudar, visivelmente empolgado com todo o drama envolvido na situação. Em seguida foi conduzido até uma sala de fundos, onde o luxo de cristais e veludos da loja dava lugar à mundanidade de uma série de cofres pesados, equipamentos de lapidação, ferramentas sujas e um monitor com as imagens gravadas pelas câmeras secretas que vigiavam cada uma das dezenas de vitrinas blindadas.

Um ourives desmazelado e suarento – escondido ali feito um leproso para não ferir as sensibilidades da clientela endinheirada – levou o anel para a sua estação de trabalho e usou uma lupa para examinar a face interna do aro.

– Platina da melhor qualidade, chancelado pelo Assay Office de Edimburgo e confeccionado em 2003 por alguém cujas iniciais são TSI – revelou ele. – O pessoal de Edimburgo seguramente vai saber informar de quem é este selo de contraste.

– Uau. Muito obrigado. Sua ajuda foi muito importante – disse Edmunds, rabiscando suas anotações, surpreso por ter sido possível extrair tanta informação de símbolos tão estranhos e minúsculos. – Quanto valeria um anel desses no mercado de hoje? – quis saber.

O ourives colocou o anel na bandeja de uma balança, depois abriu uma das gavetas, tirando dela um catálogo já bastante surrado.

– Não é uma joia de grife, o que puxa o valor um pouco pra baixo – adiantou. – Mas temos anéis semelhantes avaliados em torno de 3 mil libras.

– Três mil libras? – espantou-se Edmunds, e por um instante lembrou-se da briga com Tia na noite anterior. – Pelo menos isso dá uma ideia sobre o poder aquisitivo da vítima.

– Ou sobre muito mais – disse o homem com absoluta convicção. – Este deve ser o anel mais sem graça que já vi em toda a minha vida. Nenhum valor artístico. Muito mais uma questão de ostentação, de materialismo, que de substância. Seria mais fácil andar por aí com um maço de dinheiro na mão. Este é o anel de uma pessoa essencialmente materialista.

– Caramba, o senhor devia vir trabalhar com a gente – brincou Edmunds.

– Que nada – disse o outro. – Sei que a polícia paga uma merreca.

Até a hora do almoço a sargento Baxter já havia telefonado para mais de quarenta hospitais. Também distribuíra um bom número de e-mails com uma cópia da radiografia e uma foto da cicatriz quando um dos cirurgiões se apresentou como o autor da complexa cirurgia, voltando a ligar cinco minutos depois para dizer que jamais deixaria uma cicatriz tão horrenda e que não tinha mais nenhuma contribuição a dar. Na falta de uma data e de um número de série, aqueles dados eram simplesmente vagos demais.

Ela espiou Wolf na sala de reuniões. Viu que ele também estava pendurado ao telefone, trabalhando freneticamente com sua equipe na localização de Vijay Rana. Ainda não havia sequer mencionado o fato de que o nome dele estava na lista do assassino, talvez porque não soubesse muito bem que tipo de reação ele esperaria dela. Agora, mais do que nunca, não tinha a menor ideia do que eles significavam um para outro. Contudo, admirava que ele tivesse buscado refúgio e forças no próprio trabalho. Outros mais fracos teriam desmoronado psicologicamente, fugido para algum fim de mundo ou procurado algum tipo de consolo nas pessoas mais próximas. Wolf não. Pelo contrário, parecia ter ficado ainda mais forte, mais determinado, mais como o homem que ela havia conhecido durante o caso do Cremador: uma bomba-relógio ao mesmo tempo eficiente, implacável e autodestrutiva. Ninguém havia notado ainda a sutil mudança no seu comportamento, mas talvez fosse uma questão de tempo.

Edmunds fizera um belo progresso com seu anel. Já tinha contatado o Assay Office de Edimburgo e descoberto que o tal selo de contraste com as iniciais TSI pertencia a uma ourivesaria independente no centro histórico da cidade, à qual ele já havia enviado uma foto do anel junto com as dimensões aproximadas. Enquanto aguardava pela resposta dos escoceses, procurava ocupar a cabeça comparando os novos esmaltes de unha que havia comprado mais cedo: a caminho do trabalho, passara por duas drogarias diferentes e agora era o orgulhoso proprietário de outros seis frascos cintilantes, nenhum dos quais parecia bater com os dois tons de roxo que ele vinha procurando.

– Você está um lixo – observou sua chefe após o telefonema para mais um hospital.

– Não dormi muito bem, só isso – disse Edmunds.

– Ontem você estava usando essa mesma camisa.

– Estava, é?

– Em três meses de convivência nunca vi você usar a mesma camisa duas vezes seguidas.

– Não sabia que você era tão observadora.

– Vocês brigaram – afirmou ela, divertindo-se talvez mais do que devia com a reticência dele. – E você dormiu no sofá, não foi? Todos nós já passamos por isso um dia.

– Se você não se importar, será que podemos falar de outro assunto? – pediu ele.

– E então? Qual foi o motivo da briga? Ela não gosta que você trabalhe com uma mulher, é isso? – provocou Emily, rodopiando na cadeira para encará-lo e bater os cílios feito uma loura fatal.

– Não.

– Ela perguntou como foi seu dia e você se deu conta de que não tinha nada pra contar que não envolvesse cadáveres mutilados e prefeitos incinerados, certo?

– Também não. Conversamos sobre esmaltes – devolveu Edmunds, erguendo os dedos pintados, para provar que não se deixaria irritar assim tão facilmente.

– Nesse caso... aposto que esqueceu alguma data importante. O aniversário dela, o aniversário de namoro... – Vendo no silêncio dele um sinal de que estava no caminho certo, Baxter permaneceu com os olhos plantados no garoto, pacientemente esperando pela resposta.

– Jantar com a sogra – balbuciou ele.

Emily irrompeu numa sonora gargalhada.

– *Jantar com a sogra?* Ah, fala pra ela se ligar. Estamos tentando pegar um assassino em série, porra. – A detetive se inclinou como se fosse confidenciar um segredo. – Teve uma vez que eu estava de rolo com um cara aí. Perdi o enterro da mãe dele porque estava perseguindo um barco no Tâmisa! – disse, e mais uma vez começou a rir.

Edmunds riu também, mas se sentiu culpado por não ter tomado o partido da noiva, por não ter explicado que ela ainda estava se adaptando às circunstâncias do seu novo cargo na polícia. Ao mesmo tempo gostou de trocar figurinhas com sua parceira de trabalho.

– Nunca mais tive notícias do fulano – emendou ela, deixando a risada morrer aos poucos.

Edmunds ficou com a impressão de que havia detectado uma pontinha de tristeza naquela acintosa demonstração de segurança, uma rápida centelha de dúvida talvez ao cogitar como as coisas poderiam ter sido se ela houvesse optado por um caminho diferente.

– Só quero ver quando chegar o dia que o seu moleque nascer e você simplesmente não puder dar as caras na maternidade porque está preso na cena do crime.

– Isso não vai acontecer – rebateu Edmunds.

– Será? – insistiu ela, e girou a cadeira para retomar os telefonemas, dizendo enquanto apertava as teclas: – Casamento. Detetive. Divórcio. Pode perguntar pra qualquer um nesta sala. Casamento. Detetive. Divórcio. Ah, boa tarde, quem fala aqui é a sargento-detetive da Polícia Met...

Simmons saiu da sua sala e parou um instante ao ver a pilha de fotografias da necropsia que Baxter havia deixado sobre a mesa vaga de Chambers.

– Quando é que ele volta das férias? – perguntou.

– Não faço a menor ideia – respondeu ela, cobrindo o bocal do telefone enquanto esperava para ser transferida para mais um departamento de fisioterapia.

– Era pra ser hoje, tenho quase certeza.

Ela deu de ombros como se dissesse que não estava nem um pouco interessada no assunto.

– O malandro já me deixou na mão por uma semana quando aquele vulcão entrou em erupção não sei onde, anos atrás – disse Simmons. – Vou ficar muito puto se ele agora disser que está "preso" no Caribe por um motivo semelhante. Dá uma ligada pra ele, por favor.

– Liga você mesmo – disparou Emily, irritada ainda mais com a música de Will Young que tocava do outro lado da linha.

– Estou esperando um telefonema da comandante. Anda, liga aí.

Sem largar o telefone fixo, a detetive Baxter pegou seu celular e ligou para a casa de Chambers, cujo número ela sabia de cor. Foi atendida pela secretária eletrônica.

– Chambers! Aqui é a detetive Baxter. Cadê você, seu filho da puta

preguiçoso? Merda. Espero que os moleques não estejam ouvindo. Ei, Arley e Lori! Se estiverem aí, ignorem o "filho da puta". E o "merda" também, ok? – Foi então que alguém atendeu na ligação com o hospital, pegando-a de surpresa. – Bosta! – deixou escapar, mas não a tempo de desligar o celular.

Quanto mais o tempo passava, maior era a frustração de Wolf. Às duas e meia da tarde ele recebeu uma ligação do policial que enviara até a casa de um primo de Rana: mais um tiro n'água. Podia jurar que Rana e sua família vinham contando com a proteção de parentes e amigos: fazia cinco meses que o homem havia desaparecido com seus dois filhos a tiracolo, duas crianças em idade escolar, difíceis de esconder diante dos acontecimentos daquela última semana.

Ele esfregou os olhos cansados, depois viu Simmons andando de um lado para outro no interior da sua sala, driblando o esporro dos superiores enquanto zapeava pelos canais de televisão à procura das bombas mais recentes.

Outros trinta minutos de total improdutividade se passaram até que Finlay gritou:

– Bingo!

Wolf e os outros interromperam o que vinham fazendo para ouvi-lo.

– Quando a mãe de Rana morreu em 1997, deixou sua casa para os dois filhos. Eles nunca chegaram a vendê-la, mas alguns anos depois passaram o imóvel pro nome da filha recém-nascida de Rana. Mais uma falcatrua fiscal, sem dúvida alguma.

– Onde fica essa casa? – perguntou Wolf.

– Estrada Lady Margaret, em Southall.

– Só pode ser lá.

Wolf perdeu no par ou ímpar, então coube a ele interromper a ligação de Simmons e arrastar o chefe até a sala de reuniões para que ouvisse de Finlay a última novidade. Eles decidiram que Wolf e Finlay iriam sozinhos buscar Rana: diante das circunstâncias, discrição era fundamental para a sobrevivência do homem. E tanto melhor que a imprensa continuasse a desancá-los publicamente, repetindo a toda hora que eles ainda não haviam conseguido localizá-lo. O prazer seria dobrado quando o apresentassem são e salvo na manhã de quinta-feira.

Simmons aventou a possibilidade de usar os seus contatos no Serviço de

Proteção Civil, muito mais preparado que a polícia no transporte e no alojamento clandestino de pessoas juradas de morte, para que dividissem a responsabilidade pela proteção de Rana, e já estava com o telefone na mão para chamá-los quando alguém bateu de leve à porta.

– Agora não! – berrou ele quando viu uma jovem oficial entrar timidamente na sala. – Eu disse que *agora não*!

– Desculpe interromper, senhor, mas acabamos de receber uma ligação. Acho que o senhor vai querer atender.

– E por que a senhorita pensa isso? – devolveu ele, condescendente.

– Porque Vijay Rana acabou de se apresentar na delegacia de Southall.

– Ah.

Capítulo 11

Terça-feira, 1º de julho de 2014
16h20

Finlay havia adormecido ao volante do carro. O que teria sido bem mais desastroso se pelos últimos quarenta minutos eles não estivessem parados na pista interna de uma rodovia completamente congestionada. O barulho da tempestade era forte o suficiente para abafar os roncos dele, que soavam como pedras jogadas, não na água, mas numa chapa fina de metal. Havia muito os limpadores de para-brisa tinham perdido seu efeito e a chuva provavelmente era o motivo de tanta demora.

Como precisavam se manter anônimos, eles haviam requisitado um carro comum e com ele conseguiram passar invisivelmente pelos repórteres acuados pela chuva. Ainda que dispusessem de uma sirene, estavam presos naquele engarrafamento que cobria por completo as quatro pistas da autoestrada. Tampouco conseguiriam ultrapassar pelo acostamento, pois não tinham como alcançá-lo, embora estivessem a uns meros 10 metros de distância dele.

Wolf havia falado ao telefone com o chefe da estação de polícia de Southall, que lhe parecera um sujeito inteligente, bom de serviço. Chamava-se Walker e já tinha revistado Rana antes de confiná-lo numa cela da delegacia com um dos seus guardas plantado à porta. Garantira a Wolf que apenas três pessoas além dele próprio sabiam da presença de Rana no recinto. Impusera à sua equipe uma espécie de "cláusula de confidencialidade", proibindo-os de comentar o que quer que fosse, até mesmo com os companheiros que faziam seu turno na rua. A pedido de Wolf, fechara a delegacia para o público, alegando um falso vazamento de gás, e instruíra seus homens para que ficassem esperando em outras

delegacias. Apesar do engarrafamento, Wolf se sentia mais tranquilo por saber que Vijay Rana estava em boas mãos.

O engavetamento de cinco carros logo adiante foi removido da autoestrada e se tornou fonte de entretenimento para os motoristas que puderam enfim seguir viagem. O trajeto até Southall levou mais de uma hora e ainda trovejava quando Wolf e Finlay desceram do carro. As luzes dos postes já estavam acesas, refletindo-se nos guarda-chuvas que zanzavam de lá para cá e na enxurrada que corria entre a calçada e os carros parados na avenida. Ambos ficaram encharcados na corrida de dez segundos desde o estacionamento até a porta dos fundos da delegacia.

Walker conduziu-os para dentro, trancou a porta rapidamente e os cumprimentou com entusiasmo. Aparentava mais ou menos a mesma idade de Finlay e trajava seu uniforme com orgulho. A incipiente calvície lhe caía tão bem que alguém poderia suspeitar que ele vinha perdendo os cabelos de propósito. Na copa da estação, ofereceu chá e café.

– Então, qual é o plano para o Sr. Rana? – perguntou ele a Finlay, talvez em deferência ao mais velho, pois sabia perfeitamente que era Wolf quem estava no comando da operação.

– Não houve tempo hábil para que o Serviço de Proteção fizesse alguma coisa – disse Finlay, tentando secar o rosto com a manga molhada do paletó. – Eles não fazem nada antes de ter certeza absoluta de que podem oferecer uma solução segura.

– Bem, assim sendo... a casa é sua. Fiquem à vontade.

– Eu gostaria de falar com ele – pediu Wolf, antes que o homem saísse da sala.

Walker demorou um instante para responder, talvez procurando por um jeito menos ofensivo de dizer o que lhe veio à cabeça:

– Detetive Fawkes... – começou ele. – Você se tornou uma verdadeira celebridade com toda essa confusão.

Wolf não entendeu muito bem o que devia ler nas entrelinhas.

– No entanto... e perdoe o desrespeito... você já era uma celebridade *antes* dessa confusão.

– E daí?

– E daí que... quando o Sr. Rana chegou aqui na tarde de hoje, ele estava

muito abalado, dizendo que precisava ficar o mais distante possível da mulher e dos filhos. O que é bastante compreensível, dadas as circunstâncias. Depois teve um acesso de choro por conta do irmão que morreu.

– Hmm – resmungou Wolf, só então entendendo as reservas do delegado, que sabia do seu passado inglório com Naguib Khalid, irmão de Rana. Embora um pouco irritado, gostou de ver que ele conhecia as suas obrigações, que estava apenas fazendo seu trabalho. Então falou: – Olha, antes de tudo isso eu nunca tinha ouvido falar de Vijay Rana. Meu único interesse é manter o homem vivo. Aliás, se alguém precisa de proteção neste nosso encontro, eu diria que seria eu.

– Então você não vai fazer nenhuma objeção se eu estiver presente o tempo todo – disse Walker.

– Pelo contrário – afirmou Wolf com uma ponta de ironia. – Vou me sentir muito mais seguro.

Walker levou-os até a cela temporária que ficava nos fundos do prédio, lá onde esperavam, tensos, os três outros policiais cientes da situação. Fez as devidas apresentações, depois pediu que abrissem a porta da cela.

– Achamos melhor colocá-lo nesta aqui – falou. – O mais longe possível dos outros detentos.

A cela se resumia a um mictório mofado e um catre de madeira com um colchão azul e um travesseiro. Rana estava sentado na beirada da cama com a cabeça caída entre as mãos, o casaco ainda molhado de chuva. Walker aproximou-se e disse:

– Sr. Rana, estes são os oficiais que estão no comando da...

Rana ergueu os olhos injetados e, reconhecendo Wolf, lançou-se na direção dele. Walker e Finlay detiveram-no a tempo, agarrando-o pelos braços para jogá-lo de volta na cama.

– Filho da puta! Filho da puta! – berrou ele, ainda tentando se desvencilhar.

Mas os dois policiais experientes não tiveram nenhuma dificuldade para imobilizá-lo. Baixinho e obeso, com uma barba de alguns dias no rosto largo, Rana acabou amolecendo, jogando-se no travesseiro para chorar. Walker e Finlay esperaram que ele se acalmasse e foram se afastando aos poucos.

Tudo ia bem até que Wolf provocou:

– Meus pêsames pelo seu irmão. Embora o mundo esteja bem melhor sem ele.

Rana voltou a encará-lo com olhos furiosos.

– Seu filho da puta! – berrou e arremeteu uma segunda vez.

Walker e Finlay o imobilizaram de novo, agora com um pouco mais de esforço.

– Porra, Will! – reclamou Finlay, acidentalmente atingido na virilha por um dos joelhos de Rana.

– Mais uma dessas, Fawkes, e eu não vou nem tentar segurar o homem – esbravejou Walker.

Wolf ergueu a mão como se pedisse desculpas e recuou alguns passos para se recostar na parede. Finlay esperou que Rana voltasse a se acalmar, depois o colocou a par dos últimos acontecimentos, dizendo que eles haviam conseguido manter a detenção dele em relativo sigilo, que estavam apenas esperando pelas instruções do Serviço de Proteção Civil, que tudo acabaria bem e que ele havia tomado a decisão correta ao se entregar. Fez o que fora treinado, isto é, conquistou a confiança do detento para depois, como quem não queria nada, dar início a seu interrogatório. Perguntou se ele conhecia alguma das outras pessoas na lista, se possuía algum inimigo declarado, se havia recebido algum telefonema estranho nos últimos dias, se tinha notado algo digno de atenção. Em seguida, pisando em ovos, disse:

– Você se incomoda se fizermos algumas perguntas sobre o seu irmão?

A essa altura estava mais do que claro que Naguib Khalid era o ponto fraco de Vijay Rana. Wolf teve o bom senso de manter os olhos voltados para o chão para não atrapalhar.

– Pra quê? – perguntou Rana.

– Porque pode haver algum vínculo entre aquelas pessoas na lista e as outras que ele já tinha... vitimado – explicou Finlay calmamente.

Wolf revirou os olhos.

– Tudo bem – disse Rana.

– Quando foi a última vez que você esteve com o seu irmão?

– Em 2004, ou... 2005? – calculou ele.

– Quer dizer então que você não foi ao julgamento dele.

– Não, não fui.

– Por quê? – perguntou Wolf, quebrando o silêncio autoimposto.

Walker preparou-se para uma nova intervenção, mas Rana não se mexeu na

cama nem respondeu a pergunta.

– Que espécie de homem é esse que não comparece a um só dia do julgamento do próprio irmão? – prosseguiu Wolf, indiferente aos olhares de Walker e Finlay. – Eu mesmo posso responder: um homem que conhece a verdade, que sabe que o irmão é culpado.

Rana permaneceu calado.

– Foi *por isso* que você mudou de nome anos atrás. Sabia o que ele pretendia fazer e quis ficar longe da história.

– Eu jamais podia imaginar que...

– Você sabia e não fez nada para impedir – rugiu Wolf. – Me diga uma coisa: quantos anos tem a sua filha?

– Fawkes! – gritou Walker.

– Quantos anos? – insistiu Wolf.

– Treze – balbuciou Rana.

– Fico me perguntando se o seu irmão também não teria tacado fogo na sobrinha se tivesse a oportunidade. A garota conhecia o tio, provavelmente confiava nele. Por quanto tempo você acha que ele conseguiria resistir a um alvo assim tão fácil?

– Para! – suplicou Rana, tapando os ouvidos feito uma criança. – Não quero mais ouvir!

– Você, Vijay *Khalid*... Você devia era me *agradecer*! – arrematou Wolf, e martelou a porta da cela para que a abrissem, deixando que Finlay e Walker lidassem sozinhos com o prisioneiro choroso.

Por volta das sete horas Wolf recebeu um telefonema avisando que alguém os procuraria em Southall no máximo às dez e meia. O Serviço de Proteção ainda estava no processo de identificar agentes devidamente treinados e de buscar um refúgio adequado à urgência da situação. Wolf repassou a informação a Walker, que queria vê-lo pelas costas e já nem se dava ao trabalho de disfarçar. Cansado dos olhares acusatórios, decidiu sair para comprar comida, não apenas para ele e Finlay, mas também para Rana. Numa medida de precaução havia instruído Walker a não alimentar o detento com quentinhas ou qualquer outro tipo de entrega. Generosamente se ofereceu para levar comida para todo mundo, não

porque pensava dever favores a alguém, mas porque receava ser barrado na porta caso voltasse de mãos vazias.

Wolf vestiu seu paletó molhado e esperou que um dos policiais abrisse a porta da delegacia, pesada o bastante para abafar o barulho da chuva. Em seguida disparou rua afora, fazendo o possível para evitar os tsunamis provocados cada vez que um carro atravessava uma poça mais profunda. Entrou na primeira lanchonete que viu, uma espelunca com o chão enlameado e escorregadio. Fechando a porta às suas costas, percebeu que o celular estava tocando.

– Wolf.

– Oi, Will. Aqui é Elizabeth Tate.

– Oi, Liz. Em que posso ajudá-la?

Elizabeth Tate era uma advogada linha-dura que também fazia as vezes de defensora pública em diferentes estações da polícia londrina. Com trinta anos de carreira nas costas, era a primeira pessoa a quem podiam recorrer os detentos sem condições financeiras para bancar sua defesa, uma espécie de tábua de salvação para as ovelhas desgarradas e destituídas, desde motoristas bêbados até homicidas. Apesar dos muitos desentendimentos que tivera com ela, Wolf gostava da mulher. Enquanto outros mentiam descaradamente para defender não só os seus clientes culpados, mas sobretudo o próprio ego, Elizabeth defendia os seus apenas até onde mandava a lei e não mais que isso. No entanto, quando acreditava na inocência de alguém, jogava-se com unhas e dentes. Geralmente era aí que ela e Wolf batiam cabeça um com o outro.

– Pelo que sei – disse ela ao telefone –, o Sr. Vijay Rana está sob a sua custódia.

– Uma empanada de salsicha e uma porção de fritas! – gritou alguém na lanchonete, interrompendo momentaneamente a conversa e dando a Wolf os segundos de que ele precisava para inventar sua resposta.

– Não sei do que você está fal...

– Não precisa mentir – adiantou-se Elizabeth. – A mulher dele me telefonou. Fui eu que o defendi num caso aí, ano passado.

– Um caso de evasão fiscal?

– Sem comentários.

– Então é isso: evasão fiscal.

– Já falei com o Simmons. Ele me autorizou a encontrar meu cliente ainda

hoje.

– De jeito nenhum.

– Você não vai me obrigar a recitar por telefone a legislação de 1984 que regulamentou os poderes da polícia, vai? Pois foi isso que acabei de fazer com o Simmons. Por vinte minutos. O Sr. Rana não está apenas sob a sua proteção: ele está detido pelos crimes de que é acusado. Você sabe tanto quanto eu que tudo aquilo que ele disser a você ou a qualquer outra pessoa nos próximos dois dias poderá ser usado para incriminá-lo ainda mais quando for levado a juízo.

– Não.

– Concordei em ser revistada da cabeça aos pés e, claro, não vou me opor a qualquer outra medida de segurança que vocês tiverem instalado por aí.

– Não.

Elizabeth bufou.

– Então liga pro Simmons, depois me liga de volta – disse ela, e desligou.

– A que horas você pode chegar? – resmungou Wolf, novamente ao telefone com a defensora, falando enquanto comia suas batatas gordurosas na delegacia.

Ele havia discutido com Simmons por uns bons dez minutos, mesmo sabendo que não era muito realista achar que o comissário, com sua notória fobia de processos judiciais, fosse endossar uma infração semelhante, isto é, negar a um detento específico o direito de se aconselhar com sua advogada antes de responder judicialmente pelos crimes, antigos porém ainda não prescritos, que ele havia cometido. Simmons, receando que o outro desacatasse suas ordens, relembrou a conversa que eles haviam tido na noite de sábado e reiterou que podia tirá-lo do caso a qualquer momento. Em seguida chamou atenção para o seguinte aspecto: impedir a consulta de Rana com Elizabeth poderia justificar a anulação do indiciamento. Em outras palavras, ele estaria salvando a vida de um criminoso apenas para devolvê-lo às ruas no dia seguinte.

Muito a contragosto, Wolf ligara de volta para a advogada.

– Ainda tenho de terminar algumas coisas aqui em Brentford – disse ela –, depois preciso dar uma passada rápida em Ealing. Devo chegar aí por volta das dez.

– Talvez seja tarde demais. Às dez e meia vão levá-lo embora.

– Não se preocupe. Chego a tempo.

Nesse mesmo instante um trovão estourou por perto e todas as luzes da delegacia se apagaram. As lâmpadas de emergência se acenderam segundos depois, dando ao lugar uma atmosfera lúgubre. O ocupante de uma cela próxima começou a chutar sua porta, fazendo as pancadas ecoarem no corredor claustrofóbico feito um tambor de guerra, em coro com a tempestade do lado de fora. Wolf se despediu de Elizabeth e se levantou. Notando o tremor das mãos, procurou ignorar o motivo: era o seu pesadelo recorrente, aquelas incontáveis noites insones no hospital psiquiátrico, ouvindo os berros incessantes que ressoavam no labirinto de corredores, o baque seco daqueles corpos que se jogavam inutilmente contra a porta dos seus respectivos quartos. Ele respirou fundo para se recompor, enterrou as mãos suadas nos bolsos da calça, depois berrou para um dos policiais de plantão:

– Quero dar uma olhada no Rana!

Ele e Walker seguiram juntos pelo corredor, os passos de um fazendo contraponto com os passos do outro na penumbra. O sentinela rapidamente abriu a porta para os dois visitantes. O interior da cela era um grande breu, praticamente inalterado pela pouca luz que vinha de fora.

– Sr. Rana? – chamou Walker. – Sr. Rana?

Finlay surgiu atrás deles com uma lanterna, apontou o facho para dentro da cela e não demorou para localizar o corpo inerte estirado na cama.

– Merda – disse Wolf, adiantando-se para virá-lo de costas e sentir a pulsação da carótida.

Rana entreabriu os olhos e deu um grito de susto, despertando de um sono profundo. Wolf respirou aliviado. Finlay riu no corredor. Dez e meia não chegava nunca – era o que se via estampado no rosto de Walker.

Capítulo 12

Terça-feira, 1º de julho de 2014
23h28

Segundo a última notícia recebida por Wolf, a equipe do Serviço de Proteção ainda estava engarrafada na autoestrada M25. Um dos plantonistas da delegacia havia colocado seu celular sobre o balcão de modo que todos acompanhassem a reportagem da BBC a respeito do acidente que havia bloqueado o trânsito: um caminhão articulado derrapara no asfalto molhado e o compartimento de carga, num clássico "efeito canivete", atingira os carros das pistas vizinhas. Duas ambulâncias aéreas haviam pousado na autoestrada e pelo menos uma morte fora confirmada.

A luz tinha voltado na delegacia, que se tornava cada vez mais acolhedora à medida que a chuva ia piorando. Finlay novamente cochilava numa cadeira de plástico. Um dos policiais guardava a cela de Rana enquanto os outros dois trocavam olhares de exasperação às costas de Walker: rompendo a 15ª hora de um turno de doze, sentiam-se tão prisioneiros quanto os detentos sob custódia.

Wolf perambulava diante da porta dos fundos enquanto esperava por Elizabeth, que também ficara retida por aquela tempestade que havia muito não se via igual. Ela tinha mandado uma mensagem de texto, comunicando que chegaria em menos de cinco minutos e pedindo a ele que colocasse a chaleira no fogo. Espiando através da portinhola, Wolf viu quando um par de faróis despontou na rua e entrou no estacionamento, que àquela altura já tinha se transformado em uma grande piscina. Um táxi parou bem perto da escada e permaneceu ali por alguns minutos. Um vulto com um capuz na cabeça desceu do banco traseiro, escalou os degraus apressadamente e bateu à porta de metal.

– Quem é? – berrou Wolf do outro lado, não tendo visto o rosto escondido

pelo capuz.

– Quem mais podia ser, ora? – devolveu a voz fanhosa de Elizabeth.

Ao abrir a porta, Wolf foi atropelado pela chuva que caía quase horizontalmente lambida pelos ventos fortes. Em meio aos papéis e pôsteres que voaram para todo lado, ele precisou fazer um esforço adicional para fechá-la novamente.

Elizabeth despiu seu casaco ensopado. Tinha 58 anos e sempre trazia os cabelos grisalhos presos num rabo de cavalo bem firme. Até onde Wolf podia perceber, possuía apenas três conjuntos de roupa, os quais com toda certeza haviam custado muito dinheiro vinte anos antes, mas que agora estavam velhos e fora de moda. Vivia dizendo que havia parado de fumar, embora sempre cheirasse a cigarro. Assim que viu Wolf, abriu um largo sorriso de dentes encardidos e lábios maldesenhados pelo batom rosa-choque, aparentemente aplicado no escuro.

– Liz.

– E aí, meu amor? – Ela jogou o casaco na cadeira mais próxima, depois apertou Wolf para plantar dois beijos exagerados no rosto dele, prolongando o abraço por uma fração de segundo além do que seria normal. O que poderia ser, tal como pensava Wolf, uma demonstração de carinho maternal, uma preocupação com o bem-estar dele. – Está um horror lá fora – disse ela a todos na sala, para o caso de eles ainda não terem percebido.

– Quer beber alguma coisa? – ofereceu Wolf.

– Eu daria um braço por uma xícara de chá – disse ela, histriônica o bastante para garantir a atenção da sua plateia.

Wolf saiu para preparar a bebida, aliviado por não estar presente quando Walker e seus homens fizessem a revista exigida pelas circunstâncias. Sentia-se constrangido de submeter uma colega de tantos anos, uma amiga, a esse tipo de incômodo. Ausente, pelo menos poderia dar a impressão de que não tinha nada a ver com aquilo. Permaneceu na copa quanto pôde, mas, voltando à sala, murchou ao ver que Finlay ainda vasculhava o conteúdo da maleta de Elizabeth, tirando dela um isqueiro, que estava ali por motivos estritamente sentimentais, e duas canetas caras.

– Aprovada! – disse ele rindo, já devolvendo a maleta fechada para a advogada.

Elizabeth bebeu seu chá morno em poucos goles, depois falou:

– Então, onde está meu cliente?

– Vou acompanhá-la até a cela – disse Wolf.

– Ok, mas vou precisar de privacidade.

– Colocamos um sentinela na porta.

– Minha conversa é de natureza confidencial, querido.

– Então vai ter de falar bem baixinho – retrucou ele.

Elizabeth riu.

– O mesmo palhaço de sempre...

Eles estavam a poucos passos da cela de Rana quando o celular de Wolf tocou. O sentinela deixou Elizabeth entrar e trancou a porta novamente. Sem ter o que fazer ali, Wolf deu meia-volta no corredor e enfim atendeu sua chamada. Era Simmons, ligando para dar duas informações importantes. A primeira era que a equipe do Serviço de Proteção Civil, conforme ele acabara de saber, já havia ultrapassado o local do acidente e deveria chegar dali a meia hora. A segunda era bem mais palpitante: nem ele nem Finlay teriam permissão para acompanhar Rana.

– Sem chance – disse Wolf, firme. – Eu vou junto.

– Eles têm um protocolo do qual não abrem mão – argumentou Simmons.

– Caguei pro... A gente não pode simplesmente entregar o homem e deixar que o levem só Deus sabe pra onde!

– A gente pode, sim, e é isso que vamos fazer.

– Você concordou com essa merda? – questionou Wolf, claramente desapontado.

– Concordei.

– Deixa eu falar com eles.

– Esquece.

– Vou pegar leve, prometo. Quero explicar a situação, só isso. Qual é o número?

Wolf ainda discutia com Simmons quando ouviu seu relógio vagabundo alardear a meia-noite. Estava cada vez mais irritado com o cabeça-dura do chefe, que se negava a quebrar a porcaria de um protocolo, alheio às circunstâncias. Dando-se por vencido, chamou-o de "bunda-mole" e desligou.

– Não entendo como você ainda consegue ter amigos – observou Finlay,

acompanhando no celular sobre o balcão, junto com Walker e um policial, as previsões da meteorologia. Falavam de ventos de até 140 quilômetros por hora. – Esse pessoal é muito bem treinado. Você precisa parar com essa sua mania de controle.

Wolf preferiu morder a própria língua antes de dizer algo capaz de arruinar uma das poucas relações de amizade que ainda possuía.

Era nisso que ele estava pensando quando ouviu o sentinela abrir a cela de Rana para que Elizabeth saísse. Ela se despediu rapidamente do cliente e veio caminhando pelo corredor com passos quase inaudíveis: estava descalça, pois Walker havia confiscado os seus sapatos de salto ridiculamente alto. Sem dizer palavra, ela passou por Wolf e recolheu suas coisas.

– Liz? – chamou, estranhando a súbita mudança de humor. – Está tudo bem?

– Tudo – respondeu ela, já vestindo o casaco, abotoando-o com as mãos trêmulas. Em seguida, para surpresa de Wolf, usou o dorso da mão para secar uma lágrima no rosto. Foi em direção à porta e disse: – Eu gostaria de ir embora, por favor.

– Ele falou alguma coisa que a aborreceu?

O sangue de Wolf já começava a ferver nas veias. Ele sentia um carinho especial por aquela mulher que por força do seu trabalho era obrigada a lidar diariamente com a escória do mundo. Rana devia ter feito ou dito algo de muito grave para atingir daquela forma uma pessoa tão calejada.

– Sei me cuidar, William – disse ela rispidamente. – A porta... por favor.

Wolf se adiantou e abriu a pesadíssima porta de correr, deixando entrar mais uma lufada de vento e chuva. Elizabeth subiu o capuz e se preparou para sair.

– Espera – disse Wolf. – Você esqueceu sua maleta na cela.

Elizabeth encarou-o com uma expressão de pavor e ele ofereceu:

– Posso ir lá buscar. Você não precisa ver aquele sujeito de novo se não quiser.

– Amanhã eu volto pra buscar.

– Isso é ridículo.

– Merda, Will, me deixa! – explodiu ela, e se lançou na água para descer ao estacionamento.

Sem tirar os olhos do noticiário, Finlay perguntou:

– Que bicho a mordeu?

Wolf ficou olhando enquanto a advogada corria cegamente em direção à rua. De repente, pressentindo algo ruim dentro do peito, baixou os olhos e conferiu as horas no relógio. Meia-noite e sete. Imediatamente ele se embrenhou no corredor e gritou para o sentinela:

– Abre a porta, rápido!

Assustado, o policial deixou seu molho de chaves cair no chão, dando tempo para que Walker se aproximasse. Quando a porta enfim se abriu, os três depararam com Rana sentado na cama, recostado à parede. Num primeiro momento Walker respirou aliviado, mas depois, observando melhor o detento, deixou escapar um grunhido de espanto.

Rana inclinava a cabeça para a frente com os olhos esbugalhados de um jeito pouco natural, o rosto sombreado pelos roxos e azuis da morte. Uma corda de piano, ou algo parecido, apertava-lhe o pescoço em diversas voltas, abrindo lanhos na pele escura. Cordas semelhantes escapavam da maleta aberta. Uma arma óbvia, pensando em retrospecto.

– Chamem uma ambulância! – berrou Wolf.

Sem hesitar ele correu o mais rápido que pôde para a porta dos fundos, saltou os degraus escorregadios e, com o rosto fustigado pela chuva, atravessou o estacionamento alagado até a rua. Menos de trinta segundos haviam se passado, mas Elizabeth já havia sumido de vista. Mesmo assim ele seguiu correndo pela calçada deserta, passando pelas lojas às escuras, gritando por ela mesmo sabendo que não podia competir com o barulho da tempestade: a percussão dos pingos grossos sobre a lataria dos carros estacionados, o grito das poças atropeladas pelos veículos em movimento.

– Elizabeth! – berrou ele ao vento, e parou de repente ao passar pelo beco estreito que separava duas lojas.

Voltou atrás, parou diante da entrada escura do beco e estreitou os olhos para enxergar melhor o que havia dentro. Depois deu alguns passos e por um segundo ficou ouvindo a chuva contra o lixo cuspido pelas latas tombadas.

– Elizabeth? – chamou baixinho, e avançou mais um pouco, pisoteando garrafas e embalagens.

Não tinha ido longe quando um vulto surgiu do nada e o empurrou contra os tijolos frios da parede mais próxima. Era Elizabeth. Que escapou para a calçada antes que ele conseguisse detê-la pelos panos do casaco.

Wolf partiu atrás dela que emergiu do beco sob a luz amarelada de um poste. Aturdida pelo pânico, Elizabeth correu para a avenida e por muito pouco não foi atropelada por uma van que conseguiu frear a tempo, os pneus derrapando no asfalto, o escândalo da buzina misturando-se ao escarcéu do temporal. Rapidamente ela voltou à calçada e seguiu correndo, mas Wolf estranhou quando a viu reduzir o ritmo das passadas para atender uma ligação do celular. Já estava próximo o bastante para ver o sangue e a lama na sola descalça dos pés dela quando a ouviu berrar ao telefone:

– Está feito! Está feito!

Tentou agarrá-la pelo braço, mas não conseguiu.

Com uma guinada súbita, Elizabeth voltou para as pistas da avenida e já estava no canteiro central quando pisou em falso e caiu atabalhoadamente na contramão. Mais aturdida do que nunca, reuniu as forças que lhe restavam e ficou de quatro no asfalto. Ainda teve tempo de olhar para o alto e ver o horror estampado no rosto de Wolf, que, parado no mesmo canteiro, nada pôde fazer quando um ônibus veio por trás e pegou sua amiga em cheio.

Ela nem teve tempo de gritar.

Wolf foi caminhando lentamente na direção do montículo humano que agora estava a uns 10 metros mais abaixo na pista. Ouvia os carros que freavam bruscamente às suas costas, via os faróis que iluminavam o corpo mutilado, sentia as lágrimas que lhe começavam a brotar. Estava chocado demais para imaginar os motivos que teriam levado Elizabeth a fazer tudo aquilo.

O motorista do ônibus veio correndo a seu encontro, deixando para trás os poucos passageiros que acompanhavam o drama através das suas respectivas janelas. Apesar do pavor, ele exibia no olhar uma centelha de esperança, talvez achando que a mulher caída no asfalto pudesse levantar a qualquer instante, que por sorte nem estivesse machucada, que o infeliz acidente não mudaria em nada a própria vida. Wolf não estava em condições de consolá-lo, nem mesmo de cumprimentá-lo. Sabia que não podia culpá-lo por não ter enxergado Elizabeth no meio daquele aguaceiro, mas via nele o homem que tirara a vida da amiga e naquele momento temia não ser capaz de controlar as próprias emoções.

Outro carro se juntou ao engarrafamento, iluminando o trecho de asfalto à sua frente. Só então Wolf avistou o celular de Elizabeth, abandonado no local exato do atropelamento. Pegou-o de volta e ficou espantado ao ver que a ligação

continuava em vigor, apesar do plástico rachado. Pressionando o aparelho contra o ouvido direito, e tapando o outro com o dedo, conseguiu ouvir a respiração pesada da pessoa que aguardava do outro lado da linha. Teve a impressão de que alguma máquina industrial roncava no fundo.

– Quem está aí? – perguntou ele com a voz embargada.

Não recebeu resposta alguma.

– Aqui é o sargento-detetive William Fawkes, da Polícia Metropolitana. Quem está aí? – repetiu ele, mesmo achando que já sabia a resposta.

As luzes giratórias de um carro de patrulha despontaram ao longe, mas Wolf ficou onde estava, ouvindo o assassino que o escutava de volta. Queria amedrontá-lo com algum tipo de ameaça, provocar algum tipo de reação, mas sabia perfeitamente que não conseguiria articular nada com a revolta e o ódio que sentia no peito. Então continuou ouvindo, ignorando a confusão a seu redor, sem entender por que passara a respirar no mesmo compasso lento do sujeito. Dali a pouco ouviu um estrépito do outro lado da linha e a ligação caiu logo em seguida.

Capítulo 13

Quarta-feira, 2 de julho de 2014
5h43

Karen Holmes nunca dormia direito quando precisava levantar assim tão cedo, além disso acordara diversas vezes durante a noite por causa da tempestade. Saindo da sua casa em Gloucester ainda no escuro, encontrara a lata de lixo no meio da rua e uma das tábuas da cerca do jardim escorada contra o carro do vizinho. Recolhera a tábua pesada, colocara-a no lugar, depois rezara para que o chato não reparasse nos arranhões deixados na lataria.

Ela agora esperava ansiosamente pelo novo boletim de trânsito no rádio do seu carro, um Ford Fiesta antigo. Odiava as visitas que precisava fazer mensalmente à matriz da empresa na capital. Todos os seus colegas debitavam hotel e comida como despesas de trabalho, mas ela precisava voltar no mesmo dia: não tinha com quem deixar os cachorros quando viajava, e o bem-estar deles era sua prioridade.

O trânsito na autoestrada já começava a ficar lento, não só por causa da quantidade de carros, mas sobretudo por conta dos inúmeros radares que faziam par com os muitos cones alaranjados para alertar os motoristas de que uma obra qualquer ia começar em algum momento do futuro próximo, só Deus sabia quando.

Karen baixou os olhos para o rádio e procurou outras estações, receando ter perdido algum boletim de notícias. Ao voltar a atenção para a estrada, avistou mais adiante um volume preto entre os dois protetores laterais do canteiro central, algo embrulhado num saco plástico grande. Achou aquilo estranho, mais ainda quando passou ao lado e, embora estivesse a 80 quilômetros por hora, teve a impressão de que algo se mexia ali dentro. Mas, quando olhou pelo espelho

retrovisor, viu apenas o Audi A4 que por algum motivo insondável decidira colar na sua traseira antes de fazer uma ultrapassagem a mais de 120 por hora, guiado por alguém suficientemente rico ou burro para ignorar os pardais.

Uma placa informava que dali a 2 quilômetros havia um retorno, mas Karen não estava com tempo para parar. Ainda que estivesse, não podia confiar totalmente no que tinha visto. O mais provável era que aquele saco tivesse chegado ali pela força dos ventos e estremecido com a passagem do Fiesta. Mesmo assim ela não conseguia apagar da cabeça a possibilidade de que havia algo vivo dentro dele. Seus dois cachorros – dois Staffordshire bull terriers – haviam sido largados na rua para morrer juntos numa mesma gaiola e resgatados por ela num abrigo para animais abandonados. Seus olhos ficavam marejados toda vez que ela os imaginava em circunstâncias tão cruéis.

Os cones cor de laranja haviam ficado para trás quando uma BMW passou por ela a 160 quilômetros por hora. Se de fato havia cachorros ou qualquer outro animal dentro daquele saco, eles não sobreviveriam por muito tempo. Foi com isso em mente que ela mudou de pista, saiu pela rampa à sua esquerda, fez o retorno e voltou à autoestrada no sentido contrário.

Sem saber ao certo o ponto exato em que tinha passado pelo saco preto, Karen foi seguindo a uma velocidade reduzida pela pista central. Assim que o avistou novamente, ligou o pisca-alerta, parou o Fiesta no acostamento e ficou se sentindo uma perfeita idiota ao constatar que o saco permanecia absolutamente imóvel quando não havia carros passando a seu lado. Então deu seta para voltar à rodovia. No entanto, antes mesmo de arrancar, viu o saco arremeter sozinho para a frente. Com o coração na boca, desceu do carro, aguardou o momento certo e atravessou correndo as três pistas até o canteiro central. Podia sentir a força dos carros que zuniam a poucos metros de distância, a sujeira e a água que eles levantavam do asfalto. Ajoelhando-se ao lado do saco, desconfiada, sussurrou para si mesma:

– Que não sejam cobras... pelo amor de Deus, que não sejam cobras!

Nesse mesmo instante, algo no interior do saco fez mais um movimento espontâneo na sua direção. Ela pensou ter ouvido um gemido. Cautelosamente abriu um buraco pequeno no plástico e foi rasgando aos poucos, receando que o bicho que ali estivesse, fosse o que fosse, saísse correndo desenfreadamente para a rodovia. Na tensão em que estava, acidentalmente abriu um rasgo maior que o

pretendido e, horrorizada, caiu para trás ao ver uma cabeça humana transbordar para o chão, a cabeleira loura e imunda de uma mulher amordaçada e com as mãos amarradas nas costas. A mulher olhou apavorada à sua volta, depois fitou Karen com uma expressão de súplica e apagou.

Edmunds parecia especialmente animado ao passar pela segurança da New Scotland Yard. Na noite anterior chegara em casa a tempo de tomar um banho e levar Tia para jantar fora, o meio que encontrara para se desculpar pelos aborrecimentos da véspera. Ambos tinham vestido suas melhores roupas e por algumas horas haviam se divertido ao fantasiar que estavam habituados àquilo, que eram ricos o bastante para sair toda noite e comer onde bem entendessem. Edmunds chegara ao ponto de pedir um caríssimo filé, mas a ilusão se dissipara por completo quando, trazida a conta, a garçonete berrou para sua supervisora, dizendo que não sabia como subtrair um cupom de desconto da rede de supermercados Tesco.

A animação de Edmunds também tinha a ver com o fato de que ele finalmente havia encontrado a tonalidade exata do esmalte de unha. Ele ainda não sabia ao certo o que fazer com a informação, apenas que aquilo era um primeiro passo na identificação da vítima que doara seu braço direito ao Boneco de Pano. Chegando ao sétimo andar, encontrou a detetive Baxter trabalhando à sua mesa. Mesmo de longe podia ver que ela não estava num dos seus melhores dias.

– Bom dia!

– Algum motivo pra essa alegria toda? – foi o que ela respondeu de volta.

– A noite de ontem foi ótima.

– Não para Vijay Rana...

– Por quê? Caramba, não vá dizer que ele...?

– Nem pra uma mulher chamada Elizabeth Tate, uma amiga de muitos anos. Nem pro Wolf.

– O *Wolf*? Que foi que aconteceu com ele?

Baxter colocou-o a par dos acontecimentos do dia anterior, bem como da descoberta da mulher nas primeiras horas daquela mesma manhã.

– O saco plástico continua lá na perícia, mas isto aqui foi o que os paramédicos encontraram no pé dela quando chegaram ao local – relatou ela,

entregando a Edmunds uma embalagem pericial com uma etiqueta de identificação mortuária dentro.

– "Aos cuidados do sargento-detetive William Fawkes" – ele leu. – O Wolf já está sabendo?

– Não – disse ela. – Ele e Finlay passaram a noite em claro. Foram dispensados pelo resto do dia.

Dali a uma hora a tal mulher surgiu na confusão do sétimo andar, escoltada por uma policial. Viera direto do hospital e ainda estava imunda da rua, o rosto e os braços salpicados de pequenos cortes e hematomas, os cabelos desgrenhados, pintados em todos os tons possíveis desde o louro-oxigenado até o preto. Assustava-se a cada barulho, a cada voz desconhecida. Àquela altura já havia sido identificada como Georgina Tate, a filha de Elizabeth.

Os comentários davam conta de que Georgina havia faltado ao trabalho por dois dias e que Elizabeth telefonara à empresa para justificar a ausência da filha com problemas pessoais, sem fazer nenhuma queixa oficial do desaparecimento dela. Apesar da escassez de informações, não era lá muito difícil ligar os pontos e deduzir o que havia acontecido. Emily Baxter espantara-se ao constatar como havia sido fácil coagir uma mulher tão forte, esperta e incorruptível a matar outra pessoa.

– Ela ainda não sabe – disse Emily, vendo Georgina ser levada para a Sala de Interrogatórios então consertada.

– Não sabe o quê? Que a mãe morreu? – perguntou Edmunds.

– Não está em condições de ouvir uma coisa dessas.

Emily começou a recolher suas coisas.

– A gente vai sair?

– A gente, não. Eu, sim. Na ausência de Wolf e Finlay, quem você acha que escalaram pra fazer o trabalho deles? Como se eu não tivesse mais nada pra fazer... Quem é a quarta pessoa da lista?

– Andrew Ford, o segurança – respondeu Edmunds, surpreso por ela ter precisado perguntar.

– Um babaca de marca maior. Bebe que nem um gambá. Teve a capacidade de quebrar o dente de uma policial ontem à noite quando ela tentou impedir que ele botasse o prédio abaixo.

– Vou com você.

– Não precisa, eu me viro sozinha. Depois tenho uma reunião com Jarred Garland, o jornalista marcado pra morrer daqui a... – Baxter contou nos dedos – três dias. Resolveu gastar seus últimos momentos entre os vivos escrevendo um monte de artigos sobre a incompetência da polícia e o que uma pessoa sente quando está na mira de um assassino em série. Pediram que eu fosse lá "acalmar" o homem, dar uma "injeção de ânimo" nele.

– *Você?* – perguntou Edmunds, e por sorte a detetive Baxter tomou o ceticismo dele como um elogio. – O que eu faço enquanto isso?

– Converse com Georgina Tate, veja se ela consegue lembrar de alguma coisa que possa ser útil pra gente. Continue investigando o anel, precisamos saber pra quem ele foi feito. Veja se o pessoal do necrotério tem alguma novidade. E pegue o celular de Elizabeth assim que ele for liberado da perícia.

A detetive Baxter partiu e Edmunds percebeu que nem tivera a oportunidade de lhe contar sobre o esmalte. Colocou o pequeno frasco sobre a mesa e se sentiu um pateta por ter ficado tão orgulhoso da sua insignificante investigação enquanto Wolf estava lá, perseguindo advogadas homicidas em Southall, despachando mulheres sequestradas para Westminster, conversando ao telefone com a realeza do crime. Sabia que era muito feio, mas chegou a sentir uma pontada de inveja.

– Linda! – riu Elijah, admirando na parede da sala de reuniões a projeção da foto que ele havia comprado por 2 mil libras. – Realmente... linda!

Andrea cobria a boca com a mão, aliviada porque, na escuridão da sala, ninguém podia ver seu rosto molhado de lágrimas. Não havia nada de lindo na tal foto. Na realidade, aquela talvez fosse a coisa mais triste que ela vira na vida: uma imagem em preto e branco de Wolf ajoelhado no asfalto sob a luz teatral de um poste, as poças de chuva refletindo os faróis dos carros e a iluminação das lojas vizinhas. Ela não tinha visto Wolf chorar mais do que duas ou três vezes durante o casamento deles, e em todas elas ficara profundamente emocionada. Aquilo era muito pior. No meio da rua encharcada, ele ainda segurava a mão do cadáver desfigurado de uma mulher mais velha, olhando para o nada com uma expressão de derrota no rosto. Um homem vencido e inconsolável.

Andrea correu os olhos pelos demais à sua volta, para os colegas que riam e

aplaudiam a foto recém-adquirida. Chegou a tremer de revolta, de desgosto. Desprezava a todos com igual intensidade, mas simultaneamente pensava se não estaria fazendo o mesmo se um dia não tivesse amado o homem retratado. Era bem provável que sim. O que a deixou ainda mais desconcertada.

– Quem é a falecida? – perguntou Elijah. Ninguém sabia. – Andrea?

Ela fixou os olhos na foto para escondê-los dos outros.

– Como é que eu vou saber?

– Seu ex-marido parece muito afeiçoado a ela – alfinetou Elijah.

– Talvez até demais – interveio um gaiato no canto da sala, arrancando risos da plateia.

– Pensei que talvez você a conhecesse também – prosseguiu Elijah.

– Infelizmente, não – respondeu Andrea, tão afável quanto possível, alheia aos olhares de surpresa à sua volta.

– Paciência. Seja como for, uma foto dessas vale ouro na TV. Vamos abrir o noticiário com ela e com o nosso relógio marcando o tempo que o tal Rana, ou seja lá qual for o nome do cara, ainda tem pra viver. Falamos alguma coisa sobre a busca da polícia, depois voltamos pra foto com uma pitada de especulação e outra de invencionice. – Todos riram, menos Andrea. – Quem será esta mulher? Por que o principal investigador do caso Boneco de Pano está presente num acidente de trânsito em vez de procurar pela próxima vítima? Será que isso tem alguma conexão com os assassinatos? O mesmo de sempre. – Elijah fez uma pausa, depois perguntou: – Mais alguma coisa?

– A hashtag "riscadodalista" está no topo dos trending topics neste momento – informou um jovem produtor que Andrea achava especialmente irritante, que nunca deixava seu telefone de lado. – E o nosso aplicativo, o Relógio da Morte, já foi baixado mais de 50 mil vezes.

– Merda. A gente devia ter cobrado – disse Elijah. – E o emoji do Boneco, em que ponto está?

Um homem empurrou timidamente sobre a mesa um desenho na direção dele. Elijah examinou-o por alguns segundos e, pela expressão em seu rosto, não entendeu muito bem o que viu.

– Não é fácil capturar o horror da coisa toda numa caricatura assim, tão pequena – defendeu-se o sujeito, preocupado.

– Vai assim mesmo – disse Elijah. – Mas sem os peitinhos. É meio

inapropriado pras criancinhas, você não acha?

Aparentemente satisfeito com a própria magnanimidade, Elijah se levantou e deu a reunião por encerrada. Andrea foi a primeira a sair da sala, mas não sabia ao certo se devia ir para a maquiagem ou para a rua. Sabia apenas que queria ver Wolf.

Simmons olhava fixamente para as duas colagens do Boneco de Pano espetadas no quadro de cortiça. Estava impecavelmente uniformizado, exceto pelo arranhão do sapato direito que não conseguira tirar com a graxa, resultado do chute de fúria que dera no seu armário de arquivo após ver Ray Turnble queimado no chão da Sala de Interrogatórios. De certa maneira aquele risco indelével era apropriado às circunstâncias, um símbolo pessoal da amizade perdida em meio à impessoalidade que ele já previa para a cerimônia daquela tarde: as exéquias públicas do prefeito, que estavam marcadas para a uma da tarde na St. Margaret's, a igreja vizinha à abadia de Westminster (a família havia solicitado uma cerimônia privada noutra data, assim que o corpo fosse liberado).

Antes disso, no entanto, ele teria de fazer um pronunciamento para confirmar oficialmente as mortes de Vijay Rana e Elizabeth Tate. Sua equipe de relações públicas já estava ali, reunida à mesa, procurando uma maneira de dar um "enfoque positivo" à situação. Ele já estava prestes a explodir com as besteiras que ouvia às suas costas quando viu Georgina Tate emergir da Sala de Interrogatórios onde ele ainda não tivera coragem de pisar outra vez, onde talvez nem voltasse a pisar. Jamais esqueceria o horror acontecido ali. Chegava a sentir o cheiro de carne humana queimada toda vez que as imagens terríveis lhe vinham à cabeça.

– Ok, que tal isto? A gente pode chamar atenção pro fato de que conseguimos deter a tal Elizabeth – sugeriu um magricela que aos olhos de Simmons não tinha mais do que 15 anos de idade. – Menos uma psicopata nas ruas da cidade, certo?

Simmons lentamente virou o rosto para encarar os três assessores rodeados de gráficos, tabelas e jornais com manchetes realçadas em amarelo feito o lixo tóxico que de fato eram. Chegou a abrir a boca para dizer algo, mas pensou melhor e mudou de ideia. Apenas balançou a cabeça, com uma expressão enojada, e saiu da sala.

Capítulo 14

Quarta-feira, 2 de julho de 2014
11h35

Emily Baxter tomou o metrô até a estação Tower Hill, saiu à rua e, sem nenhum entusiasmo, foi seguindo obedientemente as instruções que havia recebido de Jarred Garland: contornou a centenária Torre de Londres pela esquerda, depois continuou caminhando pela movimentada rua Tower.

Ainda não conseguia entender por que diabos o sujeito não havia marcado aquele encontro em casa – onde deveria estar, escoltado pela polícia – ou, ao menos, na redação do jornal. Não. Entre todos os lugares possíveis o jornalista imoral, incendiário e oportunista havia pedido que ela o encontrasse justamente numa igreja. Talvez tivesse recorrido à religião nos seus momentos finais de vida, como tantos faziam. Se acreditasse em alguma coisa, ela veria nessas conversões de última hora um insulto.

As nuvens negras começavam a se dissipar, permitindo que o sol aquecesse a cidade por intervalos de alguns minutos. Lá pelas tantas, localizando a torre alta que procurava, Emily dobrou à esquerda na esquina seguinte e ficou boquiaberta com o que viu. St. Dunstan-in-the-East não era exatamente uma igreja, mas uma grande ruína. A torre branca suplantava uma carcaça aberta de paredes e janelas altas quase inteiramente engolida pelas trepadeiras e árvores nascidas com o tempo. O lugar como um todo parecia ter saído diretamente das páginas de um livro infantil, uma igreja escondida no interior de um bosque secreto bem no meio da grande metrópole, invisível para quem a procurasse do alto dos edifícios comerciais que a cercavam.

A detetive Baxter atravessou o portão de ferro, entrou na carcaça e foi seguindo na direção da água que ouviu farfalhando por perto. Do outro lado de

um arco enorme ficava um pátio de paralelepípedos com uma pequena fonte no centro, onde um casal posava para uma selfie, uma senhora obesa dava comida aos pombos e um homem sentava-se sozinho num dos bancos. Aproximando-se deste último, Emily disse:

– Jarred Garland?

O homem ergueu o rosto, surpreso. Devia ter mais ou menos a sua idade, vestia uma camisa justa com as mangas dobradas e era relativamente bonito com seu rosto limpo e seus cabelos cuidadosamente penteados. Olhou-a de cima a baixo e, com um sorriso arrogante, falou:

– Bem, meu dia não poderia ter começado de forma melhor. – Tinha o forte sotaque da zona leste londrina. – Por favor, sente-se aqui – continuou ele, batendo a mão no espaço à sua direita. Riu insolentemente quando ela sentou-se à esquerda.

– Em vez de ficar aí, rindo que nem uma hiena, você bem que podia me explicar uma coisa – esbravejou a detetive. – Por que não quis me encontrar no jornal?

– Porque jornais não gostam nem um pouco de detetives curiosas bisbilhotando as suas dependências. Mas e você, por que não quis me receber na delegacia?

– Porque a polícia não gosta de ver jornalistas inescrupulosos bisbilhotando as suas dependências – retrucou ela. Depois farejou o ar à sua volta e disse: – Especialmente os que usam esses perfumes que embrulham o estômago da gente.

– Quer dizer então que você leu minha última coluna...

– Não tive escolha.

– Fico muito lisonjeado.

– Não fique.

– Mas e aí, o que foi que achou?

– Como é mesmo aquele ditado? A gente não deve morder...

– A mão que nos alimenta? – completou Garland.

– Não, não é esse. Ah, sim: a gente não deve morder a mão da única instituição capaz de nos proteger do facínora ao mesmo tempo doentio e genial que está tentando matar a gente. – Agora foi ela quem riu.

– Sabe, já estou escrevendo minha próxima coluna. Começo agradecendo a Polícia Metropolitana por mais uma execução.

Emily calculou rapidamente o preço que teria de pagar se plantasse um murro no rosto do cidadão cuja proteção estava sob sua responsabilidade.

– Mas dessa vez vocês se superaram, não é? – prosseguiu Garland. – O detetive Fawkes entregou dois presuntos pelo preço de um.

Ela não disse nada, apenas correu os olhos à sua volta. Não porque havia sido nocauteada pelo jornalista, mas porque precisava saber se teria testemunhas caso viesse a perder a cabeça. Uma nuvem escura agora cobria o sol e a sombra dava às ruínas um aspecto bem mais sinistro. De repente lhe pareceu indigesta a imagem de uma casa de Deus sendo eviscerada daquela forma pelo mato, as paredes fortes ruindo sob o abraço fatal daquelas serpentes que se diziam trepadeiras, prova irrefutável de que naquela cidade essencialmente pagã não sobrava nenhuma alma generosa o bastante para querer salvá-la. Caído o véu das ilusões, Emily Baxter virou-se novamente para Garland e só então notou o minigravador que ele trazia no bolso da camisa, do qual se via apenas uma extremidade.

– Filho da puta... – disse ela e num piscar de olhos roubou o aparelho para arremessá-lo no chão. Não satisfeita, pisoteou-o com o salto do sapato.

– Ei, você não pode... É, acho que fiz por merecer – admitiu Garland, com inesperado espírito esportivo.

– Olha, o negócio é o seguinte: você tem dois policiais plantados na porta da sua casa. Faça bom proveito deles. Amanhã o Wolf vai entrar em contato com...

– Não quero saber do Wolf. Quero você.

– Não vai rolar.

– Olha, detetive, o negócio é o seguinte: não sou prisioneiro de ninguém. A Polícia Metropolitana não manda na minha vida e eu não sou obrigado a aceitar a ajuda de ninguém. Aliás, sem querer ofender, a ajuda de vocês não tem adiantado muito até agora. Até estou disposto a cooperar, mas... tem de ser do meu jeito. Primeiro: quero você.

Emily se levantou. Não estava com a menor paciência para negociar.

– Segundo: quero forjar minha própria morte – prosseguiu ele.

Ela crispou o rosto numa careta, massageando as têmporas como se a estupidez do jornalista provocasse dores físicas.

– Pensa bem. Se eu já estiver morto, o assassino não vai poder me matar. Mas teríamos de fazer a coisa de um jeito realista, tipo... na frente de uma plateia.

– Olha, a ideia até que não é má...

Garland ficou radiante quando ela voltou a sentar do seu lado.

– A gente pode trocar seu rosto pelo do John Travolta... Espera aí, isso já foi feito num filme. Que tal se a gente... teletransportar você. Não. Já sei! A gente aluga um caça da Força Aérea, acho até que o Wolf tem um brevê. Depois a gente explode um helicóptero e...

– *Rá, rá, rá*, estou morrendo de rir – disse Garland, meio constrangido. – Parece que você não está me levando a sério.

– Por que será?

– É a minha vida que está em jogo.

Pela primeira vez ela notou na voz dele uma pontada de medo e autocomiseração.

– Então volta pra casa – retrucou Baxter, levantando-se de novo. E dessa vez foi embora.

– Muito, muito obrigado – disse Edmunds ao telefone. – Pra senhora também. Tchau. – Desligou e, vendo que a detetive Baxter chegava do seu encontro com o jornalista, beliscou o próprio braço só para garantir que não estivesse sorrindo quando ela o visse. Sabia que ela odiava vê-lo sorrir.

Ela sentou-se ao computador, bufou com impaciência e começou a varrer com a mão as migalhas que encontrou no teclado.

– Porra, foi você que comeu isto aqui? – rosnou.

Edmunds achou por bem não dizer que nem sequer havia tido tempo para almoçar e que as tais migalhas eram da barra de granola que ela mesma tinha comido mais cedo. Simplesmente ficou olhando para Baxter, mas com uma visível expressão de contentamento, como se estivesse prestes a explodir de tanta alegria.

A detetive Baxter não era cega.

– Vai, desembucha.

– Collins & Hunter. É um escritório de advocacia sediado em Surrey, com várias filiais especializadas e sociedades espalhadas por todo o país. Eles têm uma tradição antiga de presentear os funcionários com um anel a cada cinco anos de casa. – Edmunds ergueu a embalagem pericial com o pesado anel de platina. – Um anel exatamente como este.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Nesse caso... a lista dos anelados não deve ser muito grande.

– De vinte a trinta no máximo, segundo informou a mulher com quem eu falei. Ela ficou de mandar a lista completa ainda hoje, inclusive com os contatos de cada um.

– Ufa. A gente bem que estava merecendo esse respiro – disse ela, sorrindo.

Edmunds ficou surpreso ao constatar como Baxter parecia outra pessoa quando estava feliz.

– E a conversa com Garland, como foi? – ele quis saber.

– O cara quer que a gente o mate. E aí, vai um chazinho?

Por um segundo Edmunds não soube o que responder. Difícil dizer o que era mais inusitado: a resposta da chefe ou a oferta dela para lhe trazer um chá. Ele odiava chá, mas, atrapalhado com a situação, acabou falando:

– Ok... obrigado.

Dali a cinco minutos ela voltou à mesa que eles dividiam e deixou diante dele uma xícara de chá com leite, naturalmente tendo esquecido – ou ouvido ao ser inicialmente informada – que seu aprendiz de feiticeiro era intolerante à lactose. Edmunds fingiu dar um primeiro gole, exagerando no prazer que demonstrou.

– A que horas o Simmons vai voltar? – perguntou ela. – Preciso falar com ele sobre essa situação com o Garland.

– Às três, eu acho.

– E a Georgina Tate? Revelou alguma coisa de útil?

– Não muito. – Edmunds abriu seu caderno de anotações. – Falou que o agressor era um homem branco, o que a gente já sabia. E que tinha um monte de cicatrizes no braço direito. Ah, outra coisa: uma tal de... – Ele precisou de um segundo para decifrar o próprio garrancho. – Uma tal de Eve Chambers ligou quando você estava fora. Não quis deixar o número, falou que você já tinha.

– A Eve ligou? – disse ela, surpresa que a mulher de Chambers tivesse retornado seu recado.

– Parecia nervosa.

Ela imediatamente sacou seu celular. Em busca da privacidade que não tinha na mesa compartilhada, foi fazer sua ligação na mesa do ausente Chambers. Eve atendeu logo na segunda chamada.

– Emily! – disse ela aliviada.

– Eve? Algum problema por aí?

– Não, não. Tenho certeza de que está tudo bem, meu amor. Uma - preocupaçãozinha à toa, só isso. É que... bem, ouvi o recado que você deixou ontem na minha secretária e...

– Pois é, desculpa. Eu não queria assustar você.

– Bobagem, não precisa se desculpar. Achei mesmo que fosse alguma confusão da sua parte. Mas como o Ben não voltou pra casa ontem à noite...

– Não voltou de onde, Eve? – perguntou Emily, confusa.

– Do trabalho, ora.

Baxter se empertigou na cadeira, subitamente preocupada. Precisava refletir antes de dizer qualquer coisa: não queria assustar ainda mais a pobre mulher, sempre tão gentil.

– Mas e as férias, como foram afinal? – perguntou ela, apenas para ganhar tempo.

– Foram ótimas. Voltei ontem, mas Ben já tinha saído pra trabalhar quando cheguei em casa. Não deixou nenhum bilhetinho de boas-vindas, nenhuma comida na geladeira, nada. Esse Ben... Vou te falar uma coisa, viu? – disse Eve, e deu um risinho nervoso.

A sargento Baxter coçou a cabeça, cada vez mais confusa. Estava a um passo de perder a paciência com a mulher.

– Sei, mas... por que você voltou mais tarde que o Chamb... que o Ben?

– Desculpa, coração. Não entendi.

– Quando foi que o Ben chegou de viagem? – perguntou Emily, quase gritando.

Seguiu-se uma longa pausa até que Eve, quase chorando, respondeu:

– Ele não chegou a viajar.

Mais silêncio. Emily tentou concatenar as ideias, mas não conseguiu. O coração retumbava no peito, a garganta estava seca. Fazia duas semanas que Chambers havia sumido sem que ninguém desse pela falta dele. Eve enfim deu vazão ao choro.

– Você acha que alguma coisa ruim aconteceu com ele? – perguntou.

– Não, não. Tenho certeza de que está tudo bem – disse a detetive, pouco convincente. Do outro lado da linha, apenas soluços. – Eve, preciso saber por que

o Ben não foi com você nessa viagem de férias. Eve...? Está me ouvindo? – Percebendo que a conversa começava a desandar, ela disse o mais naturalmente possível: – É que... ele não falava de outra coisa que não fosse essa viagem. Volta e meia mostrava uma foto da casa de praia da sua irmã, dos restaurantes com palafita... Estava louco pra sair de férias, não estava?

– Estava, sim, meu amor. Mas na manhã da viagem ele deu uma passada no hospital pra pegar os remédios com o Dr. Sami e acabou sendo internado pra ficar "em observação". A gente já estava com as malas prontinhas pra viajar. Ele insistiu pra que eu fosse sozinha, falando que isso era melhor do que perder o dinheiro que a gente já tinha gastado. Tive uma briga feia com ele, mas acabei indo. – Eve novamente desandou a chorar. – No dia seguinte ele me mandou uma mensagem pelo telefone, dizendo que estava bem, que eu não precisava me preocupar.

– Mas o que ele teve afinal?

– Falou que andava tendo uns probleminhas aí com a perna, nada de muito grave.

– Com a perna? – perguntou Emily. Lembrava-se de já ter visto o colega mancando algumas vezes, mas nada que o impedisse de trabalhar. Nunca ouvira nenhuma reclamação por parte dele.

– Sim, meu anjo, a perna que ele machucou naquele acidente antigo. Quase teve de amputar, coitado. A perna dele é cheia de placas de titânio, de parafusos, essas coisas. Faz anos que chega em casa sentindo dores. Mas não gosta de tocar no assunto. Alô...? Alô...?

A essa altura Emily já havia deixado o telefone de lado para vasculhar freneticamente as gavetas da mesa de Chambers. Tremia da cabeça aos pés e começava a hiperventilar quando arrancou a gaveta superior e despejou todo o conteúdo sobre a mesa, as pessoas observando de longe, assustadas. Despejou a gaveta seguinte sobre o chão: papéis e mais papéis, caixas de analgésico, restos de comida.

Edmunds correu para ajudá-la.

– O que estamos procurando? – ele foi logo perguntando, ajoelhando-se ao lado dela.

– DNA – balbuciou Emily, mal conseguindo respirar. Secou os olhos molhados, depois abriu a última gaveta para revirá-la também.

Edmunds foi mais rápido: antes que a gaveta saísse dos trilhos, ele avistou dentro dela um pente de plástico barato, e o pescou para fora.

– Isto aqui serve?

Emily pegou o pente. Sem se conter, desabou sobre o peito do estagiário e irrompeu num choro violento. Edmunds hesitou um segundo antes de abraçá-la, depois gesticulou energicamente para que os curiosos se afastassem.

– O que aconteceu? – perguntou ele baixinho.

Ela ainda demorou um tempo para se recompor. Mesmo assim, atrapalhada com a respiração entrecortada, quase não conseguiu dizer:

– O Boneco de Pano... A perna... É o Chambers!

Capítulo 15

Quarta-feira, 2 de julho de 2014
19h05

Wolf aceitara de bom grado a carona de Finlay, mas, cansado demais para falar, despediu-se dele com um simples tapinha no ombro ao ser deixado em casa enquanto o resto da cidade saía para trabalhar. Ambos haviam passado a noite nas cenas dos dois crimes, menos de 500 metros uma da outra, interrogando testemunhas, colhendo depoimentos, refreando repórteres, preservando a integridade das pistas.

Sentado no chão duro da sala, roendo uma torrada, ele ligou a televisão para ver o noticiário de Andrea, mas desligou assim que viu a fotografia em que ele aparecia ajoelhado ao lado do corpo de Elizabeth. Arrastou-se para o quarto e nem chegou a tirar os sapatos quando finalmente se jogou no seu inóspito colchão pouco antes das nove da manhã, apagando logo depois de fechar os olhos. Tinha planejado procurar um médico de verdade para examinar a queimadura no braço, mas acabou dormindo até as seis da tarde, quando foi despertado por uma ligação de Simmons.

Após um breve relato sobre a cerimônia fúnebre do prefeito, Simmons colocou-o a par dos últimos acontecimentos, bem como da repercussão deles na imprensa. Hesitou um instante, depois contou sobre a descoberta da detetive Baxter, dizendo que os peritos já haviam confirmado a paridade genética entre o fio de cabelo encontrado no pente de Chambers e a perna direita do Boneco de Pano. Por fim, lembrou a Wolf que ele ainda podia abandonar a investigação quando quisesse.

Wolf descongelou no micro-ondas uma bandeja de macarrão com almôndegas, mas não conseguiu comer, assombrado que estava pela imagem do

assassino e seu avental sujo de sangue. Ao ver a gravação granulada das câmeras de segurança, perguntara-se de quem poderia ser aquele sangue seco, quem o facínora já teria matado antes de obter seu glorioso troféu com a cabeça de Naguib Khalid. Agora tudo fazia sentido. O filho da puta fora obrigado a matar Chambers antes da viagem dele para fora do país.

Voltando para a televisão, constatou que a maldita fotografia havia sido adquirida por todas as emissoras e que todos os noticiários enchiam linguiça cogitando se Wolf tinha condições psicológicas para ocupar um lugar tão importante naquela investigação.

Com o estômago embrulhado, fez uma segunda tentativa com o macarrão, mas deixou-o de lado após duas garfadas, vencido pelo aspecto visceral das almôndegas. Já ia se levantando para jogá-lo no lixo quando o interfone tocou. Infelizmente ele ainda não tinha a chave da janela, caso contrário poderia livrar-se de dois coelhos com uma cajadada só ao jogar seu prato de macarrão na cabeça do repórter sem noção que estava lá embaixo, tocando a porra do interfone. Resignado, ele atendeu:

– William Fawkes: bode expiatório da imprensa e modelo fotográfico jurado de morte.

– Emily Baxter: detetive em frangalhos e um tanto embriagada. Posso subir?

Wolf riu, abriu a porta da rua e rapidamente transferiu para o quarto boa parte da bagunça da sala. Emily surgiu logo em seguida, trazendo uma garrafa de vinho tinto. Vestia calças jeans justas, uma blusa rendada e *ankle boots*, o perfume floral inundando o apartamento. Ele ainda se espantava ao vê-la assim, à paisana, embora a conhecesse havia anos. Achava-a mais jovem, mais delicada, mais frágil, uma mulher muito mais talhada para a companhia de amigos em jantarezinhos íntimos do que para a de cadáveres em necrotérios ou a de psicopatas assassinos.

– Você não tem uma cadeira aí? – disse ela, correndo os olhos à sua volta.

– Eu não, e você? – brincou Wolf, e arrastou sua caixa de calças e camisas para que ela sentasse. Encontrou as taças de vinho na caixa em que ele próprio já ia sentando, depois serviu doses modestas para ambos.

– Puxa, isto aqui está uma... – ela começou a dizer, mas não terminou. Nem precisava, pois o olhar de nojo era eloquente o bastante. E foi com esse mesmo olhar que ela notou a camisa amassada que ele vestia, os cabelos desgrenhados.

– Acabei de levantar – mentiu ele. – Estou fedendo, preciso tomar um banho.

Os dois beberam do vinho.

– Você já sabe? – perguntou Emily.

– Já.

– Sei que você não era lá muito fã do cara, mas... ele era muito importante pra mim.

Wolf assentiu, os olhos grudados no chão. Eles nunca tinham esse tipo de conversa.

– Cheguei ao ponto de chorar nos braços do novato – prosseguiu ela. – Um vexame total.

– Simmons contou que foi você que descobriu...

– Meu estagiário, *pode*? Se fosse você, menos mal. – Seguiu-se um silêncio pesado, ambos se imaginando nos braços um do outro. – Teria sido ótimo se você estivesse lá naquela hora – arriscou ela, sublinhando a imagem imprópria, erguendo olhos enormes e esfumados para avaliar a reação de Wolf. Colocou mais vinho nas duas taças, depois tomou a mão dele e disse: – Você não pode morrer. Eu *não quero* que você morra.

Notando que ela começava a engrolar, Wolf cogitou quanto ela já havia bebido antes de chegar ali. Meio sem jeito, reacomodou-se na caixa em que estava sentado, quebrando algo dentro dela.

– Ela pensa que rolou alguma coisa entre nós, dá pra acreditar numa coisa dessas?

A ficha de Wolf demorou alguns segundos para cair.

– Ela quem? Andrea?

– Pois é. Não é uma maluquice? Se você pensar bem, a gente sofreu todos os aspectos negativos de quem teve um *affair*, mas não tirou proveito nenhum dos... positivos.

Emily fitou-o novamente com os olhos grandes, e ele, constrangido, recolheu a mão que ela ainda segurava.

– Que tal a gente dar uma volta por aí e comer alguma coisa? – sugeriu ele com entusiasmo, levantando-se.

Ela deu um gole no vinho, depois disse:

– Não estou com muita...

– Claro que está! Tem um italiano ótimo aqui na rua mesmo. Vou só tomar

uma ducha rápida e a gente sai. Cinco minutinhos.

Wolf praticamente correu para o banheiro. Espremeu uma toalha na fresta da porta que não parava fechada, despiu-se o mais rápido que pôde.

Emily sentiu a cabeça rodar quando ficou de pé e foi para a cozinha. Bebeu o que ainda havia de vinho na taça, depois a encheu com água da torneira e esvaziou-a na boca em goles rápidos. Bebeu outras três enquanto olhava para o apartamento vazio do outro lado da rua, onde o autor de todo aquele pesadelo havia orgulhosamente exibido seu monstro costurado. Lembrou-se então de Chambers e ficou pensando naquele último telefonema que ele havia feito para tranquilizar a mulher, certamente com uma arma apontada para a cabeça. Depois pensou em Elizabeth Tate estatelada no asfalto, na foto em que Wolf segurava a mão dela sob a chuva.

Wolf cantarolava desafinadamente sob o chuveiro, talvez esquecendo que aquelas paredes de gesso eram o mesmo que nada. Baxter sentiu um aperto na garganta ao se dar conta de que dificilmente conseguiria salvar a vida dele. Largando a taça na bancada da pia, encarou-se no micro-ondas como se ali estivesse um espelho e caminhou até a porta do banheiro, que aparentemente não estava trancada. Imaginou se Wolf tinha feito aquilo de caso pensado e, pela segunda vez no dia, sentiu o coração disparar dentro do peito. Então respirou fundo, pousou a mão sobre a maçaneta enferrujada e...

Alguém tocou a campainha.

Emily ficou lívida, tamanho foi o susto que levou. Wolf não devia ter ouvido nada, pois seguiu cantando no banho. A campainha tocou uma segunda vez, agora com mais urgência.

– Merda – disse ela entre dentes e foi atender. – Andrea!

– Emily!

As duas mulheres ficaram olhando uma para a outra sem saber o que dizer. Wolf emergiu do banheiro com uma toalha amarrada à cintura e estava a meio caminho do quarto quando se viu perfurado pelo olhar acusatório de ambas. Parou onde estava, balançou a cabeça, depois se fechou no quarto.

– Estou interrompendo alguma coisa? – perguntou Andrea, indignada mas ao mesmo tempo contente por ver que estava certa desde o início.

– Acho melhor você entrar – disse Emily, abrindo caminho e cruzando os braços à sua frente numa postura defensiva. – Caixa?

– Estou bem de pé.

Emily ficou observando a ex-mulher de Wolf enquanto ela passeava os olhos pelo minúsculo apartamento, entediante de tão perfeita nas suas roupas de grife, irritante no barulho que fazia com os saltos muito altos.

– Isto aqui é uma... – começou Andrea.

– Não é? – interrompeu Emily, deixando bem claro para a ricaça que seu apartamento de classe média era bem diferente daquela espelunca.

– Por que será que ele veio morar *aqui*?

– Bem, talvez porque tenha sido enrabado feito um idiota no divórcio – disparou a detetive.

– Não que isso seja da sua conta – retrucou Andrea, serena –, mas vamos dividir a casa meio a meio. E, pra sua informação, Geoffrey e eu ajudamos o Wolf financeiramente quando ele saiu do hospital.

As duas se calaram de repente, igualmente constrangidas com a situação. Num rompante, Emily buscou a garrafa semivazia de vinho e, fazendo o possível para ser simpática, ofereceu:

– Quer?

– Depende. Que tipo de vinho é?

– Tinto.

– Isso eu posso ver. O que eu perguntei foi... de onde ele é?

– Do supermercado, ora.

– Não, não é isso... Deixa pra lá.

Emily deu de ombros e voltou para sua caixa.

Fazia mais de cinco minutos que Wolf já estava vestido, mas ele ainda permanecia no quarto, esperando o bate-boca acabar. Emily havia acusado a jornalista de explorar a desgraça alheia, e Andrea se ofendera, embora não houvesse dúvida de que era isso mesmo que ela fazia da vida. Andrea então acusara a detetive de estar bêbada, e Emily se ofendera, embora não houvesse dúvida de que ela realmente havia bebido além da conta. Wolf saiu do seu esconderijo apenas quando o assunto mudou para um possível relacionamento dele com a sargento-detetive.

– Então, desde quando está rolando essa pouca-vergonha? – disparou Andrea, dirigindo-se aos dois.

– Eu e a detetive Baxter? – perguntou Wolf ingenuamente. – Isso é ridículo.

– Ridículo por quê? – berrou Emily, ofendida, jogando lenha na fogueira. – O que há de tão ridículo assim em ter um relacionamento comigo?

Wolf mordeu a própria língua, percebendo a mancada que acabara de dar. Nada do que dissesse em seguida poderia salvá-lo.

– Não foi isso que eu quis dizer – arriscou ele. – Você é uma mulher linda, inteligente, maravilhosa...

Emily lançou um sorrisinho de vitória na direção de Andrea.

– *Maravilhosa*? – explodiu Andrea. – E você ainda tem a cara de pau de negar que teve uma história com esta aí? – Para Emily: – Você está morando aqui agora, é?

– Eu não moraria numa pocilga dessas nem que a minha vida dependesse disso.

– Opa! – gritou Wolf. – Pocilga já é demais. Basta uma mãozinha de tinta pra que isto aqui fique...

– Melhor começar do zero e fazer outro – disse Andrea, que acabara de pisar em algo pegajoso. – Só quero saber a verdade, Will. Que diferença faz agora? – Ela se aproximou para ficar cara a cara com ele. – Will...

– Andie...

– Vocês estavam tendo um caso? – perguntou ela calmamente.

– Não! – respondeu ele angustiado. – Você acabou com o nosso casamento por causa de algo que nunca existiu!

– Vocês não saíam do lado um do outro naqueles dois meses. Difícil acreditar que não estavam se pegando também.

– Ninguém estava *pegando* ninguém! – berrou ele a poucos centímetros do rosto dela. Depois pegou seu casaco e saiu, batendo a porta do apartamento, deixando as duas mulheres sozinhas na sala.

Por um bom tempo elas permaneceram caladas. Até que Emily, falando baixo, disse:

– Andrea, você sabe que nada me daria mais prazer do que ter uma má notícia pra lhe dar, mas... nunca houve nada entre a gente.

Fim de jogo. Anos de desconfiança e acusações sepultados com a pá de cal de alguns segundos de franqueza. Andrea sentou-se numa das caixas, chocada ao constatar que por tanto tempo havia acreditado numa simples fantasia.

– Wolf e eu somos amigos, só isso – disse Emily, talvez mais para si mesma do que para a outra. Fizera um papelão com Wolf, confundindo as coisas. A relação entre eles era realmente complexa, mas naquele dia ela estava especialmente fragilizada com a morte de Chambers, com a perspectiva de perder seu melhor amigo. Mas a culpa maior, claro, era do vinho.

– Quem era aquela mulher na foto com o Will? – perguntou Andrea.

Emily revirou os olhos, mal acreditando no que acabara de ouvir.

– Não quero saber o nome dela – defendeu-se Andrea. – Apenas... Eles eram muito próximos?

– Próximos o bastante. Ela não merecia... – Emily parou um segundo para buscar as palavras, temendo deixar escapar algum detalhe sobre a morte de Vijay Rana. – Ela não merecia o destino que teve.

– E ele? Como está reagindo a tudo isso?

– Você quer mesmo saber? Mais ou menos do mesmo jeito de antes.

Andrea apenas assentiu. Entendia perfeitamente. Ainda tinha fresca na memória a tormenta que havia sido a reta final do seu casamento com Wolf.

– É muita pressão em cima dele – prosseguiu Emily, sem saber direito como explicar aquela mudança que somente ela havia notado. – É tudo muito pessoal. Não há sangue-frio que aguente.

– Pois é – disse Andrea. – Fico me perguntando se não é isso mesmo que o assassino quer: provocar o Will. Deixar o Will obcecado com a vontade de pegá-lo, o bastante pra descuidar da sua própria defesa.

– Mas não é a mesma coisa? Pegar o assassino e se defender?

– Não necessariamente. Ele poderia fugir pra... Bobagem. Ele não vai fugir pra lugar algum.

– Não, não vai – retrucou Emily com um sorriso triste.

– Sabe... Eu e ele já tivemos uma conversa quase idêntica a esta – disse Andrea.

A detetive Baxter ergueu o rosto, preocupada.

– Fique tranquila. Não falei nada com ninguém. Jamais falaria. O que estou querendo dizer é que... bem, já decidimos o que fazer.

– Basta uma palavrinha com Simmons pra que ele seja afastado do caso – disse Emily. – Mas prefiro mil vezes vê-lo por aí na rua, mesmo numa onda autodestrutiva, do que em casa, esperando a morte de braços cruzados.

– Então é isso. Não diga nada a Simmons. Mas ajude ele quanto puder.

– Se pelo menos a gente conseguisse salvar um deles, provar que o assassino não é infalível... já seria uma luz no fim do túnel.

– O que eu posso fazer pra ajudar? – perguntou Andrea, sincera.

Uma ideia ocorreu a Emily. Seria um risco enorme discutir algo tão importante com uma jornalista que já havia sido presa por espalhar informações críticas na mídia internacional. Ela não tinha a menor intenção de levar a cabo a sugestão ridícula de Garland no sentido de forjar a própria morte, mas, se pelo menos uma vez na vida pudesse ter a imprensa como sua aliada, e não como a habitual adversária, talvez encontrasse outra maneira de reverter as probabilidades a seu favor. Andrea parecia genuinamente preocupada com Wolf e disposta a ajudar. Talvez fosse o melhor instrumento para o sucesso do plano que ela agora tinha em mente.

– Preciso que você me ajude a salvar Jarred Garland.

– Você quer que *eu* me envolva?

– Você e o seu cinegrafista.

– Sei...

Andrea logo percebeu o que estava nas entrelinhas daquele pedido absurdo. Chegou a enxergar o rosto de Elijah à sua frente, exultante com a oportunidade de denunciar o ponto lamentável a que havia chegado o desespero da Polícia Metropolitana. Ele certamente sugeriria que ela transigisse num primeiro momento e deixasse para divulgar a história na véspera do crime. Para uma jornalista seria uma espécie de suicídio profissional repassar deliberadamente ao público uma informação errada, por melhores que fossem as suas intenções. Quem haveria de confiar nela depois disso?

Ela ainda tinha na cabeça os rostos sorridentes dos seus colegas de trabalho na última reunião de pauta, felizes que Elizabeth Tate tivesse morrido daquele jeito tão violento, como se a pobre coitada tivesse pulado na frente do ônibus apenas para benefício deles. Sentiu o estômago embrulhar quando imaginou aquelas mesmas pessoas festejando a morte de Wolf, esperando que ela acrescentasse uma "pitada de drama" àquele que, sem a ajuda de ninguém, já seria de longe o pior dia da sua vida. Não poderia permitir que isso acontecesse. Aquela gente era repugnante.

– Pode contar comigo.

Capítulo 16

Quinta-feira, 3 de julho de 2014
8h25

Wolf passou na delegacia antes da sua consulta às nove horas com a Dra. Preston-Hall. Sentou-se à mesa e xingou sonoramente quando chutou o cesto de lixo e esparramou o conteúdo no chão. Procurou discretamente por um cesto vazio que pudesse surrupiar, mas pelo visto a equipe de limpeza andava bem menos ocupada que o resto do departamento. Após uma simbólica tentativa de limpar a bagunça, chegou a se comover quando viu que Finlay, no seu dia de folga, tinha se dado ao trabalho de deixar sobre a mesa o formulário de monitoração que lhe cabia preencher semanalmente. Num bilhete colado à primeira página ele havia escrito: "Quanta baboseira. A gente se vê na reunião. Fin."

Imaginando que a psiquiatra não veria com bons olhos aquele arroubo de franqueza, Wolf retirou o bilhete e por alguns segundos ficou olhando para a mesa vazia de Chambers, relembrando a crise emocional que Emily, tão contra o seu feitio, tivera na véspera. Detestava vê-la naquele estado. Conhecia a colega de longa data e apenas uma vez durante todo esse tempo ele a vira assim, tão abalada: de todas as más lembranças daquele fatídico dia, essa era a que mais o perturbava.

Emily Baxter não tivera permissão para comparecer a todas as sessões do julgamento de Naguib Khalid quatro anos antes, mas de tanto insistir havia conseguido acompanhar Wolf na última delas, a sessão do veredito. A essa altura ele estava suspenso do trabalho e todos da equipe submetidos a uma investigação da corregedoria. Ele não queria que ela estivesse lá. Seus problemas com Andrea haviam atingido o ápice naquela semana, a tal ponto que alguém chamara a

polícia para a casa em que eles moravam na zona norte de Londres, inflando os boatos de violência doméstica. Indiferente aos opositores do colega, a detetive Baxter mexera seus pauzinhos e obtivera permissão para ficar esperando horas a fio diante das portas fechadas do tribunal.

Wolf ainda podia ver à sua frente o primeiro jurado, um senhor idêntico ao mago Gandalf, entregando o veredito ao oficial de justiça. Depois disso tudo não passava de um grande borrão: gritos de pânico, o cheiro forte de um piso encerado, sua mão ensanguentada sujando um vestido branco. A única coisa da qual ele se lembrava com clareza era da dor intensa que sentira quando o segurança esmagou seu pulso esquerdo violentamente com a sola do coturno. Isso e a figura de Emily no meio da multidão, o rosto molhado de lágrimas enquanto repetia aflita: "O que você *fez*? O que você *fez*?" Ele já havia desistido de enfrentar os seguranças quando ela tomou o braço da jurada suja de sangue, tirou-a da confusão e sumiu com ela do outro lado das portas duplas do tribunal. Achara que jamais voltaria a vê-la.

Wolf foi despertado do seu devaneio pelos bipes irritantes da máquina de fax que nunca havia funcionado como deveria. Imediatamente avistou Emily conversando com Simmons na sala dele. Ainda não a tinha encontrado depois de abandoná-la na companhia de Andrea: ambas já tinham partido quando ele, exausto, por fim se arrastou de volta para o apartamento. Sentiu-se ligeiramente culpado, mas estava com a cabeça quente demais para se envolver naquela antiga rixa entre as duas. Sem tempo para fazer qualquer coisa de útil por ali, pegou o formulário e foi para sua consulta.

A conversa com a Dra. Preston-Hall não havia sido nada boa, e ele respirou aliviado quando deixou para trás o sufocante consultório para ingressar na indefectível chuvinha do verão londrino. Apesar do calor, vestiu sua capa sobre a camiseta branca. Ainda tinha no canto da mesa o trofeuzinho que Finlay lhe dera certa vez ao vê-lo chegar ensopado para trabalhar depois de ter sido surpreendido na rua por uma tempestade: Miss Camiseta Molhada 2013. Desde esse dia ele nunca saía de casa sem uma capa nos dias chuvosos.

No caminho de volta para a New Scotland Yard, ficou pensando na reunião que teria mais tarde. A psiquiatra havia dito que estava muito preocupada com o nível de pressão ao qual ele vinha sendo submetido, alegando que ninguém saía

psicologicamente ileso da experiência de ver duas pessoas morrerem sob seu nariz num espaço de tempo tão curto. Por sorte ela ainda não tinha sido informada da morte de Chambers.

Em tese as sessões deveriam ter por base apenas os relatórios assinados por Finlay e aquilo que ele, Wolf, entregava por vontade própria, mas não fora possível esconder dela a maldita fotografia que na véspera havia circulado em todos os noticiários e jornais do país. Segundo ela, a tal foto era o material mais autêntico que ele, ainda que contra sua vontade, havia apresentado para discussão: qualquer leigo poderia ver que o homem segurando a mão daquele cadáver no asfalto estava se desmanchando por dentro. Assim, ela ligaria para Simmons o mais cedo possível, aconselhando a ele que o colocasse numa "posição bem menos relevante na investigação em curso", fosse lá o que isso significasse. Fim de papo. Eles voltariam a se ver na segunda-feira seguinte.

O sétimo andar estava relativamente vazio quando Wolf voltou ao trabalho. Dois adolescentes haviam morrido na madrugada, esfaqueados numa briga de gangues em Edmonton, e um terceiro fora internado em estado grave. Wolf viu nisso um lembrete de que a vida em Londres seguia normalmente e que as mortes associadas ao caso Boneco de Pano, bem como as outras seis anunciadas na lista, não passavam de um interessante tópico de conversa para as milhares de pessoas não envolvidas diretamente naquele horror.

Um recado o aguardava sobre a mesa. Desde a manhã anterior que Andrew Ford, o segurança que figurava em quarto lugar na lista, vinha insistindo para falar com ele pessoalmente – inclusive ficando agressivo com os policiais destacados para protegê-lo. A detetive Baxter se oferecera para atendê-lo, mas o marrento não arredara o pé.

Chamado para a reunião, Wolf ocupou a cadeira vazia ao lado da colega e viu que ela voltara ao seu jeito espinhoso de ser, a mesma maquiagem escura, a mesma expressão de enfado.

– Bom dia.

– Bom dia – resmungou ela sem ao menos fitá-lo.

Vendo que dali não sairia nada, ele se virou para Finlay.

1. CABEÇA: Naguib Khalid, o Cremador.
2. TORSO: ?

3. BRAÇO ESQUERDO: anel de platina, escritório de advocacia?
4. BRAÇO DIREITO: esmalte de unha?
5. PERNA ESQUERDA: ?
6. PERNA DIREITA: Detetive Benjamin Chambers.

A. ~~Raymond Turnble~~ (prefeito)
B. ~~Vijay Rana/Khalid~~ (irmão de Naguib Khalid, contador)
C. Jarred Garland (jornalista)
D. Andrew Ford (segurança, alcoólatra, chato de galocha)
E. Ashley Lochlan (garçonete ou menina de 9 anos)
F. Wolf

Todos olhavam calados para as duas listas, esperando que uma luz se acendesse de repente para apontar um vínculo qualquer entre aquelas pessoas. Vinham andando em círculos nos últimos vinte minutos, o que levara Simmons a rabiscar no bloco de cavalete, quase ilegivelmente, o progresso realizado até então – o que não era lá grande coisa.

– A chave do mistério só pode estar nas vítimas do Cremador – arriscou Finlay. – Khalid, o irmão dele, Wolf...

– Posso afirmar que o irmão não teve nada a ver com o julgamento – informou Simmons, acrescentando mais uma anotação no cavalete. – Nem apareceu por lá.

– Talvez a coisa faça mais sentido quando o Edmunds voltar com um nome pra gente – disse Finlay.

– Esquece – retrucou Emily. – Ele já investigou 22 pessoas que receberam um anel semelhante ao nosso. Nenhuma delas teve qualquer tipo de participação no julgamento.

– Mas o Ben teve, não teve? – perguntou Finlay.

Fez-se um silêncio após a menção do nome de Chambers e Finlay se envergonhou por ter citado o colega morto como ele fosse apenas mais uma peça daquele quebra-cabeça.

– A participação de Chambers não foi maior nem menor do que a de qualquer outra pessoa nesta sala – observou Emily friamente. – E mesmo que

tivesse sido, que vínculo ele poderia ter com essas outras pessoas que morreram como ele?

– Até onde já fomos na investigação delas? – perguntou Simmons.

– Estamos fazendo o melhor possível – respondeu a detetive –, mas pra falar a verdade... reforços seriam muito bem-vindos.

– Sem chance – retrucou Simmons, irritado. – Já coloquei dois terços do departamento neste caso, não posso abrir mão de mais ninguém.

A detetive não insistiu. Tinha plena consciência de que o chefe estava sob grande pressão.

– Fawkes, você não disse nada até agora – falou Simmons. – Alguma ideia?

– Se a chave está no julgamento de Khalid, por que eu estaria na mesma lista? Não faz sentido. Se a intenção do assassino é se vingar do Cremador, que motivo ele pode ter pra também querer matar a pessoa que colocou o Cremador atrás das grades?

Silêncio.

– Talvez por ter sido um julgamento famoso – chutou Finlay. – Quem sabe o Ben não tinha nas mãos um caso semelhante que pudesse chamar a atenção do cara?

– É uma hipótese – concordou Simmons. – Você mesmo pode dar uma olhada nisso.

Foi então que Edmunds irrompeu na sala, esbaforido e suado.

– O anel pertencia a Michael Gable-Collins – anunciou ele. – Sócio sênior da Collins & Hunter.

– Collins & Hunter? – repetiu Finlay. – Onde foi que ouvi falar deles?

Wolf deu de ombros, e Edmunds prosseguiu:

– Quarenta e sete anos, divorciado, sem filhos. O mais interessante de tudo é que ele compareceu a uma reunião entre os sócios na sexta-feira, na hora do almoço.

– Portanto temos uma janela de aproximadamente doze horas entre essa reunião e a descoberta do Boneco – observou Simmons, acrescentando o nome aristocrata à sua lista.

– E o envolvimento dele no julgamento de Khalid? – perguntou Finlay, ignorando os olhos revirados de Emily.

– Se ele teve algum, não foi um envolvimento direto. Ainda preciso investigar

– disse Edmunds.

– Então continuamos mais ou menos na mesma, certo? – retrucou Finlay.

– Ah. Quer dizer então que o julgamento é o denominador comum – concluiu Edmunds.

– Mas você acabou de dizer que o cara não teve nenhum envolvimento direto.

– Algum envolvimento ele teve. Todos tiveram. Só que ainda não descobrimos. Khalid é a chave.

– Mas... – começou Finlay.

– Bem, vamos em frente – interrompeu Simmons, baixando os olhos para o relógio. – Jarred Garland exigiu que a sargento Baxter se encarregasse da proteção dele. Eu e ela já conversamos longamente sobre o assunto e quero que todos vocês ajudem no que ela precisar.

– Espera aí, espera aí... – disse Wolf.

– Emily vai passar o resto do dia de hoje na rua, amanhã também. E é você, Wolf, quem vai dar sequência ao trabalho dela por aqui – sentenciou Simmons.

– Mas eu preciso ficar junto do Garland! – insistiu Wolf.

– Negativo. Por falar nisso, você pode se dar por satisfeito por ainda estar aqui depois do telefonema que eu recebi mais cedo da Dra. Você-Sabe-Quem.

– Acho que vou ter de concordar com o Wolf nessa questão – interveio Edmunds, surpreendendo a todos com seu tom imperativo. Emily só faltou jogar uma cadeira nele. – O assassino propôs um desafio ao Wolf. Se alterarmos a dinâmica do jogo, não há como prevermos a reação dele. Pode ser que tome isso como um insulto.

– Ótimo. Tomara que tome. Minha decisão já está tomada.

Edmunds balançou a cabeça, dizendo:

– Na minha opinião, senhor, é um equívoco.

– Meu querido Edmunds... – retrucou Simmons. – Pode ser que eu não tenha um diploma metido a besta que nem o seu, um ph.D. em Polícia & Ladrão, mas acredite se quiser: este não é o primeiro psicopata da minha longa carreira.

– Este é diferente! – insistiu Edmunds.

– Basta! – rugiu Simmons. – Você ainda está cumprindo seu período de experiência por aqui, garoto, não se esqueça disso. O assassino vai tentar matar Jarred Garland no sábado, seja lá quem estiver do lado do cara. Garland, por sua

vez, não vai permitir o envolvimento da polícia *a menos* que seja a detetive Baxter ao lado dele. – Virando-se para ela, disse: – Emily, coloque o Fawkes a par das suas investigações. – E para todos: – Reunião encerrada. Obrigado pela enxaqueca. Agora... ao trabalho.

Edmunds se aproximou da chefe, mas não teve a oportunidade de dizer nada.

– Ficou maluco, garoto? – disparou ela imediatamente. – Perdeu a noção do perigo?

– Eu...

– Este caso é muito importante pra mim, e já tenho perrengues demais sem você ficar por aí questionando minha competência com o chefe. – Emily notou que Wolf a rondava, esperando uma oportunidade para falar com ela em particular. – Você já sabe o que vai fazer pelo resto do dia? – perguntou ela a Edmunds.

– Sei.

– Então explique você mesmo pra ele.

A detetive Baxter levantou e saiu da sala sem ao menos olhar para Wolf. Edmunds abriu um sorriso amarelo na direção dele.

– E então? – perguntou Wolf. – Em que pé mesmo está sua caça aos esmaltes?

Wolf telefonara para o legista querendo saber se havia descoberto algo novo com relação aos membros não identificados. Foi informado de que os testes ainda estavam sendo feitos e até então não tinham nada de concreto para oferecer. Em algum momento Wolf precisaria dar um pulo em Peckham para se encontrar com Andrew Ford, mas estava esperando para falar com a detetive Baxter antes que ela saísse.

Por algum motivo Edmunds surgira de repente a seu lado e ali ficara, embora a mesa que dividia com Emily estivesse livre, pois fazia mais de meia hora que ela estava em reunião com Simmons na sala dele. Wolf via que o garoto tentava puxar conversa, mas estava distraído demais, observando de longe os outros dois.

– Fiquei pensando numa coisa – dizia Edmunds. – Nosso assassino é um cara inteligente, metódico, engenhoso. Não pisou na bola em nenhum momento até agora. Isso é muito impressionante. Então fiquei me perguntando: será que ele já não fez isso antes? Pensa bem. Esse cara aperfeiçoou a arte de...

– A *arte*? – interrompeu Wolf.

– Do ponto de vista dele, sim. Além disso, não podemos negar: por mais hediondos que sejam esses assassinatos, em termos puramente objetivos eles são... impressionantes.

– Impressionantes? – riu Wolf. – Edmunds... é *você* o assassino? – perguntou ele, com a cara mais séria do mundo.

– Eu gostaria de dar uma pesquisada no nosso arquivo morto – disse Edmunds, fazendo com que Wolf arregalasse os olhos. – Sei lá. Procurar exemplos de *modus operandi* pouco habituais... vítimas aparentemente inacessíveis... amputações, mutilações... Ele deve ter deixado algum rastro.

Contrariando a expectativa do estagiário, que era convencê-lo da sua ideia, talvez até impressioná-lo, Wolf foi curto e grosso na sua resposta:

– Somos apenas quatro pessoas trabalhando em tempo integral neste caso. *Quatro.* E só. Você realmente acha que vamos dispensar você pra ficar procurando uma agulha no palheiro enquanto o cara continua matando gente por aí?

– Bem, eu... eu só queria ajudar – gaguejou Edmunds.

– Faça o seu trabalho, só isso – disse Wolf, e levantou para interceptar Emily, que acabara de sair da sala de Simmons. – Oi – chamou.

– Esquece – disse ela, passando direto por ele com uma pasta de arquivo entre os braços, indo para sua mesa. – Se você quer falar sobre o que aconteceu ontem...

– Não, não é isso.

Wolf seguiu na cola dela. Passando diante da sala de reuniões, tomou-a pelo braço e puxou-a bruscamente para dentro, despertando o olhar curioso de quem estava por perto.

– O *que é isso?* – protestou ela.

Wolf fechou a porta da sala e foi logo dizendo:

– Desculpa por ter batido em retirada ontem à noite. A gente ainda tinha muito que conversar. Mas Andrea me deixou tão puto que... Desculpa, eu não devia ter deixado você sozinha com ela.

A detetive Baxter não disse nada. Continuou olhando para ele com impaciência.

– Lembra o que eu já lhe disse? Que você é uma mulher linda, inteligente e...

– Maravilhosa – completou ela, esboçando um sorriso.

– Isso, maravilhosa. Ela não achou muita graça, achou?

– Não, não achou – disse Emily, agora rindo de verdade.

– Então deixa eu ajudar você nessa história com o Garland. Não vou aguentar ficar aqui com seu amigo Edmunds. Não faz cinco minutos ele tentou pintar minha unha.

Emily riu de novo, depois disse:

– Não vai dar, mas obrigada.

– Poxa, Emily... Você é a chefa. Faço tudo que você mandar.

– Não. Você precisa deixar de ser controlador. Sabe que o Simmons está a um passo de afastar você do caso. Então comporte-se – arrematou ela.

Tentou sair da sala, mas Wolf não deixou.

– Você não está entendendo – disse, exasperado. – Eu *preciso* ajudar.

– Dá licença, por favor? – pediu ela com firmeza.

Num gesto repentino e violento, Wolf tentou puxar para si a pasta que ela abraçava, com força o suficiente para entortar o plástico verde. Emily já o vira nesse estado antes, à época do caso do Cremador, quando ele, tomado pela obsessão, não conseguia mais distinguir amigos de inimigos.

– Solta... isso... Will – suplicou ela. Jamais o chamava pelo primeiro nome.

Fez uma última tentativa de recuperar a pasta, mas não conseguiu. Bastaria gritar por ajuda para que uma dezena de policiais surgisse na sala e Wolf fosse definitivamente afastado do caso. Talvez tivesse agido mal em permitir que aquilo se arrastasse por tanto tempo, ignorando os sinais. Sua intenção havia sido apenas ajudá-lo, mas para tudo havia limites.

– Desculpa – sussurrou ela, erguendo a mão para esmurrar o vidro opaco da partição à sua frente.

Foi neste exato momento que Edmunds abriu a porta da sala e acidentalmente golpeou Wolf pelas costas.

– Desculpa – disse ele –, mas um policial chamado Castagna está na linha, querendo falar com você sobre Andrew Ford.

Wolf enfim largou a pasta.

– Eu ligo mais tarde.

– Parece que ele está ameaçando pular da janela.

– Ele quem? O Castagna ou o Ford?

– O Ford.

– Pra fugir ou pra se matar?

– Quarto andar. Então... uma coisa ou outra.

Wolf riu, e Emily respirou mais aliviada ao vê-lo retornar ao seu estado normal, à irreverência de sempre.

– Tudo bem. Então diga que já estou a caminho – informou. Despediu-se da colega com um sorriso e seguiu na esteira de Edmunds.

Tão logo se viu sozinha na sala, Emily exalou um demorado suspiro e se agachou com as costas apoiadas na partição. Sentia-se meio zonza, emocionalmente exaurida pela decisão difícil que tinha acabado de tomar, mais confusa agora do que antes. Temendo que alguém a visse naquele estado lamentável, respirou fundo, levantou e saiu.

Capítulo 17

Quinta-feira, 3 de julho de 2014
15h20

Wolf precisara tomar um trem até a estação de Peckham Rye, o que para ele, irracionalmente, equivalia a uma espécie de façanha. A título de autogratificação, comprou um *macchiato* duplo, extraquente, com leite desnatado e extrato de baunilha sem açúcar, mas ficou se sentindo um tanto afeminado quando o homem a seu lado pediu apenas um café preto.

Saindo da estação, ele seguiu andando pela avenida principal rumo às três torres de um conjunto habitacional que se erguiam mais alto que todo o resto da vizinhança, alheias ao fato de que o resto da população, vendo nelas uma monstruosidade, não pensaria duas vezes antes de botá-las abaixo com uma bela implosão. Por sorte os arquitetos responsáveis mandaram pintá-las de um tom cinzento que as deixava bem menos visíveis nos dias de chuva ou de céu nublado, o que, em se tratando de Londres, era quase sempre.

Wolf aproximou-se de uma delas, à qual deram o nome de "Shakespeare Tower", e ficou se perguntando até que ponto o grande bardo ficaria lisonjeado com a homenagem. Olhando à sua volta, deparou com cenas e ruídos que coincidiam com o que ele previa para aquele tipo de ambiente. Dez ou doze bandeiras inglesas estavam penduradas nas janelas numa festiva manifestação de apoio, talvez não a seu amado país, mas aos onze jogadores de uma seleção de futebol que ultimamente só fazia desapontar. Um pastor-alemão, ou um pitbull, a julgar pelo troar dos latidos, fazia um escândalo na minúscula varanda em que o haviam deixado preso. Em várias janelas, calcinhas abandonadas para secar no parapeito recebiam a chuva da tarde feito uma grotesca instalação de arte moderna.

Sempre haveria alguém para chamá-lo de preconceituoso ou elitista, mas poucos teriam, como ele, passado metade da sua vida profissional em prédios idênticos espalhados por toda a cidade. Era como se ele tivesse o direito de odiá-los.

Wolf ia entrando na portaria quando ouviu gritos nos fundos da torre. Contornando, levou um susto ao avistar um homem pendurado a uma das varandas do quarto andar, um sujeito de aspecto rude, vestindo apenas suas cuecas e um colete social. Dois policiais tentavam sem sucesso içá-lo de volta. Nas varandas vizinhas, diversos moradores acompanhavam a cena com seus celulares em punho na esperança de registrar uma tragédia. Wolf ainda observava o absurdo da situação quando uma vizinha de penhoar o reconheceu.

– Você não é aquele detetive da televisão? – gritou a mulher com sua voz rouca.

Wolf fingiu não ter ouvido, mas o homem pendurado à varanda subitamente parou de gritar e olhou para ele, que ainda tomava seu café tranquilamente.

– Você deve ser Andrew Ford, eu imagino – disse Wolf.

– Detetive Fawkes? – perguntou o outro com seu sotaque irlandês.

– Eu mesmo.

– Preciso falar com você.

– Tudo bem.

– Não aqui. Sobe.

– Como quiser – disse Wolf, voltando à portaria enquanto Ford desengonçadamente tentava se jogar para o outro lado do guarda-corpo. Chegando ao quarto andar, encontrou uma policial hindu muito bonita à porta do apartamento.

– Puxa, que bom que você chegou – disse ela.

Wolf imediatamente notou o dente que faltava no sorriso dela. Furioso, apontou e disse:

– Foi *ele* que fez isto aí?

– Não de propósito. Estava esperneando no chão e eu devia ter deixado pra lá. Burrice minha.

– Nosso amigo é um pouco instável demais pra ser segurança, você não acha?

– Foi dispensado ano passado. Agora só bebe e reclama da vida.

– Onde é que ele trabalhava?

– Numa loja de departamentos. Na Debenhams, eu acho.

– E o que ele quer comigo?

– Falou que conhece você.

Wolf arregalou os olhos, surpreso.

– Provavelmente já prendi ele alguma vez.

– Provavelmente.

A policial conduziu Wolf apartamento adentro. DVDs e revistas velhas atulhavam o corredor. O quarto não passava de um grande depósito. Quase não se via o piso da sala, tantas eram as garrafas de vodca barata e as caixas de cerveja *lager* extraforte. O único sofá se escondia sob um edredom todo queimado de cigarro. O ambiente recendia a suor, vômito e lixo.

Andrew Ford era dez anos mais novo que Wolf, mas aparentava ser bem mais velho. Tufos de cabelo projetavam-se aqui e ali na cabeça quase inteiramente calva. O corpo era estranho: esguio, mas com uma visível pança de cerveja. A pele tinha o tom amarelado da icterícia. Wolf acenou de longe. Não tinha a menor intenção de apertar a mão do sujeito.

– Detetive William Oliver Layton-Fawkes... sargento da Polícia Metropolitana e principal investigador no caso Boneco de Pano – recitou Ford festivamente, com meia dúzia de aplausos. – Mas todo mundo chama você de Wolf, certo? Um apelido maneiro. Um lobo perdido entre as ovelhas, certo?

– Ou entre os porcos – devolveu o detetive, correndo os olhos pela imundície da sala.

Ford ameaçou fechar a cara, mas irrompeu numa súbita gargalhada.

– Claro, porque você é um policial, não é? Agora entendi – disse ele, completamente equivocado.

– Você queria falar comigo? – perguntou Wolf. Não se importaria nem um pouco se Baxter quisesse ficar com este também.

– Em particular – respondeu Ford.

Wolf sinalizou para que os dois sentinelas o deixassem sozinho com o homem.

– Nós dois somos companheiros de armas, certo? – comentou Ford em seguida. – Dois paladinos da lei, da ordem e dos bons costumes.

Wolf precisou fazer certo esforço para enxergar um paladino do que quer que

fosse na figura de um ex-segurança de loja. Mas relevou. Até porque já começava a perder a paciência.

– Mas e aí, o que você quer comigo?

– Quero ajudar o Grande Lobo.

Ford jogou a cabeça para trás e uivou para o alto.

– Sou todo ouvidos.

– Você está papando mosca – disse Ford, orgulhoso de si mesmo. – Uma mosca importante.

Wolf não falou nada. Ficou esperando que ele continuasse.

– Sei de uma coisa que você não sabe – cantarolou o outro feito uma criança, divertindo-se com sua posição de poder.

– Aquela policial de quem você quebrou o dente...

– A indiana?

– Ela disse que você já me conhecia.

– Claro que conheço. Mas posso apostar que você nem se lembra de mim. Estou certo?

– Me conhece de onde?

– Passamos 46 dias na mesma sala, mas nunca trocamos uma palavra.

– Ok... – comentou Wolf sem se lembrar de nada, rezando para que os dois policiais não tivessem ido muito longe.

– Não trabalhei em loja a vida toda. Já fui uma pessoa importante.

Wolf continuou na mesma.

– E estou vendo que você está usando uma coisa que eu lhe dei.

Wolf baixou os olhos, confuso, para a camisa e para as calças que vestia. Tateou os bolsos, olhou para o relógio.

– Está esquentando!

Ele subiu a manga esquerda da camisa, deixando à mostra a queimadura do braço e o relógio digital, um modelo vagabundo que a mãe lhe dera de Natal.

– Cada vez mais quente! Cada vez mais quente!

A ficha enfim caiu quando ele retirou o relógio para revelar o risco branco e fino da cicatriz que tinha no pulso. Quase rosnando, falou:

– Você era o segurança do tribunal?

Ford não respondeu de imediato. Esfregou o rosto com gestos agitados, depois buscou uma garrafa de vodca na cozinha.

– Você está fazendo pouco caso de mim – disse afinal, fazendo-se de ofendido. – Sou Andrew Ford: o homem que salvou a vida do Cremador!

Deu um gole voraz na bebida, deixando que ela escorresse queixo abaixo, e continuou:

– Se eu não tivesse sido tão valente e heroico naquele dia, o filho da puta não teria sobrevivido pra matar aquela última menina. Santo Andrew! É isso que eu quero escrito na minha lápide. Santo Andrew: assistente de infanticida! – Então ele começou a chorar. Jogou-se no sofá, derrubando no chão o cinzeiro sujo que se equilibrava precariamente no braço, depois se cobriu com o edredom nojento. – Isso é tudo que eu tenho pra dizer. Pode mandar os seus dois capangas embora. Não quero que ninguém me salve. Queria apenas... ajudar você.

Wolf ficou observando enquanto o trapo humano entornava mais um gole de vodca e ligava a TV. A música-tema de um programa infantil retumbava na sala quando o detetive saiu sem se despedir.

Andrea assistia estupefata e calada enquanto seu cinegrafista Rory, trajando as roupas de um capitão espacial, usava um cabo de vassoura embrulhado em papel-alumínio chamado Pulse-Bō para decapitar um alienígena estranhamente parecido com um amigo dele chamado Sam. Uma gosma verde agora vazava copiosamente do corpo acéfalo, que foi se retorcendo sem nenhuma sutileza até ficar completamente imóvel.

Rory deu pausa no vídeo e disse:

– E aí, o que você achou? – Tinha lá os seus 30 e poucos anos e alguns quilos acima do peso, mas invariavelmente se vestia como um adolescente largadão. Uma espessa barba ruiva emoldurava o rosto simpático.

– O sangue era verde – observou Andrea, ainda meio desconcertada com o que acabara de ver. O filme era de baixo orçamento, mas suficientemente horripilante.

– Ele era um *Kruuutar*... um alienígena.

– Ok, isso eu entendi, mas acho que vamos precisar de sangue vermelho se quisermos convencer Emily de que você é o cara.

Andrea havia marcado de encontrar a detetive Baxter e Jarred Garland no estúdio que Rory chamava de StarElf Pictures mas que na realidade não passava de uma garagem nas imediações da estação ferroviária de Brockley. Enquanto

esperava por Emily, ela vinha discutindo com Garland, Rory e Sam (o amigo/ator/coprodutor) a melhor maneira de se forjar a morte de uma pessoa, mas sem fazer nenhuma menção ao plano arquitetado na véspera. Após assistirem a dez ou doze cenas de morte do arquivo da StarElf, eles haviam concluído que eviscerações eram complicadas, decapitações eram inverossímeis e que as explosões às vezes davam errado – o dedão de um dos pés de Sam ainda era exibido como um troféu num pote de picles numa das prateleiras do lugar. Decidiram então que um tiro no peito era mesmo o melhor caminho.

Emily Baxter chegou com quarenta minutos de atraso, afobada, e não ficou nem um pouco impressionada quando viu Rory e Sam perdendo tempo com Garland num primeiro teste da tal morte. Após quinze minutos de muita gritaria e discussão, Garland ameaçando diversas vezes dispensar a ajuda da polícia para fazer o que bem entendesse, Emily relutantemente concordou em pelo menos se calar para ouvir o que ele tinha a dizer. Quanto mais olhava à sua volta, mais cética ficava quanto à competência da equipe da StarElf. Por sorte, pensou Garland, ela ainda não tinha visto o dedão em conserva.

– Sei que você tem as suas reservas, mas acho que pode dar certo – disse Rory, vendendo o próprio peixe.

Eles já tinham se visto uma vez, cinco dias antes, numa colisão em que a adorada câmera dele, por um descuido dela, havia se espatifado numa das calçadas de Kentish Town. Felizmente Rory não era de guardar mágoas e parecia empolgado com a perspectiva de uma missão secreta. Ele e Sam explicaram que, para obter um efeito incrivelmente realista, com frequência usado no cinema e no teatro, bastava esconder sob a roupa do ator um invólucro, quase sempre uma camisinha, com o sangue cenográfico. Um pequeno explosivo chamado *squib*, com todo o aspecto de uma microbanana de dinamite, era colado atrás do invólucro para fazer o sangue jorrar do corpo para fora, e a corrente elétrica de uma bateria de relógio, comandada por um dispositivo remoto criado pelo próprio Rory, era usada para gerar a faísca necessária à explosão. Por fim, um espesso cinto de borracha protegia a pele de queimaduras e escoriações.

Aproveitando que Andrea tinha saído para dar um telefonema, Rory buscou a Glock .22 que pretendia usar na encenação e a entregou a Garland com a displicência de quem tinha nas mãos um pacote de batatas fritas. Ao mesmo tempo aflito e atrapalhado, Garland inspecionou a pistola, chegando ao ponto de

direcioná-la contra o próprio olho para espiar dentro do cano. Emily por pouco não teve uma síncope.

– Parece real – disse o jornalista.

– E é – retrucou Rory, rindo. – As balas é que não são. – Ele despejou sobre a mão de Garland um saquinho de balas de festim. – Os cartuchos são recheados de pólvora pra criar o barulho e o fogo no momento do disparo, mas não têm um projétil na ponta.

– Mas eles tiram os percutores dessas armas cenográficas, não tiram? – perguntou a sargento Baxter, instintivamente jogando o corpo para o lado quando Garland distraidamente virou a arma na sua direção.

– Geralmente, sim – respondeu Rory, evadindo-se da questão mais óbvia.

– E dessa aí, tiraram? – insistiu Baxter.

– Hmm... não.

Emily plantou as mãos na cabeça, alarmada.

– É tudo absolutamente legal – defendeu-se o cinegrafista. – Tenho todas as licenças. A gente sabe o que está fazendo. É completamente seguro. Olha só... – Ele se virou para Sam, que ajustava uma das câmeras. – Você está filmando?

– Estou, por quê? – disse o outro, preocupado.

Sem nenhuma advertência, Rory destravou a pistola e puxou o gatilho, produzindo um estalido ensurdecedor. Uma nuvem de sangue escuro ainda jorrava do peito de Sam quando Andrea irrompeu no estúdio, apavorada. Emily e Garland ficaram boquiabertos quando viram a poça de sangue que se formava rapidamente no chão. Sam jogou para o lado a ferramenta que vinha usando e esbravejou com Rory:

– Eu ia trocar de camiseta antes, porra.

Todos agora olhavam para Emily, que ainda não parecia lá muito convencida.

– Posso trocar uma palavrinha com você em particular? – pediu ela a Garland.

Saiu à rua com o jornalista, entrou no seu carro e abriu a porta do carona para que ele entrasse também, limpando a bagunça antes que o outro se acomodasse.

– Só pra ficar bem claro – ela foi logo dizendo. – Não vamos simular a sua morte. Essa talvez seja a ideia mais idiota que alguém já teve na vida.

– Mas...

– Eu disse que tinha um plano, não disse?

– Disse, mas não...

– Já estamos confiando demais nesse pessoal aí. Você pode imaginar o que vai acontecer se ficarem sabendo que a Polícia Metropolitana anda simulando mortes pra manter as pessoas vivas?

– "Manter as pessoas vivas", essa é a parte que realmente interessa – disse Garland, cada vez mais agitado. – Você está pensando como uma policial.

– Eu *sou* uma policial!

– A vida é minha, sou eu quem decide.

– Não vai rolar, ponto-final – arrematou ela. – Se você não quiser mais a minha ajuda, paciência. Mas tenho um plano e estou pedindo que você confie em mim.

Em seguida fechou os olhos, mal acreditando que aquelas palavras relativamente doces tinham saído da sua boca.

Garland também ficou surpreso. Como não era do tipo que deixava passar a oportunidade de usar uma ameaça de morte como arma de sedução, ele tomou a mão da detetive entre as suas e disse:

– Ok... eu confio em você. – Mas uivou feito um cachorrinho quando ela logo se defendeu com uma chave de pulso, dobrando os dedos dele para trás. – *Para, para, para!* – suplicou, o rosto enrugado numa careta de dor. Esperou que ela o soltasse e depois, sem trocar de roupa, mandou: – Então, que tal um jantarzinho logo mais?

– Já falei que você não faz meu tipo.

– Porque sou bem-sucedido demais? Determinado demais? Bonito demais?

– Morto demais – disparou ela e riu internamente ao ver a crista do jornalista murchar.

De modo geral jamais daria corda para esse tipo de avanço, mas depois da sua desastrosa tentativa de seduzir Wolf na noite anterior, até que estava gostando da atenção.

– Mas se você for dessas que não fazem questão de um segundo encontro... está valendo – retrucou Garland, rapidamente voltando à empáfia de antes.

– Não, não sou – disse Emily, rindo.

– Então posso tomar isso como um "sim"?

– Não, não pode.
– Mas também não é um "não", é?
Ela refletiu por um segundo.
– Não, não é.

Um holofote altíssimo fazia as vezes de lua no imenso subsolo dos arquivos, espalhando sua luz pela infinidade de corredores estreitos, projetando sombras compridas no chão. Edmunds já havia perdido desde muito a noção do tempo. Sentado de pernas cruzadas diante de uma das estantes de ferro, cercado por uma bagunça de papéis, ele vinha examinando o conteúdo da 17ª caixa de evidências da lista que havia preparado de antemão. Depoimentos, fotografias, laudos de DNA.

Com Baxter e Wolf ocupados na rua, aproveitara a oportunidade para visitar o Depósito Central, uma espécie de caixa-forte nas imediações de Watford. Após uma batalha de cinco anos, a Polícia Metropolitana finalmente concluíra a façanha de classificar, fotografar, escanear e microfilmar todos os seus registros, mas ainda assim o material físico precisava ser preservado. Ao passo que as provas associadas a crimes menores podiam ser devolvidas às famílias ou destruídas num prazo determinado pela justiça, aquelas associadas aos crimes mais sérios eram mantidas por um tempo no distrito policial responsável pela investigação, depois transferidas para o Depósito Central, onde permaneciam indefinidamente sob condições controladas de umidade e temperatura. Sempre havia um caso sendo reaberto por conta de algum recurso judicial, com a descoberta de novas evidências ou com o surgimento de novas tecnologias, de modo que aqueles suvenires do crime tinham uma vida bem mais longa do que as pessoas envolvidas.

Edmunds espreguiçou e bocejou. Horas antes ele tinha ouvido outra pessoa empurrando um carrinho por perto, mas agora estava absolutamente sozinho no cavernoso depósito. Com todo o cuidado, guardou o material de volta na caixa sem ter encontrado qualquer vínculo razoável entre aquela vítima decapitada e o caso Boneco de Pano. Guardou a caixa na prateleira, riscou-a da sua lista e só então se deu conta das horas: 19h47. Soltou um sonoro palavrão, depois partiu em disparada rumo à longínqua saída.

Recebeu seu telefone de volta ao passar pela segurança do subsolo e já estava

no saguão do primeiro andar quando viu as cinco chamadas não atendidas de Tia. Ainda precisava devolver o carro na New Scotland Yard e dar uma rápida passada no sétimo andar antes de voltar para casa. Então ligou para a noiva e se preparou para a tempestade que estava por vir.

Instalado numa das mesas externas de um pub chamado Dog & Fox, Wolf já estava quase no fim da sua segunda garrafa de cerveja Estrella. Era o único cliente disposto a enfrentar o frio da noite, sem falar na chuva que ameaçava cair, mas ele não queria correr o risco de se desencontrar de Emily quando ela entrasse no prédio charmoso em que morava no outro lado da rua.

Passava das oito horas quando ele enfim a viu dobrar a esquina em seu Audi preto e quase atropelar um pedestre antes de estacionar na Wimbledon High Street. Abandonando na mesa a cerveja já quente, levantou-se e correu ao encontro dela. A uns 10 metros de distância, viu-a saltar do carro sorridente, acompanhada de um passageiro que ele não conhecia.

– Deve ter algum lugar aqui por perto que vende *escargots* – dizia o homem.

– Não creio que seja uma boa ideia vomitar sua última refeição – rebateu Baxter.

– Me recuso a ir embora sem antes colocar na boca uma lesma nojenta.

Emily abriu o bagageiro do Audi, retirou suas sacolas e trancou o carro. Apavorado com a possibilidade de uma situação constrangedora, Wolf correu e se escondeu atrás de uma caixa de coleta dos correios. Ela chegou a passar direto por ele, mas, estranhando a presença de um marmanjo agachado na calçada, virou-se para trás a tempo de reconhecê-lo.

– Wolf? É você?

Wolf se levantou com a maior naturalidade do mundo, sorrindo como se aquilo acontecesse todos os dias.

– Oi – disse ele e estendeu a mão para se apresentar ao elegante desconhecido. – Wolf... ou Will.

– Jarred – apresentou-se Garland, apertando a mão oferecida.

Wolf arregalou os olhos, surpreso.

– Ah, você é o...? – começou ele, deixando a pergunta de lado assim que percebeu o olhar impaciente da colega.

– Que diabos você está fazendo aqui? Por que estava escondido?

– Pra evitar uma situação, só isso – resmungou ele e apontou vagamente para Garland.

– Acha que conseguiu? – retrucou ela, já soltando fogo pelas ventas. Virando-se para Garland, pediu: – Você pode nos dar licença um minutinho?

Assim que o jornalista se afastou, Wolf falou:

– Vim pra me desculpar por ontem à noite e por hoje de manhã. Enfim, por tudo. Pensei que a gente pudesse comer alguma coisa por aí, mas pelo visto você já tem... um compromisso.

– Não é o que parece.

– Não parece nada.

– Não parece nem é.

– Ótimo. Fico feliz.

– Fica *feliz*?

A conversa já começava a ficar confusa com tudo aquilo que não estava sendo dito.

– Preciso ir – disse Wolf.

– Isso, vai – rebateu ela.

O detetive deu meia-volta e saiu andando calçada afora, mesmo sabendo que ia na direção contrária à do metrô que precisava tomar: queria apenas fugir dali. Ela xingou mentalmente, furiosa consigo mesma, depois foi ao encontro de Garland na esquina.

Capítulo 18

Sexta-feira, 4 de julho de 2014
5h40

Emily mal conseguira dormir. Ela e Garland haviam jantado num bistrô que ficava na mesma rua, o Café Rouge, onde os *escargots* felizmente já tinham acabado. Fazendo-se de desapontados, eles rapidamente pediram um filé antes que o garçom francês pudesse sugerir qualquer outra iguaria indigesta. Desconcertada com a estranha visita de Wolf, ela não havia sido uma boa companhia para o jornalista e, apesar de todo o charme que ele vinha jogando, providenciara para que o destacamento de escolta chegasse às dez horas para buscá-lo no restaurante.

Baxter fez um esforço enorme para carregar sozinha suas sacolas pela escada estreita do prédio, mas sabia que Garland teria alimentado falsas esperanças caso ela tivesse aceitado sua oferta de ajuda. Destrancou a porta, deixou os sapatos no tapetinho da soleira e entrou na limpeza irretocável do seu quarto e sala. Echo, o gato, veio escorregando pelas tábuas do assoalho para recebê-la. O ambiente estava fresco, graças à brisa que entrava por um basculante aberto. Descalça, ela foi para o quarto e deixou as sacolas sobre o espesso carpete branco. Depois de alimentar Echo, presenteou-se com uma taça de vinho, buscou o laptop na mesa da sala e foi com ele para a cama.

Passou mais de cinquenta minutos navegando a esmo pela internet, conferindo e-mails, atualizando-se após um mês de ausência no Facebook. Mais uma das suas amigas estava grávida. Outra a convidava para uma despedida de solteira em Edimburgo. Ela adorava a Escócia, mas, sem consultar sua agenda, desculpou-se por não poder comparecer, ela própria estranhando o tom "mulherzinha" da mensagem que escrevera.

Volta e meia ela se lembrava de Wolf. Na noite anterior ele havia esclarecido o que sentia, ou melhor, o que *não* sentia. Naquela mesma tarde deixara-a com o braço cheio de hematomas ao tentar roubar sua pasta, depois surgira do nada, convidando-a para jantar. Por quê? Porque se sentia culpado? Porque se arrependia de tê-la rejeitado? Para falar a verdade, ela nem entendia direito se havia sido rejeitada ou não. Cansada do assunto, serviu-se de uma segunda taça de vinho e ligou a televisão.

Com a morte de Garland anunciada apenas para o sábado, os noticiários de sexta haviam deixado de lado o caso Boneco de Pano para falar de outras coisas, como o petroleiro acidentado na costa da Argentina que vinha despejando mais de mil litros de óleo por hora nas correntes vizinhas às Ilhas Falkland. Ao longo do jantar ela achara o jornalista bem menos antipático, mas não havia como negar: ainda que fosse sábado, a notícia da morte dele teria sido amplamente ofuscada pela infelicidade dos pinguins, pobrezinhos, acuados que estavam pelo avanço da sujeira.

Somente depois de explorar todos os assuntos associados ao desastre ecológico – a reação do mercado financeiro, a diversidade da vida selvagem no arquipélago, a hipótese pouco fundamentada de uma ação terrorista, as chances de o óleo atravessar o Atlântico para poluir a costa britânica – foi que eles voltaram aos assassinatos para debater o modo tão público com que Garland vinha tratando a ameaça que pairava sobre sua cabeça. Ela já estava suficientemente nervosa, não precisava ouvir aquilo. Então desligou a TV, pegou seu livro e leu madrugada afora.

Pouco depois das seis ela abriu o laptop e entrou no site do jornal para o qual Garland escrevia. Diante do sucesso estrondoso da coluna dele, "O morto falante", eles vinham carregando a última edição diariamente à mesma hora, transformando o site numa espécie de mina de ouro no deserto cibernético. Um vídeo irritante surgiu na tela, recusando-se a fechar antes de vender o perfume, a maquiagem e o filme de Charlize Theron. Depois dele, e só então, ela enfim conseguiu encontrar a oferta de Garland que ela e Andrea haviam preparado juntas e já contabilizava mais de 100 mil acessos:

Entrevista exclusiva, com duração de uma hora, para quem fizer a

maior oferta (até as 9h30), a ser realizada nesta manhã de sábado em um hotel a ser divulgado. 0845 954600

Apesar de tudo que Garland já havia revelado em seus artigos durante a semana, Andrea acreditava que a isca de uma entrevista exclusiva com um homem marcado para morrer era apetitosa demais para que não a mordessem. Na realidade o plano não passava de um despiste. Com a ajuda de Andrea, ela fabricaria uma entrevista de meia hora com Garland para depois transmiti-la "ao vivo" na manhã de sábado. Quando os rebanhos da imprensa internacional invadissem o hotel escolhido na capital, erroneamente informando o paradeiro de Garland para o assassino, o jornalista já estaria do outro lado do país, nas mãos seguras e confiáveis do Serviço de Proteção Civil da Agência Nacional de Combate ao Crime.

A eficácia do plano estava calcada não só na sua simplicidade, mas sobretudo na plausibilidade dos seus componentes: a ganância e o oportunismo de Jarred Garland, a briga de foice entre as agências de notícias mais poderosas do mundo, a suposta exclusividade de uma "entrevista secreta".

Eles haviam preparado uma mensagem gravada pedindo aos licitantes que informassem o valor da sua oferta e deixassem os dados de contato. Claro, tudo isso serviria apenas para justificar a presença de Andrea e seu cinegrafista no hotel. Garland escolhera o lobby do ME London em Covent Garden como palco da encenação. Por quê? Porque, segundo ele mesmo tinha dito, o lugar era "extremamente fotogênico".

Ela conferiu as horas no relógio, desligou o computador e vestiu uma malha de ginástica. O sol já estava alto o bastante para atravessar as janelas quando ela subiu na esteira ergométrica. Fechando os olhos contra a claridade, colocou os fones de ouvido e foi aumentando o volume da música até abafar por completo o ritmo marcial das próprias passadas.

Sam já estava preparando Garland quando Andrea chegou à garagem recém-grafitada que fazia as vezes de estúdio para a StarElf Pictures. Na véspera, já tarde da noite, ela havia recebido um telefonema do jornalista, implorando por sua ajuda.

– Você sabe que pode dar certo.

– Mas imagino que Emily tenha bons motivos pra dizer não.

– Ela tem o rabo preso com a polícia, você não... *Por favor!*

– Posso tentar convencê-la de novo.

– Não adianta, ela não vai topar. Vai querer impedir a gente. – Ele parecia realmente desesperado. – Depois que a coisa já estiver feita, ela não terá escolha: vai ter de cooperar. Sabe tanto quanto a gente que essa é a única saída.

Andrea refletiu por um bom tempo.

– Tudo bem – concordara afinal, rezando para que não estivesse fazendo uma bobagem. – A gente se vê às oito no estúdio.

– Obrigado.

Ao entrar na garagem, ela deparou com Garland desabotoando a camisa enquanto Sam examinava algo no seu controle remoto.

– Bom dia – disse ela aos dois. E para Sam: – Adorei a arte nova na porta.

– Foram os malditos skatistas – resmungou ele, voltando para junto de Garland. – Já pedi mil vezes ao Rory pra não deixar esse pessoal entrar. – Em seguida pediu a ela que lhe passasse o cinturão de borracha que protegeria o tronco de Garland da miniexplosão.

Diante do torso nu do jornalista, Andrea constatou que ele era bem mais magro do que aparentava e tinha o peitoral esquerdo salpicado de pintas pretas nada atraentes. Além disso, ele havia copiado nas costas a famosa tatuagem de anjo de David Beckham, que parecia absurda numa tela tão franzina.

– Encolhe a barriga – disse Sam, abotoando o cinturão às costas dele. Em seguida anexou o preservativo recheado de sangue cenográfico, o explosivo e a bateria de relógio.

Enquanto Garland vestia a camisa, Andrea pediu a Sam que verificasse tanto quanto fosse necessário a pistola e as balas de festim. Não gostava nem um pouco de estar agindo pelas costas de Emily Baxter, portanto o mínimo que podia fazer era cercar-se de todas as precauções a seu alcance.

Sam vinha dando a Garland alguns conselhos de última hora sobre como interpretar seu papel de ator e fingir morrer de modo convincente. Por sorte o jornalista não estaria ouvindo, pensou Andrea, que já tinha visto o cineasta na pele de um alienígena gemendo por dez minutos antes de morrer, bem como na de um policial morto espirrando no próprio caixão.

Sam foi embora com seu gorro de bandido, seu controle remoto e sua pistola

com cartuchos de festim. A detetive chegou vinte minutos depois.

– Está nervoso? – perguntou Andrea a Garland, ouvindo o carro que ainda estacionava do lado de fora.

– Sobre amanhã? – questionou o jornalista. – Estou, sim.

– Bem, se tudo der certo hoje...

– Essa é a minha maior preocupação. Não tem como a gente saber, não é? Só vamos descobrir se o assassino mordeu ou não a isca quando ele tentar, ou não, me matar.

– Mas é por isso que hoje à noite a Emily vai levar você pra um lugar bem longe de Londres. Quer dizer, se ela não matar a gente antes – brincou Andrea, também tensa.

Emily entrou na garagem, olhou para o relógio e disse:

– Está na hora. Vamos?

A detetive Baxter não sabia ao certo o que havia imaginado, mas certamente não era nada daquilo. Chegando ao hotel ela foi levada juntamente com Garland para um elevador preto e ficou de queixo caído assim que as portas se abriram para o lobby futurista. O piso era de mármore preto, e a iluminação não passava de uma penumbra. A recepção em si ficava no interior de uma curiosa pirâmide do mesmo mármore e iluminada de baixo para cima. Sofás brancos pareciam flutuar na água. Tanto as mesas de apoio quanto o balcão principal eram de obsidiana, dando a impressão de que haviam brotado naturalmente do chão. Um livro enorme e estranho achava-se aberto sobre um pedestal. Imagens de peixes eram projetadas contra as paredes externas da tal pirâmide, nadando contra a gravidade, para entrar nela e sumir na claridade do triângulo de luz natural que ficava a uns 30 metros de altura.

– Vamos lá – disse Garland, satisfeito por finalmente ter conseguido impressionar sua impassível protetora.

Uma funcionária se adiantou para entregar a ambos uma taça de Prosecco, depois os levou para um dos sofás de couro quando Garland avisou que eles esperavam outra pessoa. Se havia reconhecido um deles, não deu sinal algum disso.

– Nosso jantarzinho ontem foi muito bom – disse Garland, ainda pasmo com os peixinhos que tentavam fugir da pirâmide.

– Sim, a comida estava ótima – evadiu-se Baxter.

– Eu estava me referindo à companhia.

– Ao Café Rouge?

Garland riu, dando-se conta de que o assunto estava encerrado. Depois sussurrou:

– Pra onde vocês vão me levar depois dessa entrevista?

A detetive ignorou a pergunta e ele insistiu:

– Ninguém está ouvindo a gente!

– O Serviço de Proteção Civil preparou uma casa em...

– A mesma da última pessoa que vocês não conseguiram proteger – interrompeu ele.

Emily estranhou a mudança de humor do jornalista, mas não viu quando Sam entrou no lobby e seguiu diretamente para o banheiro.

– Eles já chegaram – disse Garland, nervoso.

Andrea ainda conversava com Elijah ao telefone quando ela e Rory chegaram ao ME London. Perdeu o sinal ao entrar no elevador e a ligação caiu antes que Elijah pudesse terminar a lista de perguntas que vinha sugerindo que ela fizesse a Garland. A ideia era que ela conduzisse a entrevista para dar a entender que o jornalista estava desafiando o assassino, disposto a lutar até o último minuto. O público não gostava de massacres, ele havia dito, mas adorava uma boa luta.

Ela não se deu ao trabalho de ligar de volta quando saiu para o lobby surreal. Rory logo se adiantou para captar imagens da pirâmide e do livro gigantesco para serem usadas posteriormente na edição da matéria ou, o que era bem mais provável, no documentário que ele cogitava fazer. A notícia de que Garland havia leiloado sua última entrevista vinha sendo divulgada durante toda a manhã e a funcionária que pouco antes não havia reconhecido Emily e Jarred certamente reconheceu Andrea, pois ficou observando de perto o animado teatro das apresentações. Antes que ela pudesse se afastar, Andrea chamou-a de lado e disse:

– Este é um hotel de prestígio. Vamos fazer nosso ensaio-geral aqui, mas não temos obrigação nenhuma de voltar amanhã pra gravação final. Portanto, qualquer indiscrição, tanto sua quanto dos seus colegas, será considerada uma falta grave. Que isso fique bem claro entre todos vocês.

– Naturalmente – disse a moça sorrindo, como se nem lhe houvesse ocorrido fazer uma selfie com a próxima vítima do caso Boneco de Pano.

Imediatamente ela se afastou para a recepção e repreendeu todos os curiosos que vinham acompanhado a cena de longe.

– Acha que ela mordeu a isca? – perguntou Andrea a Emily.

– Pode ser – respondeu a detetive, visivelmente preocupada. – Vamos fazer essa entrevista e dar o fora daqui.

Edmunds passara mais uma noite no sofá. Ao chegar em casa, pouco depois das dez, encontrara Tia dormindo com a porta do quarto trancada. Ficara acordado até altas horas, procurando no Google mais casos de homicídios bizarros para investigar.

Consumira boa parte da manhã levantando a ficha de Michael Gable-Collins. A intenção do assassino ao deixar o anel de platina na mão do Boneco de Pano era, sem sombra de dúvida, permitir que o advogado fosse identificado. Mas por quê? Isso ainda não estava claro. Convencido de que a chave de todo o mistério estava em Khalid, ele tanto insistira que acabara descobrindo a relação entre os dois.

O escritório de advocacia Collins & Hunter havia representado Khalid judicialmente, mas fora isso Michael Gable-Collins não tinha nenhum outro vínculo com o caso em si. Ele não havia comparecido a um só dia de julgamento e, na condição de sócio e especialista em direito de família, não tivera nenhum envolvimento na preparação da defesa, aparentemente encabeçada por Charlotte Hunter.

Embora o escritório recebesse centenas de novos casos anualmente, ele podia jurar que aquilo não era mera coincidência, portanto chegara cedo ao trabalho e seguira na sua caçada aos elos possíveis. Havia compilado uma lista de pessoas associadas ao julgamento de Khalid, de advogados a testemunhas, funcionários do fórum e curiosos da galeria aberta ao público. Investigaria cada uma delas se fosse preciso.

Andrea recitava sua introdução para a câmera, antevendo as críticas que receberia mais tarde por todo aquele teatro tão mal ensaiado.

– ... aqui hoje com o jornalista Jarred Garland, a possível terceira vítima

nomeada pelo assassino do caso Boneco de Pano. Bom dia, Jarred – disse ela. Rory abriu o foco da câmera para incluir Jarred no enquadramento. Estavam sentados um de frente para o outro nos sofás brancos. – Obrigada por falar com a gente nestas circunstâncias que com certeza não estão sendo fáceis pra você. Vamos começar pela mais óbvia das perguntas: por quê? Que motivo poderá ter este assassino para incluir você na lista dele?

A sargento Baxter acompanhava a entrevista com o estômago embrulhado. Podia perceber que Garland estava agitado. Mais que isso, parecia sentir medo. Algo estava errado.

A porta do banheiro masculino se abriu e Sam entrou no lobby sem que ela notasse, vestido de preto da cabeça aos pés, um gorro cobrindo o rosto, a pistola já em punho.

– Não faço a menor ideia – respondeu Garland. – Por outro lado, como você bem sabe, não é muito difícil para nós, jornalistas, fazer inimigos por aí.

Ambos riram de um jeito forçado, nervoso.

Foi então que, ouvindo o berro de uma das recepcionistas, Rory virou sua câmera para filmar a chegada de Sam. Emily instintivamente correu na direção do mascarado armado e não parou mesmo quando deduziu o que estava acontecendo ao reconhecer, ainda que vagamente, a voz dele:

– Seu dia chegou, Jarred Garland. Vá pro inferno, seu filho da puta!

Rory saiu do caminho e voltou sua câmera para Garland, que se levantava com uma expressão de terror no olhar. O tiro ensurdecedor ecoou amplamente nas paredes de mármore, assim como o grito histriônico que Andrea soltou ao ver o sangue que começou a jorrar do peito do jornalista.

Emily saltou para cima de Sam ao mesmo tempo que Garland, como previsto, caiu de costas no sofá. Mas então uma luz ofuscante brotou na região da suposta ferida, cuspindo centelhas no piso preto. Garland começou a gritar sobre o chiado que lembrava o de um rojão, esperneando enquanto tentava tirar o cinto de borracha que o cingia na altura das costelas.

Rory largou a câmera e correu para ajudá-lo. Ouviu um barulho de vidro quebrando e logo deparou com o calor intenso que irradiava das faíscas que orbitavam o corpo de Garland. Em pânico, tentou desabotoar o cinto, mas ficou ainda mais apavorado ao se dar conta de que seus dedos haviam sumido nas entranhas do jornalista. Tentou arrancar o cinto à força, mas boa parte da

borracha já havia derretido e grudado à pele. Ouviu mais um barulho, também como vidro quebrando, e caiu para trás quando sentiu as mãos queimarem com algum tipo de líquido. Emily se adiantou para socorrê-lo, mas ele rapidamente gritou:

– Não! É ácido!

– Chamem uma ambulância! – berrou ela para os funcionários da recepção.

De repente, tendo completado sua órbita em torno do cinto, o fogo branco se apagou e o chiado de antes deu lugar à respiração ofegante de Garland. Aproximando-se do sofá, Emily tomou a mão dele e disse:

– Você vai ficar bom, eu prometo...

Depois virou-se para Andrea, que parecia atônita, e pediu que ela tentasse obter na recepção um kit de primeiros socorros com bandagens para queimaduras. Não sabia dizer se aquilo realmente havia sido a ação de um ácido ou de outra coisa totalmente diferente.

Um coro de sirenes já se aproximava quando Andrea voltou ao sofá com o kit. Cada arquejo era um martírio para Garland. Com a cabeça deitada no encosto do sofá, ele olhava para o alto, acompanhando os peixes que escalavam as paredes rumo à luz no topo da pirâmide.

Emily encarou Andrea ao receber dela a caixinha azul.

– O que foi que vocês fizeram? – perguntou horrorizada, depois voltou aos cuidados com o jornalista. – Você vai ficar bem... – sussurrou, mesmo sabendo que mentia.

Parte da camisa queimada havia caído no chão, e ela podia ver entre duas costelas um pedaço do pulmão escurecido que lutava para inflar. O que ela não via era certamente muito pior.

– Você vai ficar bem...

Policiais armados invadiram o lobby e cercaram Sam, que pelo menos tivera o bom senso de largar a pistola antes da chegada deles. Os paramédicos aproximaram-se assim que tiveram permissão e, cuidadosamente, içaram Garland para uma maca. Emily viu o olhar pessimista que eles trocaram entre si antes de sair com ele na direção dos elevadores. Outra equipe embrulhava as mãos desfiguradas de Rory com emplastros.

No lugar antes ocupado por Garland, estilhaços de vidro rebrilhavam sob a luz ambiente, o maior deles lembrando um bastão quebrado na ponta. Em vários

pontos do sofá, o couro branco havia queimado por completo. Baxter se levantou e seguiu na esteira dos paramédicos, determinada a ficar do lado do jornalista até o último momento.

Edmunds olhou à sua volta, confuso. Estava tão absorto no trabalho que nem havia notado quando os colegas abandonaram suas respectivas mesas para cercar a televisão grande do salão. Instalara-se entre eles um silêncio de perplexidade, quebrado apenas pelos telefones que não paravam de tocar e pela conversa entreouvida na sala de Simmons, que certamente falava com o comissário.

Juntando-se aos demais, ele deparou com a figura de Andrea na tela, não com um microfone na mão ou atrás de uma bancada de telejornal, como de costume, mas correndo ao lado de uma equipe de paramédicos enquanto alguém, com a câmera de um telefone, fazia o possível para mantê-la no enquadramento. Atrás dela via-se a detetive Baxter, debruçada sobre o corpo que levavam na maca. Só podia ser de Jarred Garland.

O noticiário voltou para o estúdio e aos poucos as pessoas foram retornando para suas mesas, conversando entre si. Todos sabiam que Emily havia assumido a responsabilidade pela proteção de Garland e muitos criticavam sua decisão de permitir uma entrevista ao vivo com aquele homem que tanto contestara o trabalho da polícia nas suas colunas.

Agora eram muitas as perguntas que circulavam: qual teria sido a real intenção da detetive ao expor o jornalista de modo tão vulnerável naquele hotel? O atirador seria mesmo o Bonequeiro, como eles vinham chamando o assassino? O que realmente havia acontecido com ele? Alguns diziam que ele havia sido baleado, outros, que havia se queimado.

No entanto, apenas uma pergunta interessava a Edmunds: por que diabo o assassino teria agido com um dia de antecedência?

Capítulo 19

Sexta-feira, 4 de julho de 2014
14h45

Em razão da gravidade e da natureza desconhecida dos seus ferimentos, Garland havia sido levado diretamente para o pronto-socorro do hospital Chelsea and Westminster, onde já era esperado por um especialista em queimaduras. Emily vinha segurando a mão dele durante todo esse tempo, soltando-a apenas ao ser afastada por uma enfermeira durona.

Andrea e Rory chegaram minutos depois numa segunda ambulância. Pelo que Emily podia ver sob os curativos, a mão esquerda do cinegrafista parecia tão inflamada e cheia de bolhas quanto antes, mas a direita estava em carne viva, um buraco aberto na palma, que mais parecia a mordida de um bicho que uma queimadura. Não demorou para que ele fosse levado da recepção e sumisse nos corredores do setor de emergência.

Emily e Andrea decidiram tomar um café no Starbucks mais próximo, sentadas a uma mesa externa. Fazia duas horas que Garland entrara na sala de cirurgia e ainda não havia nenhuma notícia de Rory. A policial consumira boa parte desse tempo tentando descobrir para onde tinham levado Sam, disposta a corroborar a história absurda na qual, muito provavelmente, ninguém estaria acreditando.

– Simplesmente não consigo entender o que aconteceu – disse Andrea, revirando entre os dedos o palito com que mexera seu café.

Emily fingiu não ouvir. Já havia deixado bem claro que pedir a ajuda dela tinha sido a maior burrice da sua vida, dizendo que ela não era uma pessoa confiável, perguntando se ela não percebia que tudo virava merda ao cair nas suas mãos de jornalista, acrescentando que começava a imaginar se não tinha

algo de fundamentalmente errado com a pessoa dela. Por um segundo ficou tentada em reacender a discussão, mas decidiu que isso não ajudaria em nada. Além disso, podia ver que a outra se sentia tão culpada quanto ela própria.

– Pensei que o estivesse ajudando – balbuciou Andrea, mais para si que para a sargento. – Você mesma disse: se a gente conseguisse salvar pelo menos um, talvez houvesse mais esperança pro Will.

Emily hesitou um instante, debatendo se devia ou não contar sobre o comportamento dele na manhã anterior. Acabou preferindo ficar de bico fechado.

– Acho que vamos perdê-lo – concluiu Andrea.

– Quem? O Garland?

– Não. O Will.

Emily balançou a cabeça, dizendo:

– Isso não vai acontecer.

– Vocês dois deviam... quer dizer, se você quiser... tenho a impressão de que você... sei lá, acho que ele vai gostar.

De algum modo Emily conseguiu decifrar a linguagem truncada da jornalista, mas achou por bem ignorar a pergunta que vinha nas entrelinhas.

– Esquece – foi só o que ela disse, categórica.

"Foi mal. Hoje sou eu que vou cozinhar pra gente. Te amo." Instalado na sua metade da mesa, Edmunds vinha tentando digitar uma mensagem para Tia sem que Simmons visse. Ela já havia ignorado os três primeiros pedidos de desculpa.

– Edmunds! – berrou Simmons às costas dele. – Se você está com tempo pra brincar no telefone, então também pode falar com a perícia e descobrir que porra foi essa que aconteceu hoje.

– Eu?

– Sim, *você*! – rugiu Simmons, fazendo uma careta de desespero ao ouvir o telefone tocando mais uma vez na sua sala. – Fawkes e Finlay estão do outro lado do país. Baxter ainda está no hospital. Então sobrou você, meu camarada. Você e mais ninguém.

– Pois não, senhor – disse o estagiário, guardando sua papelada. Arrumou a mesa para não levar uma bronca da chefe e saiu apressado em direção ao elevador.

– E ela, como está? – perguntou Joe, o legista careca, ainda mais parecido com um monge budista enquanto lavava as mãos na pia do laboratório. – Vi o noticiário.

– Acho que o país inteiro viu – disse Edmunds. – Ainda não falei com ela, mas o Simmons, sim. Ela ainda está no hospital com o Garland.

– Muito gentil da parte dela, mas infelizmente... não há nada que possa fazer.

– Estão operando o jornalista. Isso significa que ele ainda tem alguma chance.

– Não tem. Falei por telefone com o especialista em queimaduras para informar o que ele tem nas mãos.

– Que é...?

Joe sinalizou para que Edmunds o acompanhasse até a sua estação de trabalho, onde os estilhaços de vidro recolhidos no sofá do hotel esperavam sob as lentes de um microscópio. Algumas poucas gotas de líquido residual jaziam pateticamente no fundo de um tubo de ensaio. Um bastão metálico, ligado por fios a um aparelho, fora molhado no tal líquido. Os restos do cinto protetor estavam numa bandeja com pedaços da pele de Garland ainda grudados à borracha.

– Imagino que você já saiba – disse Joe. – Eles estavam tentando simular a morte do cara.

– Pois é, Simmons contou – confirmou Edmunds.

– Um plano excelente, corajoso – disse o legista com sinceridade. – Então... como é que a gente faz pra matar alguém com uma arma falsa? Troca por outra verdadeira? Troca as balas de festim por balas reais? Troca o miniexplosivo por algo mais letal?

– Imagino que sim...

– Que nada! Todas essas coisas teriam sido verificadas mil vezes. Nosso amigo assassino foi mais esperto: preferiu adulterar o cinto protetor que Garland usaria em volta do tronco. Inicialmente um cinto desses não passa de um inocente pedaço de borracha forrado com pano. Que mal há nisso, certo?

Edmunds se aproximou para ver melhor os restos do cinto, tapando o nariz por causa do cheiro da carne queimada. Fios metálicos chamuscados projetavam-se da borracha em diversos lugares.

– São de magnésio – explicou Joe, aparentemente alheio ao fedor. – Estavam

enroscados em todo o cinto, queimando o infeliz a uma temperatura de alguns milhares de graus Celsius.

– Então, quando explodiram o preservativo com sangue falso...

– Inflamaram a espiral de fios de magnésio. Encontrei vestígios de um catalisador em alguns pontos na frente do cinto, pra garantir a combustão.

– Mas e o vidro? Onde é que o vidro se encaixa nessa história toda?

– Um requinte de crueldade, eu diria. Pra garantir a morte do jornalista, nosso homem incluiu no cinto diversos frascos de ácido, que explodiram com o calor do fogo. Ah, sem falar nos espasmos fatais e no edema provocados pela inalação dos vapores tóxicos.

– Meu Deus... – Edmunds anotava tudo em seu caderno. – Que tipo de ácido?

– Pra falar a verdade, "ácido" é pouco. A coisa é muito pior. É o que eles chamam de "superácido". Provavelmente um tríflico, mil vezes mais poderoso que o ácido sulfúrico.

Edmunds instintivamente se afastou do tubo de ensaio em princípio inofensivo.

– Então é isso que está corroendo as entranhas do cara? – indagou.

– Sim. Por isso eu disse que o caso dele não tem lá muita solução.

– Imagino que não seja fácil obter esse tipo de substância...

– Sim e não – revelou Joe. – Os superácidos são usados amplamente na indústria como catalisadores. Além disso, há todo um mercado paralelo em torno deles, por causa das suas qualidades letais.

Edmunds suspirou com desânimo.

– Não se preocupe – disse Joe, empolgado. – Se o que você quer são pistas, tenho coisa muito melhor pra lhe oferecer. Algo que encontrei no Boneco.

Emily Baxter se afastou para atender uma ligação do hospital. Na ausência dela, sem muito entusiasmo, Andrea tirou da bolsa seu celular de trabalho e o ligou. Onze chamadas não atendidas: nove de Elijah e duas de Geoffrey, recebidas antes que ela tivesse a oportunidade ou a disposição para avisar que estava bem. Havia ainda uma mensagem de voz. Ela se preparou para o pior. "Andrea? Cadê você? Está no hospital? Faz horas que estou tentando falar com você!" Era Elijah, claramente irritado. "Falei agora há pouco com uma funcionária do hotel. Ela

disse que você estava filmando alguma coisa durante a confusão. Preciso dessas imagens *já*. Mandei um técnico pra lá com a chave sobressalente da van. Ele vai fazer o upload de lá mesmo. Me liga assim que receber este recado."

Emily voltou e não pôde deixar de notar o estado dela.

– Que foi?

– Jesus... – disse Andrea, deixando o rosto cair entre as mãos.

– Que foi agora?

– Eles já estão com as imagens – respondeu ela enfim e ergueu o rosto para dizer: – Desculpa.

Ao que parecia, tudo realmente virava merda quando caía nas suas mãos.

Elas haviam sido chamadas de volta ao hospital e precisaram abrir caminho através da barreira de repórteres e câmeras que àquela altura já cercava a entrada principal. Andrea notou que Elijah havia despachado Isobel e o câmera dela para cobrir aquele último e horripilante incidente, no qual ela estava envolvida até o pescoço.

– Quem com ferro fere... – ironizou Emily, depois que um policial as escoltou até os elevadores.

Uma enfermeira as conduziu até uma saleta privativa, e Emily, percebendo o jeito da outra, viu imediatamente o que ela tinha a dizer. Apesar de todo o esforço dos médicos, Garland não havia resistido: as queimaduras eram graves demais e ele havia falecido durante a cirurgia. Embora já esperasse por isso e tivesse conhecido o jornalista apenas três dias antes, a detetive não conseguiu segurar as lágrimas. Carregaria pelo resto da vida o peso enorme daquela culpa, quase podia senti-la fisicamente dentro do peito. Garland fora colocado sob sua responsabilidade. Talvez se ele não houvesse agido pelas costas dela... Ou se ela tivesse...

A enfermeira informou ainda que a irmã de Garland estava sozinha num quarto daquele mesmo corredor caso alguém quisesse falar com ela. Mas Emily não encontrou a coragem de que precisava: deixou com Andrea um abraço para Rory e foi embora o mais rápido que pôde.

Joe retirou da gaveta frigorífica e trouxe para o centro da sala o corpo híbrido que a insensibilidade da imprensa havia batizado de Boneco de Pano. Edmunds preferiria mil vezes não ter de ver aquilo de novo. Como um último insulto à

pobre mulher a cujo torso haviam sido costurados pedaços de cinco outros corpos, uma nova incisão fora feita nela, correndo ao longo do centro do tronco e bifurcando rumo aos ombros na altura dos seios. Embora estivesse definido que as vítimas já estavam mortas no momento das amputações, ele não podia deixar de pensar que aquela anônima tão pálida havia sido mais punida que os seus companheiros de sofrimento.

– Você encontrou alguma coisa no *post mortem*? – perguntou Edmunds, injustamente bravo com Joe ao identificar certo desleixo nos pontos.

– Hein? Não, nada.

– Então...

– Olha direito, depois me diz se notou alguma coisa de errado com este corpo.

Edmunds fitou-o com um olhar de desespero.

– Fora o óbvio, claro – acrescentou o legista.

Resignado, Edmunds correu os olhos pela aberração, prevendo que jamais conseguiria apagá-la da memória. Detestava estar no mesmo ambiente que aquilo. Via ali algo de macabro, por mais que a ideia de macabro contrariasse seu jeito cartesiano de ser e pensar. Sem uma resposta para oferecer, ele simplesmente encarou Joe, que disse:

– Nada? Presta atenção nas pernas. São diferentes no tamanho e na cor da pele, mas foram costuradas quase simetricamente. Mas nos braços a história é bem diferente. De um lado, um braço feminino completo...

– Não que a gente precisasse de um braço inteiro pra identificar o esmalte... – interveio Edmunds.

– ... mas do outro, apenas uma mão e um anel.

– De onde se conclui que... o braço completo deve ter algum significado especial – disse Edmunds, ligando os pontos.

– E tem.

Joe retirou diversas fotografias de uma pasta de arquivo e entregou a Edmunds, que as examinou sem saber direito o que estava vendo.

– É uma tatuagem?

– Uma tatuagem que ela removeu. Com sucesso, diga-se de passagem. O conteúdo metálico da tinta ainda pode ser visto na radiografia, mas no infravermelho fica bem mais nítido.

– O que é, ou era, essa tatuagem? – perguntou o novato, virando uma das fotos de cabeça para baixo.

– Isso aí é com você – riu Joe.

Fazia mais de uma hora que Simmons estava conversando com a comandante Vanita no espaço claustrofóbico da sua saleta, defletindo com estoicismo as ameaças que ela afirmava estar apenas "repassando" dos superiores. Por mais de uma vez tinha ouvido a mulher dizer que estava do lado dele para depois engolir alguma farpa sobre sua equipe de detetives, seu departamento como um todo e sua capacidade de liderança. Mal conseguia respirar com aquela absurda falta de janelas, a impaciência subindo na mesma proporção do calor.

– Quero que você suspenda a detetive Baxter, Terrence.

– Por quê, exatamente?

– Quer que eu desenhe? Ela praticamente matou Jarred Garland com aquele seu plano... ridículo.

Simmons estava a um passo de explodir. Não aguentava mais aquela torrente de reprimendas tão arrogantes quanto infundadas. Sentindo o suor escorrer nas têmporas, não pensou duas vezes antes de usar um documento extremamente importante para se abanar.

– Ela jura que não sabia de nada. E eu acredito nela.

– Nesse caso, e na melhor das hipóteses, ela é uma detetive bastante incompetente.

– A detetive Baxter é uma das pessoas mais competentes de todo o departamento. Fora o Fawkes, não tem ninguém mais dedicado que ela a esse caso ou que esteja mais inteirada dele.

– Fawkes... outra catástrofe iminente. Ou você acha que não estou sabendo da recomendação que a psiquiatra fez pra que ele se afaste do caso?

– Acontece que tem um maluco por aí que se deu ao trabalho de colocar um cadáver apontando pro apartamento do Fawkes e deixou bem claro que está contando com o envolvimento dele – retrucou Simmons, um pouco mais ríspido do que havia pretendido.

– Terrence, é para o seu próprio bem. Você precisa demonstrar de algum modo que não aprova o comportamento inconsequente da detetive Emily Baxter.

– Ela não sabia! Vai, diz aí: o que você teria feito no lugar dela?

Ele começava a perder a compostura. Só queria uma coisa: sair daquela sauna infernal.

– Pra começo de conversa, eu...

– Quer saber de uma coisa? – interrompeu Simmons. – Não estou nem aí pro que você faria. Simplesmente porque você não faz a *menor* ideia do que a minha equipe tem de enfrentar lá fora. E como poderia fazer? Nem é uma policial de verdade!

Vanita estranhou a explosão, pois não era do feitio de Simmons.

– E você, Terrence, é o quê? – retrucou ela com ironia. – Sentadinho aqui neste cubículo o dia todo... Você também não é um policial, é um gerente. Porque quis. Então é melhor começar a pensar e a agir como tal.

Por um instante ele ficou desconcertado com a crueza da observação. Sempre vira a si mesmo e à sua equipe como uma coisa só. Recompondo-se, falou:

– Não vou suspender, afastar ou repreender a detetive Baxter por ter feito seu trabalho e colocado sua própria vida em risco hoje.

Vanita ficou de pé, revelando suas roupas espalhafatosas.

– Vamos ver o que o comissário tem a dizer a esse respeito. Agendei uma coletiva com a imprensa às cinco horas. Precisamos dar um depoimento oficial sobre o que aconteceu hoje de manhã.

– Fale você mesma com os abutres – esbravejou Simmons, levantando-se também.

– *Como é que é?*

– Não vou fazer mais nenhuma coletiva, não vou compactuar com esta sua política nojenta de tirar o cu da reta, nem vou ficar trancafiado nesta sala, falando ao telefone, enquanto meus colegas estão lá na rua, com a bunda virada pro perigo.

– Se eu fosse você, pensaria duas vezes antes de...

– Não vou pedir as contas se é isto que você está sugerindo. Não estou com tempo pra conversa fiada, só isso. A gente se vê por aí.

Abandonando a comandante na sala, Simmons marchou para a mesa que um dia fora de Chambers, instalou-se nela decididamente e ligou o computador.

Edmunds levou um susto quando saiu do elevador e passou pelo chefão, que pesquisava na internet os artigos mais polêmicos de Jarred Garland. Vendo que

Emily já estava de volta, correu ao encontro dela e lhe ofereceu um abraço, que a detetive, surpreendentemente, aceitou.

– Eu estava preocupado com você... – disse ele, ocupando sua metade da mesa.

– Precisei esperar no hospital até que... Enfim, fiquei esperando pelo Garland.

– Ele não tinha a menor chance – disse Edmunds e repetiu o que Joe explicara sobre o tal superácido. Falou também sobre a tatuagem. – Acho que a gente devia começar com...

– *Você* vai começar – corrigiu ela. – Estou me afastando do caso.

– O quê?

– Simmons contou que a comandante Vanita exigiu minha suspensão. O mais provável é que eu seja transferida pra outro caso na segunda-feira. O próprio Simmons pode ficar no meu lugar e Finlay já topou ser sua nova babá.

Edmunds nunca vira sua chefe assim, tão desalentada. Estava prestes a sugerir que eles saíssem juntos para levar as fotos em infravermelho a algum estúdio de tatuagem quando o entregador apatetado se aproximou com um envelope na mão.

– Detetive Emily Baxter?

– Sim, sou eu – afirmou, apoderando-se do envelope. Antes de rasgá-lo, percebeu que o garoto permanecera onde estava, olhando para ela. – Mais alguma coisa?

– Fui eu que entreguei aquele monte de flores, mas... não estou vendo nenhuma por aqui. Cadê elas?

– Foram todas embrulhadas e enviadas pra perícia depois de terem matado um homem – respondeu ela com tranquilidade. – Mas valeu por tê-las trazido pessoalmente.

Edmunds riu e o palerma foi embora sem falar mais nada.

Quando ela enfim abriu o envelope, uma espiral fininha de magnésio caiu na mesa. Edmunds encarou a chefe e ela olhou de volta, ambos preocupados. Ele buscou um par de luvas descartáveis e entregou a ela. O envelope continha uma fotografia em que Baxter aparecia caminhando ao lado da maca de Garland, tirada da perspectiva da multidão de curiosos que após a confusão se acumulara à porta do hotel. O verso trazia um bilhete: “Se vocês não respeitarem as regras do jogo, não serei eu a respeitá-las.”

– Ele está se aproximando – disse Emily. – Exatamente como você tinha previsto.

– É maior do que ele – revelou Edmunds, examinando a foto.

– O bilhete está bem-escrito, com vírgula e tudo.

– O que já era de esperar. Ele certamente tem uma boa formação.

– "Se vocês não respeitarem as regras do jogo" – repetiu ela em voz alta –, "não serei eu a respeitá-las."

– Tem alguma coisa errada aí.

– Você acha que não é dele?

– Não, não. Não é isso. Acho que é dele, sim. Eu não queria tocar nesse assunto hoje, depois de tudo por que você passou, mas...

– Estou bem, pode falar.

– É que... Qual motivo ele teria pra matar Jarred Garland um dia antes da data que ele mesmo marcou?

– Pra castigar a gente. Pra castigar o Wolf, que não estava lá.

– Isso é o que ele quer que a gente pense. Mas ele descumpriu o prometido, abrindo mão do que seria a sua grande obra-prima. Aos olhos dele, isso representa uma derrota.

– Como assim?

– Alguma coisa deixou o cara assustado, fazendo com que ele antecipasse a morte de Garland. Ele deve ter se apavorado. Ou a gente chegou perto demais ou ele realmente achou que não conseguiria ter acesso ao Garland amanhã.

– Garland ia ser levado pelo pessoal do Serviço de Proteção Civil.

– Vijay Rana também se Elizabeth Tate não tivesse chegado antes. Além do mais, só você sabia pra onde iam levá-lo. Então... o que havia de diferente?

– Eu? Era eu que estava no comando. Wolf não se envolveu. Nem ele nem ninguém da equipe.

– Exatamente.

– Mas aonde você quer chegar?

– Ou a gente aceita a possibilidade de que o assassino estava vigiando a gente de perto e sabia que a manhã de hoje seria sua última chance antes que Garland sumisse do mapa...

– Acho pouco provável.

– ... ou alguém com conhecimento profundo do caso está vazando

informações pra ele.

Emily riu e balançou a cabeça, dizendo:

– Puxa, você realmente sabe como fazer amigos, não é?

– Espero que esteja enganado – disse Edmunds.

– E está. Quem aqui haveria de querer ver o Wolf morto?

– Não faço a menor ideia.

Ela refletiu um instante, depois perguntou:

– E aí, o que é que a gente faz?

– Bem, em primeiro lugar a gente não conta nada disso pra ninguém.

– Óbvio.

– Depois armamos uma arapuca.

Capítulo 20

Sexta-feira, 4 de julho de 2014
18h10

Wolf descobriu ao acordar que estava novamente em Londres. Ele e Finlay tinham se despencado para o outro lado do país para entregar Andrew Ford aos oficiais do Serviço de Proteção Civil. Nenhum dos dois sabia qual seria o destino final do segurança irlandês, mas ambos podiam jurar que era algum lugar na região sul do País de Gales: o próprio pessoal do Serviço havia marcado de encontrá-los no estacionamento do Reservatório Pontsticill, no interior do Parque Nacional de Brecon Beacons.

Ford se revelara uma péssima companhia naquela viagem de quatro horas, sobretudo após saber da morte prematura de Jarred Garland pelos noticiários do rádio. Wolf tinha tentado falar com Emily quando eles pararam num posto de gasolina, mas as chamadas haviam caído na caixa postal. Também no posto Finlay tivera a brilhante ideia de comprar uma garrafa de vodca na esperança de calar seu passageiro com a bebida.

– Um presentinho pra você, Andrew – disse ele ao voltar para o carro. Vendo que o outro não se mexia, exalou um suspiro de resignação, depois falou: – Tudo bem. Um presentinho pra você, *Santo Andrew, assistente de infanticida*.

Ford já havia alugado os ouvidos de ambos com a história da sua façanha de ter salvado o Cremador das garras de certo lobo feroz porém honrado, e desde então vinha se recusando a responder ao que quer que fosse se não o chamassem pelo nome completo. Também arruinara a viagem ao se recusar a deixar sua pocilga naquela manhã, atrasando a saída em muitas horas e obrigando-os a retornar para a capital na pior hora do dia: a do rush.

Pelo menos o reservatório em si fora uma grata surpresa. Como se não

bastasse a beleza da paisagem – a vastidão do lago, os reflexos do sol na água límpida, o verde das florestas vizinhas –, havia ainda a peculiaridade do vertedouro boca-de-sino, uma garganta que se abria na superfície para engolir a água sempre que era necessário mantê-la nos níveis desejados. Acima do vertedouro, uma ponte metálica unia a borda do lago àquilo que parecia ser a torre de pedra de um castelo submerso, com janelas arqueadas, um telhadinho de cobre patinado e o galo de um cata-vento empoleirado no alto como se tivesse subido ali para escapar à inundação do castelo imaginário. Wolf e Finlay haviam descido do carro para respirar um pouco do ar galês e admirar o cenário antes de retomar a viagem.

Wolf bocejou sonoramente e se empertigou no banco do carro para ver onde estava.

– Dormiu bem? – perguntou Finlay.

Fiel à sua promessa, engoliu um palavrão quando um Audi arrogantemente o ultrapassou para não parar no sinal.

– Pra falar a verdade, nem em casa eu durmo bem.

Finlay olhou para o amigo e disse:

– O que você ainda está fazendo aqui, cara? Está esperando o que pra entrar num avião e sumir do mapa?

– Sumir como? Minha cara feia está estampada na primeira página de todos os jornais do planeta.

– Sei lá. Floresta Amazônica, deserto australiano... entrar debaixo de uma pedra e só sair depois que tudo isso passar.

– Não dá pra viver assim, com medo da minha própria sombra.

– Melhor do que não ter sombra nenhuma.

– Se a gente pegar o cara... pronto, resolvido.

– E se não pegar?

Wolf apenas deu de ombros, sem saber o que responder. O sinal abriu, Finlay arrancou.

Andrea foi recebida com uma salva de palmas ao entrar na redação do jornal. Muitos tapinhas nas costas, muitas felicitações. Ainda tinha na blusa os respingos de sangue falso que não conseguira limpar no banheiro do hospital. Inquietava-se terrivelmente com o estado de Rory, que permanecera internado para a

irrigação periódica das queimaduras, uma ação contra o ácido que após oito horas ainda comia suas carnes por dentro. Segundo o especialista, era bem provável que ele perdesse o polegar da mão direita, bem como os movimentos do indicador caso houvesse mais danos aos nervos.

Os aplausos foram se dissipando quando ela sentou à sua mesa. As imagens de Garland sendo queimado vivo passavam em câmera lenta nos monitores da sala, exibidas pela centésima vez no dia. A câmera largada por Rory havia capturado tudo, a rachadura na lente emoldurando a cena com perfeição. Andrea revirou os olhos, enojada depois de encontrar e ler o bilhete deixado por Elijah: "Desculpa, precisei dar uma saída. Hoje você brilhou. Reunião na segunda-feira bem cedo pra discutirmos seu futuro na emissora: você fez por merecer. Elijah."

O tal "futuro" com certeza significava a posição permanente de âncora com a qual ela tanto sonhara, mas, em vez da alegria esperada, Andrea sentiu um vazio no peito. Sem prestar muita atenção no que estava fazendo, rasgou o envelope pardo que encontrou na bandeja das correspondências. Algo caiu sobre a mesa: uma estranha espiral metálica. Dentro do envelope havia uma foto de Rory deixando o hotel. Imediatamente ela enviou uma mensagem de texto para Emily Baxter. Mesmo sabendo que aquela segunda mensagem do assassino renderia mais um furo de reportagem e que fortaleceria ainda mais sua posição na emissora, ela recolocou a foto e a espiral no envelope e o trancou na gaveta. Não tinha a menor intenção de continuar naquele jogo.

As velas mal equilibradas no centro da mesa de jantar eram ao mesmo tempo um toque romântico e um risco de incêndio. Coubera a Tia fechar o salão, portanto Edmunds chegara em casa antes dela e fora direto para a cozinha preparar o jantar. Deparando com tamanha demonstração de carinho, Tia abrira um sorriso de orelha a orelha e guardara no congelador a porção individual de comida que havia comprado na rua. Eles curtiam então a tranquilidade do seu jantar a dois, turbinado com uma garrafa de vinho branco e uma sobremesa comprada no supermercado, assim como tinham feito tantas vezes até a transferência de Edmunds.

Antes de sair do trabalho ele imprimiu uma boa pilha de casos antigos para estudar em casa depois que Tia fosse dormir. Guardara-os em cima dos armários da cozinha, onde a noiva de 1,50 metro dificilmente os encontraria. Já os havia

esquecido completamente até que o papo deu uma guinada para o seu novo cargo na polícia.

Inconscientemente afagando sua barriga de grávida, Tia perguntou:

– Você estava lá? Quando o jornalista...

– Não.

– Mas sua chefe estava, não estava? Aquela comandante indiana mencionou o nome dela, eu ouvi.

– Emily? Na verdade ela não é minha chefe. Ela é... bem, pra todos os efeitos ela é minha chefe, sim.

– Então... o que você estava fazendo enquanto essa loucura toda acontecia?

Estava mais do que óbvio que Tia vinha se esforçando para demonstrar algum interesse no trabalho dele. As informações eram confidenciais, claro, mas ele não podia simplesmente alienar a noiva. Então decidiu revelar apenas os aspectos menos relevantes da investigação: além de matar um pouco da curiosidade dela, provavelmente a deixaria mais tranquila ao pintar seu papel na equipe como mais desimportante do que de fato era.

– Você viu as fotos do Boneco de Pano nos jornais, não viu? Bem, o braço direito pertencia a uma mulher.

– Quem?

– Isso é o que estou tentando descobrir. Ela estava usando dois tipos diferentes de esmalte nas unhas, o que pode nos dar uma pista quanto à identidade dela.

– Dois tipos de esmalte na mesma mão?

– O polegar e três outros dedos estavam pintados com Crushed Candy, mas o do mindinho era bem diferente.

– Mas você acha que vai descobrir quem ela é só com o esmalte?

– Por enquanto é o que temos – disse Edmunds.

– Então tem de ser um esmalte bem especial, né? – palpitou Tia. – Quer dizer, senão...

– Especial? Como assim?

Edmunds ergueu suas antenas.

– Tipo... Tem uma perua que toda semana vai fazer as unhas no salão e a Sheri precisa encomendar um esmalte só pra ela: um esmalte que vem com flocos de ouro dentro, ouro verdadeiro ou alguma outra palhaçada dessas. Não vendem

nas lojas porque é muito fácil de roubar e cada frasco custa mais ou menos 100 libras.

Edmunds tomou a mão dela e disse:

– T, você é um gênio!

Bastaram trinta minutos de pesquisa na internet para que eles descobrissem juntos as principais marcas de esmaltes absurdamente caros e Edmunds teve a impressão de que finalmente havia encontrado o que procurava: uma edição limitada da Chanel chamada Feu de Russie 347.

– Um frasco desse esmalte chegou a ser vendido por 10 mil dólares na Semana de Moda de Moscou de 2007! – exclamou Tia, lendo no computador enquanto Edmunds servia mais vinho para ambos.

– Dez mil dólares por um *frasco de esmalte*? – disse ele, pasmo.

– Provavelmente num leilão de caridade ou algo parecido. Mesmo assim imagino que não tenha muita gente no mundo com um esmalte desses dentro da bolsa.

A detetive Baxter havia recebido uma mensagem de texto do novato, pedindo que ela o encontrasse na loja Chanel da rua Sloane às dez da manhã. Ao lembrá-lo de que seria afastada do caso na segunda-feira seguinte, ouvira de volta apenas um lembrete: ainda era sábado.

Ela já estava atrasada, tinha dormido mais que a cama e agora se via presa atrás de um cadeirante na multidão que enchia a calçada. Após a morte horrenda de Garland, sua vontade era se trancar em casa e vegetar na segurança do seu sofá, exatamente o que ela havia feito na noite anterior, esvaziando duas garrafas de vinho diante da televisão.

Quando o cadeirante ficou preso no gradil de um bueiro, ela aproveitou a oportunidade para ultrapassá-lo e encontrou Edmunds à sua espera mais adiante na rua. Vinha pensando bastante na hipótese levantada pelo novato de que havia um informante na equipe. Quanto mais refletia, mais achava a ideia absurda. Wolf, claro, estava fora de questão. Finlay era plenamente confiável. Simmons também, inclusive vinha enfrentando medidas disciplinares por ter tomado o partido dela. Quanto ao próprio Edmunds... bem, ela jamais admitiria isso na frente do garoto, mas confiava nele tanto quanto nos demais.

Recebeu o café morno que ele havia comprado em algum lugar, depois ouviu

com paciência a história sobre a contribuição de Tia no jantar da véspera. Gostou que ele tivesse voltado a tratá-la como a chefe mal-humorada de sempre, sem os abraços de comiseração da tarde anterior, por mais bem-vindos que tivessem sido. A confiança que ele depositava nela bastava para fortalecer sua confiança em si mesma.

Uma gerente viera da loja principal da Oxford Street para encontrá-los na loja da rua Sloane. A mulher, por sorte eficientíssima, passara mais de uma hora fazendo telefonemas e verificando faturas para ajudá-los. Com isso produzira uma lista de dezoito transações, sete das quais possuíam nomes e endereços de entrega.

– Outros frascos foram enviados para uso em leilões, premiações e eventos filantrópicos – explicou ela. – As pessoas das quais possuímos os dados de contato, claro, são as nossas melhores clientes.

Emily estranhou quando ela se calou para examinar algo na sua lista.

– Algum problema? – perguntou.

– O Sr. Markusson... É um dos nossos clientes lá da Oxford Street.

A policial pegou a lista e leu com os próprios olhos.

– Diz aqui que ele mora em Estocolmo.

– Divide seu tempo entre Estocolmo e Londres. Ele e a família possuem imóveis em Mayfair. Tenho quase certeza de que tenho um endereço de entrega. Se vocês puderem esperar um minutinho...

A mulher ligou novamente para a matriz e Emily cochichou para Edmunds:

– Aposto que neste exato momento o Sr. Markusson deve estar peladão lá na Suécia, fazendo sua sauninha de sábado.

– Que nada – disse a gerente, afastando o celular de modo teatral. – Ele veio ontem pra Londres.

Simmons fizera questão de voltar para a mesa de Chambers. Várias pessoas já o haviam procurado com problemas banais – trocas de turno, solicitações de férias –, mas ele se recusara a ouvi-las, atendo-se apenas às questões mais urgentes para poder se concentrar no pepino que tinha nas mãos.

Sua mulher não havia digerido muito bem a notícia de que ele corria o risco de ser rebaixado, e boa parte da noite anterior fora consumida na tentativa de acalmá-la: eles ainda conseguiriam continuar pagando as mensalidades da

hipoteca e viajando nas férias de verão. De um jeito ou de outro acabariam se virando. Sempre se viravam.

Ele agora enfrentava a excruciante tarefa de cotejar nome por nome a lista preparada por Edmunds, contendo todas as pessoas envolvidas no julgamento de Khalid, com o banco de dados de Pessoas Desaparecidas. Ainda não estava totalmente convencido, como o garoto, de que todos os assassinatos tinham algum vínculo, ainda que remoto, com a figura de Naguib Khalid. Contudo, isso era tudo que ele tinha nas mãos até o momento.

Sua concentração começava a fraquejar quando, no 57º nome da lista, ele enfim tropeçou numa paridade. Abrindo o relatório assinado pela própria Polícia Metropolitana, viu que a data era 29 de junho, o domingo seguinte à descoberta do Boneco no apartamento de Kentish Town. Só podia ser uma das três vítimas ainda não identificadas.

– Filho da puta... – sussurrou Simmons.

A residência londrina do sueco era uma casa geminada de quatro andares e ficava numa rua secundária, arborizada mas relativamente movimentada, de Mayfair. Baxter e Edmunds precisaram bater duas vezes à porta antes de ouvirem passos do outro lado. Foram atendidos por um homem de ombros largos com uma xícara de café na mão e um telefone espremido entre a orelha e o ombro, visivelmente musculoso sob a camisa de aspecto caro e as calças jeans. Os cabelos eram muito louros e compridos, mas com um corte definido, e o rosto exalava o perfume forte de uma loção pós-barba.

– Pois não? – disse ele com impaciência.

– Sr. Stefan Markusson?

– Eu mesmo.

– Somos da Polícia Metropolitana. Precisamos fazer algumas perguntas.

Ao contrário da primeira impressão que havia causado, Markusson os recebeu de modo descontraído e afável. Convidou-os a entrar e Emily pensou adentrar o cenário de um filme de ficção científica ambientado num palacete setecentista. Na sala principal, uma parede inteira dera lugar a portas de vidro que se abriam para um jardim interno. Ela lembrou-se de Rory, o cinegrafista, pensando que ele adoraria tudo aquilo. Tiraria algumas fotos caso o anfitrião os deixasse sozinhos em algum momento.

Markusson pediu que sua adorável filha subisse para o quarto quando ela apareceu para ver quem tinha chegado e a linda Sra. Markusson, com seus dois braços inteiros, saiu da sala para preparar um chá gelado. Edmunds já começava a achar que aquilo era uma grande perda de tempo, mas Emily, do alto da sua experiência, sabia que eram as amantes, e não as esposas, que costumavam receber os presentes mais extravagantes e caros. O mais provável era que na ausência da mulher o sueco fosse bem mais franco nas suas respostas.

– Então, em que posso ajudá-los? – disse Markusson, agora com um sotaque mais perceptível.

– Sabemos que o senhor esteve em Moscou em abril de 2007 – revelou a detetive.

– Abril de 2007...? – repetiu o homem, olhando para o alto. – Sim, na semana de moda. Minha mulher... ela arrasta a família inteira pra ver esses desfiles.

– Gostaríamos de saber um pouco mais sobre algo que o senhor comprou nesta viagem. – A detetive se calou, esperando que o sueco se lembrasse da sua compra de 10 mil dólares. Mas não lembrou. – Um frasco de esmalte Chanel?

Exatamente nesse instante a Sra. Markusson voltou com o chá e Emily não pôde deixar de perceber o desconforto estampado no rosto do marido.

– Por que você não sobe pra ficar com a Livia? – sugeriu ele, acariciando-a no braço. – Daqui a pouco eu vou também.

A policial revirou os olhos quando a loura escultural obedeceu sem questionar. Esperou que ela sumisse de vista e, bem mais incisiva, retomou o assunto:

– O esmalte de 10 mil dólares?

– Foi pra uma mulher que conheci aqui em Londres. Naquela época eu viajava muito e... sabe como é, a gente acaba se sentindo sozinho e...

– Francamente não estou nem um pouco interessada – interrompeu Emily. – Como se chama a mulher?

– Michelle.

– Sobrenome?

– Gaily, eu acho. Saíamos pra jantar quando eu estava na cidade. Ela adorava essas grifes de moda, então dei a ela esse presente.

– Como foi exatamente que vocês se conheceram? – perguntou a detetive.

Markusson pigarreou, depois respondeu:

– Num site de relacionamentos.

– Ou de adultérios – disparou ela.

Markusson não reagiu. Aparentemente achou a farpa merecida.

– Michelle não era uma mulher rica, por isso lhe dei o presente – explicou ele. – Pra evitar complicações, achei prudente me envolver com alguém de um nível social, digamos... diferente.

– Imagino que sim.

– Quando foi a última vez que o senhor a viu? – perguntou Edmunds, com seu caderno em punho.

Distraidamente ele deu um gole no seu chá e babou no canto da boca. Sua chefe virou o rosto para não ver.

– Terminei com ela quando minha filha nasceu em 2010.

– Muito digno da sua parte. Eu acho.

– Nunca mais tive notícias dela. Engraçado...

– O quê? – perguntou Emily.

– Pensei na Michelle diversas vezes nesta última semana, provavelmente por causa dessas coisas todas que os jornais estão noticiando.

Baxter e Edmunds se entreolharam.

– Que coisas? – perguntaram eles juntos.

– O Cremador, que apareceu morto dias atrás. Naguib Khalid, é esse o nome dele, não é? Na última vez em que esteve comigo, Michelle ficou falando nele por um bom tempo. Foi um momento importante na carreira dela.

– O quê? – perguntaram os dois novamente juntos.

– Khalid ter caído nas mãos dela – respondeu Markusson. – Ela era a agente social responsável pela inspeção da condicional dele.

Capítulo 21

Segunda-feira, 7 de julho de 2014
9h03

Wolf simplesmente ignorou a ligação que recebeu da secretária da Dra. Preston-Hall ao chegar ao trabalho. Ele havia dispensado por conta própria os serviços da psiquiatra após a recomendação que ela havia feito para que o afastassem da polícia. Não via nenhum sentido em continuar perdendo seu precioso tempo na companhia da bruxa.

Simmons, por sua vez, contrariara essa mesma recomendação por um único motivo: a morte prematura de Jarred Garland. Correndo contra o tempo e contra a maré da sorte, ele não poderia ter provocado o psicopata ainda mais. O recadinho enviado à detetive Baxter deixava bem claro que o envolvimento de Wolf era imprescindível.

Na sua modesta opinião o risco em soltar nas ruas um detetive emocionalmente instável era ínfimo se comparado às ameaças de um assassino em série. Nada impedia que o maluco resolvesse matar mais gente, furar de novo as datas que ele mesmo havia marcado ou vazar mais informações críticas para a imprensa. A situação já era suficientemente precária do jeito que estava.

Na realidade, por mais estranho que fosse, Wolf chegava a sentir uma pontada de gratidão pelo monstro que planejava matá-lo dali a uma semana. Devia a ele o emprego que ainda tinha. Não pretendia enviar um cartão de agradecimento, mas, ao que tudo indicava, realmente havia males que vinham para o bem.

Obedecendo a um impulso ele havia passado o fim de semana em Bath. Não porque pensava na possibilidade de morrer em breve, mas porque se vira com uma súbita saudade da casa em que fora criado, da fornalha que era a sala de

visitas, dos bifes invariavelmente duros da mãe, das cervejas que costumava tomar no pub local com seu melhor amigo, que aparentemente estava condenado a viver, trabalhar e morrer num raio de 3 quilômetros da escola em que ambos haviam estudado.

Ouvira com toda paciência do mundo as histórias que o pai vinha repetindo desde sempre e só então, após tanto tempo, percebera por que era tão bom rever aqueles dois. Apenas uma vez, durante um intervalo na conversa, eles haviam mencionado os assassinatos e a situação delicada em que o investigador se encontrava. O pai, em particular, nunca havia sido dos mais emotivos. Ao que parecia, eles haviam discutido o assunto "longamente" enquanto ele estava no banho – uma alfinetada pelo desperdício de água quente – e chegado à conclusão de sempre: ele poderia voltar para casa na hora em que bem entendesse, o melhor remédio para quase todos os problemas da vida.

– Duvido muito que esse sujeito se disponha a vir pra essas bandas – afirmou o pai com toda segurança.

Em outros tempos Wolf teria ficado furioso com essa ingenuidade e essa banalização da realidade, mas agora não. Dessa vez ele achou graça e quem ficou furioso foi o pai ao vê-lo rir da sua ponderada opinião.

– Sei que não sou nenhum sabichão da cidade grande – disse o velho –, mas também não sou burro. – Por algum motivo ele nunca havia gostado de Londres e passara a tratar o filho de modo diferente quando ele abandonou a "roça" para buscar uma vida melhor na capital. – Essa autoestrada M4 é um perigo: obras pra todo lado, pardais daqui até lá!

Infelizmente isso só fez Wolf gargalhar de novo.

– William-Oliver! – repreendeu a mãe quando o marido, William Senior, saiu pisando duro para fazer um chá na cozinha.

Wolf detestava aquela mania dela de agrupar os seus dois primeiros nomes. Como se não bastasse a pretensão do sobrenome. Aparentemente ela via nos hifens uma espécie de camuflagem para os meios modestos da família, assim como o jardim perfeitamente cuidado e o carro parado na garagem camuflavam a simplicidade da casa.

Ele ajudou no que pôde em alguns consertos, mas não encontrou energia para remendar a maldita cerca da vizinha Ethel e quase se machucou ao se jogar

atrás da mureta do jardim para se esconder da velha quando ela subitamente apareceu na varanda.

O fim de semana em Bath deixara-o com gás suficiente para a semana complicada que estava por vir, mas bastou pisar no departamento para ver que tudo havia mudado. Ao que parecia a comandante havia se apoderado novamente da sala de Simmons. Este, por sua vez, migrara para a mesa de Chambers e em algum momento herdara Edmunds, que sentava ao lado dele com dois olhos roxos no rosto. A detetive Baxter conversava, compenetrada, com um detetive chamado Blake, que não participava do caso do Boneco e por quem, tal como era de conhecimento geral, ela não nutria a menor simpatia.

No bloco de cavalete da sala de reuniões, dois nomes haviam sido acrescentados à lista de vítimas identificadas e Finlay deixara um bilhete, pedindo que ele o encontrasse na Embaixada da Irlanda em Belgravia assim que saísse da sua consulta com a psiquiatra: eles haviam sido incumbidos de assumir a proteção de Andrew Ford, que estava lá. A ordem lhes parecia surreal, pois, se não lhe falhasse a memória, ele tinha pessoalmente deixado o segurança no sul do País de Gales. Perdido, foi falar com Simmons e Edmunds, e só então percebeu que o nariz do novato estava quebrado.

– Bom dia – disse ele casualmente. – Então, que foi que eu perdi?

Madeline Ayers havia trabalhado por quatro anos para a Collins & Hunter e encabeçado a defesa de Naguib Khalid naquele que parecia ser o julgamento da década. Simmons imediatamente reconhecera o nome dela na lista de pessoas desaparecidas, pois a advogada havia sido a voz mais ruidosa nos ataques a Wolf e à Polícia Metropolitana, adquirindo fama pela arrogância das suas observações e pela contundência das suas afrontas no tribunal – entre elas a sugestão de que Wolf trocasse de lugar com Khalid no banco dos réus.

A identificação de Ayers havia confirmado a previsão de Edmunds desde o início: realmente era Khalid quem estava no centro de todo aquele horror. O envio de policiais à residência dela em Chelsea não passara de uma formalidade para corroborar que era seu aquele torso pálido e frágil que sustentava as demais partes do Boneco de Pano. Apesar desse novo passo na investigação, trágico porém promissor, eles ainda não haviam conseguido concatenar qual era o vínculo de Michael Gable-Collins com o caso.

Menos de três horas depois, Baxter e Edmunds tinham voltado ao departamento com a informação de que, graças a um esmalte de 10 mil dólares e à vida dupla de um ricaço sueco, eles haviam confirmado que Michelle Gailey, a inspetora responsável pela condicional de Khalid, era mais uma das vítimas que compunham o Boneco, a quinta a ser identificada. À época a notícia havia sido mais ou menos ofuscada por outras mais palpitantes, mas Khalid fora condenado por dirigir sem carteira e estava sob a supervisão de Michelle Gailey quando fez sua penúltima vítima.

Das seis partes que compunham o Boneco, apenas uma permanecia sem identificação. Embora nenhuma das outras pessoas envolvidas no julgamento constassem da lista de desaparecidos, Simmons agora podia jurar que o nome da sexta vítima estava bem ali naquela folha de papel, encarando-o de volta. Restava-lhe então recomeçar do topo, riscando cada nome somente depois de fazer contato direto com a pessoa em questão ou confirmar que ela havia sido vista por alguém após a descoberta do Boneco.

Rachel Cox chegava ao fim do seu turno na madrugada de domingo. Fazia apenas um ano que vinha trabalhando para o Serviço de Proteção Civil e até então aquele havia sido o lugar mais agradável para o qual a tinham enviado, um simpático chalé nas imediações de Tintern, um vilarejo igualmente simpático na região sul do País de Gales. Mas a pessoa protegida, infelizmente, de simpática não tinha nada.

Andrew Ford passava a maior parte do tempo berrando obscenidades para suas duas guardiãs ou então arremessando objetos casa afora. Na noite de sexta ele quase ateara fogo na palha do telhado após a malograda tentativa de acender uma fogueira e na tarde de sábado teria fugido se as duas não houvessem unido forças para detê-lo.

Rachel ignorara o conselho que Finlay lhe dera no estacionamento do reservatório, mas começava a pensar na ideia de descansar um pouco para depois dar um pulo na cidade e comprar algumas garrafas de vodca. Teria de escondê-las da supervisora, mas acreditava que isso bastaria para tornar mais suportáveis as noites que elas ainda teriam de passar na companhia do problemático irlandês.

Por volta das três da manhã, quando Ford finalmente se cansou e dormiu, ela foi para a mesa da cozinha e ficou ali, embalada pela luz suave que vinha do

corredor. Ela o ouvia roncar e, cada vez que os grunhidos cessavam, rezava para que ele não tivesse acordado. E lá pelas tantas, quando suas próprias pálpebras começaram a pesar, decidiu seguir o conselho da supervisora e sair para patrulhar o terreno.

Pisando de leve para não fazer ranger as tábuas do piso, Rachel lentamente destrancou a porta pesada do chalé, calçou as botas e foi caminhando pela grama orvalhada, despertando-se pouco a pouco com o frio da madrugada e se arrependendo de não ter buscado um casaco. Ainda estava a uns 50 metros do muro do jardim quando se assustou com o vulto fantasmagórico que viu junto do portão. Sabia que sua colega dormia no quarto às suas costas com uma arma ao alcance da mão, portanto não levaria mais do que vinte segundos para vir a seu encontro caso ela berrasse por ajuda. Mas, como não queria acordá-la à toa, tampouco admitir que tinha esquecido o rádio na mesa da cozinha, decidiu averiguar sozinha quem era o intruso.

Por precaução sacou seu spray de pimenta antes de seguir na direção do desconhecido do qual se via apenas uma silhueta contra a pouca luz das montanhas. A temperatura parecia baixar a cada passo dado e os jatos de vapor que ela exalava pelas narinas conferiam à cena um clima ainda mais sinistro.

Faltava pouco para que o sol desse as caras no sinuoso horizonte galês. Rachel agora estava a uns 10 metros do homem, mas ainda não conseguia discernir muito bem os traços dele, exceto que era alto e parecia consertar algo no portão sem notar sua chegada. No entanto, assim que ela pisou no caminho de cascalho, fazendo com que as pedrinhas geladas crepitassem sob o solado das botas, o vulto interrompeu o que estava fazendo e ergueu o rosto para vê-la.

– Posso ajudar? – disse ela com firmeza. Tinha sido treinada para se apresentar como policial apenas como último recurso. Deu mais um passo e disse: – Perguntei se posso ajudar em alguma coisa.

Rachel agora estava furiosa consigo mesma por ter esquecido o rádio. Estava longe do chalé, teria de gritar muito alto se quisesse ou precisasse acordar sua colega, o que deveria ter feito muito antes. O vulto permanecia imóvel e calado, mas ela estava perto o suficiente para ver o vapor do seu hálito, a fumaça de um fogo que não tardaria a aparecer. Sem se conter mais, ela encheu os pulmões e gritou:

– Coombes!

O vulto partiu em disparada e ela atravessou o portão para seguir no encalço dele, ambos correndo morro abaixo pela trilha lamacenta que margeava o bosque.

Com seus 25 anos e um passado brilhante como atleta universitária, Rachel vinha rapidamente diminuindo a distância entre os dois, apesar da irregularidade cada vez maior do chão que eles pisavam. O silêncio era quase surreal, quebrado apenas pela respiração ofegante e pelos passos atabalhoados da perseguição.

– Polícia! Parado aí!

O sol começava a subir, seus vermelhos e dourados roçando o cume das árvores. Rachel agora podia ver melhor o grandalhão à sua frente, a cabeça raspada, a cicatriz que corria diagonalmente pelo couro cabeludo. Ele calçava um par de botas pesadas e vestia um casaco, preto ou azul-marinho, que enfunava às suas costas.

De repente o homem deu uma guinada e pulou, desgovernado, a cerca de arame farpado que protegia o bosque. Rachel ouviu o grito de dor que deixou escapar antes de se embrenhar nas árvores. Correu até o ponto onde ele havia pulado, mas desistiu ali mesmo da perseguição. Por vezes tinha dificuldade para relembrar técnicas e fundamentos sob o efeito de tanta adrenalina, mas sabia perfeitamente que estaria em desvantagem se continuasse atrás do sujeito na cerração de um bosque: era muito menor que ele e a única arma de que dispunha era um spray de pimenta.

Além do mais, ela já tinha aquilo de que precisava: o sangue do intruso, que ainda pingava do arame farpado. Na ausência de um alicate para cortar e levar consigo aquele pedaço, ela sacou seu lenço do bolso e colheu o que foi possível da sua amostra de DNA. Depois, deu meia-volta e irrompeu morro acima, um rabo de olho sempre virado para as árvores a seu lado.

A detetive Baxter foi a primeira da equipe a pisar no departamento na manhã de domingo, portanto foi ela quem recebeu o recado urgente deixado pelo Serviço de Proteção Civil. Levou uns bons vinte minutos para provar sua identidade e transpor todas as medidas de segurança até ser transferida para Rachel e ouvir dela o relato sobre os acontecimentos da madrugada.

Ao voltar ao chalé após a perseguição, a policial havia encontrado um envelope pardo amarrado ao portão, contendo apenas uma foto, tirada na tarde

de sábado, em que ela e sua colega lutavam para imobilizar Andrew Ford no jardim.

Rachel e sua supervisora haviam agido com rapidez e competência: àquela altura já tinham convocado a polícia local para fazer uma busca na floresta, isolando a trilha lamacenta para preservar a integridade das pegadas e enviando para a perícia da Polícia Metropolitana não só o lenço manchado de sangue, como também o pedaço de arame em que o intruso havia se machucado.

Aquele havia sido o primeiro erro do assassino, e eles não deixariam barato.

Claro que Ford não poderia permanecer no tal chalé. Portanto, não conseguindo falar com Wolf, Simmons despachou Baxter e Edmunds para buscá-lo enquanto ele próprio pensava numa solução alternativa. A Embaixada da Irlanda parecia ser o caminho mais sensato, pois contava com um esquema de segurança no seu funcionamento diário. Com a ajuda de algumas pessoas influentes, apresentadas a ele pelo falecido prefeito Turnble, ele acabou conseguindo falar diretamente com o embaixador e foi o mais franco que pôde, alertando-o sem reservas para o pavio curto e as tendências alcoólatras do segurança.

– Esse deve ser irlandês mesmo, nem preciso ver o passaporte – brincou o diplomata, e colocou o último andar do prédio à disposição da Polícia Metropolitana até que a situação se resolvesse.

Numa disputa de palitinhos, sobrou para Finlay passar a noite de domingo por lá.

Edmunds chegou em casa na noite de domingo, exausto após o dia passado quase inteiramente na estrada. Por sorte sua chefe lhe oferecera uma carona após a entrega de Ford nas mãos de Finlay.

– Cuidado pro gato não fugir! – gritou Tia assim que ele entrou.

– Gato? Que gato? – perguntou ele, e por muito pouco não pisoteou o gatinho malhado que passou por baixo das suas pernas para colidir na porta já fechada. – T? O que significa isso?

– O nome dele é Bernard – respondeu ela com a crista em pé –, e é ele que vai me fazer companhia toda vez que você me deixar sozinha pra trabalhar.

– Ele e o nosso filho que está pra nascer, esqueceu?

– Mas não nasceu ainda, certo?

Tropeçando no bichano que roçava suas canelas, Edmunds seguiu amuado para a cozinha. No entanto, diante da alegria da noiva, que sequer reclamara ao vê-lo chegar tão tarde, decidiu que não seria contra a aquisição de Bernard, tampouco lembraria a ela que era terrivelmente alérgico a gatos.

Na manhã de segunda-feira, Vanita assumiu o lugar de Simmons e o comando da investigação. Simmons, a bem da verdade, estava achando até bom o contato mais direto que passaria a ter com os companheiros, mas nem tanto as medidas disciplinares que enfrentaria assim que as coisas se acalmassem.

Afastada do caso, a detetive Baxter retomou suas atividades corriqueiras. Sua primeira ocorrência foi a de uma mulher que havia esfaqueado o marido adúltero e confessado o crime logo em seguida. Sem mais o que fazer, complementou seus cinco segundos de investigação com muitas horas de trabalho puramente burocrático, bocejando sem nenhum pudor enquanto preenchia seu calhamaço de formulários.

Seu novo parceiro era o insuportável Blake, amiguinho do igualmente insuportável Saunders, e não era de hoje que o sujeito arrastava uma asa para o lado dela. Por sorte Baxter se achava uma atriz suficientemente talentosa para que ninguém percebesse o asco que ela tinha pelo homem.

Simmons já havia atualizado na véspera as anotações no cavalete da sala de reuniões:

1. CABEÇA: Naguib Khalid, o Cremador.
2. TORSO: ? Madeline Ayers (advogada de defesa de Khalid)
3. BRAÇO ESQUERDO: anel de platina, escritório de advocacia? – Michael Gable-Collins – por quê?
4. BRAÇO DIREITO: esmalte de unha? – Michelle Gailey (inspetora da condicional de Khalid)
5. PERNA ESQUERDA: ?
6. PERNA DIREITA: Detetive Benjamin Chambers – por quê?

A. ~~Raymond Turnble~~ (prefeito)
B. ~~Vijay Rana/Khalid~~ (irmão de Naguib Khalid, contador) – não estava no julgamento

C. ~~Jarred Garland~~ (jornalista)
D. Andrew Ford (segurança, alcoólatra, chato de galocha) – segurança do tribunal
E. Ashley Lochlan (garçonete ou menina de 9 anos)
F. Wolf

Edmunds já havia esquecido por completo que agora tinha um Bernard em casa, mas lembrou imediatamente quando tropeçou nele ao sair para trabalhar e bateu de cara contra a porta da rua.

Tia, claro, tomou as dores do gato e reclamou que o noivo estava assustando o pobre bichano com aquele sangue todo.

Capítulo 22

Segunda-feira, 7 de julho de 2014
11h29

Assim que o luminoso "AO VIVO" se apagou, Andrea tirou o microfone, saiu do estúdio e correu de volta para a redação. Elijah havia marcado a reunião deles para 11h35, mas ela ainda não tinha a menor ideia do que responderia caso ele oferecesse o posto dos seus sonhos.

Ao concordar em ajudar Emily Baxter, ela estava fortemente inclinada a abandonar para sempre aquela sua diabólica profissão. No entanto, a atrapalhada tentativa de redenção resultou numa tragédia que, à sua revelia, catapultara sua fama e seu prestígio como jornalista para alturas até então impensáveis. Na ânsia de livrar-se da lama, havia afundado ainda mais nela.

Elijah viu que Andrea chegava e pela primeira vez na vida abriu a porta antes de ela bater, roubando aqueles minutinhos finais de que a jornalista tanto precisava para tomar sua decisão. Ele exalava um leve ranço de suor e a camisa estava molhada debaixo dos braços, uma camisa turquesa tão justa que ameaçava explodir caso ele flexionasse algum músculo dentro dela. As calças pretas também eram justas, realçando as curvas do seu físico desproporcionalmente grande.

Ele ofereceu um dos seus cafés horríveis, um expresso que ela odiava, depois começou sua ladainha, dizendo que raramente se enganava com as pessoas mas que dessa vez precisava dar a mão à palmatória, pois ela dera provas de um instinto selvagem do qual ele simplesmente não a julgava capaz. Em seguida ligou o projetor a seu lado com a intenção de ilustrar a conversa com um gráfico e nem respirou antes de afogá-la numa avalanche de números e estatísticas. Andrea precisou se conter para não rir, pois metade do tal gráfico havia

desaparecido na janela da sala, o que ele teria percebido se fosse um pouco menos arrogante e tivesse virado o rosto para conferir o que tinha feito.

Andrea já estava com a cabeça mais ou menos na lua quando ele a parabenizou pelo trabalho com Garland como se o assassinato no hotel tivesse sido um evento ao vivo pessoalmente coreografado por ela para a televisão, o que, aliás, para seu grande desgosto, não estava muito longe da verdade. Ela ainda via à sua frente a agonia do jornalista quando Elijah finalmente atacou o tópico principal da reunião.

– ... nossa mais nova âncora do horário nobre! – dizia ele, e murchou ao deparar com o silêncio dela. – Você não ouviu o que eu acabei de falar?

– Ouvi, ouvi, sim – respondeu ela, ainda meio absorta.

Elijah recostou-se na cadeira, jogou um chiclete para dentro da boca e assentiu como se uma ficha tivesse caído dentro da sua cabeça. Em seguida, sem se dar conta da condescendência do gesto, apontou um dedo na direção de Andrea, que precisou se conter para não arrancá-lo com os dentes.

– Já entendi – disse ele, mascando seu chiclete com a boca aberta. – O problema é o Wolf. Você deve estar pensando: "Esse cara só pode estar maluco se acha que eu vou sentar atrás de uma bancada de telejornal pra anunciar a morte do meu próprio ex-marido."

Ela detestava quando ele colocava palavras na sua boca; dessa vez, no entanto, o tiro havia sido no alvo.

– Pois é.

– Ah, tenha a santa paciência! É justamente *aí* que está o ouro da coisa! Quem vai querer assistir àquela caretice da BBC quando pode ligar no nosso jornal e ver o grande amor da vida de Wolf relatando ao vivo que acabou de ser informada da morte dele? Ninguém, minha querida. Nin-guém.

Andrea deu uma risada azeda e se levantou para sair.

– Você é inacreditável.

– Sou realista. O cara está com os dias contados, não está? Você vai ter de enfrentar essa barra de qualquer jeito, não vai? Então? Por que não fazê-lo na frente de uma câmera e ao mesmo tempo se tornar uma grande estrela do jornalismo? Tem mais: você bem que podia convencer o Wolf a dar uma entrevista na véspera. Já pensou? Vocês dois se despedindo um do outro no ar? Não vai ter pra mais ninguém!

Andrea marchou sala afora e bateu a porta ao sair.

– Pensa bem! – berrou Elijah ainda. – Quero uma resposta antes do fim de semana!

Em vinte minutos ela teria de voltar ao ar. Calmamente, foi para o banheiro, certificou-se de que estava sozinha dentro dele, trancou a porta e se desmanchou em lágrimas.

Edmunds escancarou a boca num ruidoso bocejo enquanto esperava por Joe no laboratório vazio. De caso pensado, espremera-se com seu caderno no pouco espaço que havia entre uma lixeira hospitalar e uma geladeira: esse era o ponto mais distante da câmara mortuária para a qual ele olhava furtivamente entre uma anotação e outra.

Ficara acordado até as três da madrugada, examinando os papéis que deixara em cima do armário da cozinha. Como previsto, Tia nem os vira ali, mas o gato, usando as cortinas como instrumento de alpinismo, não só os vira, como vomitara em cima de um importantíssimo depoimento de testemunha. Ainda não era nem meio-dia, mas ele já se sentia exausto. Pelo menos seus esforços não haviam sido em vão: ele tinha encontrado um caso que certamente merecia pesquisas adicionais.

– Uau! Quem foi que te atropelou? – perguntou Joe assim que chegou.

– Não foi nada – disse Edmunds, saindo do esconderijo e timidamente tocando o nariz quebrado.

– Bem, não há dúvida: é ele mesmo. As três fotografias foram tiradas com a mesma câmera.

– Mas e o sangue? Por favor, diga que encontrou alguma coisa...

– Até poderia dizer, mas estaria mentindo. Ele não está no nosso banco de dados.

– O que significa que ele nunca foi preso – afirmou Edmunds, mais para si mesmo. Com isso, podia eliminar um bom número dos casos antigos que havia selecionado para estudar.

– Tipo sanguíneo: O positivo.

– É aquele raro, não é?

Edmunds inflou-se de esperança.

– Pelo contrário, é bem comum. Nenhum sinal de mutação, nem de doença,

álcool ou drogas. Olhos verdes ou azuis. Vou contar uma coisa: pra alguém com uma cabeça tão doentia, esse sujeito tem o sangue mais prosaico que eu já vi na vida.

– Então continuamos na mesma?

– Eu não disse isso. As pegadas que ele deixou na lama... Os desenhos do solado são os de um coturno tamanho 44. Sei lá... Será que estamos falando de um militar?

Edmunds reabriu seu caderno.

– Os peritos locais encontraram amostras de asbestos, piche e uma espécie de laca nas pegadas, além de cobre, níquel e chumbo em níveis bem mais altos que os do solo vizinho. Por onde será que nosso amigo andou pisando? Um depósito, um armazém?

– Vou dar uma olhada nisso. Obrigado – disse Edmunds e fechou o caderno.

– Fiquei sabendo que o torso já foi identificado – falou Joe, antes que o outro saísse. – Mas e aquela tatuagem? Vocês descobriram o que era?

– Um canário fugindo da gaiola.

– Estranho... Por que apagar uma tatuagem dessas?

Edmunds deu de ombros, depois disse:

– Sei lá. De repente ela se deu conta de que lugar de canário é na gaiola mesmo.

A Embaixada da Irlanda ficava num imponente prédio de cinco andares vizinho aos jardins atrás do Palácio de Buckingham no distrito de Belgravia. O sol estava quente e não ventava quando Wolf atravessou o pórtico grandioso à sombra das bandeiras que pendiam murchas sobre a movimentada calçada. Esse mesmo pórtico, além de ser a entrada principal do prédio, funcionava como uma espécie de ponte sobre o fosso imundo que abrigava a escada de incêndio do subsolo.

Wolf estivera em muitas outras embaixadas ao longo da vida, nunca por iniciativa própria e sempre achando que eram todas mais ou menos iguais: os tetos altos, as pinturas antigas, os espelhos rebuscados, os sofás aparentemente confortáveis nos quais ninguém tinha coragem de sentar. Toda vez que entrava numa delas, tinha a impressão de que estava visitando um parente muito rico que o recebia de braços abertos ao mesmo tempo que rezava para que ele fosse

embora antes de quebrar algum objeto de valor. A irlandesa não era nenhuma exceção.

Após atravessar as barreiras de segurança da recepção, Wolf se viu diante de uma majestosa escadaria ladeada de paredes muito ornamentadas e pintadas de azul. Subindo por ela, foi parado mais três vezes, o que era bom sinal e, chegando ao último andar, a primeira coisa que ouviu foi a gritaria inconveniente de Andrew Ford. Antes de encarar o coisa-ruim, olhou para o palácio que assomava do outro lado da janela e buscou nele um último momento de paz. Sorriu para o guarda que vigiava a porta, achou natural que ele não sorrisse de volta e finalmente entrou na sala ampla e ostentosa em que estavam Finlay e Ford, o primeiro vendo sua televisão placidamente enquanto o outro se retorcia no chão feito uma criança birrenta.

Pelo visto, em dias normais a tal sala era um espaço de trabalho: mesas, computadores e armários de arquivo haviam sido arrastados até a parede dos fundos para acomodar o hóspede inoportuno. Apesar da correria, alguém se dera ao trabalho de equipá-la com sofás, uma cama de acampamento, uma chaleira elétrica e uma televisão.

Prisioneiro do hábito, Ford dormira diante da TV, como indicava o edredom encardido e queimado de cigarro que se abria sobre um dos sofás. Para Wolf era difícil entender por que o irlandês, entre todos os seus objetos pessoais, havia escolhido justamente aquele pano nojento para levar consigo numa fuga de emergência. O que se via ali era um inusitado *tableau vivant*: um trapo de gente, fedido e imundo, acampado na opulência de uma embaixada.

– Wolf! – exclamou Ford, como alguém que vê chegar um velho amigo.

Finlay acenou animadamente do segundo sofá ainda livre de edredons.

– Foi assim que ele o recebeu também? – perguntou Wolf a ele.

– Não exatamente. Não dá nem pra repetir o que eu fui obrigado a ouvir.

Ford se levantou do chão e, com as mãos visivelmente trêmulas, correu para uma das janelas da sala.

– Ele está vindo, Wolf! Ele está vindo pra me matar!

– Quem, o nosso amigo? – disse Wolf, meio confuso. – Fique tranquilo, ele não vai matar ninguém.

– Vai, sim. Claro que vai. Ele sabe das coisas, não sabe? Se sabia que eu estava lá naquele chalé, então sabe que estou aqui agora.

– Se você não sair dessa janela, aí sim ele vai poder fazer alguma coisa. Vem, senta aqui.

Finlay espantou-se quando o segurança infantiloide, que fizera das últimas dezessete horas da sua vida um inferno, obedeceu feito um cordeirinho e se acomodou no sofá.

– Dormiu bem? – perguntou Wolf, sentando-se ao lado do seu amigo mais recente.

– Vou matar esse filho da puta com as minhas próprias mãos se ele continuar assim...

– Quando foi o último trago que ele deu? – perguntou ele a Finlay.

– De manhãzinha.

Wolf conhecia por experiência própria como eram difíceis os sintomas da abstinência para um alcoólatra inveterado. Aquela ansiedade do irlandês, que beirava o *delirium tremens*, era um péssimo sinal.

– Ele precisa beber mais.

– Já pedi mil vezes, mas o embaixador não deixou.

– Por que você não dá uma volta por aí? Já deve estar doido pra fumar um cigarrinho, não está?

– Sou eu quem vai morrer aqui! – berrou Ford do seu sofá.

Ambos o ignoraram.

– E já que vai sair, aproveita e traz pra gente umas garrafinhas de... *limonada* – sugeriu Wolf, e piscou o olho para o companheiro.

Simmons passou diante da sala de Vanita com um copinho de café na mão.

– *Chaachaa chod* – rosnou ela baixinho, valendo-se do seu xingamento predileto em híndi. Passara a manhã inteira colocando em dia toda a papelada burocrática e toda a correspondência que o preguiçoso deixara acumular.

Ao abrir o e-mail seguinte ela deparou com mais uma das atualizações enviadas regularmente a todos os envolvidos no caso Boneco de Pano e deixou escapar um longo suspiro desanimado ao ver que Chambers ainda constava da lista de recipientes. Simmons já havia cancelado o crachá dele, tal como mandava o protocolo, mas não se dera ao trabalho de apagar o falecido veterano dos bancos de dados e recolher o equipamento que ele usava. Era estranho, senão desrespeitoso, deixar que o nome do bom e velho Chambers continuasse

circulando nas inúmeras mensagens, então ela rapidamente digitou uma mensagem solicitando a remoção e atacou o item seguinte na sua longa lista de coisas a fazer.

Simmons e Edmunds vinham trabalhando em silêncio por mais de uma hora, mesmo estando sentados a uns 50 centímetros um do outro. Ao contrário do que havia imaginado, Edmunds sentia-se totalmente à vontade ao lado do chefe explosivo, talvez calejado pelos três meses passados sob as asas espinhosas de Emily Baxter. Aquela quietude parecia-lhe absolutamente natural, apenas dois profissionais absortos no trabalho, dois intelectuais, ambos muito competentes e respeitosos um do outro.

– Edmunds – disse Simmons a certa altura, interrompendo a linha de raciocínio do novato –, me lembra de providenciar uma mesa pra você depois.

– Pois não, senhor.

E sobreveio um novo silêncio, bem menos confortável que o anterior.

Simmons ainda se debatia com a interminável tarefa de contatar cada uma das 87 pessoas restantes da sua lista. Riscara apenas 24 na primeira rodada, depois voltara ao início, convencido de que o mistério seria resolvido assim que ele conseguisse identificar a sexta vítima. Edmunds, autor original da ideia de compilar a tal lista, não sabia dizer ao certo em que momento o chefe havia roubado para si aquela parte da investigação, mas não seria ele a levantar esse assunto.

De todo modo, ele também estava com o prato suficientemente cheio, cogitando todos os vínculos possíveis entre as vítimas do Boneco e Naguib Khalid. Embora ainda não tivesse encontrado uma explicação para as mortes de Chambers e Jarred Garland, achava natural que policiais e jornalistas acumulassem uma longa lista de inimigos ao longo da vida. Por isso, vinha concentrando seus esforços em Michael Gable-Collins, no prefeito Turnble e na garçonete Ashley Lochlan. Quanto mais pensava, mais frustrado ficava. Certamente havia um denominador comum entre essas pessoas tão diversas. No entanto, mesmo sabendo que Khalid era a peça central, ainda faltava muito para que eles completassem o quebra-cabeça.

A detetive Baxter agora se encontrava no beco em que uma mulher havia sido

sexualmente agredida, não muito longe do apartamento de Wolf. Aquela parte da cidade realmente não era das melhores. Ela já havia irritado Blake ao se recusar a entrar numa caçamba de lixo para procurar pistas, e tinha plena consciência de que naquele momento deveria estar interrogando testemunhas, mas não conseguia parar de pensar em Wolf e Finlay na embaixada irlandesa – sobretudo porque faltava apenas um dia e meio para o ataque a Andrew Ford. Além disso, sentia falta de Edmunds. Estava tão acostumada a ter o garoto nas canelas feito um cachorrinho que naquela mesma manhã chegara ao ponto de berrar uma ordem para o nada a seu lado, achando que ele estava por perto.

A verdade era que ela se sentia entediada. Difícil admitir uma coisa dessas tendo nas mãos um crime tão grave para investigar, mas... fazer o quê? De repente ela se lembrou de Garland, da sensação de impotência ao vê-lo agonizando no sofá do hotel, da torcida para que ele sobrevivesse, da enfermeira que levara a notícia da morte dele. Baxter sentia falta da adrenalina. Sabia que aquele havia sido um dos piores dias da sua vida, mas, dada a oportunidade, não pensaria duas vezes antes de aceitar revivê-lo.

Haveria alguma coisa de errado com ela? Seria natural preferir as emoções fortes e traumáticas à total falta de emoções? Talvez fossem essas as perguntas que os assassinos também se faziam para justificar suas atrocidades. Assustada consigo mesma, ela achou melhor voltar ao trabalho.

Wolf e Finlay assistiam a uma reapresentação de *Top Gear* enquanto Ford roncava debaixo do seu edredom no outro sofá. O irlandês havia apagado depois de mamar quase duas garrafas da "limonada" trazida por Finlay, dando aos dois policiais uma abençoada hora de descanso e paz. Eles haviam baixado o volume da televisão para o mínimo possível, evitando acordar o beberrão; quase não ouviam o que era dito no programa.

– Thomas Page – sussurrou Finlay a certa altura.

– Hein? – perguntou Wolf.

– Thomas Page.

– Aquele filho da puta. Quebrou...

– ... dois dentes seus na cena de um crime, eu sei. Quando você ainda era o estagiário dele.

– Pois é. O cara era uma fera.

– E você, um petulante.

– Mas por que você lembrou do Page justo...

– Hugh Cotrill – interrompeu Finlay.

– Outro babaca – disparou Wolf, por pouco não acordando Ford. – Minha primeira detenção por roubo e o defensor santinho, cagando de medo do sistema, mandou o ladrão de volta pras ruas.

– Estava fazendo o trabalho dele, só isso – disse Finlay com um sorriso estampado nos lábios, deliberadamente cutucando uma onça com vara curta.

– Esse mesmo ladrão roubou o relógio do idiota, pode? Mas aonde você quer chegar com tudo isso?

– Ao seguinte: você tem inúmeras qualidades, Wolf, mas entre elas não está a capacidade de perdoar. Você é daqueles que não largam o osso nunca. Provavelmente me detesta também porque eu fiz ou falei alguma besteira lá atrás.

– Não fez, mas falou – observou Wolf, rindo.

– Esse trapo deitado aí neste sofá... Não deve ser lá muito simpático nem nos seus melhores dias, mas você deve ter ódio mortal do cara só porque ele quebrou seu pulso em três...?

– Isso, três.

– ... em três lugares diferentes e provavelmente salvou a vida de Khalid.

– De novo: aonde você pretende chegar com essa ladainha?

– A nenhum lugar em particular. Apenas acho graça nessas voltas que o mundo dá. Agora cabe a você proteger a vida de um homem que na sua opinião não vale um tostão furado.

– Nisso você tem toda razão – sussurrou Wolf após um momento em que ambos se distraíram com a televisão. – Nada como um dia após o outro. De algum modo acabei numa situação em que quero salvar a pele desse filho da... – Ele se calou antes de completar o insulto e Finlay meneou a cabeça em sinal de aprovação. – ... quero salvar a pele desse sujeito mais do que já quis qualquer outra coisa na vida. Porque se eu conseguir salvar a pele *dele*, de repente consigo salvar a *minha* também.

Finlay assentiu mais uma vez e deu um tapa nas costas do amigo, um tapa típico de camaradagem que acabou saindo bem mais forte do que ele tinha pretendido. E com isso voltou a atenção mais uma vez para seu programa na TV.

Capítulo 23

Terça-feira, 8 de julho de 2014
6h54

– *Me solta!* – berrava Ford enquanto Wolf, Finlay e um segurança da embaixada tentavam arrastá-lo de volta para a sala. – Vocês estão me matando! Vocês estão me matando!

Apesar de flácido e amarelado, o irlandês revelara-se surpreendentemente forte, e os três homens precisaram suar a camisa para fazê-lo transpor a soleira da porta durante aquela crise de pânico que já durava três minutos. Ele ainda se agarrava às duas ombreiras, desferindo chutes para todo lado.

Na televisão, Andrea apresentava seu boletim com o Relógio da Morte no alto fazendo a contagem regressiva para a próxima morte anunciada. A certa altura ela passou a bola para um repórter de rua e Wolf ficou pasmo quando de repente viu a si mesmo na tela, ele e os outros dois tentando dominar o enfezado segurança. Quase soltou o homem quando virou na direção da janela para localizar quem os filmava de longe, um maluco que empunhava sua câmera enquanto se equilibrava muito precariamente numa das janelas do prédio vizinho. Por sorte o guarda da embaixada já havia solicitado reforços e naquele mesmo instante outros dois homens armados chegaram para socorrê-los.

– As cortinas! – gritou Wolf. – Fechem as cortinas!

Olhando rapidamente para a televisão, os dois recém-chegados compreenderam imediatamente a situação: um deles imobilizou as pernas de Ford e o outro correu sala adentro para fechar as cortinas. Vencido pelo excesso de contingente, Ford parou de se debater e começou a chorar ao mesmo tempo que repetia:

– Vocês estão me matando... Vocês estão me matando...

– Precisamos tirar esses repórteres do prédio aí do lado – disse Wolf a um dos guardas, que saiu na mesma hora para cumprir sua ordem.

– Vocês estão me matando...

– Cala essa boca, porra! – rosnou Wolf.

Ele precisava falar com Simmons. Não sabia exatamente quais seriam as consequências jurídicas por deter Ford contra a vontade dele, mas graças ao empenho de um operador de câmera equilibrista, era bem possível que eles acabassem sendo processados por abuso de poder. A questão deveria ser levada a Vanita, mas ele já podia prever que a decisão da comandante seria influenciada muito mais pelo medo da opinião pública e pela ânsia de proteger o próprio pescoço do que pelo bom senso. Simmons, por sua vez, sabia perfeitamente como funcionava o mundo real.

Dali a meia hora Wolf já havia discutido a situação com o ex-chefe, que por sorte chegara ao trabalho bem mais cedo que de costume. O consenso era o de que o segurança Ford, ao contrário do jornalista Jarred Garland, não estava "em pleno gozo das suas faculdades mentais" ao recusar a proteção da polícia. Portanto era do seu próprio interesse que o seu direito à liberdade fosse temporariamente suspenso.

Aquilo era, no mínimo, polêmico, mas àquela altura eles lançavam mão de qualquer artifício. Se fossem seguir o protocolo, teriam de chamar um médico devidamente qualificado para examinar Ford e produzir um laudo oficial; no entanto, após o episódio com Elizabeth Tate, não deixariam em hipótese alguma que alguém tivesse acesso a Ford.

O embaixador havia corrido para a embaixada depois de assistir aos telejornais. Wolf se sentia um tanto envergonhado pela insolência com que havia tratado o homem, um diplomata importante que não havia medido esforços para atendê-los. Acusara os funcionários dele de terem vendido informações para a imprensa e, mesmo sem ter autoridade para tanto, exigira que uma ampla investigação fosse conduzida para descobrir a identidade do mercenário. Mais tarde precisaria se desculpar.

Ele estava exausto e especialmente irritadiço após a noite difícil com Ford, por isso soltara os cachorros para cima da pessoa errada. Mais uma vez a "pessoa certa" era ninguém menos do que sua ex-mulher Andrea, que numa sede de

audiência aparentemente insaciável colocara em risco a vida de outra pessoa. Dessa vez ele não deixaria barato: faria o que fosse preciso para responsabilizá-la caso algo acontecesse a Andrew Ford.

Simmons havia sugerido que eles levassem o irlandês para outro lugar, mas Wolf discordara. Dificilmente conseguiria deslocá-lo sem que alguém percebesse algo: tinha a impressão de que metade dos repórteres da cidade cercava o prédio, podia ouvir o burburinho da turba mesmo enquanto falava ao telefone. Não. A embaixada era um lugar seguro, melhor ficar por ali mesmo.

Voltando à sala, ele deparou com Finlay conversando de forma civilizada com um Ford resignado e surpreendentemente tranquilo diante do escândalo que havia feito meia hora antes.

– Você estava fazendo seu trabalho – dizia o primeiro. – Que motivo você poderia ter pra deixar que espancassem um homem que tinha acabado de ser declarado inocente?

– Você não está dizendo que eu fiz a coisa certa, está? – ironizou Ford.

– Estou dizendo que você fez a única coisa que poderia ter feito, só isso.

Wolf recuou devagar para não perturbar a curiosa conversa.

– Se você não tivesse agido e Khalid tivesse morrido, é bem provável que não descobrissem que ele era o Cremador e que o nosso Will aqui – Finlay apontou para Wolf, que esperava à porta da sala – estivesse mofando na cadeia com uma pena de trinta anos nas costas.

– Uma menina morreu – retrucou Ford, sem conseguir evitar que os olhos ficassem molhados.

– Eu sei, mas um homem honesto foi poupado – argumentou Finlay. – Não estou dizendo que acho bom o Khalid ter sobrevivido. Estou dizendo apenas que... coisas acontecem.

Ao dizer isso, Finlay tirou do bolso o baralho bem surrado que sempre levava consigo, misturou as cartas e distribuiu três mãos. Aparentemente conseguira acalmar o irascível segurança com sua conversa filosófica, mas também afetara Wolf, que até então via apenas o lado ruim daquele dia fatídico, nunca o lado bom.

Wolf se acomodou no sofá, pegou suas cartas e, vendo que elas não eram nada boas, encarou Finlay com desconfiança. Depois de anos de convivência, sabia que o companheiro não era nada confiável no baralho. Ford desandou a

chorar após examinar suas próprias cartas, o que não era lá uma boa ideia se ele pretendia blefar.

– Excesso de curingas, é isso? – disse Finlay.

– Vá à merda.

Blake tinha uma bexiga frouxa e uma especial predileção pelo chá Earl Grey. Edmunds já havia percebido isso ao observar os hábitos dele ao longo do último dia. Assim que o viu sair mais uma vez para ir ao banheiro, aproveitou a oportunidade e correu para falar com Baxter no fundo do salão. Teria no máximo dois minutos.

– Edmunds! Que diabos você está fazendo? – perguntou ela ao vê-lo se agachar para não chamar atenção.

– Alguém contou pra imprensa, e pro assassino também, sobre a embaixada – sussurrou ele.

– Não tenho permissão pra falar do caso com você.

– Você é a única pessoa em quem eu confio.

Baxter amoleceu. Vinha sendo tratada feito uma leprosa desde o fiasco com Garland. Gostou de saber que pelo menos uma pessoa ali ainda dava algum valor à sua opinião.

– Pode confiar em todo mundo, Edmunds. Qualquer um pode ter dado com a língua nos dentes sobre a embaixada: o pessoal do Grupo de Proteção Diplomática, os funcionários da própria embaixada, qualquer pessoa dos prédios vizinhos. Você *realmente* precisa largar esse osso, cara. Agora vaza daqui, antes que me crie problemas.

Edmunds correu de volta para sua mesa. Segundos depois, avistou Blake voltando com mais uma caneca de chá na mão.

No início da tarde Simmons já havia eliminado 47 dos 88 nomes da sua lista. Edmunds, por sua vez, continuava procurando por vínculos entre as vítimas. Esgotadas as suas possibilidades, ele deixou de lado os escrúpulos e resolveu fazer bom uso da experiência que tinha no Departamento de Fraudes, tomando emprestada a senha de um amigo e acessando os arquivos exclusivos daquele banco de dados. Em quinze minutos encontrou uma pista e quase matou o chefe de susto quando saltou da cadeira e o puxou para a sala de reuniões para que eles pudessem conversar com a devida privacidade.

– Ashley Lochlan – disse ele, triunfante.

– A próxima vítima? – questionou Simmons. – O que tem ela?

– Em 2010 ela estava casada e circulando com o nome de Ashley Hudson.

– A gente já devia saber disso...

– E sabia, mas os computadores não estavam procurando por uma segunda conta bancária sob um nome diferente, uma conta que ficou aberta apenas por dez meses. No dia 5 de abril de 2010, ela depositou 2.500 libras em dinheiro vivo na conta que tinha com o sobrenome Hudson – disse Edmunds, passando a Simmons os dados que havia imprimido.

– Foi mais ou menos nessa época que teve início o julgamento do Khalid.

– Pois é. Ela trabalhava como garçonete num pub e ganhava salário mínimo. Quarenta e cinco dias depois ela depositou mais 2.500 pratas na mesma conta.

– Interessante.

– Interessante, não. Estranho. Então examinei a movimentação bancária das outras vítimas e achei dois saques no mesmo valor e nas mesmas datas na conta de Vijay Rana.

– Que motivo teria o irmão de Khalid pra dar tanto dinheiro a uma garçonete?

– É exatamente isso que pretendo perguntar a ela.

– Isso. Belo trabalho, Edmunds.

Às quatro da tarde Wolf ouviu a troca dos guardas do outro lado da porta. Após o incidente da manhã, eles haviam desligado a televisão, um gesto apenas simbólico, pois ainda se ouvia perfeitamente a barulhada que os curiosos, os repórteres e os carros da polícia faziam do lado de fora. A bagunça ainda estava longe de acabar.

Com a exceção de alguns arroubos passageiros, Ford vinha mantendo sua calma recém-encontrada, dando a Finlay e Wolf uma vaga ideia do homem que ele fora num passado nem tão remoto assim. Parecia enfrentar com firmeza e lucidez a sede de sangue daquelas pessoas que esperavam pela sua morte na rua.

– Já deixei um assassino arruinar minha vida. Não vou deixar que outro decida a minha morte.

– É assim que se fala – aplaudiu Finlay.

– Cedo ou tarde preciso retomar as rédeas da minha vida. Por que não hoje mesmo?

Como medida de precaução eles haviam fechado todas as janelas e cortinas. Apesar do ventilador que haviam pedido emprestado, o ambiente estava abafado, quente. Wolf subiu as mangas da camisa, deixando à mostra a queimadura do braço esquerdo.

– Isso aí, o que foi? – perguntou Ford, apontando para o curativo.

– Nada importante.

– Foi ferido quando o prefeito Turnble... – começou Finlay, calando-se de repente.

– Então é isso. Vocês dois estão correndo um risco enorme só por estarem ao meu lado, não estão? Nada impede que o sujeito dispare um míssil teleguiado pra explodir isto tudo aqui.

Essa hipótese ainda não havia ocorrido a Finlay. Ele olhou preocupado para Wolf, que deu de ombros, dizendo:

– Não tenho muito a perder. Meus dias estão contados.

Em seguida foi para a janela e espiou através de uma fresta na cortina.

– Não quero que ninguém se ferre por minha causa – disse Ford.

Wolf já estava havia uns cinco minutos à janela quando estranhou o comportamento de três pessoas na rua fechada. Elas estavam mais ou menos separadas dos outros curiosos e davam a impressão de que esperavam por algo. Tinham arrastado para o asfalto uma bolsa de lona razoavelmente grande. De um segundo a outro, cada uma vestiu uma máscara de animal e dali a pouco outras seis pessoas se juntaram a elas.

– Finlay! Será que você teria como ir falar com os policiais que estão lá embaixo?

– Claro, por quê?

– Encrenca à vista.

Duas das pessoas mascaradas, um macaco e uma águia, se agacharam e abriram a bolsa de lona. Pegaram o que precisavam, abriram caminho na multidão e passaram por baixo dos cordões de isolamento.

– Assassino de criancinhas! – gritou a primeira delas, um homem.

– Comparsa do Cremador! – berrou a segunda, uma mulher.

Os policiais agiram com rapidez e voltaram com os dois intrusos para o outro lado do cordão de isolamento, mas os outros sete que haviam ficado para trás agora protestavam ruidosamente diante dos repórteres, empunhando os cartazes

e faixas que haviam retirado do saco. Uma mulher, protegida por uma máscara de tubarão, gritava seu discurso na boca de um megafone, aumentando ainda mais a barulheira à sua volta.

– Andrew Ford merece o seu destino! – dizia ela. – Se não tivesse salvado a vida do Cremador, Annabelle Adams ainda estaria entre nós!

Wolf virou-se para ver a reação de Ford, já esperando uma nova explosão. Mas Ford permanecia calado onde estava, apenas ouvindo as injúrias. Sem saber o que dizer, Finlay religou a televisão, sintonizou-a num programa infantil e aumentou o volume na tentativa de abafar a gritaria que vinha de fora. Wolf começava a achar que a sala da embaixada ficava cada vez mais parecida com o quarto e sala do irlandês em Peckham.

– Poupa o Diabo e despertarás a ira do Senhor! – repetiam os manifestantes.

Um deles falava animadamente com um repórter enquanto o líder sugeria que Ford estava mancomunado com Khalid desde o início.

– Isso já aconteceu antes? – perguntou Wolf a Ford, mas sem tirar os olhos da janela.

– Não assim – respondeu ele distraidamente. Em seguida, quase sussurrou: – Poupa o Diabo e *despertarei* a ira do Senhor...

Alguns dos policiais cercavam os manifestantes. Nada poderiam fazer enquanto o grupo continuasse apenas berrando palavras de ordem. Wolf sinalizou para que Finlay se juntasse a ele à janela.

– Acha que isso é obra dele? – perguntou o policial, lendo os pensamentos do colega.

– Sei lá. Mas isso não está me cheirando bem.

– Quer que eu desça pra fazer algumas perguntas?

– Não. Você lida melhor com ele. Desço eu.

Wolf deu uma última olhada nos mascarados e foi para a porta. Antes que ele saísse, Ford disse:

– Wolf! Retomar as rédeas!

Wolf não entendeu. Apenas sorriu, deu de ombros para Finlay e saiu. Já estava na recepção da embaixada quando recebeu uma ligação de Edmunds, informando-o sobre Ashley Lochlan.

– Ela falou que só conversa com você – disse o estagiário.

– Agora estou ocupado – retrucou Wolf.

Assim que pisou na rua foi identificado pelos repórteres, que avançaram feito um enxame. Começava a achar que deveria ter deixado Finlay descer. Ignorando a gritaria, passou por baixo do cordão de isolamento e foi abrindo caminho na multidão, seguindo na direção dos bordões dos manifestantes.

– É importante – insistiu Edmunds. – Talvez ela seja capaz de finalmente explicar qual é o vínculo entre todos vocês. A partir daí a gente vai ter uma chance real de descobrir quem é este psicopata.

– Tudo bem. Manda o número dela. Ligo assim que puder.

Um espaço grande havia se formado em torno dos sete baderneiros. De perto, as máscaras eram bem menos lúdicas e bem mais sinistras: vozes inflamadas berravam através dos focinhos imóveis, olhos furiosos brilhavam do outro lado dos buracos no plástico. O mais intimidante deles, tanto no tamanho quanto no comportamento, usava uma máscara de lobo com o maxilar inferior móvel. Erguia dois cartazes simultaneamente enquanto rosnava palavras de ordem. Wolf notou que ele mancava ligeiramente, certamente uma lembrança da última bala de borracha levada no traseiro.

Evitando passar pelo lobo mau, Wolf aproximou-se da mulher mascarada de tubarão que ainda empunhava seu megafone. Sem nenhum preâmbulo, roubou o aparelho das mãos dela e o arremessou contra a fachada do prédio, com força o bastante para quebrá-lo. As câmeras de televisão seguiam avidamente cada um dos seus passos.

– Ei, você não pode... Espera aí. Você não é aquele detetive? – perguntou a mulher, agora num tom bem mais feminino e bem mais classe média.

– O que vocês estão fazendo aqui? – disparou Wolf.

– Um protesto, ué – disse ela e Wolf quase pôde ver o sorrisinho irônico sob a máscara, irritando-se ainda mais. – Fica frio, detetive. Na verdade... Nem sei direito o que é tudo isso. Nenhum de nós sabe. Tem um site aí que recruta figurantes pra todo tipo de coisa: pra fazer um *flash mob*, por exemplo, ou pra tietar na porta do hotel em que uma banda está hospedada, só pra fazer barulho. Hoje contrataram a gente pra fazer esse protesto.

– Que site é esse?

Ela entregou um panfleto com os detalhes, depois disse:

– Estavam distribuindo no campus da faculdade.

– Vocês foram *pagos* pra estar aqui?

– Claro que sim. Que outro motivo poderia haver?

– Minutos atrás você me pareceu bem motivada.

– Porque sou uma ótima *atriz*. Estava lendo meu texto em um cartão.

Wolf sabia perfeitamente que estava sendo filmado e observado. Num mundo ideal, jamais seria obrigado a interrogar uma pessoa diante de uma câmera de televisão.

– Como foi que pagaram vocês?

– Em dinheiro vivo, dentro de uma bolsa. Cinquenta pratas pra cada um. – Ela agora parecia enfastiada com Wolf. – E, antes que você pergunte, a gente se encontrou num túmulo do cemitério de Brompton. A bolsa já estava lá com o dinheiro, esperando a gente.

– Um túmulo? Túmulo de quem?

– Annabelle Adams. A garota que está no texto que deram pra gente.

Wolf procurou disfarçar sua surpresa com a resposta.

– Esta bolsa e tudo que estava dentro dela serão apreendidos como prova material numa investigação de homicídio – disse ele, chutando a bolsa vazia diante do grupo.

Eles resmungaram, xingaram, mas obedeceram, jogando no chão os cartazes, as faixas e os cartões de texto.

– As máscaras também – indicou Wolf, impaciente.

Eles foram despindo as máscaras, cada um a seu tempo, alguns escondendo o rosto sob o capuz de um casaco, embora não tivessem feito nada de errado. O último deles, o grandalhão mascarado de lobo, ainda protestava aos berros, alheio às ordens recebidas, marchando de um lado para outro como se quisesse preservar o território conquistado na multidão.

Wolf se interpôs no caminho dele. O lobo desenhado na máscara parecia ser um sujeito relativamente legal, salivando e lambendo os beiços, mas o grandalhão que lhe dava vida era bem mais feroz e truculento: livrou-se de Wolf com um golpe de ombro violento e continuou protestando como se nada tivesse acontecido.

– Ei, preciso levar isso aí! – disse o detetive, apontando para os dois cartazes que o outro erguia, ambos com o bordão já repetido milhares de vezes.

Novamente se colocou na frente dele e se preparou para o pior. Na sua avaliação o tal lobo era exatamente o tipo de pessoa que se interessaria por aquele

tipo de bico, pela oportunidade de se esconder atrás de uma máscara para cometer atos de vandalismo e violência – sobretudo numa situação como aquela em que o policiamento era insuficiente para o número de curiosos.

Wolf não hesitaria em levar o marrento preso, mas, pouco acostumado a medir forças com um civil na rua, recuou um passo quando ele parou a poucos centímetros de distância, os olhos azuis faiscando como os de um lobo real. Um cheiro medicinal, pútrido, emanava do plástico da máscara.

– Os cartazes, *já* – ordenou Wolf, num tom que teria assustado qualquer um que conhecesse seu polêmico passado.

Diante do olhar firme do seu oponente, o sujeito virou o rosto para o lado, também como um lobo de verdade, refletindo, calculando seus passos. Wolf podia muito bem adivinhar as câmeras que o filmavam por trás, a postos caso o impasse resvalasse para o confronto físico, audiência garantida para todo mundo. Mas o homem, contrariando todas as expectativas, subitamente jogou na calçada os dois cartazes que vinha segurando.

– A máscara também – pediu Wolf.

O lobo permaneceu imóvel.

– A máscara!

Dessa vez foi Wolf quem partiu para cima, por pouco não roçando o nariz na máscara do homem, ambos respirando o mesmo ar quente e fétido.

Ficaram assim por intermináveis dez segundos até que, para a surpresa de Wolf, o lobo ergueu os olhos para o alto do prédio da embaixada. As pessoas na rua, fazendo o mesmo que ele, começaram a gritar, assustadas com o que viam: Ford empoleirava-se no beiral da fachada enquanto Finlay o chamava de volta, debruçado numa das janelas. O susto foi ainda maior quando o irlandês escalou o telhado preto na direção de uma chaminé, movendo os braços feito um equilibrista, completamente fora do alcance de Finlay.

– Não, não, não! – berrou Wolf, empurrando o lobo mau para o lado e abrindo caminho através da multidão.

Seguranças da embaixada surgiram nas janelas do último andar.

– Não faça isso, Andrew! – gritou Finlay, que a essa altura já havia pulado para o beiral, agarrando-se ao telhado para não cair. Uma das telhas quebrou e despencou do alto para se espatifar, aparentemente uma eternidade depois, contra o para-brisa de um carro da polícia.

– Finlay, fique onde está! – berrou Wolf, emergindo da multidão. – Não saia daí!

– Wolf! – gritou Ford.

Wolf parou imediatamente e olhou para o homem. Nem sentia na rua o vento que lá no alto parecia lamber os tufos de cabelo dele. Mas ouvia perfeitamente a sirene uivante dos bombeiros que não tardariam a chegar.

– A gente precisa retomar as rédeas! – repetiu o irlandês e só então Wolf entendeu o que ele queria dizer com isso.

– Se você fizer isso... se você morrer, ele vence! – gritou Finlay, espichado contra o telhado, agarrando-se à moldura da janela e derrubando mais telhas para o asfalto.

– Não! Se *eu* fizer isso, *eu* venço!

Ford largou as mãos da chaminé e ergueu os braços para se equilibrar na cumeeira do telhado. Na rua, motoristas desciam dos seus respectivos carros para testemunhar em primeira mão aquilo que muito em breve viraria notícia no mundo inteiro. O silêncio seria total, não fossem os boletins que os repórteres sussurravam nos seus microfones. O caminhão dos bombeiros uivava em alguma rua vizinha. Arrastando-se como podia no telhado, Finlay estava a meio caminho da chaminé. Uma gritaria eclodiu quando Ford perdeu o equilíbrio e balançou os braços para não cair.

– Coisas acontecem... – falou ele, mas tão baixinho que apenas Finlay pôde ouvir. Só então deixou o corpo cair para a frente.

Não havia mais o que fazer. Finlay, Wolf e a multidão de curiosos acompanharam com os olhos enquanto o irlandês despencava do quarto andar para se esborrachar com um baque seco no fosso da escada de incêndio do subsolo.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio.

Num impulso, Wolf correu para a escada de incêndio e saltou os últimos degraus para alcançar mais rapidamente o corpo estatelado. Não demorou para se dar conta de que estava pisando no sangue já empoçado em torno do crânio do homem.

Desimpedidos pelo policiamento insuficiente e furiosos como uma tropa de infantaria, os repórteres correram na esteira dele e invadiram o fosso para

registrar as primeiras imagens da nova tragédia. Eram tantos que chegavam a bloquear todo o sol que vinha de cima.

Apenas para desencargo de consciência, Wolf tomou o pulso do segurança. Depois sentou-se no chão ao lado dele e assim ficou, recostado à fachada do prédio, ciente de que estava posando para mais uma fotografia icônica mas traumatizado demais para se importar.

Três minutos depois, policiais e paramédicos se acotovelavam no pouco espaço do fosso. Deixando para trás um rastro de pegadas de sangue, Wolf subiu de volta para a calçada e acompanhou o trabalho dos bombeiros enquanto eles socorriam Finlay, que ainda estava no telhado, agarrado feito um gato às bordas da chaminé. Enterrando as mãos nos bolsos, estranhou ao encontrar no interior de um deles um papel amassado. De início viu apenas as marcas deixadas na folha por um polegar ensanguentado, mas depois notou que havia algo escrito no verso: "Bem-vindo de volta."

Ele sabia muito bem de quem era aquela letra. Por alguns segundos ficou se perguntando quanto tempo havia circulado com aquilo no bolso, imaginando como o psicopata conseguira... O lobo!

Empurrando quem havia pela frente e atropelando os repórteres que já começavam a guardar seu equipamento para ir embora, ele partiu em disparada na direção do local onde deixava os manifestantes, procurando freneticamente por eles. Não os encontrando junto da pilha de cartazes e faixas que havia confiscado, correu para o banco mais próximo e subiu nele para ter uma visão melhor da rua. Nenhum sinal do lobo, apenas a máscara que ele havia abandonado no asfalto, pisoteada pelos passantes.

Resignado, ele desceu do banco para recolhê-la. Sabia que o assassino ainda estaria por ali em algum lugar, observando-o de longe, rindo dele, orgulhoso do poder que havia exercido sobre o segurança Andrew Ford, do poder que ainda exercia sobre a mídia e, por mais que lhe custasse admitir, sobre o seu detetive predileto também.

Hospital St. Ann's

Quarta-feira, 6 de outubro de 2010
10h08

Wolf olhava vagamente para os jardins que circundavam o prédio majestoso do hospital psiquiátrico. O sol vazava através das árvores um tanto depenadas pelo outono, dançando sobre a grama ao compasso da brisa. Por mais tranquila que fosse a cena, Wolf precisava fazer um esforço especial para apreciá-la. A medicação que era obrigado a tomar duas vezes ao dia deixava-o num estado permanente de semiconsciência, diferente daquele torpor prazeroso da embriaguez, mais próximo da apatia, da tristeza e da derrota.

Ele sabia que precisava se medicar. As áreas comuns do hospital eram povoadas por internos com as mais variadas doenças mentais: tendências suicidas dividiam a mesa com impulsos homicidas, complexos de inferioridade conversavam tranquilamente com manias de grandeza – uma receita para o desastre não fosse o poder dopante daqueles comprimidos distribuídos fartamente, não para curar, mas, como suspeitava Wolf, para controlar.

Havia muito ele perdera a noção do tempo, pois os dias eram sempre iguais naquele lugar, a mesma rotina surreal, ele e os seus companheiros de sofrimento vagando de pijama pelos corredores, obedecendo pacificamente quando eram recolhidos para tomar banho, comer ou dormir. Difícil dizer ao certo até que ponto seu cansaço mental decorria da medicação ou das seguidas noites em claro. Mesmo naquele seu estado de semicatatonia, ele tinha pavor das noites no hospital, quando os internos eram confinados nos quartos e sucumbiam ao pior das suas respectivas psicoses, chorando e berrando desesperados ao se verem sozinhos no escuro.

– Abre a boca – disse com impaciência a enfermeira a seu lado e ele mostrou

a língua para provar que havia ingerido o punhado de comprimidos multicoloridos. – Você sabe por que foi transferido pra ala de segurança máxima, não sabe? – perguntou ela em seguida, como se estivesse falando com uma criança.

Wolf não respondeu.

– Se eu puder dizer à Dra. Sym que você anda tomando os seus remédios direitinho, tenho certeza de que ela vai transferi-lo de volta – insistiu a mulher. Vendo que a conversa não tinha futuro, bufou e saiu para amolar outra pessoa.

Wolf estava num canto tranquilo da sala de recreação, não muito diferente daquela outra que ele havia frequentado nos tempos de escola, com as mesmas cadeirinhas empilháveis alaranjadas. O Sr. Pingue-Pongue, como sempre fazia nesse horário, jogava uma partida consigo mesmo, cada vez mais irritado porque estava perdendo. As Duas Rosas (assim chamadas por Wolf em razão da cor da camisola hospitalar que ambas vestiam) brincavam silenciosamente com as massas de modelar enquanto outros, distribuídos nos sofás encardidos, viam televisão. Ele teve a vaga impressão de ter ouvido seu nome ser mencionado quando uma funcionária se adiantou para trocar o canal, substituindo um pronunciamento do prefeito de Londres por um episódio do Bob Esponja.

Correndo os olhos por aquilo que podia ser uma cena de jardim de infância, Wolf balançou a cabeça, mal acreditando no que estava vendo após uma noite especialmente violenta e ruidosa no dormitório. Uma das Rosas sangrava nas unhas enquanto modelava sua flor. Certamente passara a noite arranhando a porta do quarto, mas agora estava alegre, aparentemente alheia à dor nos dedos. Wolf ficou se perguntando se também era assim, capaz dos mesmos extremos. Sabia que teria matado Naguib Khalid na frente de todas aquelas pessoas, indiferente às consequências e ao instinto de autopreservação. Mais que isso, teria feito picadinho do filho da puta. Talvez as pessoas "normais" tivessem mais controle sobre as próprias emoções. Talvez aquilo que ele considerava normal não fosse tão normal assim para o resto do mundo.

Era nisso que ele pensava quando um rapaz negro e alto, com seus 20 e poucos anos de idade, saiu da frente da televisão e se aproximou da mesa que ele ocupava junto à janela. Exceto quando não tinha alternativa, ele evitava todo tipo de contato pessoal desde que fora internado, inclusive com Andrea, que já havia telefonado mil vezes e perdido a viagem numa visita em que ele se recusara a sair

do quarto. Tinha reparado naquele garoto que andava sempre descalço e embrulhado num pijama vermelho. Passara a impressão de que era uma pessoa fechada, arredia, portanto ficou surpreso quando o viu apontar para a cadeira vazia a seu lado e ficar esperando pacientemente por uma resposta.

Com a devida permissão, o garoto puxou a cadeira, acomodou-se e ofereceu as mãos algemadas para se apresentar a Wolf.

– Joel – disse. Tinha o sotaque forte da zona sul londrina e exalava um cheiro longínquo de infecção.

Wolf usou o pulso machucado como pretexto para não cumprimentá-lo. Apesar dos olhos calmos, o garoto era irrequieto, batia os calcanhares compulsivamente no chão.

– Bem que eu achei que conhecia você – disse ele, apontando para Wolf com as duas mãos. – Tu pisou na sala e eu disse: conheço o cara. Quando vi o que tu fez, pensei: o cara não *acha* que foi o Cremador que matou aquela mulherada toda, ele *sabe*. É ou não é? E ficou puto quando soltaram o maluco.

Wolf fez que sim com a cabeça.

– Caralho. Tu bem que tentou. Eu também teria partido pra cima.

– Sabe... – disse Wolf, quebrando o silêncio de muitas semanas, quase estranhando o som da própria voz. – Até agradeço a empatia, mas... ficaria ainda mais sensibilizado se não tivesse visto você conversando com uma tigela de cereal a manhã inteira.

Joel não gostou muito do que ouviu.

– Quem é de Deus sabe que rezar não é conversar.

– Até quem é do capeta sabe que uma tigela de Sucrilhos não é um altar – devolveu Wolf, rindo de si mesmo. De repente se deu conta de quanto sentia falta da troca de insultos no trabalho.

– Ok, ok – falou Joel, levantando-se novamente. – Fica na tua, *detetive*. A gente se vê por aí. – De repente ele se virou e disse: – Meu vô dizia uma coisa: "Um homem sem inimigos é um homem sem princípios."

– Sábias palavras – assentiu Wolf, exausto com a conversa. – Mas com um conselho desses... não é de estranhar que você tenha vindo parar aqui.

– Que nada. Estou aqui porque escolhi, certo?

– Ah, é?

– Enquanto estou aqui, continuo vivo.

– “Um homem sem inimigos...” – repetiu Wolf, pensativo.

– O problema é que não sobrou nenhum inimigo, *detetive* – disse Joel, e foi embora.

Capítulo 24

Quarta-feira, 9 de julho de 2014
2h59

O relógio de Edmunds bipou às três da madrugada. Um holofote zumbia muito acima dele, no teto alto do subsolo. Aquela era sua quarta visita ao Depósito Central, e ele começava a apreciar a quietude do lugar. Gostava da penumbra e sobretudo da temperatura controlada, quente o bastante para fazê-lo tirar o paletó, fria o bastante para mantê-lo acordado. Sempre que olhava à sua volta ficava abismado, não só com a poeira acumulada no ar, mas com a quantidade de histórias enterradas ali.

Aquilo era como um jogo sem fim possível. Dentro de cada uma daquelas milhares de caixas de papelão havia um enigma a ser revisitado ou, em alguns casos, solucionado. Era mais fácil focar no desafio que elas representavam para os investigadores em geral do que na triste constatação de que estavam associadas a uma vida perdida ou arruinada, enfileiradas nas suas respectivas prateleiras feito as urnas de uma catacumba.

Os acontecimentos do dia haviam confirmado suas suspeitas, não restando qualquer dúvida. Mais uma vez o assassino soubera onde encontrar seu alvo supostamente escondido.

Emily Baxter estava sendo ingênua.

Realmente era possível que alguém na embaixada tivesse vazado a informação de que Andrew Ford estava acampado por lá. No entanto, aquilo não havia sido um caso isolado. Era a quarta vez que eles eram ludibriados e, pior ainda, ninguém além de Edmunds enxergava isso.

Novamente ele havia mentido para Tia, dizendo que perdera no palitinho e fora escalado para uma operação de vigilância madrugada afora, ganhando assim

mais uma preciosa noite para revirar os baús do passado. Podia jurar que havia rastros do psicopata em algum lugar daquele depósito enorme, as primeiras pegadas daquele monstro que agora avançava a pleno vapor na direção deles.

Na noite de segunda ele havia tropeçado num caso não resolvido de 2008 no qual um fundamentalista islâmico, nascido e criado na Inglaterra, havia morrido dentro de uma solitária. Segundo os registros de protocolo, ninguém havia entrado ou saído daquela ala do presídio no horário estimado para o crime, fato corroborado pelas câmeras de segurança. O corpo do rapaz de 23 anos exibia sinais de sufocamento, mas fora isso não havia nada que configurasse ou comprovasse um crime e, no fim das contas, a morte dele fora atribuída a causas naturais.

Nas pesquisas pela internet ele havia encontrado a morte suspeita de um fuzileiro numa base militar. Tendo em mente o coturno identificado por Joe, havia feito uma solicitação formal à Polícia Militar, pedindo que eles enviassem toda a documentação do caso, mas ainda não recebera nenhuma resposta.

Ele tinha passado a última hora examinando as provas de um homicídio ocorrido em 2009. O herdeiro de uma multinacional do setor de eletrônicos havia desaparecido misteriosamente de uma suíte de hotel embora dois guarda-costas estivessem a menos de 10 metros de distância, num quarto adjacente. Uma quantidade suficiente de sangue fora encontrada no local para dar o rapaz por morto, mas o corpo jamais havia sido encontrado. Nenhuma impressão digital, nenhuma amostra de DNA, nenhuma imagem gravada, nada fora encontrado para dar pelo menos uma primeira pista à polícia, o que significava que também não havia nada que pudesse ser associado ao caso Boneco de Pano. Edmunds anotou a data do crime e guardou a papelada de volta na caixa.

O ar refrigerado recarregava suas energias. Ele não estava nem um pouco cansado, mas prometera a si mesmo que retornaria para casa por volta das três de modo que pudesse tirar pelo menos um rápido cochilo antes de ir para o trabalho. Tinha planejado pesquisar outros cinco casos diferentes, mas... paciência. Então se levantou, devolveu a caixa para a prateleira e foi caminhando na direção da saída. Já estava próximo ao fim do corredor quando percebeu que as caixas na prateleira a seu lado haviam alcançado o mês de dezembro de 2009, o mês do crime seguinte na sua lista de casos. Ele conferiu as horas no relógio: 3h07.

– Só mais uma – prometeu a si mesmo. Localizou a caixa que queria e foi com ela para o chão.

Às 8h27, Wolf chegou a um inóspito prédio de apartamentos numa das travessas da Plumstead High Street, na zona sudeste de Londres. Já nem tentava mais dormir, sobretudo agora que tinha a máscara de lobo para acrescentar à sua longa lista de motivos para não pregar os olhos tão cedo. A ousadia do assassino o deixara bastante abalado. Havia sido um risco enorme que o sujeito tivesse ido até a embaixada, que tivesse participado pessoalmente da manifestação que ele mesmo organizara, que tivesse confrontado seu adversário tão de perto, um impulso essencialmente narcisista e autodestrutivo. Edmunds os havia alertado: o assassino não resistiria à tentação de chegar cada vez mais perto, movido pelo desejo inconsciente de ser pego. Talvez o incidente na embaixada tivesse sido um pedido de socorro por parte dele. Talvez ele houvesse agido, não por arrogância, mas por desespero.

Wolf estranhou a lama nos degraus da escada, não lembrava direito se voltara a chover após a tempestade da semana anterior. No terceiro andar ele abriu o que sobrava de uma porta corta-fogo, passou ao corredor encardido e não viu sinal algum dos dois policiais que deveriam estar plantados à porta de Ashley Lochlan – aliás, a única porta que parecia ter recebido uma demão de tinta nos últimos anos, a do apartamento 16.

Ele já ia tocando a campainha quando os dois policiais, um homem e uma mulher, surgiram subitamente no corredor com um sanduíche e um copo de café nas mãos. Ambos se assustaram quando viram a imponente figura do detetive.

– Bom dia – disse a mulher, mastigando uma bocada do seu sanduíche. Ofereceu a Wolf a outra metade quando ouviu o estômago dele roncar, mas o investigador agradeceu educadamente.

– Vocês já sabem quando vão tirá-la daqui? – perguntou o homem, quase um rapaz.

– Ainda não – disse Wolf com alguma rispidez.

– Não, não! Não foi isso que eu quis dizer – ele se corrigiu. – Pelo contrário, Ashley Lochlan é uma ótima pessoa. Vamos sentir a falta dela.

– Vamos mesmo – repetiu a mulher.

Wolf ficou surpreso. Escravo dos estereótipos que tanto o haviam ajudado no

passado, ele vinha se preparando para encontrar do outro lado da porta uma maluca de olhos vidrados e pijama, cercada de gatos recolhidos da rua. Mas pelo visto a dupla de policiais não estava com nenhuma pressa de ir embora.

– Ela acabou de ir tomar banho, mas o senhor pode entrar – disse a mulher, destrancando a porta.

O apartamento, limpíssimo, cheirava a café recém-passado e bacon. Uma brisa morna balançava as cortinas de renda, vergando ligeiramente as flores da mesinha de centro da sala. Além de arejado, o lugar era decorado com bom gosto: paredes e móveis em tons claros, piso e bancadas de madeira legítima. Fotografias cobriam uma das paredes quase por inteiro. Na cozinha, vasilhas e assadeiras secavam ao lado da pia. Da sala se ouvia o chuveiro aberto no banheiro.

– Ashley! – chamou a policial. – O sargento-detetive Fawkes veio falar com você.

Torneiras foram fechadas.

– E aí? Ele é tão gato em pessoa quanto na televisão? – perguntou Ashley, com um discreto sotaque escocês.

A policial ficou desconcertada, sem saber o que dizer e corou ainda mais quando Ashley acrescentou:

– Tudo bem, a gente precisa dar um bom banho no cara antes de levá-lo pra qualquer lugar, mas ainda assim...

– Na verdade ele parece que está precisando de uma boa xícara de café.

– Então manda entrar e leva pra cozinha. Tem café novo na garrafa.

– Bem, é que...

– O quê?

– Ele já entrou.

– *Jura*? E *ouviu* o que eu falei?

– Ouviu.

– Merda...

Aflita, a policial chispou de volta para o corredor e retomou sua sentinela.

Wolf timidamente farejou as próprias axilas assim que viu que estava sozinho. Depois, enquanto esperava Ashley se vestir, foi para o mural da parede e deixou os olhos passearem pelas fotos, que eram singelas e espontâneas, sempre com a mesma mulher bonita no centro, ora na praia com amigos, ora num

parque com um senhor mais idoso, ora na Legoland com o que parecia ser seu filho. Nessa última ele ficou comovido ao ver a felicidade estampada no rosto de ambos naquele que deveria ter sido um dia perfeito.

– Esse aí é o Jordan. Está com 6 anos – disse Ashley às suas costas.

Lembrou-se de que Finlay também é escocês, mas nem de longe tinha o charme daquele sotaque. Virando o rosto, ele deparou com a mesma mulher bonita das fotos secando os cabelos com uma toalha à porta do banheiro. Vestia um shortinho jeans, curtíssimo, e uma camiseta de malha cinza. Wolf não pôde deixar de notar as curvas das pernas antes de voltar sua atenção para as fotos.

– Comporte-se, homem – resmungou ele baixinho.

– Hein?

– Seu filho Jordan... cadê ele?

– Não foi isso que você disse, foi?

– Foi, foi – confirmou Wolf, sacudindo a cabeça feito um cordeirinho.

Ashley fitou-o de um modo engraçado.

– Mandei-o pra casa da mamãe depois que... bem, depois que esse maluco ameaçou matar todo mundo – respondeu ela enfim. Depois se apresentou: – Ashley.

Wolf se adiantou para cumprimentá-la, por pouco não triturando a mão dela com a força bruta da sua. Precisou se controlar para não encarar as pernas da moça, mas não pôde deixar de notar o castanho vivo dos olhos, as manchas escuras que os cabelos molhados tinham deixado na camiseta, o odor cítrico que eles exalavam.

– Fawkes – disse, recuando logo em seguida.

– Não posso chamá-lo de William?

– Não, não pode.

– Então você vai ter de me chamar de Lochlan – devolveu ela com um sorriso, depois olhou-o de cima a baixo.

– Que foi?

– Nada. É que... pessoalmente você é muito diferente.

– Bem, a imprensa só me fotografa quando estou ao lado de um cadáver, então... estou sempre com a cara triste.

– Mas você não vai dizer que esta é a sua cara alegre, vai? – ela riu.

– Esta aqui? Não. Esta é a cara de um herói mal compreendido que não

dorme há uma semana e talvez seja a única pessoa tão inteligente quanto o assassino em série que ele está tentando pegar.

– Ah, é? – disse Ashley, rindo de novo.

Wolf simplesmente encolheu os ombros enquanto ela o encarava, aparentemente intrigada com o que via à sua frente.

– Quer comer alguma coisa? – sugeriu ela.

– Tipo o quê?

– O melhor café da cidade fica logo ali na esquina.

– Primeiro: o melhor café da cidade fica na minha rua e se chama Sid's. Segundo: você está em regime de proteção domiciliar, não pode sair.

– Bobagem, você me protege na rua também – disse ela, fechando a janela da sala. – Vou só calçar um sapato e já volto.

Wolf ficou dividido. Sabia que não deveria ceder, mas estava gostando da conversa, não queria fazer nada para azedá-la.

– Que tal vestir uma calça também? – sugeriu.

Ashley parou à porta do quarto e fabricou uma cara de ofendida. Vendo que ele admirava suas pernas outra vez, disse:

– Por quê? Estou deixando você nervoso?

– Nem um pouco – disse Wolf com desdém. – Você está horrível. *Bléééh!* Não posso sair com alguém assim do meu lado.

Ashley adorou o falso insulto. Entrando no quarto, tirou a camiseta de dentro do shortinho, deixou que ela caísse para as coxas, depois substituiu o shortinho por um par de jeans rasgados nos joelhos, rebolando violentamente para entrar neles. Wolf estava de tal modo perplexo que nem se deu ao trabalho de virar o rosto.

– Melhor assim? – perguntou ela, prendendo os cabelos num rabo de cavalo desleixado que a tornava ainda mais bonita.

– Não – respondeu ele com sinceridade. – Antes estava bem melhor.

Ashley riu novamente. Não tinha o hábito de se comportar assim, mas com apenas três dias de vida pela frente, estava achando divertido flertar com um homem que por coincidência também estava com os dias contados. Calçou seus surradíssimos All Stars, pegou seu molho de chaves na mesa da cozinha e, sem mais nem menos, perguntou:

– Você tem problema com alturas?

– Não gosto de cair delas – respondeu Wolf, confuso.

– Então... vamos lá? – disse ela e saiu junto com ele.

Wolf não demorou para constatar que Ashley havia superestimado grosseiramente o tal café da esquina. Os componentes do legítimo café da manhã britânico sobre a mesa davam a impressão de que estavam vivos ao deslizarem na própria gordura. Ashley sequer conseguia terminar sua torrada. O mais provável era que ela tivesse sugerido o lugar simplesmente para tomar um ar fresco na rua, sair um pouco da sua prisão domiciliar. Certamente nunca tinha pisado ali antes: não faria a burrice de cometer o mesmo erro duas vezes.

– Não me leve a mal, Lochlan, mas este seu café...

– Trabalho aqui.

– ... é muito bom. É ótimo.

Eles haviam chamado a atenção de algumas pessoas no curto trajeto desde o prédio. Talvez o tivessem reconhecido de alguma foto de jornal ou talvez estivessem apenas admirando a beleza natural de Ashley, difícil dizer. Acomodados a uma mesa ao lado da janela, o mais longe possível dos demais clientes que devoravam suas salsichas e ovos sem nenhum pudor, eles vinham jogando conversa fora por mais de vinte minutos.

– Tenho andado muito preocupada com você – disse Ashley à queima-roupa, embora eles ainda estivessem falando dos seus discos preferidos de Bon Jovi, pelo menos na opinião de Wolf.

– Hein?

– Como é que você está... lidando com tudo isso?

– Deixa eu ver se entendi direito: você está marcada pra morrer daqui a três dias e está preocupada *comigo*? – perguntou Wolf, aproveitando a oportunidade para largar no prato os talheres engordurados.

– Você também está marcado pra morrer – retrucou ela. – Daqui a cinco dias.

Isso o tomou de surpresa. Ele andava tão imerso na investigação que nem havia notado a passagem do tempo.

– Tenho visto todos os noticiários – disse Ashley. – Não há muito que fazer quando você está trancada num apartamento de quatro cômodos. Esse cara que está infernizando a gente, seja lá quem ele for... ele está fazendo com você a

mesma coisa que um gato faz quando está brincando com o rato: quanto mais ele vê que o rato está judiado, mais ele quer brincar.

– Eu não sabia que estava "judiado" – brincou Wolf.

– Mas está – disse ela. – Olha... isso que aconteceu com essas pessoas... e que talvez aconteça comigo também... você não tem culpa de nada.

Wolf deixou escapar um risinho irônico. Se a intenção da garota era consolar alguém, ela estava perdendo seu tempo.

– Você está *muito* tranquila diante dessa coisa toda – concluiu ele. – Chega a ser bizarro.

– Acredito no destino, só isso.

– Não quero jogar mosca na sua sopa, mas... se realmente existe um Deus por aí, estamos fodidos. Porque aparentemente ele não está do nosso lado.

– Não é de Deus que estou falando. É que... a vida dá umas voltas engraçadas.

– Como assim?

– A vida colocou você hoje aqui comigo, duas pessoas que em tese nunca teriam se conhecido. E agora finalmente vou poder me redimir de uma coisa que fiz anos atrás.

Wolf ficou curioso. Instintivamente olhou à sua volta para ter certeza de que ninguém bisbilhotava a conversa. Estava tão cativado por Ashley que praticamente havia esquecido onde se encontravam. Uma mulher tão agradável e linda não combinava com a espelunca que era o tal café. Vê-la ali era tão incongruente quanto ver o porco Andrew Ford no luxo da embaixada irlandesa.

– Promete que vai me deixar terminar antes de... Promete?

Wolf cruzou os braços numa postura defensiva e se recostou na cadeira. Ambos sabiam que Edmunds havia descoberto as 5 mil libras que Vijay Rana depositara na conta dela.

– Quatro anos atrás eu trabalhava num pub em Woolwich. Eu passava por uma fase difícil. O Jordan tinha só 1 ano e eu tinha acabado de me separar do pai dele, que não era exatamente um cara legal. Eu só podia trabalhar meio expediente enquanto mamãe tomava conta do menino. Vijay frequentava esse pub. Almoçava lá quase todo dia, a gente era quase amigo um do outro. Mais de uma vez ele me pegou chorando por causa do divórcio ou da falta de grana. Era um homem generoso. Dava gorjetas de 10 libras, que eu recusava, mas ele insistia, dizendo que queria me ajudar. Aquilo me comovia...

– Talvez ele quisesse mais do que simplesmente ajudar – interveio Wolf, azedo. Não guardava a menor simpatia pelo irmão de Khalid.

– Ele não era esse tipo de homem. Tinha uma família. Então um dia apareceu com uma proposta. Falou que um amigo dele estava enrolado com a polícia, mas podia jurar que ele era inocente. Me ofereceu 5 mil libras só pra dizer que eu tinha visto uma pessoa na rua, voltando pra casa numa determinada hora. Só isso.

– *Você* deu um depoimento falso? – perguntou Wolf, sem conseguir conter o espanto.

– Estava desesperada... Morro de vergonha, mas acabei topando. Achei que aquilo não fosse fazer muita diferença e, na época, não tinha mais do que 15 libras no bolso pra criar o meu filho.

– Pois fez *toda* a diferença! – esbravejou Wolf. A essa altura ele já havia perdido todo o encanto pela garçonete.

– Pois é. Quando fiquei sabendo que tinha dado um depoimento falso no caso do Cremador... eu entrei em pânico. – Os olhos dela começaram a marejar. – Jamais ajudaria alguém com aqueles crimes horrorosos nas costas, nem por todo o dinheiro do mundo. Então procurei o Vijay na casa dele, dizendo que não podia fazer aquilo. Você tem de acreditar em mim! Falei que não contaria nada à polícia sobre o envolvimento dele, nem sobre o dinheiro. Contaria apenas que tinha me enganado.

– E o que foi que ele falou?

– Tentou me dobrar, mas acho que entendeu. No caminho de casa eu liguei pro escritório do advogado que estava presente no dia do meu depoimento.

– Collins & Hunter?

– Isso, e eles me transferiram pra um dos sócios.

– Michael Gable-Collins?

– Ele mesmo! – disse Ashley, surpresa. Nem ela nem ninguém sabia que o homem estava morto. – Falei que queria anular meu depoimento e ele começou a me ameaçar. Primeiro, enumerou os crimes que eu tinha cometido: falso testemunho, obstrução da justiça, talvez até cumplicidade! Perguntou se eu queria ser presa, e quando contei sobre Jordan, ele falou que a vara de família teria de ser envolvida, que eu até corria o risco de perder a guarda do meu filho.

A lembrança da conversa deixara a garçonete visivelmente abalada. Num

gesto automático, Wolf ofereceu um guardanapo para que ela secasse os olhos.

– Era um caso importante demais – disse. – Eles não podiam perder de jeito nenhum.

– O tal Michael mandou que eu ficasse de boca fechada. Foi grosseiro comigo, mas falou que ia fazer o possível pra me manter longe do tribunal. Essa foi a única vez que a gente conversou. Depois acompanhei todo o desenrolar do caso, vi o que você fez pra tentar tirar de circulação o homem que eu tinha ajudado a inocentar. Então... eu sinto muito... Desculpa.

Ashley se desmanchou em lágrimas.

Wolf ficou de pé, deixou uma nota de 10 libras sobre a mesa.

– Não é comigo que você tem de se desculpar – foi só o que ele disse antes de ir embora e deixar sozinha no canto do café a mulher que lhe cabia proteger.

Capítulo 25

Quarta-feira, 9 de julho de 2014
10h20

Edmunds estava zonzo de tão cansado. Saíra do depósito às seis da manhã e menos de uma hora depois já estava na sua metade de mesa no sétimo andar da New Scotland Yard. A esperança de tirar um cochilo ali mesmo antes que os outros chegassem – os sortudos que desfrutavam de turnos mais condizentes com uma vida normal – tinha virado fumaça quando Simmons, pouco depois das sete, chegou e se jogou pesadamente na cadeira vizinha. Dando provas de um profissionalismo e de uma obsessão que só havia igual no próprio Edmunds, ele chegara mais cedo para completar a investigação dos sete nomes que ainda restavam na sua lista.

A essa altura Edmunds tinha enviado a Tia uma mensagem de texto dizendo que estava com saudades e faria o possível para ir embora mais cedo naquela noite. Num impulso, sugerira que eles saíssem para jantar, mas hesitara um segundo antes de apertar o "enviar": comprometer-se com mais horas de cansaço talvez não fosse uma boa ideia. Mas o esforço valeria a pena e, além disso, ele se sentia culpado pela mentirinha da véspera, a da falsa operação de vigilância.

Tendo revelado seu talento para laudos psicológicos na sua primeira reunião com a equipe, ele havia se tornado oficiosamente o analista comportamental do departamento – papel para o qual não era minimamente qualificado, tampouco remunerado. A comandante Vanita solicitara que ele preparasse um relatório sobre o tal bilhete que o assassino tivera a ousadia de colocar no bolso de Wolf.

Joe não demorara muito para atestar que o sangue da impressão digital deixada no papel era o mesmo da amostra colhida na cerca de arame farpado. Assim sendo, não havia dúvida de que o último bilhete era mais uma provocação

por parte do psicopata: para provar a insignificância da sua mancada no País de Gales, bem como a incompetência da polícia, ele não se importara de entregar a Wolf uma amostra do próprio DNA. Que tivesse feito isso pessoalmente por meio de um bilhete indicava a presença de um crescente complexo de superioridade e a intenção de terminar sua saga de modo espetacular dali a cinco dias.

Edmunds acordou assustado. Seu relatório esperava para ser terminado no computador à frente; o cursor piscava com impaciência ao lado da última palavra digitada. O protetor de tela nem havia sido ativado. Ele não havia fechado os olhos mais que alguns segundos, mas por algum motivo isso o fazia se sentir ainda mais culpado. Oferecendo-se para buscar um chá para Simmons, foi para a cozinha. Colocou a água para ferver na chaleira e, enquanto esperava, voltou à pia imunda para jogar um pouco de água fria no rosto. Ainda se secava quando a detetive Baxter surgiu a seu lado, roubou para si a água da chaleira e com ela fez seu café.

– Você não foi atropelado de novo, foi? Ou será que andou apanhando da noiva outra vez?

– Eu já disse o que aconteceu – resmungou Edmunds. – Tropecei no gato. – As olheiras de cansaço só acentuavam os hematomas deixados pelo nariz quebrado.

– Ok, ok. Mas então, tropeçou no gato de novo?

– Não. Passei a noite em claro, só isso.

– Porque...

Até ali ele havia conseguido manter em segredo as suas visitas ao depósito. Por um instante cogitou abrir-se com a antiga supervisora, mas mudou de ideia.

– Sofá – mentiu ele. Sabia que ela aceitaria os seus problemas de relacionamento como uma justificativa plausível. – E você? Está trabalhando no que hoje?

– Um cara aí pulou da ponte de Waterloo e se afogou. Deixou bilhete e tudo. O caso de suicídio mais evidente de toda a história da polícia londrina. Só que um guarda de rua, que provavelmente assiste a *CSI* mais do que devia, resolveu achar a coisa "estranha". Depois disso a gente vai ter de dar um pulo em Bloomsbury por causa de uma poça de sangue. Provavelmente alguém que se cortou e se mandou pro pronto-socorro. Mistério resolvido – bufou ela.

Edmunds chegou a sentir uma pontada de inveja. O dia que tinha pela frente também não era dos melhores.

– Tem visto o Wolf? – perguntou ela.

– Ele não tem aparecido.

Blake surgiu à porta da cozinha. Passara a pentear os cabelos e trabalhar de paletó desde que se tornara parceiro de Emily.

– Vamos lá?

– Vamos – respondeu ela. Jogou fora o resto do café e deixou a caneca na pia, junto com as outras vinte que estavam ali.

Andrea acabara de falar com Wolf pelo celular quando desceu do táxi. Os produtores do jornal andavam fazendo os preparativos para o grande epílogo do caso Boneco de Pano, que se aproximava a passos largos e ela havia ligado apenas para saber como ele estava.

Mas a conversa havia transcorrido truncada, não só em razão do barulho no táxi e na movimentada avenida da qual ele falava, mas sobretudo porque Wolf não estava nem um pouco a fim de papo. Ele havia sido duro nas críticas que fizera tanto a ela pessoalmente quanto à emissora em geral, acusando-os de terem divulgado o refúgio de Andrew Ford na embaixada, de terem contribuído com o assassino na manipulação do já paranoico irlandês ao televisionar o protesto diante do prédio.

Ela ouvira tudo calada, mesmo vendo naquilo uma grande injustiça, já que todas as outras emissoras haviam feito exatamente o mesmo. Numa espécie de rendição, convidara-o para jantar, mas ele havia pedido que ela o deixasse em paz e desligara sem se despedir. Jamais teria verbalizado isso, mas estava furiosa que o ex-marido tivesse sido tão severo e grosseiro naquela que poderia ter sido a última conversa entre os dois. Pelo jeito que ele falava, estava claro que sequer lhe ocorria a possibilidade de não acordar vivo na manhã de terça-feira, e ela agora imaginava se ele finalmente não teria transposto a tênue fronteira entre o otimismo e a negação.

Elijah continuava cobrando uma resposta para a promoção oferecida e era isso que vinha ocupando a cabeça de Andrea desde a reunião com o chefe. Ela não conseguia tomar uma decisão: ora resolvia entregar seu aviso prévio e

salvaguardar o pouco que ainda tinha de dignidade, ora não via sentido algum em abrir mão de um cargo que seria preenchido com ou sem ela.

Na noite anterior ela havia discutido o assunto com Geoffrey, sentada com ele no pátio do jardim que tinham em casa, pequeno mas com um belo paisagismo. Como sempre, Geoffrey não havia feito nenhuma tentativa de influenciá-la para este ou aquele lado, e talvez por isso eles se dessem tão bem. Ele respeitava a independência dela, uma independência com a qual ela havia se acostumado durante seu casamento com Wolf. Eles sempre reservavam algumas horas do dia para conversar, não porque se obrigassem a disso, mas porque gostavam.

Geoffrey vinha acompanhando o caso Boneco de Pano junto com o resto do mundo, mas em nenhum momento censurara Andrea, direta ou indiretamente, pelo tom sensacionalista das reportagens, pelo atrevimento das conjeturas, nem mesmo pelo mau gosto do Relógio da Morte, que ela própria achava uma vergonha. Apenas uma vez pedira para que ela tomasse cuidado. Nos muitos livros de guerra que havia lido, aprendera que mensageiros eram escolhidos não só porque eram espertos e articulados, mas sobretudo porque eram pessoas essencialmente descartáveis.

Ele ainda a escutava com paciência quando a temperatura baixou, o céu escureceu e as lâmpadas se acenderam automaticamente, distribuídas entre os pontos mais estratégicos do jardim. Argumentara que, caso aceitasse a promoção, ela estaria se deixando levar exclusivamente pela ambição profissional: eles não precisavam de mais dinheiro, ela já havia se firmado como uma repórter talentosa e idônea. Com a perspicácia habitual, sugerira que ela consultasse Wolf, dando-se conta de que a opinião dele era a única que realmente importava naquele caso.

Mas Andrea nem precisara perguntar coisa alguma ao ex-marido: a resposta estava mais do que clara no azedume da conversa que eles haviam tido naquela manhã.

Finlay veio caminhando até a mesa de Simmons e Edmunds, mas com um olho voltado para a sala da comandante, que arrancava os cabelos enquanto falava com alguém ao telefone. Alheio à papelada do novato, empoleirou-se na quina da mesa e disse:

– A mulher hoje está um cão.

– Algum motivo especial? – perguntou Simmons. Para ele era estranho mendigar por fofocas depois de tantos anos sendo o primeiro a saber das coisas.

– Will. Quem mais podia ser? Parece que ele tirou Ashley Lochlan de casa, onde ela tinha a escolta de dois policiais.

– Tirou de casa? Pra fazer o quê?

– Tomar um café da manhã. Ficou puto com alguma coisa e se mandou, deixando a moça sozinha, sem nenhuma proteção. Os dois policiais fizeram uma reclamação formal e agora Vanita quer que ele seja suspenso.

– Problema dela – disse Simmons. – Mas e o Wolf, que foi que deu nele?

– Sei lá. Você conhece a peça. Duvido muito que ele dê as caras por aqui hoje. Aliás, estou indo me encontrar com ele daqui a pouco. Se alguém perguntar por mim, diga que fui providenciar um novo esconderijo pra Ashley Lochlan. E é isso mesmo que eu vou fazer.

Simmons estava se divertindo com toda aquela atividade sob as barbas da comandante, como se eles fossem um bando de estudantes fazendo alguma travessura pelas costas da diretora.

– Também vamos sair – disse ele.

– Pra onde? – perguntou Edmunds.

– Ainda tenho quatro pessoas na minha lista. Uma delas está morta. Precisamos descobrir quem é.

Simmons e Edmunds se presentearam com um folheado de salsicha comprado na rua e saíram deixando um rastro de migalhas na calçada enquanto se dirigiam ao terceiro endereço da lista. Já haviam passado pela casa da estenógrafa do tribunal, onde tinham descoberto que ela havia morrido de câncer em 2012. Também tinham sido informados de que o juiz Timothy Harrogate havia emigrado com a mulher para a Nova Zelândia. Por sorte, um vizinho tinha o número do telefone do filho do casal, que acordara os pais no meio da madrugada para confirmar que ambos estavam vivinhos da silva.

O sol já tinha saído de trás das nuvens quando eles atravessaram os jardins da Praça Brunswick e alcançaram as duas casas geminadas na Lansdowne Terrace, ambas com sua fachada de tijolos aparentes, ambas com quatro andares. A porta da rua estava aberta na primeira delas, justamente a que eles procuravam. Na

ausência de uma campainha, Edmunds bateu palmas escandalosas e entrou com Simmons na sua cola, passando a um corredor de ladrilhos antigos e multicoloridos. Na parede, uma seta apontava para a "cobertura", o que parecia um exagero em se tratando de um prédio tão velho e pequeno.

Eles subiram a escada deserta para o hall do quarto andar, onde as paredes eram decoradas com diversas fotografias, quase todas de um senhor mais velho acompanhado de alguma beldade bem mais jovem, posando em algum lugar exótico. Aparentemente a loura que ele abraçava num iate não sobrevivera ao desembarque, pois na foto seguinte era uma ruiva de biquíni quem relaxava a seu lado na praia.

Ambos se assustaram quando algo se quebrou no interior do apartamento. Aproximando-se da porta, viram que ela estava destrancada. Olharam um para o outro, preocupados, depois entraram, deparando com um corredor escuro. Os ladrilhos do piso eram os mesmos do primeiro andar. As portas laterais estavam fechadas.

– Porra, falei que era pra você não tocar em nada! – disse alguém mais adiante, no fim do corredor.

Edmunds e Simmons pararam onde estavam. Ambos sabiam de quem era aquela voz tão doce e tão gentil.

– Emily Baxter, é você que está aí? – chamou Edmunds, e avançou com Simmons para a sala do apartamento, onde Blake, de quatro no chão, recolhia os cacos do vaso provavelmente caríssimo que acabara de quebrar.

– Que diabos vocês estão fazendo aqui? – perguntou a detetive, surpresa com a chegada dos dois.

– Este apartamento é de Ronald Everett – explicou Edmunds. – Um dos jurados no julgamento de Naguib Khalid.

– Ah.

– E vocês?

– Aquilo que eu falei mais cedo. Poça de sangue sem um corpo.

– Onde? – perguntou Simmons.

– Pra todo lado – disse ela, apontando para o chão atrás de um sofá grande.

Um halo vermelho havia se formado na cerâmica branca do piso, em torno de um tapete saturado de sangue.

– Caramba... – sussurrou Edmunds.

– Imagino que este jurado de vocês não esteja mais entre nós – disse a detetive com a habitual frieza.

Vendo aquela piscina de sangue a seus pés, Edmunds lembrou-se de um dos casos que tinha examinado no depósito durante a madrugada: muito sangue no chão, nenhum corpo por perto. Não podia ser apenas uma coincidência.

– Que foi? – perguntou Emily, notando a expressão no rosto do seu ex-estagiário.

– Nada – respondeu ele rapidamente. Já havia resolvido que manteria sua investigação particular em segredo até que encontrasse algo de concreto. Ele conferiu as horas no relógio. Prometera a Tia que sairia com ela para jantar, mas, se não demorasse muito por ali, ainda teria tempo para dar uma passada no depósito, ficar uma horinha por lá e chegar em casa no horário regulamentar.

– Essa bagunça não bate com o capricho e o asseio do nosso amigo assassino – observou Simmons. – Não tinha uma gota de sangue na casa das outras vítimas.

– Talvez ele não seja tão infalível quanto a gente imagina – sugeriu Edmunds, agachando-se para examinar os respingos de sangue na lateral do sofá. – Talvez esta seja a única vítima que ele desmembrou em casa. De repente tem mais um monte de pistas que ele deixou por aí, espalhadas pela cidade.

Nesse instante os peritos chegaram e Edmunds aproveitou a oportunidade para fugir. Desculpou-se com Simmons, dizendo que tinha muito trabalho acumulado no departamento, e correu o mais depressa que pôde para a estação de metrô.

O celular de Wolf bipou com uma mensagem de texto: “Fiz por merecer hoje cedo. Jantamos juntos? Bjs, L.”

– Está rindo do quê? – perguntou Finlay. Eles estavam caminhando de volta para a New Scotland Yard.

Wolf ignorou-o e ligou de volta para o número da mensagem.

– Olá, detetive Fawkes.

– Olá, Srta. Lochlan.

Finlay arregalou os olhos na direção dele.

– Como foi que você conseguiu este número? – perguntou Wolf.

– Lembra da Jodie, que você conheceu hoje de manhã?

– A que fez uma reclamação formal contra a minha pessoa?

– Ela mesma. Ligou pra uma amiga, que ligou pra uma amiga, que conhece você.

– Fico surpreso que você queira jantar comigo.

Finlay novamente o encarou com os olhos esbugalhados.

– Bem, imagino que você esteja com fome depois daquele café vagabundo... – riu Ashley.

– Quer dizer... acho que lhe devo desculpas.

– Está desculpado. E com os dias contados também. Às sete está bom?

– No seu apartamento, claro.

– Sim, senhor. Continuo no meu castigo.

– Tudo bem, então. Mas fica tranquila: vou tomar "um bom banho" antes.

Dessa vez Finlay nem se deu ao trabalho de reagir.

– Espero que sim! A gente se vê logo mais, então – disse Ashley, e desligou antes que ele pudesse retrucar qualquer coisa.

Wolf parou onde estava, e Finlay disse:

– Pelo visto vou ter de livrar sua cara mais uma vez.

– Preciso passar num lugar aí.

– Use aquele pós-barba que a gente te deu de aniversário, mas pelo amor de Deus, evite a camisa azul, aquela que você sempre usa.

– Gosto muito daquela camisa.

– Fica parecendo que está grávido. Palavras da Maggie, não minhas.

– Mais alguma coisa?

– Divirta-se – disse Finlay, com um discreto sorriso.

– Sempre sei quando você está mentindo, vovô – disse Emily Baxter.

Encontrara Finlay na cozinha e casualmente perguntara por Wolf. Vendo a saia justa dele na primeira tentativa, submetera-o a um interrogatório que já durava uns bons cinco minutos. Sabia que cedo ou tarde ele acabaria entregando o ouro.

– Ele não estava se sentindo muito bem.

– Por causa da dor de cabeça?

– Sim.

– Mas você não disse que era dor de estômago?

– Pois é, dor de estômago, foi isso que eu quis dizer.

– Peraí. Você *realmente* disse que era dor de cabeça – retrucou ela, - divertindo-se com a tortura.

– Ok, você venceu. Ele voltou pro apartamento de Ashley Lochlan.

– Simmons contou que eles tiveram uma briga.

– Fizeram as pazes.

– Mas então... por que você não foi junto?

Finlay não queria responder, mas sabia que a outra não largaria o osso.

– Não fui convidado – disse.

– Convidado?

– Pro jantar.

– Jantar?

De repente ela deixou de lado o tom brincalhão e emudeceu. Sem saber o que fazer, Finlay logo tratou de preparar um café. Mas, quando virou com as canecas cheias, deparou com uma cozinha vazia.

Capítulo 26

Quarta-feira, 9 de julho de 2014
19h05

Wolf não se importou quando começou a chover no seu caminho rumo à casa de Ashley Lochlan: por sorte a água diluiria o cheiro forte da sua nova loção pós-barba. Depois de empestear a si mesmo com o presente bem-intencionado dos colegas, ele ainda havia borrifado um pouco do líquido nas paredes do apartamento, esperando que aquilo desse fim às misteriosas criaturas que arranhavam o outro lado do gesso. Consumira uns bons trinta minutos escolhendo a roupa certa e penteando os cabelos. Estava nervoso. Afinal, aquele era seu primeiro jantar romântico em dez anos. No entanto, encarando-se no espelho, constatou que era o mesmo Wolf de sempre, apesar de todo o esforço direcionado no sentido contrário.

Ele parou num mercado de esquina e comprou duas garrafas de vinho, uma de tinto e outra de branco, os dois únicos rótulos que conhecia – os favoritos de Emily. Na garagem vizinha, comprou o último buquê que ainda estava à venda. As flores pareciam tão caídas e tristes que, saindo da loja, ele cogitou se não havia pagado uma fortuna por um mato que havia crescido naturalmente no balde velho onde se encontrava.

Chegando ao prédio decrépito, ele subiu as escadas externas e cumprimentou os policiais que montavam guarda à porta do apartamento. Nenhum dos dois parecia muito feliz em revê-lo.

– Registramos uma queixa contra o senhor – disse a mulher com o nariz em riste.

– Você vai ficar com remorsos se eu morrer daqui a uma semana – retrucou Wolf.

Ele riu, ela não. Wolf se adiantou para tocar a campainha.

– Dessa vez, tenta pelo menos não fazer a moça chorar – pediu o rapaz, certamente enciumado.

Wolf ignorou o comentário, mas começou a achar que deveria dizer algo quando um silêncio embaraçoso se instalou com a demora de Ashley para atender a campainha. Dali a pouco, no entanto, ela surgiu à porta. Linda. Tão linda que ele pensou ter ouvido o policial sussurrar um "uau" às suas costas. Ela havia escolhido um vestido de renda rosa – um exagero para um jantar íntimo – e prendido os cabelos num rabo de cavalo no alto, deixando as mechas caírem displicentemente sobre o rosto.

– Você está atrasado – disse ela de cara e recuou sala adentro.

Hesitante, Wolf entrou logo atrás e bateu a porta contra as duas gárgulas que a vigiavam do lado de fora.

– Você está linda – disse, arrependido de não ter usado, e de não possuir, uma gravata. Entregou os vinhos e as flores, que ela colocou num jarro com água na vã esperança de ressuscitá-las.

– Sei que exagerei na produção, mas talvez não tenha outra oportunidade de me vestir assim. Então mandei ver.

Ashley abriu o vinho tinto para ela e o branco para Wolf. Eles ficaram conversando na cozinha enquanto ela finalizava a comida. Falaram de tudo um pouco, os mesmos assuntos batidos de qualquer primeiro encontro: família, hobbies, aspirações, valendo-se dos ganchos mais absurdos para encaixar esta ou aquela história de um repertório já testado e aprovado pela experiência. Por algum motivo Wolf lembrou-se do pai. E pela primeira vez desde o começo daquele suplício, ambos se sentiram pessoas normais, como se tivessem pela frente um futuro ilimitado, como se aquele encontro pudesse desabrochar em algo especial.

O jantar estava delicioso, mesmo assim Ashley volta e meia se desculpava pelos "queimadinhos" que só ela via. Esvaziando nas taças o que ainda sobrava do vinho, ela buscou a sobremesa e dali em diante a conversa tornou-se um pouco mais melancólica, porém não menos interessante.

Ashley já tinha advertido que o apartamento ficava insuportavelmente quente quando a atividade era intensa na cozinha. Quando enfim venceu a timidez, Wolf subiu as mangas da camisa e deixou à mostra as cicatrizes da

queimadura. Ashley arrastou sua cadeira para vê-las de perto, mais intrigada que assustada, depois passou os dedos delicadamente sobre a pele ainda sensível, próxima o bastante para que Wolf sentisse novamente o perfume cítrico do seu xampu, o hálito de vinho. A certa altura ela ergueu os olhos para fitá-lo e...

A máscara de lobo.

Wolf estremeceu e ela recuou. A imagem desmanchou-se imediatamente, porém tarde demais, pois ele já havia arruinado o momento, podia ver nos olhos de Ashley a mágoa da rejeição. Precisava fazer alguma coisa para salvar do desastre total aquela que vinha sendo uma das noites mais agradáveis da sua vida.

– Desculpa...

– Não, sou eu que peço desculpas.

– Será que a gente pode começar de novo? Sua mão no meu braço, você olhando pra mim, etc., etc.

– Por que você se afastou?

– Eu me afastei, sim, mas não foi de você. A última pessoa que chegou assim tão perto do meu rosto foi este homem que está tentando matar nós dois. Ontem.

– Você *viu* o cara? – perguntou Ashley, arregalando os olhos.

– Ele estava usando uma máscara.

Wolf contou o que havia acontecido diante da embaixada, a tensão do seu cara a cara com o lobo, e algo na história aparentemente reacendeu o fogo de Ashley, pois aos poucos ela foi retomando os carinhos no braço dele, chegando cada vez mais perto, entreabrindo os lábios...

Eles já estavam a poucos centímetros um do outro quando o telefone de Wolf tocou.

– Merda! – disse ele, e olhou para ver quem era.

Cogitou recusar a ligação, mas mudou de ideia, pediu desculpas e levantou da mesa para atender.

– Oi, Emily. Quem? Não, não faça isso. Onde? Chego em uma hora.

Visivelmente chateada, Ashley começou a recolher os pratos.

– Você vai ter de sair, não é?

Derretendo-se com o sotaque escocês e com a tristeza escondida nele, Wolf precisou firmar o pensamento para não voltar atrás.

– Uma amiga está em apuros.

– Por que não chamou a polícia?

– Não é esse tipo de apuro. Acredite em mim: se fosse qualquer outra pessoa, eu mandava passear.

– Então deve ser uma amiga muito especial...

– Sim. Infelizmente.

Edmunds abriu os olhos e por alguns segundos ficou desorientado, sem ao menos saber onde estava. Deitado num colchão de papéis, babando pelos cantos da boca, via apenas uma infinidade de prateleiras e caixas de papelão correndo no alto em ambas as direções. Estava de tal modo cansado que acabara dormindo, vencido pelo poder sedutor da penumbra e do silêncio à sua volta. Preparando-se para o pior, conferiu as horas no relógio: 21h20.

– Bosta!

Rapidamente ele guardou toda a papelada, devolveu a caixa para a prateleira e disparou rumo à porta de saída.

Wolf precisou raspar a carteira para pagar o preço absurdo da corrida de táxi que o deixou diante do Hemingways na Wimbledon High Street. Desceu do carro, abriu caminho entre os notívagos que bebiam na rua e mostrou seu distintivo à entrada do bar.

– Está lá dentro, apagada no banheiro – informou a moça que tirava o chope das torneiras. – Tem uma pessoa com ela. A gente quis chamar uma ambulância, mas ela insistiu em falar com você primeiro. Espera aí. Você não é aquele detetive... Wolf? *O* Wolf?

Wolf já estava a meio caminho dos banheiros quando a bartender sacou seu celular para tirar uma foto. Agradeceu a garçonete que fizera a gentileza de ficar com Emily até sua chegada, dispensou-a, depois se ajoelhou ao lado da amiga, que ainda estava consciente mas reagia apenas quando ele a beliscava ou gritava o nome dela.

– Como nos velhos tempos...

Prevendo que àquela altura a moça do bar já tivesse contado a todos os fotógrafos amadores presentes que o detetive da televisão estava no banheiro feminino, ele cobriu a cabeça da amiga com a jaqueta dela, içou-a pelas axilas e saiu com ela para a rua. O leão de chácara abriu um corredor na multidão para

que eles passassem, mais para se ver livre da beberrona que não parava de vomitar do que por comiseração, pensou Wolf. Mesmo assim a ajuda foi bem-vinda.

Depois de tê-la arrastado desde o bar até o prédio, por pouco ele não encontrou forças para subir as escadas com ela. Abrindo a porta do apartamento como podia, deparou com um rádio ligado no volume máximo. Tropegamente foi para o quarto, deixou-a cair na cama, tirou os sapatos dela e prendeu os cabelos num rabo de cavalo, assim como havia feito inúmeras vezes num passado mais ou menos distante. Em seguida buscou uma bacia na cozinha, desligou o rádio e deu comida para Echo, o gato. Vira duas garrafas de vinho vazias na pia, e agora se arrependia de não ter perguntado no bar o que mais ela havia bebido por lá.

Encheu dois copos d'água, bebeu um deles e voltou ao quarto com o outro, além da bacia. Deixou o primeiro na mesinha de cabeceira, a segunda no chão, depois tirou os sapatos e se deitou ao lado de Emily, que já estava roncando. Desligou o abajur e ficou olhando para o teto, ouvindo os pingos de chuva que começavam a bater na janela, rezando para que aquelas recaídas recentes da colega fossem apenas uma fraqueza diante do estresse que todos vinham enfrentando ultimamente.

Por sorte ainda teria algum controle sobre aquele vício do qual Emily ainda não se libertara por completo. Fazia tempo que Wolf vinha ajudando sua amiga a escondê-lo dos outros. Talvez tempo demais. Preparando-se para mais uma noite em claro, volta e meia conferindo se ela ainda respirava, ele chegou a duvidar se realmente estava sendo de alguma ajuda.

Edmunds estava ensopado de chuva quando chegou em casa e encontrou todas as luzes apagadas. Entrou no hall e seguiu tateando no escuro, procurando fazer o mínimo de barulho possível, dando por certo que Tia já estava dormindo. No entanto, chegando ao quarto, viu que a cama ainda estava feita.

– T? – chamou ele.

Em seguida foi passando de cômodo em cômodo, acendendo as luzes e notando as coisas que faltavam: a bolsa que a noiva usava para ir trabalhar, os jeans favoritos dela, o gatinho destruidor de narizes. Ela não havia deixado nenhum bilhete. Nem precisava: estava na casa da mãe. Não era a primeira vez

que ele furava com ela desde que fora transferido para o novo departamento, mas essa, ao que tudo indicava, havia sido a gota d'água.

Jogando-se no sofá como nas noites de castigo, ele esfregou os olhos cansados e refletiu. Sentia-se péssimo por estar contrariando mais uma vez a noiva grávida, mas, de um jeito ou de outro, aquela maratona terminaria dali a cinco dias. Não custava nada esperar só mais um pouco. Ele cogitou telefonar, mas sabia que ela teria desligado o aparelho.

Quase dez e meia. O mais provável era que a mãe tivesse vindo buscá-la, pois o carro continuava na vaga. Pegando as chaves do gancho, ele ignorou o cansaço e voltou para a rua.

Naquela hora quase não havia trânsito e ele atravessou a cidade em pouco tempo. Estacionou bem na frente do prédio, passou rapidamente pelo esquema de segurança e desceu para o subsolo, onde foi imediatamente reconhecido pela plantonista dos arquivos. Trocou um dedo de prosa com ela, entregou seus objetos pessoais e mergulhou novamente na pesquisa interrompida pouco antes.

O vinho ajudara Wolf a dormir, mas em menos de uma hora ele foi acordado pelos espasmos de Emily, que vomitava no banheiro do quarto. Ficou onde estava, olhando para a luz que vazava da porta, ouvindo de longe enquanto ela dava descarga no vaso e gargarejava com o desinfetante bucal. Estava prestes a se levantar para ir embora, achando que a amiga já estava lúcida o bastante para enfrentar sozinha o resto da noite, quando ela saiu cambaleando do banheiro, jogou-se na cama e, ainda meio zonza, pousou o braço sobre o peito dele.

– Então, como foi o jantar? – perguntou ela.

– Curto – respondeu ele, irritado não só com a indiscrição de Finlay, mas sobretudo com a inconveniência daquela bebedeira, conveniente demais para a bêbada em questão, como ele já começava a desconfiar.

– Pena... – disse ela sonolenta. – Obrigada por ter ido me buscar.

– Quase não fui.

– Mas foi. Eu sabia que iria – balbuciou ela e apagou de novo.

Edmunds sabia desde o início que podia contar com sua intuição. Felizmente ele encontrou a caixa que, na pressa de ir embora mais cedo, ele havia colocado na prateleira errada. Dentro dela estava o caso de 2009, o do herdeiro que havia

desaparecido de um quarto de hotel, deixando uma piscina do próprio sangue para trás. Depois de examinar uma a uma as fotografias arquivadas, ele enfim encontrou aquela que confirmava suas suspeitas.

Na parede ao lado da piscina de sangue, um conjunto de oito pequenos respingos havia sido registrado e ignorado como apenas "mais sangue", o que não deixava de ser compreensível. No entanto, aquele padrão e aquelas circunstâncias eram muito parecidos com o que eles haviam encontrado mais cedo naquele mesmo dia. Diante das informações que já possuíam, estava óbvio que aqueles respingos aparentemente insignificantes haviam sido produzidos enquanto o assassino desmembrava sua vítima para depois fugir com as partes sem ser percebido.

Ali estava o assassino que eles procuravam, Edmunds podia quase jurar.

Bem mais animado, ele guardou todo o material de volta na caixa. Enfim tinha encontrado algo suficientemente promissor para dividir com o resto da equipe. Ao se levantar, deixou cair no chão uma folha de papel: o formulário de protocolo que acompanhava todas as caixas do arquivo. Era nele que os usuários anotavam seus respectivos nomes, as datas de retirada e devolução, e uma breve descrição dos motivos para tirá-las do depósito. Edmunds recolheu o papel do chão, colocou-o de volta na caixa e já ia fechando a tampa quando notou o último nome na lista de usuários:

Sargento-detetive William Fawkes – 05/02/2013: Análise de respingos de sangue.
Sargento-detetive William Fawkes – 10/02/2013: Devolução.

Edmunds ficou confuso. Não havia nenhum relatório pericial de Wolf além dos originais de 2009. O mais provável era que ele tivesse estudado o caso em 2013 durante a investigação de outro parecido. Talvez houvesse acidentalmente tropeçado naquela vítima antiga do Bonequeiro, inconscientemente chamando a atenção dele. Isso explicaria a birra pessoal que havia despertado no homem, bem como a admiração: ali estava o único policial digno das próprias calças e da própria patente.

Finalmente eles agora poderiam caçar o caçador.

Capítulo 27

Quinta-feira, 10 de julho de 2014
7h07

Um sol forte invadia a porta aberta, fazendo os seus desenhos geométricos sobre a cama. Wolf abriu os olhos. Estava sozinho no quarto de Emily, vestido da cabeça aos pés sob as cobertas. Havia despertado com o barulho de uma esteira ergométrica. À custa de muito esforço, levantou-se e calçou os sapatos que havia chutado para debaixo da cama. Depois saiu para a sala ensolarada e acenou mecanicamente para ela, que vestia uma malha de ginástica e ainda tinha os cabelos presos no rabo de cavalo torto que ele mesmo fizera na véspera. Se não a conhecesse melhor, diria que sua amiga estava descansada e revigorada. Sabia que ela tinha essa capacidade de se recompor com rapidez – o que explicava, pelo menos em parte, como ainda conseguia esconder de muita gente os seus problemas com a bebida.

Brilhando de suor na sua corrida frenética, Emily não disse nada quando ele foi para a cozinha aberta com a intenção de fazer um café.

– Você ainda tem...? – começou ele.

Irritada, ela retirou os fones de ouvido.

– Você ainda tem escovas de dente novas em casa?

Havia entre eles um acordo tácito segundo o qual Emily sempre mantinha em casa um kit extra de produtos de higiene caso ele tivesse de pernoitar ali numa situação de emergência, o que se tornara bastante comum em certa fase da vida dela. Não era de espantar que Andrea tivesse começado a suspeitar da amizade entre eles, por mais inocente que fosse.

– Última gaveta do banheiro – respondeu ela, ríspida, rapidamente voltando com o fone para o ouvido.

Wolf podia ver que ela estava cavando uma briga, mas decidiu que não morderia a isca. Aquele era um comportamento típico de Emily Baxter: sempre que ela se envergonhava de alguma coisa, ficava agressiva.

A água ferveu e Wolf ergueu uma caneca, silenciosamente perguntando se ela queria um café.

– Que foi?! – disse ela, arfando, novamente arrancando os fones.

– Só estava perguntando se você queria um café.

– Eu não bebo café. Você, mais do que ninguém, devia estar careca de saber. Só bebo vinho e esses coquetéis ridículos que vendem por aí.

– Ok. Não quer café.

– É isso que você pensa de mim, não é? Coitadinha dela! Coitadinha da alcoólatra que não sabe se cuidar! Vai, confessa.

Wolf já começava a fraquejar na decisão de não morder a isca.

– Não, não é isso que eu penso de você. Mas, voltando à questão do café...

– Não pedi pra você dormir aqui. Dormiu porque quis. Mas agora você pode ir embora com este seu nariz em pé e esta sua cara de santo, achando que é melhor que os outros. – Quanto mais ela esbravejava, mais ia ficando sem fôlego. – Quer me fazer um favor? Da próxima vez, me poupa.

– Pois é, eu devia ter te poupado ontem à noite também – berrou ele de volta. – Devia ter deixado você caída no banheiro daquele bar e terminado meu jantar em paz.

– Ah, claro, o seu jantarzinho com Ashley Lochlan. Que lindo... Acho que esse relacionamento tem tudo pra dar certo, sabia? Desde que nenhum dos dois seja brutalmente assassinado nos próximos quatro dias!

– Estou saindo pra trabalhar – disse Wolf, indo para a porta. – Obrigado pela hospitalidade.

– Não entendo por que você está fazendo isso consigo mesmo – gritou ela às costas dele. – É como dar um nome pra vaca no matadouro!

Wolf bateu a porta o mais forte que pôde, derrubando da parede um pôster com a paisagem urbana de Nova York. Afogando-se na própria adrenalina, Emily aumentou a velocidade da esteira, recolocou os fones e aumentou o volume da música.

Wolf ainda fumegava quando chegou ao trabalho e foi para a mesa de Finlay, que

estava ansioso para saber como havia sido o encontro dele com Ashley Lochlan.

– Porra, por que você foi fazer uma coisa dessas comigo? – disparou Wolf.

– Fazer o quê, homem?

– Contar pra Emily sobre o meu jantar com a Lochlan!

– Olha, eu bem que tentei, mas ela sabia que eu estava escondendo algo.

– Então devia ter inventado outra coisa, caralho!

– Ah, é? Inventado outra coisa...

Wolf viu quando o pacato Finlay, geralmente o boa-praça do departamento, reencarnou o escocês feroz, o guardinha truculento que ele fora um dia nas ruas de Glasgow. Então tirou as mãos dos bolsos, caso precisasse reagir com rapidez. Conhecia a fama que o outro tinha por seu gancho de esquerda.

– É isso que os amigos fazem. Quebram o galho um do outro.

– Também sou amigo da Emily.

– Mais um motivo. Você acabou magoando a garota.

– *Eu* acabei magoando a garota? *Eu*? – disse Finlay, mas de um modo plácido, o que nunca era bom sinal. – Faz anos que vejo você cozinhando a Emily. Não sei o que vocês têm um com o outro, mas, seja lá o que for, você já perdeu um casamento por causa disso. Mesmo assim não larga o osso. Das duas, uma: ou você realmente gosta dela mas não tem colhões suficiente para assumir o compromisso ou não gosta e não tem o colhão de tirar o time de campo. Seja como for, você só tem quatro dias pra se tornar um homem de verdade.

Wolf ficou sem palavras. Não estava acostumado a vê-lo tomar o partido de outra pessoa.

– Vou sair – disse Finlay. – Tenho uma pista aí pra investigar.

– Vou com você.

– Não vai, não.

– A gente tem uma reunião de *follow-up* às dez, esqueceu?

– Quebra esse galho pra mim – ironizou Finlay.

Deu um tapa nas costas de Wolf e saiu.

Às 9h05, Wolf ignorou mais uma chamada da Dra. Preston-Hall, a psiquiatra; podia apostar que ouviria o telefone tocar na sala da comandante a qualquer momento. Finlay tinha saído pisando duro; Baxter acabara de gritar com alguém no seu canto da sala.

Edmunds não notava nada disso. Passara os últimos dez minutos preparando os documentos que pretendia mostrar a Wolf, curioso para saber qual seria a reação dele. Recolheu a papelada e saiu com ela entre os braços, mentalmente repetindo as palavras que havia decorado de antemão. Parou diante do detetive e, sem nenhum preâmbulo, disse:

– Gabriel Poole Junior, 2009.

Pensou ter visto nos olhos dele a fugidia centelha de alguém que reconhece um nome, mas Wolf apenas suspirou com impaciência, depois falou:

– Por acaso devo saber quem é?

Edmunds ficou desapontado, mas não se deixou abater.

– Eu imaginava que sim – disse. – Herdeiro de um império da indústria eletrônica, sumiu do seu quarto de hotel, o corpo nunca foi encontrado. Lembrou agora?

– Olha, não quero ser mal-educado, mas será que não tem outra pessoa com quem você falar disso? Não estou muito a fim de papo.

Edmunds pensou então que não havia se explicado direito.

– Desculpa. Vou começar de novo. Andei pesquisando uns casos antigos no arquivo e...

– Falei pra você não fazer isso, não falei?

– Falou, mas fica tranquilo. Fiz tudo fora do horário do expediente. Então, encontrei um...

– Espera aí, rapaz. Não tem "então" nem "meio então". Se um superior dá uma ordem, *você cumpre*! – berrou Wolf, chamando para si toda a atenção. Levantou-se da mesa e foi saindo.

– Se você me d-der uma chance de explicar... – gaguejou ele. Não conseguia entender como a conversa podia ter desandado daquela forma, mas também não estava nem um pouco disposto a jogar a toalha. Tinha perguntas importantes que precisavam de resposta. – Encontrei algo realmente promissor...

Wolf voltou à mesa e Edmunds, vendo nisso uma disposição para ouvir, ofereceu a ele o primeiro dos seus documentos. Wolf puxou o calhamaço para si e arremessou no chão. Houve quem risse ou assobiasse, adolescentes atiçando uma briga no colégio. Emily se aproximou e Simmons, reassumindo a posição de chefe, ficou de pé.

– Preciso saber por que você retirou o Dossiê Poole dos arquivos – insistiu

Edmunds, não sem algum temor.

– Não gostei do tom de voz – disse Wolf, encarando o novato compridão.

– Não gostei da sua resposta – devolveu ele, surpreendendo a todos, inclusive a si mesmo. – O que você estava procurando nesse dossiê?

Apertando-o pelo pescoço, Wolf arrastou o garoto e o empurrou contra a divisória da sala de reuniões, fazendo rachar o vidro.

– Ei! – gritou Simmons.

– Wolf! – berrou Emily, correndo na direção deles.

Wolf largou o estagiário, que sangrava na nuca. Baxter se colocou entre os dois.

– Porra, Wolf, que merda é essa agora?

– Fala pro seu cachorrinho de estimação ficar longe de mim! – rosnou ele.

– Ele não está mais comigo – disse ela, mal reconhecendo o homem que esbugalhava os olhos à sua frente. – Você está descontrolado, cara.

– Descontrolado, *eu*? – gritou ele de volta, vermelho.

Emily logo percebeu a ameaça velada: Wolf estava a um passo de revelar o segredo dela. Emily se preparou para o pior, embora visse com algum alívio a oportunidade de dar fim àquela farsa. Já não era sem tempo.

Mas ele hesitou.

– Fala pra esse moleque que é melhor ele ter alguma coisa de concreto antes de sair distribuindo acusações por aí.

– Acusações? – repetiu Emily. – Acusações de quê?

– Eu não estava acusando você de nada – retrucou Edmunds, firme. – Só queria ajudar.

Vanita finalmente emergiu da sua sala, tendo perdido todo o início da confusão.

– Ajudar com o quê? – perguntou ela simultaneamente aos dois.

– Em vez de trabalhar, este aí anda perdendo tempo com as minhas investigações do passado.

– Ah, vai à merda – disse um Edmunds em um tom bem diferente do habitual, sujando os dedos de sangue ao passar a mão na nuca machucada.

Wolf arremeteu para agredi-lo de novo, mas Simmons o deteve a tempo.

– Isso tudo é verdade? – sussurrou Emily para Edmunds.

– Encontrei uma coisa.

– Falei pra você ficar na sua, não falei? – disse ela.

– Encontrei *uma coisa.*

– Ah, não acredito que você vai ficar do lado dele... – choramingou Wolf.

– E não vou! – berrou ela de volta. – Quer saber? Vocês são dois *idiotas!*

– Chega! – gritou Vanita, lívida. Instaurou-se um silêncio sepulcral. – Edmunds, vá dar uma olhada nesta nuca na enfermaria. Detetive Baxter, volte para o seu trabalho. Fawkes, você está sumariamente suspenso.

– Você não pode me suspender – arriscou ele.

– Quer pagar pra ver? Saia já daqui.

– Comandante... – interveio Edmunds timidamente. – Sinto muito, mas vou ter de concordar com o Wolf. A gente precisa dele aqui.

– Não vou permitir esse tipo de indisciplina no meu departamento – disse ela para Wolf. – Vamos, pegue suas coisas e suma daqui.

Seguiu-se um momento de tensão, todos já antevendo a explosão que estava por vir. No entanto, contrariando as expectativas, Wolf apenas riu com sarcasmo, desvencilhou-se de Simmons e deu uma ombrada em Edmunds antes de sair marchando rumo ao elevador.

Vanita e Simmons foram os únicos que deram as caras na reunião de *follow-up*. Os doze nomes estavam listados no bloco de cavalete plantado no meio da sala, parecendo orgulhoso do mistério desvendado nas suas páginas. No entanto, a identificação da última vítima, Ronald Everett, não havia sido a grande epifania imaginada por Simmons. Eles ainda estavam papando mosca.

– Acho que não vem mais ninguém – disse Simmons.

– Onde está o detetive Shaw? – perguntou Vanita.

– Sei lá. Finlay não está atendendo o telefone. Edmunds foi pra enfermaria pra dar pontos no corte, e você acabou de suspender o Wolf.

– Não enrola, Terrence. Se você acha que tomei a decisão errada, diga logo de uma vez.

– Eu não diria "errada", mas... corajosa.

– Fawkes está fora de si, o que é bastante compreensível diante das circunstâncias. Mas no momento está atrapalhando mais do que ajudando.

– Concordo plenamente, mas não posso ficar sozinho nessa operação. Se pelo menos eu pudesse ter a Emily de volta...

– Não pode. Não depois do fiasco com Garland. Vou convocar outra pessoa.

– Não temos tempo pra isso. Ashley Lochlan está marcada pra morrer daqui a dois dias, Fawkes daqui a quatro. Baxter já está familiarizada com o caso. Deixá-la de fora... Isso, sim, seria uma decisão errada.

Vanita balançou a cabeça e resmungou algo.

– Tudo bem – disse ela afinal. – Mas vou deixar minha objeção registrada por escrito. Baxter agora é responsabilidade sua.

– "A bela jurada respingada de sangue" – disse Samantha Boyd, olhando para a foto de jornal que a mostrava saindo do tribunal para a rua. – Era assim que eles me chamavam na época. Cheguei a pensar em incluir o epíteto nos meus cartões de visita.

Finlay quase não havia reconhecido a pessoa que agora sentava à sua frente. Samantha ainda era uma bela mulher, claro, mas os cabelos compridos e descoloridos da foto agora eram curtos e escuros, submetidos a um corte masculino. A maquiagem pesada não acrescentava nada ao azul dos olhos, evidente até nas fotografias em preto e branco. As roupas pareciam caras, caíam bem, mas não eram de parar o trânsito.

A terceira pessoa mais famosa do julgamento mais famoso dos últimos tempos concordara em encontrá-lo numa cafeteria no sofisticado distrito de Kensington. Ao chegar, ele pensara que o lugar estava fechado para reformas, mas ninguém entre os clientes apinhados de sacolas de compras ou entre os garçons tatuados parecia se importar com a tubulação aparente, as paredes rebocadas ou as lâmpadas peladas que pendiam do alto sem lustre tapando-as.

Aquela sua escapulida não resultava exatamente da briga com Wolf, pois estava programada desde a noite anterior. Por melhores que fossem os recursos da modernidade – rastreamento de cartões de crédito, análises periciais de pegadas e respingos de sangue –, ele acreditava piamente que a melhor maneira de investigar alguma coisa ainda era fazendo as perguntas certas às pessoas certas. Sabia que era visto pelos colegas como antiquado, um dinossauro. Mas não se importava com isso. Não tinha a menor intenção de mudar a dois anos da aposentadoria.

– Fiz o que pude pra me ver livre dessa história – disse Samantha.

– Não deve ter sido tão ruim assim – argumentou Finlay. – Bom para os negócios, imagino.

Deu um gole no café e quase engasgou: um daqueles cafés metidos a besta de que Wolf tanto gostava.

– Tem razão. As vendas triplicaram. Sobretudo as desse vestido branco. No fim passamos a recusar encomendas.

– Mas...

Ela refletiu um segundo, depois disse:

– Eu não estava posando nessa foto. Estava procurando por ajuda. Nunca quis ficar famosa, ainda por cima em circunstâncias tão... tristes. Mas de repente eu era "a bela jurada respingada de sangue". Era só isso que as pessoas viam em mim.

– Entendo.

– Sem querer faltar ao respeito, mas... acho que não entende, não. A verdade é que tenho vergonha do que fiz naquele dia. Sei lá. A essa altura eu e os outros jurados estávamos tão influenciados pelos arroubos do detetive Fawkes, pelas acusações da imprensa contra a polícia, que acabamos nos deixando levar. Nem todos, mas quase todos. Dos doze, dez cometeram um erro irreparável. Não há dia que passe sem que eu pense nas repercussões desse veredito.

Não havia na voz dela nenhum traço de autocomiseração. Samantha assumia a responsabilidade pelo que tinha feito, só isso. Finlay tirou da pasta uma foto de Ronald Everett e colocou-a sobre a mesa.

– Conhece? – perguntou.

– Claro que conheço. Fui obrigada a sentar do lado desse asqueroso por 46 dias. Não sou exatamente uma fã.

– Na sua opinião... o que alguém poderia ter contra o Sr. Everett?

– Se você está perguntando é porque não conhece o homem. Imagino que muita gente queira vê-lo pelas costas: os maridos de todas as mulheres que ele apalpa por aí. Mas por quê? Aconteceu alguma coisa?

– Isso é confidencial.

– Não vou contar pra ninguém.

– Nem eu – disse Finlay, dando o assunto por encerrado. Pensou bastante antes de fazer a pergunta seguinte: – Por acaso havia algo no Sr. Everett que o tornava uma pessoa diferente naquele grupo? Diferente de você e dos outros?

– Diferente? – disse ela, já começando a achar que estava perdendo seu

tempo com aquela conversa sem pé nem cabeça. Mas de repente lembrou: – Ah... Quer dizer, nunca ficou provado.

– Não ficou provado... o quê?

– Muitos jornalistas nos procuraram oferecendo rios de dinheiro pra que falássemos com eles. Queriam saber o que tínhamos conversado, quem tinha votado como, essas coisas.

– E você acha que Ronald Everett aceitou uma dessas ofertas?

– Acho, não. Tenho certeza. Algumas das coisas que eles publicaram saíram direto da nossa salinha privada. Daí um dia... o pobre do Stanley, que desde o início vinha lutando pelo veredito de culpado, acordou com a cara estampada na primeira página de todos os jornais, acusado das coisas mais absurdas: de preconceito contra os muçulmanos, de ter cientistas nazistas na sua árvore genealógica...

– Mas os jurados não são obrigados a evitar os jornalistas durante todo o processo?

– Você não lembra como foi aquele julgamento? Seria mais fácil evitar o ar.

Algo ocorreu a Finlay. Ele revirou sua pasta e tirou dela mais uma fotografia.

– Por acaso este foi um dos jornalistas que assediou vocês?

– Claro! – exclamou ela, surpresa. – Esse é o jornalista que morreu durante uma entrevista, não foi? Jarred Garland! Meu Deus... Eu ainda não tinha ligado uma coisa à outra. Na época ele tinha um cabelo comprido, imundo, além de uma barba grande.

– Tem certeza de que é a mesma pessoa? – perguntou Finlay. – Olha de novo.

– Absoluta. O sorrisinho irônico é exatamente o mesmo. Mas se você não está acreditando, não vai ter dificuldade pra confirmar: teve um dia que fui obrigada a chamar a polícia porque ele me seguiu até em casa e ficou ali, plantado na porta.

Edmunds não conseguia evitar: volta e meia roçava os dedos nos pontos que levara na cabeça. Ainda na enfermaria, enquanto esperava para ser atendido, relembrara todo o diálogo com Wolf, palavra por palavra, e anotara tudo em seu caderno. Não entendia o que levara o homem a reagir daquela forma. Estava exausto, de repente havia dito algo para irritá-lo, algo inadvertidamente desrespeitoso. Mas que diabos poderia ter falado para que ele se sentisse acusado

de alguma coisa? Começava a desconfiar que Wolf havia mentido ao dizer que não se lembrava do tal herdeiro. Uma coisa era certa: ele havia esquecido de incluir a atualização dos laudos periciais. Talvez tivesse explodido em autodefesa.

O único aspecto positivo de tudo aquilo era que, em razão do acidente, Tia se vira obrigada a responder as mensagens de texto enviadas por ele. Até se oferecera para sair do trabalho para ficar a seu lado, mas ele havia dito que não era necessário, que já estava bem. Ficou decidido então que ela continuaria na casa da mãe até o fim da semana, pois Edmunds mal teria tempo para passar em casa nos dias seguintes. Prometeu que, assim que terminasse o sufoco, faria tudo que estivesse a seu alcance para recompensá-la.

Com a consciência limpa, ele pegou o primeiro trem para Watford e da estação tomou um táxi para o Depósito Central. Como se fosse adestrado, enfrentou a rotina de sempre para ganhar acesso ao subsolo, mas parou diante da saleta que ficava na base da escada. Na porta de vidro, um adesivo informava: ADMINISTRAÇÃO. Geralmente ele passava direto por ela, mas dessa vez bateu educadamente e entrou.

A arquivista era exatamente como ele havia imaginado: uma senhorinha muito pálida, de óculos grossos e cabelos despenteados, plantada à frente de um computador jurássico. Cumprimentou-o com a alegria das tias solitárias que se agarram com unhas e dentes a qualquer oportunidade de uma boa conversa, talvez porque ele fosse o primeiro visitante que ela recebia em muitos anos.

Edmunds aceitou o convite para sentar, mas recusou o café com educação, receando ter de pagar por ele com pelo menos uma hora do seu precioso tempo. Ouviu com paciência enquanto ela discorria sobre Jim, seu falecido marido, e sobre o fantasminha camarada que assombrava a caverna dos arquivos. Depois, com muito tato, foi guiando a conversa de volta para os trilhos.

– Quer dizer então que nenhuma caixa entra ou sai daqui sem passar pela senhora?

– Nenhuma. Escaneamos os códigos de barra a cada entrega e a cada retirada. Se alguém tentar atravessar aquela porta lá de fora sem um código válido, os alarmes disparam na mesma hora!

– Assim... a senhora pode dizer quem andou olhando o quê.

– Claro que posso.

– Então eu gostaria de ver todas as caixas que o detetive William Fawkes já

tirou daqui.

– Todas? – perguntou ela assustada. – Tem certeza? O Will andava sempre por aqui.

– Todas – insistiu Edmunds.

Hospital St. Ann's

Domingo, 17 de outubro de 2010
21h49

Wolf se arrastava de volta para o quarto, ciente de que deveria estar dentro dele antes da ronda das dez horas. O corredor, ainda mais triste sob a luz das lâmpadas, recendia ao chocolate quente que um carrinho ia distribuindo de porta em porta e que, aliás, nem era tão quente assim, pois ia esfriando a cada atraso, a cada vez que um interno arremessava uma xícara cheia contra o servente em questão.

A certa altura ele tirou do bolso a massa de modelar que havia roubado das Rosas uma semana antes, fabricou duas bolinhas com ela e colocou nos ouvidos. Nada era capaz de calar por completo a gritaria da noite, mas pelo menos os tampões improvisados a deixavam mais distante.

Vários quartos estavam abertos e vazios, seus ocupantes espremendo os últimos minutos de televisão antes do toque de recolher. Ao dobrar para um segundo corredor, tão deserto quanto o primeiro, Wolf ouviu um burburinho vindo de um dos quartos escuros, alguém que rezava baixinho e em altíssima velocidade. Passou o mais longe que pôde da porta, mas ainda não tinha dado dois passos quando ouviu:

– Detetive! – sussurrou o interno e voltou imediatamente para sua oração.

Wolf parou onde estava, receando estar imaginando coisas, os remédios aprontando outra vez. Ele espiou dentro do quarto. A porta estava aberta apenas pela metade, e a luz que vinha de fora iluminava parcialmente um corpo negro ajoelhado sobre as próprias pernas.

– Detetive! – repetiu ele, mas sem desistir da oração.

Wolf escancarou a porta com cautela e tateou a parede à procura do

interruptor que sabia estar por ali em algum lugar. A lâmpada fluorescente tremeluziu até acender por completo, mas estava borrada de alguma coisa, comida ou sangue seco, e a luz que vinha dela não era muito mais forte que a de uma vela grande. Sombras sinistras desenhavam-se nas paredes. O ar se empesteava com um cheiro de infecção misturado àquilo que queimava no plástico da lâmpada, fosse lá o que fosse.

Joel finalmente interrompeu suas orações e protegeu os olhos contra a luz encardida. Vestia apenas uma cueca velha, deixando à mostra as inúmeras cicatrizes que tinha pelo corpo. Não eram lembranças de um acidente ou de um ataque violento, mas mutilações autoimpingidas: cruzes de diversos tamanhos se espalhavam na pele escura, algumas já esbranquiçadas pelo tempo, outras ainda vermelhas e inflamadas. O quarto em si era um espelho fiel do seu ocupante: sobre a cama encardida de sangue se abria uma Bíblia já bastante depenada, as páginas arrancadas grosseiramente e coladas com cuspe em todas as paredes, sobrepondo-se umas às outras naqueles pedaços em que a palavra de Deus era maior que o espaço disponível.

Como se despertando de um transe, Joel, lento, ergueu os olhos para Wolf e sorriu.

– Detetive – falou baixinho, e apontou para as paredes à sua volta. – Eu queria lhe mostrar isto.

– Não sei se eu queria ter visto – retrucou Wolf, quase sussurrando também, tentando tapar o nariz da forma mais educada possível.

– Tenho pensado muito em tu... na tua situação. Posso te ajudar – disse Joel. Passando a mão sobre o peito desfigurado, emendou: – E isto aqui... isto é que vai te salvar.

– O autoflagelo?

– Deus.

O caminho do autoflagelo seria mais viável, pensou Wolf.

– Me salvar do quê, Joel? – perguntou ele.

Joel rompeu numa gargalhada e Wolf se virou para sair, impaciente.

– Três anos atrás apagaram minha irmã. Drogas. Uma grana que ela devia pra um pessoal cascudo aí. Cento e cinquenta pilas. Retalharam a cara dela.

Wolf encarou-o de novo.

– Quer dizer... Não preciso nem falar. Tu sabe como é. Tu sabe o que eu

queria fazer com eles. Ia ser bem devagarzinho. Pra que eles sentissem a coisa bem direitinho. – Joel tinha o olhar distante, sorrindo enquanto imaginava a si mesmo executando sua vingança cruel. – Descolei a faca, a parada toda. Fui atrás. Mas essa gente é barra-pesada. Não dá pra encarar. Fiquei puto comigo mesmo, sem saber o que fazer. Tu sabe como é, não sabe?

Wolf fez que sim com a cabeça.

– Eu *tava* desesperado. Então fiz o que tinha de fazer. A única opção que sobrava. Uma barganha.

– Uma barganha? – perguntou Wolf, fascinado com a história.

– Minha alma pela deles.

– Sua alma... – Wolf correu os olhos pelas paredes cobertas de capítulos e versículos bíblicos. De repente se sentiu um idiota por ter dado tanta trela ao garoto. No corredor, um enfermeiro sofria para convencer um interno qualquer a ir para o quarto. – Boa noite, Joel. Até amanhã.

– Uma semana depois encontrei um saco de lixo na porta da minha casa. Um desses sacos pretos. Era tanto sangue... Quer dizer, nas minhas mãos, nas minhas roupas...

– O que tinha no saco?

Joel não respondeu. Dava a impressão de que revia as próprias mãos, de que farejava novamente o cheiro metálico do sangue. De repente ele começou a resmungar coisas. Buscou um lápis na confusão dos seus pertences, rasgou mais uma folha da Bíblia e rabiscou algo nela.

Wolf se deu conta de que ele não estava mais rezando, mas repetindo uma sequência de números. Recebeu a folha que o garoto lhe entregou e leu o que ele havia escrito.

– Um número de telefone... – disse.

– Ele está vindo atrás de mim, detetive.

– De quem é esse número?

– "E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte" – disse Joel, lendo os versículos de uma das páginas coladas à parede dos fundos.

– Joel, de quem é este número de...?

– A danação eterna... Quem não ficaria com medo? – disse ele, uma lágrima escorrendo dos olhos.

Demorou alguns segundos para se recompor, depois plantou os olhos em Wolf e na página amassada que ele tinha nas mãos.

– Quer saber de uma coisa? – disse com um sorriso melancólico. – Valeu a pena.

Capítulo 28

Sexta-feira, 11 de julho de 2014
7h20

A detetive Baxter não teve escolha senão deixar seu Audi no terreno de uma obra abandonada, repleto de entulho, transformado num estacionamento com a simples adição de uma máquina de tíquetes na entrada. Chegou a recear que tivesse estragado os pneus do carro e não gostou nem um pouco disso, pois era sempre muito cuidadosa e tinha a si mesma na conta de uma excelente motorista.

Estava a caminho do apartamento de Ashley com a missão de orientá-la para a transferência que aconteceria no fim daquele mesmo dia. Por instrução de Vanita o envolvimento deles deveria se reduzir ao mínimo possível: ela e Edmunds buscariam a garçonete num carro comum para depois seguir ao encontro de Simmons nos subúrbios da cidade, onde ela mudaria de carro para ser levada até o barco do Serviço de Proteção Civil na costa sul do país. Como das outras vezes, o destino final não havia sido revelado a ninguém.

Emily subiu para o terceiro andar do prédio e os dois policiais sonolentos ficaram de pé para recebê-la à porta do apartamento. Ela sacou seu distintivo e se apresentou.

– Acho melhor você esperar um pouquinho antes de entrar – recomendou a mulher com um sorriso irônico.

O colega dela parecia bravo. A sargento Baxter ignorou o conselho e fincou o dedo na campainha.

– Estou com pressa – disse e viu os dois sentinelas trocarem um olhar de irritação.

– Eu avisei. Eles não devem ter levantado ainda.

– Eles? – perguntou Baxter.

Nesse mesmo instante a porta se abriu. Wolf ainda terminava de abotoar a camisa quando congelou de tensão ao deparar com Emily à sua frente.

– Oi – balbuciou ele.

A expressão no rosto de Emily passou de uma coisa a outra numa questão de segundos: primeiro surpresa, depois mágoa e então fúria. Sem dizer palavra, ela fechou a mão em punho e jogou todo o peso do corpo num murro contra Wolf, acertando-o no olho esquerdo, fazendo-o cambalear para trás. Os sentinelas arregalaram os olhos, perplexos, mas nenhum dos dois se adiantou para intervir.

Emily sacudiu a mão no ar para espantar a dor, achando que tivesse quebrado um osso qualquer. Calada como antes, deu as costas para Wolf e irrompeu de volta para o corredor.

– Emily! Espera aí, porra! – Wolf descera atrás dela e tentava alcançá-la no chão esburacado do estacionamento. – Detesto ter de apelar pra isso, mas em três dias eu posso estar morto! Por favor, vamos conversar!

Muito a contragosto Emily parou onde estava e se virou, cruzando os braços, bufando de impaciência.

– Não somos um casal – soltou Wolf. – Nunca fomos.

Ela revirou os olhos e saiu caminhando na direção do Audi.

– Somos outra coisa – disse ele com sinceridade. – Outra coisa confusa, irritante, bagunçada e especial. Mas não um casal. Você não pode ficar puta comigo por causa disso.

– Vai, Wolf, continua sendo você mesmo e fazendo só aquilo que te dá na telha.

– E vou mesmo. É exatamente isso que estou querendo dizer. Não tenho nenhuma vocação pra casal. A Andrea é testemunha disso.

Ela ameaçou correr de novo, mas Wolf a segurou delicadamente pelo braço.

– Me larga! – gritou ela.

E ele obedeceu.

– Olha, eu só queria que você soubesse que... – começou, mas precisou pensar um instante para encontrar as palavras certas. – A despeito do que eu tenha feito... nunca foi minha intenção magoar você.

Emily descruzou os braços e fincou os olhos nele por um bom tempo.

– Vá se foder, Wolf – disparou ela, e saiu marchando na direção do prédio de Ashley.

Apesar de triste, Wolf não a seguiu. Mas gritou:

– Baxter! Proteja a menina! Se ele não conseguir pegar a Ashley, acho que irá atrás dela!

A detetive Baxter saiu para a avenida e sumiu de vista sem ao menos virar o rosto.

Após a ausência de quórum do dia anterior, Vanita remarcou a reunião de *follow-up* para as nove e meia. Emily Baxter entrou no salão e correu apressadamente para sua mesa. Estava atrasada. Graças a Wolf, demorara mais que o previsto no seu gélido encontro com Ashley Lochlan, depois tivera de enfrentar o trânsito infernal da manhã para voltar ao centro da cidade. Edmunds surgiu à sua frente antes mesmo que ela pudesse largar a bolsa na mesa engordurada, lembrança deixada pelo jantar de alguém do turno da noite. Ele tinha um aspecto cansado e, ao contrário do seu costume, desleixado.

– Caramba, este lugar está cada vez mais imundo – disse ela, preferindo largar a bolsa no chão.

– Preciso falar com você – avisou Edmunds.

– Agora não. Minha manhã não começou muito boa.

– Acho que encontrei uma coisa aí, mas ainda não sei direito o que fazer com ela.

– Então fala com todo mundo na reunião – disse sua antiga supervisora, percebendo que Vanita os observava da sala. – Anda, vem.

Edmunds se interpôs no caminho dela.

– Esse é o problema. Preciso falar com você primeiro.

– Porra, Edmunds, depois! – explodiu ela e correu para a reunião com o novato logo atrás.

Na sala, as anotações do bloco já estavam bem mais completas:

1. CABEÇA: Naguib Khalid, o Cremador
2. TORSO: ~~?~~ Madeline Ayers (advogada de defesa de Khalid)
3. BRAÇO ESQUERDO: anel de platina, escritório de advocacia? – Michael Gable-Collins – ~~por quê~~? falou com Ashley Lochlan

4. BRAÇO DIREITO: esmalte de unha? – Michelle Gailey (inspetora da condicional de Khalid)

5. PERNA ESQUERDA: ? Ronald Everett – jurado – vazou inf. p/ Jarred Garland

6. PERNA DIREITA: Detetive Benjamin Chambers – por quê?

A. ~~Raymond Turnble~~ (prefeito)

B. ~~Vijay Rana/Khalid~~ (irmão de Naguib Khalid, contador) – não estava no julgamento

C. ~~Jarred Garland~~ (jornalista) – comprou inf. de Ronald Everett

D. Andrew Ford (segurança, alcoólatra, chato de galocha) – segurança do tribunal

E. Ashley Lochlan (garçonete ou menina de 9 anos) – falso testemunho

F. Wolf

Vanita deu início à reunião, repassando o plano para a entrega de Ashley Lochlan à custódia do Serviço de Proteção Civil. Finlay esperou que a detetive Baxter lesse as informações adicionais no bloco, depois contou a todos sobre sua conversa com Samantha Boyd e a venda de informações do jurado Ronald Everett para o jornalista Jarred Garland. Em seguida distribuiu uma seleção de artigos escritos por Garland à época, todos com críticas duras a Wolf, à Polícia Metropolitana e ao jurado neonazista e hostil a muçulmanos.

Edmunds mal conseguia ouvir o que era dito à sua volta. Excetuando-se as poucas horas de sono involuntário no subsolo escuro dos arquivos, ele havia passado quatro dias inteiros sem dormir e já começava a sofrer os efeitos colaterais da sua obsessão. Não conseguia focar nada por muito tempo, volta e meia desligava a cabeça por cinco ou dez minutos, o olhar parado no nada à sua frente. O olho esquerdo agora apresentava um ligeiro tremor e a boca era uma canteiro de aftas.

Ele já havia terminado o longo exame de todas as caixas de arquivo retiradas por Wolf nos últimos anos e descobrira algo de fato preocupante nas investigações dele. Entre 2012 e 2013, Wolf havia estudado sete crimes que envolviam métodos bastante semelhantes ao do Bonequeiro. Uma das

necropsias, inclusive, citava o ácido tríflico como causa da "horrenda avaria às entranhas da vítima".

Claro estava que Wolf estava na cola de um assassino em série, mas não havia nenhum inquérito formal registrado que unisse os sete crimes em questão, tampouco havia naquelas caixas um único papel que documentasse a investigação dele. Ele vinha fazendo sua caçada em segredo. Mas por quê?

Ocorrera a Edmunds que tudo isso havia acontecido pouco depois da reintegração de Wolf na polícia. À revelia de normas e protocolos, talvez ele tivesse tentado resolver sozinho aquele mistério para provar sua competência aos colegas e superiores, talvez até a si mesmo. Afinal, sua reputação havia sido reduzida a pó com aquela torrente de alegações e controvérsias à época do julgamento de Khalid. Mas nada disso explicava por que ele não havia compartilhado essas informações após a descoberta do Boneco de Pano. Impossível que ele não tivesse notado a semelhança do *modus operandi*.

Edmunds já não via a hora de dividir tudo isso com Emily.

– Ainda não fazemos a menor ideia de quem seja essa pessoa, muito menos dos motivos dela pra matar tantas outras – disse Vanita, dando a impressão de que estava criticando a incompetência geral do departamento mais do que constatando o óbvio. – Nenhum dos parentes das vítimas de Naguib Khalid se encaixa nos moldes de um vingador furioso.

Simmons entregou a Edmunds um maço de artigos escritos por Jarred Garland, e o novato folheou as páginas.

– Ainda não há nenhum vínculo entre Chambers e Khalid – observou Emily. Só agora ela se sentia capaz de falar no colega e amigo sem perder o controle das emoções.

Um dos artigos chamou a atenção de Edmunds. Garland havia entrevistado o prefeito Turnble e, em termos de calúnia e difamação, tinha ido até o limite que o separava de um belo processo judicial. O prefeito vinha promovendo com alarde as suas novas diretrizes de segurança pública e havia convidado o "injustiçado" Naguib Khalid para ajudar nos arremates finais da sua plataforma: *A polícia e as políticas de segurança pública*. Garland deliberadamente fizera todas as perguntas capazes de insuflar o prefeito nos seus ataques cada vez mais contundentes ao famigerado detetive da Polícia Metropolitana.

– É como se fosse a lista de arqui-inimigos do Will – brincou Finlay. – Se ele

próprio não fizesse parte dela, claro.

– Faustiano, eu diria – riu Simmons.

Finlay riu também, e Edmunds virou-se lentamente para ele, deixando de lado o artigo que vinha lendo. Uma ideia incoerente começou a se formar em algum lugar do seu maldormido cérebro. Ele olhou rapidamente para o artigo, depois para o bloco de cavalete, e de um segundo a outro a ficha caiu. Tudo agora se encaixava.

– É o Wolf! – exclamou ele, e pressionou as têmporas na esperança de concatenar melhor os pensamentos.

– Eu só estava brincado – disse Finlay, meio sem jeito.

Os outros olharam preocupados para Edmunds quando ele começou a recitar nomes para si mesmo. De repente ele saltou da cadeira e gargalhou, dizendo:

– Como foi que eu não enxerguei isso antes? – Ele agora andava de um lado para outro na sala. – Eu estava enganado o tempo todo. A chave do mistério nunca foi o Khalid, mas sim o Wolf!

– Ficou maluco, garoto? – interveio Emily. – O Wolf é um de nós, esqueceu?

Finlay assentiu, depois fez uma careta de censura para Edmunds. Alheio a ambos, Edmunds foi em direção ao cavalete e arrancou a primeira página do bloco. Em seguida, amassou-a e jogou-a no chão.

– Ei! – gritou Simmons, mas Vanita sinalizou para que ele não o interrompesse.

Agitado, Edmunds pegou o marcador e foi rabiscando na página em branco:

1. O Cremador – obsessão do Wolf – já tentou matar uma vez
2. O advogado de defesa – invalidou as provas do Wolf – inocentou Khalid
3. O chefe da banca de advocacia – sabia que o depoimento da testemunha era falso
4. A inspetora da condicional – inexperiente – permitiu que Khalid matasse de novo
5. O jurado – vazou informações confidenciais para Garland
6. Chambers –
7. O prefeito – usou Wolf antes e depois de Khalid fazer sua última vítima
8. O irmão de Khalid – pagou Lochlan para fazer o depoimento falso
9. O jornalista – difamou Wolf, usou informações para influenciar

público/júri

10. O segurança – salvou a vida de Khalid, quebrou o pulso de Wolf.
11. A testemunha – mentiu por dinheiro, contradisse as provas de Wolf
12. Wolf – apenas um despiste

– Você não está falando sério, está? – disse Emily, que depois olhou para os colegas em busca de apoio. – Vocês não estão acreditando numa bobagem dessas, estão?

– E o Chambers? – perguntou Edmunds a ela. – Qual é o vínculo com o Chambers?

– Tudo bem, sei que o Wolf lhe deu uma dura ontem – disse ela –, mas isso não justifica o que você está fazendo. Que você acuse ele de... sei lá o quê.

– E o Chambers? – insistiu Edmunds.

– Não tem vínculo nenhum! – rebateu ela, ríspida.

– Qual é o vínculo com o Chambers? – gritou ele de volta, assustando os demais.

– Já disse! Vínculo nenhum!

Finlay limpou a garganta e se virou para Emily, que o fulminou com o olhar.

– Também não acredito em nada disso – falou ele –, mas por enquanto não podemos descartar nenhuma hipótese, por mais absurda que seja.

A detetive Baxter se recusou a falar.

– Will sempre achou que foi o Ben quem mandou aquela carta – prosseguiu Finlay.

– Que carta?

– A tal carta pra corregedoria, dizendo que o Wolf estava obcecado e emocionalmente instável, recomendando o afastamento dele.

Finlay ainda encarava Emily, mas ela insistia em fitar as próprias mãos sobre a mesa.

– Foi a pá de cal do Wolf quando essa carta foi lida no julgamento – lembrou Simmons, cada vez mais desconcertado. – Foi ela que salvou o pescoço do Khalid.

– Esta é uma acusação muito grave, inspetor Edmunds – disse Vanita, afirmando o óbvio. – Acusações graves exigem provas concretas.

Lembrando-se de algo, Edmunds pegou seu caderno e o folheou até

encontrar o que queria.

– Dia 28 de junho, conversa entre o prefeito e o detetive Fawkes, entreouvida no meu plantão à porta da Sala de Interrogatório: "Todo mundo estava fazendo seu trabalho: a imprensa, os advogados, o herói que triturou meu pulso antes que eu pudesse acabar com o Khalid... Pois é, eu entendo."

– Fawkes disse isso? – perguntou Simmons, preocupado.

– Palavra por palavra. Nomeou três das nossas vítimas antes mesmo que começássemos a procurar por elas.

– Isso é muito pouco – disse Vanita. – Sobretudo diante das cobras e lagartos que vão chover nas nossas cabeças se seguirmos por esse caminho.

Edmunds saiu da sala e voltou dali a pouco com a primeira das caixas de arquivo. Pegou os documentos relevantes ao caso, junto com o protocolo de retirada que incriminava Wolf, e os distribuiu para que todos pudessem ver.

– Lembram-se da reação de Wolf ontem? Quando soube que descobri essas caixas? – disse ele. – Pois bem. Tenho mais seis debaixo da minha mesa. Da *nossa* mesa.

– Isso explica tudo – revelou Emily. – Wolf deixou esse psicopata assustado e agora o cara está agindo em autodefesa.

– Também pensei nessa hipótese, mas... por que o Wolf não falou sobre nada disso com ninguém? – perguntou Edmunds. – Sobre o material importantíssimo dessas caixas, coisas que poderiam ter salvado a vida de outras pessoas? Que poderiam salvar a dele também?

Ninguém respondeu.

Edmunds deixou a cabeça cair entre as mãos como se sofresse de alguma dor e foi balançando o corpo em movimentos pendulares, equilibrando-se nos calcanhares enquanto murmurava coisas desconexas para si mesmo:

– Wolf identifica o cara... procura por ele... vaza detalhes do caso... Não, não, mas o cara não faria isso só porque essas pessoas são inimigas do Wolf... Não, isso é *ele*, o Wolf, recrutando os serviços do cara...

– Pra mim já deu – disse Emily, levantando-se para sair. – Não vou ficar aqui ouvindo esses absurdos.

Edmunds retomou a palavra:

– Wolf quis se vingar, ou "fazer justiça" se vocês preferirem, depois que Khalid matou a menina Annabelle Adams. Em nome da família dela. Ou só pra

si mesmo, sei lá. – Ele ia falando ao mesmo tempo que juntava as peças do quebra-cabeça. – Nenhuma daquelas pessoas pagou pelo que fez, ao passo que ele foi trancafiado num hospital psiquiátrico e a menina foi morta. Depois ele é reintegrado na Força e, por iniciativa própria, começa a investigar casos não solucionados. Afinal de contas, um caso sem solução significa que ainda tem um criminoso solto por aí, na rua. Na sua investigação secreta ele tropeça nestes sete casos antigos e de algum modo acaba descobrindo a identidade do assassino. Mas aí, em vez de prender o cara, usa-o pra castigar todas aquelas pessoas que a seu ver ficaram impunes. O golpe de mestre foi incluir seu próprio nome na lista. Wolf sabia que ninguém suspeitaria dele se a sua própria vida estivesse ameaçada também. Quer dizer, pensa bem: se o nome do Wolf não estivesse naquela lista, ele seria o principal suspeito desde o início.

Alguém bateu à porta da sala.

– Agora não! – berraram os cinco em uníssono para a mulher que viam do outro lado do vidro, fazendo com que ela corresse timidamente de volta para sua mesa.

– *Se*, e este é um grande "se", Fawkes realmente descobriu a identidade do assassino – disse Simmons, ignorando a cara feia de Emily –, isso significa que ela está em algum lugar nestas sete caixas.

– Exatamente – disse Edmunds.

– Isso é ridículo – resmungou Emily.

– Se você estiver correto – disse Vanita –, podemos dar por certo que Fawkes vem passando informações pro assassino durante todo esse tempo.

– Isso explicaria muita coisa – falou Edmunds. – Não é de hoje que estou com essa pulga atrás da orelha, a de que havia um informante entre nós. – Olhou para sua antiga chefe em busca de uma confirmação por parte dela, mas foi solenemente ignorado.

Vanita suspirou e disse:

– Então ainda temos uma ótima chance de salvar a vida de Ashley Lochlan, pois tiramos o Fawkes da operação.

Finlay e Emily se entreolharam.

– Alguma coisa que eu ainda não saiba? – perguntou Vanita.

– Wolf estava com ela hoje de manhã – disse a detetive Baxter, impassível. – Parece que eles passaram a noite juntos.

– Será que existe alguma regra que esse sujeito ainda não quebrou? – explodiu Vanita, fulminando Simmons com o olhar. – Precisamos avisar a Srta. Lochlan sobre tudo isso. Inspetor Edmunds, supondo que sua tese está correta, você acha que o assassino sabe que Fawkes está por trás de tudo isso?

– Uma pergunta difícil de responder...

– Tente.

– Só posso especular.

– Especule.

– Não. Está claro que o Wolf se considera mais inteligente que todo mundo, inclusive mais que o próprio assassino. Acho difícil que ele deixasse alguma ponta solta. Também acho difícil que o assassino se dispusesse a poupar uma das suas vítimas depois de anunciar pro mundo inteiro a morte de todas elas. Pra ele é uma questão de orgulho próprio. Não cumprir o prometido seria um vexame.

– O que significa que o Wolf precisa matá-lo antes que ele o mate – concluiu Vanita.

Ouvindo isso, Emily arremessou uma papelada contra a divisória rachada da sala e levantou-se novamente.

– Isso tudo é um grande absurdo! É do *Wolf* que estamos falando! – Ela se virou para Finlay. – Seu *amigo*, lembra?

– Eu sei, Emily – disse ele, desolado. – Mas os fatos falam por si.

Ela apontou sua mira para Edmunds.

– Realmente faz dias que você vem desconfiando de um informante e de uma hora pra outra você aparece com essa história ridícula só pra confirmar as suas suspeitas, não é? Se tem alguém que se acha mais inteligente que os outros, Edmunds, esse alguém é *você*! – Com um olhar de súplica, ela disse aos demais: – E se tudo isso não passar de uma armadilha pro Wolf? Alguém já pensou nessa hipótese?

– Pode até ser – disse Simmons tranquilamente. – De todo modo vamos ter de tirá-lo de circulação.

– Concordo – falou Vanita antes de fazer uma ligação pelo telefone fixo da sala. – Aqui é a comandante Vanita. Preciso de uma Unidade Armada de prontidão no endereço residencial do detetive William Fawkes agora mesmo.

A inspetora Baxter balançou a cabeça, sem conseguir acreditar no que

acabara de ouvir. Discretamente tirou o celular do bolso, mas Finlay viu o que ela estava fazendo.

– Emily – disse ele com firmeza e ela, visivelmente contrariada, guardou o aparelho de volta.

– Fiquem atentos, porque o suspeito pode ser perigoso – dizia Vanita ao telefone. – Isso mesmo: suspeito. Correto. Isto é uma ordem de prisão contra o detetive Fawkes.

Capítulo 29

Sexta-feira, 11 de julho de 2014
12h52

Olhando pelo espelho retrovisor, Emily Baxter achou que Ashley parecia nervosa no banco de trás. Ela havia cedido a direção a Finlay, uma novidade chocante naquele dia repleto de novidades chocantes, e ele escolhera o mais absurdo de todos os itinerários possíveis. O carro avançava a passos de tartaruga no trânsito congestionado. Lá pelas tantas ela precisou contar até dez para não explodir quando o sinal, abriu e apenas dois carros conseguiram passar para o outro lado do cruzamento.

Ela não havia trocado uma única palavra com Edmunds após a reunião, muito menos permitido que ele a acompanhasse nas duas horas daquela viagem de ida e volta. Podia muito bem imaginá-lo agora com um sorrisinho estúpido enquanto vasculhava as coisas de Wolf em busca de mais provas para incriminá-lo.

Enquanto eles aguardavam o sinal abrir, o que não acontecia nunca, uma equipe de policiais armados revirava pelo avesso os poucos e minúsculos cômodos do apartamento de Wolf, finalmente abrindo as caixas que vinham juntando poeira desde a mudança. Não o encontraram em casa ao arrombar a porta do imóvel.

A situação havia sido explicada apenas em linhas gerais para Ashley, que afirmava não saber de nada: nem do paradeiro, nem da suspensão de Wolf. Como foi a última pessoa que o viu, Emily não tivera outra escolha senão mudar um pouco a verdade dos fatos ao relatar sua conversa com ele, deixando de lado o murro no rosto para evitar perguntas que ela não estava nem um pouco a fim de responder. Além do mais, aquilo não passava de um detalhe irrelevante.

Eles haviam buscado Ashley pouco depois do meio-dia com a intenção de entregá-la a Simmons à uma e meia no estacionamento do estádio de Wembley. Emily tinha ligado para avisá-lo de que eles estavam atrasados. Até então ela e Ashley não haviam trocado uma só palavra. Nem mesmo Finlay, com sua habitual afabilidade, conseguira evitar que aquele longo e incômodo silêncio se instalasse dentro do carro.

A detetive Baxter se sentia vulnerável ali. Fazia quase dez minutos que eles estavam presos na mesma rua, os pedestres costurando os carros ao atravessá-la, alguns passando a poucos centímetros de Ashley, que se tornava um alvo fácil naquelas circunstâncias. Quando outros três carros conseguiram atravessar o cruzamento (dois no sinal verde e uma BMW no amarelo), ela enfim se deu conta de onde eles estavam exatamente.

– Porra, Finlay, o que é que a gente está fazendo *no Soho*?

– Você pediu que eu dirigisse, não pediu?

– Sim, mas achei que "na direção certa" estivesse subentendido.

– Que caminho você teria feito no meu lugar?

– Shoreditch, Pentonville, Regent's Park.

– Tem obra pra todo lado na região de King's Cross.

– Ah, que bom então que a gente não ficou engarrafado por lá.

Era nisso que eles estavam pensando quando Ashley tirou o celular do bolso com discrição para ler a mensagem de texto que acabara de receber. Ouvindo o apito, Emily virou-se para ver o que era.

– *O quê?* Você ainda está com o seu telefone? Eles deviam ter confiscado isso há muito tempo. Vai, passa pra cá – disse ela, estendendo a mão com impaciência enquanto Ashley digitava sua resposta apressada. – *Agora!*

Ashley enfim desligou e entregou o aparelho. A detetive imediatamente tirou a bateria e o chip para depois jogar tudo no porta-luvas do carro.

– Porra, garota, a gente aqui, colocando nosso pescoço em risco pra te ajudar e você aí, papeando no telefone! Ah, tenha dó.

– Ela já entendeu – disse Finlay, colocando panos quentes.

– Quem sabe você não posta uma selfie no Facebook depois que chegar lá no seu esconderijo?

– Ela já entendeu, Emily! – gritou Finlay.

O carro de trás buzinou e só então ele viu que os dois da frente haviam

seguido adiante. Arrancou para o cruzamento e parou no sinal vermelho; do outro lado se via o majestoso prédio do Palace Theatre.

– Esta avenida aí é a Shaftesbury? – perguntou Emily, estupefata. – Finlay, onde você estava com a cabeça quando achou que esse caminho pudesse ser o...

A porta traseira bateu, e ambos se viraram para trás. Ashley havia descido do carro.

A detetive Baxter saltou também e partiu em disparada quando avistou a garçonete abrindo caminho através de um grupo de turistas com mochilas idênticas para depois dobrar e esquina na avenida Shaftesbury. Finlay avançou o sinal para entrar na avenida também, mas numa questão de segundos precisou enterrar o pé no freio para evitar uma colisão no cruzamento. Cuspiu seu primeiro palavrão após um longo período de abstinência, depois deu ré.

Ashley entrou na primeira rua à esquerda e Emily, chegando à esquina, viu que ela acabara de atravessar o portal Paifang que dava entrada ao distrito de Chinatown. Então correu no encalço dela, mas novamente a perdeu de vista quando alcançou os pilares dourados do portal. A garota devia ter parado de correr para se misturar à multidão de pedestres que zanzava de um lado a outro no estreito corredor de lojas e restaurantes.

– Polícia! – ela foi gritando enquanto brandia seu distintivo no alto, - acotovelando-se com os turistas que olhavam distraidamente para as lanternas vermelhas penduradas no alto.

Os lojistas riam e gritavam coisas incompreensíveis uns para os outros. Vários restaurantes lançavam na rua a sua música alta e dissonante. Ambulantes preparavam suas comidas perfumadas, a fumaça misturando-se à poluição da metrópole. A policial sabia que perderia Ashley definitivamente se não a localizasse nos minutos seguintes.

Ao lado de um poste de luz havia uma lixeira, ambos no mesmo tom de vermelho dos arcos que decoravam a rua. Indiferente aos curiosos, Emily empoleirou-se na lixeira e esquadrinhou o mar de cabeças à sua volta. Não demorou para avistar Ashley a uns 20 metros de distância, margeando as vitrines rumo a um segundo portal Paifang, do outro lado do qual ficava o pub O'Neill's que ela conhecia tão bem.

Então saltou da lixeira e saiu empurrando ou atropelando as pessoas até localizar Ashley outra vez. Já estava a uns 5 metros da garota quando a viu

atravessar o portal e um carro desconhecido frear bruscamente mais adiante na rua. Ashley correu para o carro e entrou no banco de trás. O motorista, vendo que Emily se aproximava, arrancou às pressas e disparou avenida afora.

– Wolf! – gritou ela, desesperada.

Ele a tinha fitado diretamente nos olhos.

Ela repetiu o número da placa até que o memorizasse. Estava ofegante quando pegou telefone e discou o número de Finlay.

Edmunds vinha trabalhando nas caixas de arquivo, uma de cada vez, enquanto Simmons analisava o histórico telefônico de Wolf dos últimos dois anos. De onde estavam, ambos ouviram o escândalo que Vanita fez ao telefone quando recebeu a notícia de que Ashley Lochlan se deixara sequestrar por Wolf. Não demoraram para vê-la sair para o salão e serem arrastados de volta para a sala de reuniões.

Vanita colocou-os a par dos acontecimentos, depois Edmunds perguntou:

– Ela tem certeza de que era o Wolf?

– Sim – disse a comandante. – Já pedi que divulgassem a placa do carro, prioridade máxima.

– Isso não pode sair daqui – falou Simmons.

– Concordo – disse Vanita.

– Mas a população pode nos ajudar a encontrá-los – argumentou Edmunds. – Não temos a menor ideia do destino deles. Ashley está em perigo.

– Ainda é cedo pra afirmarmos isso – disse Vanita.

– Sei que não temos provas irrefutáveis de nada, mas sabemos que ele está por trás da coisa toda...

– Cai na real, garoto – disse Simmons. – Pensa bem na confusão que vai ser quando o mundo souber que foi o nosso principal detetive que arquitetou a porra toda. Como se isso não bastasse, deixamos o cara fugir com a próxima vítima dele!

Vanita assentiu pensativamente.

– Mas... – disse Edmunds.

– Um pouco de diplomacia não faz mal a ninguém numa situação dessas. Quanto a mim, não tenho a menor intenção de perder meu emprego antes de ter

certeza *absoluta* de que Fawkes é culpado. Mesmo depois vamos ter de esperar o momento certo pra tornar a coisa pública.

Enojado com o que acabara de ouvir, Edmunds saiu da sala e bateu a porta, com força suficiente para aumentar a rachadura na divisória que ele próprio havia feito com a nuca na manhã anterior.

– Parabéns – disse Vanita a Simmons. – Gostei do jeito como você lidou com o garoto. Fico muito feliz em saber que ainda existe um administrador em algum lugar escondido aí dentro. Quem sabe agora as coisas não podem voltar a ser como eram antes, assim que passar essa sua fase "polícia e ladrão"?

Edmunds se refugiou no banheiro masculino e chutou a lixeira metálica num gesto incontrolável de raiva. Sua vontade era rir e chorar ao mesmo tempo diante daquela grande ironia: Wolf estava sendo protegido pela mesma burocracia que havia colocado todos naquela situação, por conta daquela rede de pessoas que colocava os próprios interesses acima de tudo, que vivia com a bunda virada para a parede, que se escondia atrás de normas, procedimentos e diplomacias. Se quisesse fazê-las agir, teria de encontrar provas concretas e cabais contra Wolf.

Também deveria ser rápido. Precisava entrar na cabeça de Wolf antes que ele percebesse o que estava acontecendo e começasse a apagar os próprios rastros. Precisava pegá-lo no seu momento de maior vulnerabilidade.

Remontando o celular de Ashley, os detetives Baxter e Finlay descobriram que ela vinha mandando mensagens para Wolf desde o início, informando sua localização. Wolf enviara apenas uma mensagem: "Rua Wardour. Corra." Eles haviam retornado ao apartamento dela na esperança de encontrar por lá alguma pista sobre o paradeiro dos dois, mas a busca foi infrutífera. Já iam voltando para a New Scotland Yard quando receberam um telefonema, mandando que seguissem para a loja de conveniência de um posto de gasolina nos subúrbios da cidade.

Os fiscais de estacionamento haviam contatado a polícia após multar um carro e verificar a placa dele com uma câmera de rastreamento. O Ford Escort havia sido abandonado no lugar com as portas destrancadas e praticamente sem gasolina no tanque, sinal de que Wolf não tinha a menor intenção de voltar para buscá-lo. Imagens de uma câmera de vigilância mostravam a dupla saindo do

Escort e sumindo de vista, provavelmente para pegar outro carro no mesmo estacionamento. Wolf agora estava com uma dianteira de quatro horas sobre eles.

– Como é que tudo isso se encaixa na tese ridícula do Edmunds? – perguntou Emily a Finlay, voltando com ele para o Audi.

– Sei lá.

– Porque não encaixa! Ashley fugiu com ele porque quis. Não foi coagida a nada. Ele está tentando salvar a garota, não matá-la!

– Vamos descobrir depois que o encontrarmos – disse Finlay.

Ela riu como se ele estivesse sendo ingênuo.

– O problema é que *nunca* vamos encontrá-lo.

Edmunds lia sem atenção os panfletos espetados no quadro de avisos enquanto esperava para ser atendido na recepção do hospital St. Ann's, olhando esperançoso toda vez que algum funcionário saía das portas de vidro que davam acesso às entranhas do prédio. A essa altura nem sabia direito o que estava fazendo ali; cogitava se realmente teria valido a pena despencar para aquele fim de mundo numa visita que custaria cinco horas do seu precioso tempo.

– Detetive Edmunds? – disse a mulher que finalmente veio a seu encontro, uma senhora de aspecto triste ou cansado. – Sou a Dra. Sym, uma das diretoras – apresentou-se ela, e o conduziu para o labirinto de corredores, usando seu cartão magnético para abrir todas as portas que encontrava pelo caminho. A certa altura ela examinou rapidamente a papelada que levava consigo, separou uma das folhas e as deixou na colmeia de caixas postais. – O senhor queria fazer perguntas sobre um dos nossos... – Nesse mesmo instante ela avistou alguém com quem precisava falar com urgência. – Só um minuto – disse e saiu correndo ao encontro da pessoa, abandonando Edmunds nas imediações da sala de recreação.

Cavalheiro que era, Edmunds abriu a porta para uma senhora que vinha saindo da sala, e ela passou por ele como se não houvesse ninguém à sua frente. Aproveitando a porta aberta, ele espiou o que havia dentro. A maioria das pessoas cercava a televisão, que berrava num volume ensurdecedor. Um homem, num acesso de raiva, arremessou para longe uma raquete de pingue-pongue. Outro lia junto da janela.

– Detetive! – chamou a diretora.

Edmunds fechou a porta da sala de recreação e foi ao encontro dela.

– Vamos dar uma passada pela ala residencial antes de irmos para a minha sala – disse a mulher. – É lá que está a pasta do Joel.

Edmunds parou onde estava.

– Joel?

– Joel Shepard – disse ela com uma pontada de impaciência. Só então se deu conta de que o visitante ainda não havia dito o nome do interno sobre o qual queria falar.

– Joel Shepard? – repetiu ele, mais para si mesmo do que para a médica. Lembrava-se de ter visto o nome num dos casos consultados por Wolf no Arquivo Central. Dera-o como irrelevante na investigação que vinha fazendo.

– Desculpe – disse ela, esfregando os olhos fatigados. – Deduzi que você estava aqui pra falar da morte dele.

– Não, não – retrucou Edmunds rapidamente. – Não fui muito claro, não é? Mas... o que foi que houve com esse Joel?

A Dra. Sym estava cansada demais para estranhar o súbito interesse dele.

– Joel era um rapaz essencialmente doce, mas muito perturbado – explicou ela. – Sofria de um caso agudo de paranoia, com episódios de esquizofrenia e delírio. No entanto... em vista do histórico dele, nada disso chega a ser surpresa.

– Qual é exatamente o histórico dele?

A médica suspirou e disse:

– A irmã morreu. Isto é, foi morta. De uma maneira muito brutal. E ele, por sua vez, assassinou os responsáveis. O mal que gera o mal.

O quarto de Joel Shepard permanecia desocupado. As paredes já haviam sido caiadas, mas ainda se viam nelas as sombras de cruzes escuras. No piso se liam trechos bíblicos talhados na madeira. Arranhões estriavam o lado interno da porta.

– Às vezes não é possível apagar os rastros que os nossos pacientes mais perturbados deixam pra trás – lamentou a médica. – Estamos operando na nossa capacidade máxima, mas, claro, não há como alojar outro paciente neste quarto.

Edmunds não queria passar nem mais um segundo além do necessário naquele quarto frio e pestilento.

– Como foi que ele morreu? – perguntou.

– Suicídio. Uma overdose que não deveria ter acontecido. Como você pode

imaginar, temos um controle bastante rígido sobre toda a medicação administrada. Ainda não sabemos como foi que ele conseguiu estocar um número suficiente de cápsulas pra... – Ela se calou de repente, percebendo que estava pensando em voz alta.

– Como ele justificava os assassinatos que cometeu? – perguntou Edmunds, correndo a mão sobre a maior e mais visível das cruzes.

– Não justificava. Dizia que um demônio qualquer, ou o Diabo em pessoa, havia "ceifado" aquelas almas por ele.

– Um demônio?

– Você perguntou, não perguntou? Pois é. Ele acreditava piamente nos próprios delírios. Dizia que tinha feito um pacto com o Diabo e que era apenas uma questão de tempo até que o Diabo aparecesse para reivindicar o que Joel tinha prometido.

– O quê?

– A alma dele, detetive – disse a médica, conferindo as horas no relógio. – Mais faustiano, impossível.

– Faustiano? – repetiu Edmunds, tentando lembrar-se onde mais tinha ouvido a mesma palavra.

– Sim. Como na lenda de Robert Johnson, aquele músico americano que vendeu a própria alma ao Diabo numa encruzilhada pra obter seu sucesso...

Edmunds conhecia a história. De repente teve a impressão de que muitas das cruzes caiadas tinham ficado mais escuras, mas sabia que isso era fruto da sua própria exaustão mental.

– Já que estou aqui... será que posso dar uma olhada no quarto ocupado por William Fawkes? – disse ele casualmente, já se aproximando da porta para sair.

A médica ficou surpresa com o pedido.

– Não vejo o que...

– Não vou demorar – insistiu Edmunds.

– Tudo bem – bufou ela. Em seguida o conduziu para outro quarto também recém-pintado, com objetos pessoais espalhados pelos poucos móveis. – Como eu disse, estamos lotados.

Edmunds foi perambulando pelo cômodo enquanto corria os olhos sobre o piso. De repente deitou-se nele e espiou debaixo da cama metálica. Levantando-se, começou a tatear as paredes brancas.

A médica ficou intrigada.

– Posso saber o que você está procurando?

– Aquelas coisas que o tempo não apaga – resmungou ele. Em seguida subiu na cama para examinar melhor a parede dos fundos.

– Fazemos um relatório bastante minucioso sempre que um quarto fica vago. Se o interno deixou algo pra trás, está registrado.

Edmunds afastou a cama e se ajoelhou para procurar atrás dela algum vestígio de Wolf. Novamente tateando a parede, sentiu alguns sulcos na alvenaria, onde antes se encostava a cabeceira da cama.

– Uma caneta, por favor? – pediu ele à diretora, mas sem ao menos olhar para trás, receando perder seu achado de vista.

Ela tirou do bolso da camisa o que sobrava de um lápis, entregou-o, e Edmunds imediatamente começou a rabiscar aquele pedaço da parede em que estavam os sulcos.

– Detetive, por favor!

Aos poucos foram surgindo letras e palavras. Terminado o trabalho, Edmunds sentou-se na beirada da cama e sacou seu celular.

– Que foi? – perguntou a médica, preocupada.

– Sinto muito, doutora, mas vocês vão ter de encontrar outro quarto para este paciente.

– Mas eu já disse que...

Edmunds não deixou que ela terminasse.

– Então preciso que a senhora tranque esta porta e não abra pra ninguém antes que cheguem os peritos da nossa equipe. Fui claro?

Wolf e Ashley estavam na reta final da sua viagem de 650 quilômetros. Haviam feito uma única parada desde a troca do Ford Escort pela van bem mais discreta que Wolf havia deixado no estacionamento da loja de conveniência. O veículo era barulhento e desconfortável, mas havia cumprido perfeitamente o seu papel, e custara apenas 300 libras. Com vinte minutos de antecedência, eles o deixaram na área de desembarque do aeroporto de Glasgow e entraram juntos no saguão.

O rádio havia tagarelado o tempo todo durante as sete horas da viagem. O suicídio de Andrew Ford era recente o bastante para que volta e meia eles repetissem o mesmo trecho de som do corpo se estatelando no chão, para arrepio

de Wolf. Muito se falava também sobre a morte próxima de Ashley: uma das estações entrevistara "a melhor amiga dela", para grande espanto da própria Ashley, que nunca havia ouvido falar da mulher; o proprietário de uma casa lotérica fora obrigado a se desculpar publicamente após descobrirem que ele vinha fazendo um bolo de apostas para o horário exato do crime.

– Filho da puta – dissera ela ao ouvir a notícia, rindo e mais uma vez surpreendendo Wolf com seu senso de humor.

Dez minutos antes de chegar a Glasgow ele havia falado com o chefe da segurança do aeroporto, rezando para que os colegas ainda não tivessem emitido um alerta sobre sua fuga. O homem, como solicitado, esperava por eles no saguão, um negro boa-pinta que aparentava uns 40 e tantos anos de idade e vestia um terno impecável com o distintivo espetado ao bolso do paletó como um acessório. Wolf logo notou os dois policiais armados que ele, sensato, havia chamado para escoltá-lo após o estranho telefonema. Eram 20h20.

– Ah, detetive Fawkes, é você mesmo afinal – disse ele, apertando a mão de Wolf com firmeza. – Karlus DeCosta, chefe de segurança. E você só pode ser a Srta. Lochlan, claro. – Apertou a mão dela também, mas com um leve esgar de comiseração pelo apuro em que ela se encontrava. – Em que posso ajudá-los?

– Tem um avião saindo pra Dubai daqui a dezessete minutos – disse Wolf, direto ao ponto. – Preciso que ela embarque nele.

Se DeCosta ficou surpreso com a solicitação, não demonstrou.

– A senhorita está com seu passaporte?

Ashley tirou o passaporte da bolsa, entregou-o, e ele o examinou sem nenhuma pressa, apesar dos limites de tempo.

– Venham comigo – disse por fim.

Eles passaram pelo esquema de segurança e tomaram um carrinho elétrico para agilizar a viagem até o portão de embarque. Uma voz robótica anunciou a última chamada para o voo com destino a Dubai, e DeCosta, aparentemente habituado a situações de urgência, entrou com carrinho e tudo numa das esteiras rolantes vazias. Wolf achou isso um tanto desnecessário, sobretudo porque o homem havia falado por rádio com os comissários e instruído que o embarque não fosse finalizado antes da sua chegada. Mas via claramente que ele estava se divertindo.

Eles saltaram nas imediações do portão e DeCosta, com a agilidade de um

herói de cinema, correu para o balcão da companhia aérea. Assim que se viu sozinho com ela, Wolf falou baixinho para Ashley:

– Tem um avião saindo pra Melbourne duas horas depois que você aterrissar em Dubai.

– Melbourne? – disse ela assustada. – É esse o plano? Uma viagem de férias? Não posso, Wolf. E o meu filho? E a mamãe? Você não deixou nem que eu ligasse pra avisá-los! Cedo ou tarde eles vão ficar sabendo de tudo pelos noticiários e...

– Você precisa ficar em trânsito.

Ashley suspirou com desânimo, mas acabou cedendo.

– Não é melhor a gente falar com ele primeiro? – perguntou ela, apontando discretamente para o chefe de segurança.

– Não. Eu mesmo providencio tudo antes de você chegar a Dubai. Não quero que ninguém fique sabendo do seu destino final. Quando você descer em Melbourne, já serão cinco e meia da manhã de domingo. Você estará segura.

– Obrigada. Por tudo.

– Quando chegar lá, vá direto pro consulado inglês e se identifique. – Wolf tomou a mão dela e escreveu seu número de celular no dorso. – Me liga pra avisar que chegou bem.

– Vem comigo – disse ela.

– Não dá... – recusou Wolf, balançando a cabeça.

Ashley já havia imaginado a resposta dele. Então deu um passo à frente e ficou na ponta dos pés para se despedir com um beijo. Mas DeCosta não deixou. Do balcão mesmo ele gritou:

– Srta. Lochlan, a senhorita precisa embarcar imediatamente!

Ela trocou o beijo por um sorriso acanhado, e foi saindo para o portão.

– Até breve, Fawkes.

– Até breve, Lochlan.

DeCosta fechou pessoalmente o portão de embarque e solicitou à torre de controle que o avião tivesse prioridade na decolagem. Wolf agradeceu-lhe a ajuda e pediu que ele continuasse onde estava. Depois passaria sozinho pela imigração, estava com seu passaporte no bolso. Nem sabia exatamente por que havia trazido o documento consigo, mas a presença dele havia tornado ainda mais difícil a decisão de recusar o convite de Ashley e permanecer em Londres

para enfrentar toda a confusão que o aguardava. Era muito tentadora a ideia de fugir daquela situação toda enquanto havia tempo.

Ele ainda observava da janela quando o avião de Ashley taxiou na pista e alçou voo no céu colorido do anoitecer, levando-a para bem longe do perigo, para bem longe dele, Wolf.

Capítulo 30

Sábado, 12 de julho de 2014
2h40

Sentado na mesma cadeira desconfortável de sempre, na mesma sala inóspita de sempre, o tenente Dean Harris lia seu livro à luz do abajur de aparência elegante que ele havia tirado de uma mesa lateral para colocar no parapeito da janela. Deixara a televisão ligada, mas no mudo, apenas para ter um pouco de companhia enquanto enfrentava mais uma noite solitária naquela casa que não era sua.

Os outros tenentes da sua unidade haviam ficado verdes de inveja ao saber do envolvimento dele no caso Boneco de Pano. Ainda estavam naquele ponto da carreira em que contavam o número de cadáveres que tinham visto, e o "Galês" era o herói maior, o único deles que já havia disparado uma arma de eletrochoque contra alguém.

Dean agia como se aquele destacamento não fosse nada demais, embora estivesse inchado de orgulho. Contara tudo à família, claro, sabendo que a notícia se espalharia feito uma gripe, exagerando um pouco na importância do seu papel e inventando um título que até já havia esquecido. O que não havia previsto era que teria de passar duas semanas de absoluta solidão enquanto vigiava uma menina de 9 anos que por azar tinha o mesmo nome do alvo real de um assassino em série.

Os Lochlans mal o cumprimentavam, apenas toleravam a presença dele na casa enquanto tocavam a vida adiante. Estavam naturalmente nervosos, não deixavam a menina nem ir ao banheiro sozinha, mesmo sabendo que nenhum deles tinha qualquer envolvimento com o tal psicopata. Mas pelo menos ele, Dean, não era o único naquela situação. Provavelmente haveria mais uma dezena

de Ashley Danielle Lochlans espalhadas pelo país, tão contrariadas quanto os policiais destacados para vigiá-las.

Ele bocejou feito um leão e conferiu as horas no relógio. Os turnos da noite eram sempre os mais difíceis. Embora tivesse reajustado seu relógio biológico e conseguisse dormir sete horas seguidas durante o dia, ele começava a sofrer com o cansaço. O dia demorava uma eternidade para amanhecer.

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos doloridos. Ao reabri-los teve a impressão de que a sala parecia muito mais clara, sombras sinistras dançando nas paredes ao sabor das imagens da televisão. Demorou um instante para perceber que o holofote de segurança do jardim estava aceso. Então ficou de pé e espiou melhor através da janela alta. Claro, os aspersores de irrigação haviam sido automaticamente acionados pelo timer, fazendo com que os sensores de movimento acionassem a luz. Fora isso não havia mais nada no jardim, que, aliás, era muito bonito. Mais tranquilo, ele se sentou novamente, pegou seu livro e retomou a leitura.

Dali a vinte minutos os aspersores desligaram junto com o holofote, e a sala pareceu mais escura do que nunca. Dean se recostou na cadeira dura para repousar um pouco os olhos, que doeram ao serem fechados. Pouco depois, achando que as pálpebras incandesciam, ele os reabriu e foi ofuscado pela luz branca que vinha de fora para inundar a sala inteira. Correu para a janela vizinha e viu que o holofote de segurança estava aceso de novo, mas apontando diretamente para a casa, deixando o jardim na mais completa escuridão.

Segundos depois alguém bateu violentamente à porta dos fundos. Com o coração retumbando no peito, Dean rapidamente vestiu o colete tático que havia deixado no encosto da cadeira e foi para o corredor, os retratos da parede ainda mais tristes sob o excesso de luz. De repente lembrou que havia esquecido no chão da sala a arma que retirara do cinto para se acomodar melhor na cadeira. Tarde demais. Então abriu seu porrete retrátil e o ergueu acima da cabeça, pronto para atacar.

O holofote apagou.

Dean mal conseguia respirar. Submerso na escuridão e tendo a impressão de que alguém vinha a seu encontro no corredor, ele golpeou cegamente o espaço à sua frente, mas acertou apenas o lambri da parede. Antes que pudesse desferir uma segunda porretada, foi golpeado na testa e caiu no chão.

Não sabia dizer quanto tempo ficara inconsciente quando pegou seu rádio Airwave e apertou o botão de emergência: dali em diante tudo que ele dissesse seria transmitido a um plantonista por meio de um canal específico. A luzinha verde do aparelho refletia na madeira dos lambris, ajudando-o a se orientar quando ele se levantou para procurar o interruptor.

– Controle... preciso de reforços – engrolou ele antes de perder o equilíbrio e deixar o rádio escorregar.

Dean praticamente caiu sobre o interruptor. Quando o lustre de cristal acendeu, ele viu no chão um rastro de pegadas lamacentas indo na direção da escada que dava acesso ao quarto de Ashley. Então recolheu seu porrete e, como pôde, correu escada acima. No alto as pegadas estavam quase apagadas, mas apontavam claramente para a porta do quarto da menina.

Com o porrete em riste, ele irrompeu no cômodo. Não encontrou ninguém, somente as pegadas que no carpete claro seguiam para a porta aberta da varanda, onde também não havia ninguém. Correu os olhos pelo jardim. Nada. De repente precisou se recostar no guarda-corpo de ferro, acometido pela tonteira até então represada pela adrenalina. Enquanto esperava por reforços, pegou seu celular e enviou uma mensagem de texto para o número que lhe haviam passado mais cedo.

Edmunds dormia profundamente sob o paletó. Nas últimas duas semanas ele dormira mais vezes no sofá da sala que na própria cama. Emily Baxter, por sua vez, estava acordadíssima à mesa da cozinha, lendo a mensagem que acabara de receber. Isso feito, ela foi para o andar de cima e, procurando fazer o mínimo possível de barulho, entreabriu a porta para ver como estavam os Lochlans, que haviam acampado na suíte de Edmunds e Tia. Os três pareciam dormir tão profundamente quanto ele.

Wolf estava certo. Ele havia advertido que o assassino iria atrás da menina se não conseguisse pegar a garçonete. O homem já dera provas da sua disposição para matar fora da lista: Khalid não fora a única pessoa a comer o peixe venenoso, outras duas haviam morrido também. Para preservar o próprio ego ele não pensaria duas vezes antes de matar uma criança.

A comandante Vanita relutara muito antes de permitir que Emily transferisse a família, acreditando que aquilo seria uma grande perda de tempo para todos os

envolvidos. A detetive oferecera para alojá-los no seu próprio apartamento, ou pelo menos era isso que pretendia contar a todos no trabalho. Ela ainda não havia excluído a possibilidade de que Wolf estivesse sendo vítima de uma cilada. Afinal de contas a menina era a segunda Ashley Lochlan que ele havia tentado salvar no mesmo dia. Então decidira ligar para a única pessoa na qual confiava cem por cento, embora ainda estivesse furiosa com seu atrevido estagiário.

Com Tia na casa da mãe, Edmunds gentilmente concordara em alojar a antiga supervisora e seus aristocráticos refugiados. Após recebê-los, ignorara o cansaço e correra até uma loja de conveniência para comprar tudo o que faltava em casa, que não era pouco, sobretudo em vista do estado lamentável do seu saldo bancário. Ela achara bom que ele tivesse saído; pelo menos assim ele não tinha visto o horror estampado no rosto dos hóspedes quando eles depararam com a indigência do seu lar temporário.

– Ele devia demitir a empregada dele – cochichara a Sra. Lochlan ao emproado Sr. Lochlan, escandalizada ao ver a ração de gato espalhada pelo chão da cozinha.

Edmunds apagara no sofá antes mesmo de comer seu feijão com torrada e de ter a oportunidade de ficar sozinho com Emily. Melhor assim, ela pensou. Nada havia mudado. O garoto ainda acreditava na culpa de Wolf e não havia nada que o convencesse do contrário. Ele não conhecia Wolf como *ela* conhecia.

Ao mesmo tempo que amealhava argumentos em defesa de Wolf para usar com Edmunds na manhã seguinte, ela retomou o telefone e digitou uma rápida mensagem: "Menina OK. Precisamos conversar. Me liga." Sabia que àquela altura Will já teria descartado o celular para evitar ser rastreado, mas ainda assim enviou sua mensagem: precisava sentir-se conectada de algum modo com a pessoa mais importante da sua vida; sequer conseguia pensar na real possibilidade de nunca mais tornar a vê-lo.

Andrea levantou-se silenciosamente para não acordar Geoffrey. Embrulhou-se no penhoar e desceu para a cozinha. Podia ver o sol despontando no céu azul através do teto de vidro, aquele mesmo teto que ela responsabilizava diretamente pela flutuação absurda das temperaturas no cômodo. Mesmo num dia de inverno, quando o sol estava a pino, a cozinha "capa de revista" ficava

insuportavelmente quente, mas naquele amanhecer de verão seus pés estavam dormentes só de pisarem descalços na cerâmica gelada do piso.

Ela fechou a porta em busca de privacidade, sentou-se junto à bancada com um copo de suco de laranja e levou o celular ao ouvido. Era estranho que mesmo após tantos anos de separação ela ainda se sentisse tão à vontade para chamar Wolf às cinco da manhã: apenas a ele e a mais ninguém, nem mesmo Geoffrey. Acostumara-se de tal modo à irregularidade de horários do ex-marido que achava possível encontrá-lo acordado tanto no meio da madrugada quanto no meio da tarde. Na realidade a coisa era mais profunda que isso. Ela sabia que podia contar com Wolf em qualquer circunstância, que sempre seria atendida quando precisasse conversar, estivesse ele acordado ou não. Era algo que ela sempre dera por certo.

Pelo menos até aquele momento.

Aquela era a sexta vez em doze horas que a ligação caía na caixa postal. Tentaria de novo mais tarde no trabalho: melhor desligar que deixar um recado truncado. Tinha até o fim do dia para dar uma resposta a Elijah quanto à promoção e havia alcançado um estágio em que desistira de pensar no assunto, rezando para que uma luz descesse milagrosamente sobre sua cabeça no momento certo.

Geoffrey levantou às seis como sempre e ela fez um esforço consciente para não mortificá-lo mais uma vez com suas dúvidas durante o café. Ele devia estar cansado daquela história, tanto quanto ela própria, e na realidade não havia muito que ele pudesse dizer ou fazer para ajudá-la. No entanto, antes de subir para o banho ele se despediu com votos de boa sorte para deixar claro que não havia esquecido de nada e que torcia por ela.

Andrea saiu de casa às 6h20 para adiantar as coisas naquele que prometia ser mais um interminável dia de "Relógio da Morte" no jornal. Chegando à redação, logo viu por que Wolf não havia atendido suas chamadas. Seu e-mail atulhava-se de mensagens de pessoas que pediam algum tipo de recompensa financeira por fotos tiradas de Wolf e Ashley Lochlan nos lugares mais absurdos: no estacionamento de dois postos de gasolina, num carrinho de golfe no aeroporto de Glasgow e até em Dubai, numa foto bem desfocada, recebida minutos antes. O disparate das informações era o mesmo de uma reportagem que ela havia feito anos antes sobre a fuga de um leopardo do zoológico.

Sem saber o que fazer com aquilo, ela enviou à detetive Baxter uma mensagem para ter notícias mais confiáveis de Wolf. Depois desceu antecipadamente para a maquiagem com o único intuito de evitar Elijah quando ele chegasse. Não precisava de ninguém para lembrá-la da decisão importantíssima que tinha de tomar até o fim do expediente, muito menos para pressioná-la. Ainda tinha dez horas pela frente.

A detetive-sargento Baxter ainda estava à mesa da cozinha quando ouviu Edmunds despertar no sofá da sala. Rapidamente guardou na bolsa a Glock .22 que havia surrupiado do depósito de provas. Não tinha a menor intenção de passar a noite desprotegida com a família Lochlan sob sua custódia. Alegando uma das suas próprias investigações, não tivera nenhuma dificuldade para entrar no tal depósito, depois bastara vasculhar algumas gavetas e outras caixas de provas para encontrar as balas Smith & Weston de que precisava para carregar o pente da arma.

Edmunds entrou cambaleando na cozinha e apesar dos olhos embaçados grunhiu alto quando viu a quantidade de louça que esperava por ele na pia. Ao que tudo indicava, os Lochlans simplesmente desconheciam o conceito de limpar a própria sujeira e haviam desperdiçado uma bela oportunidade de aprendê-lo.

– Bom dia – bocejou ele e se serviu de café.

– Obrigada pela guarida – disse Emily.

Ainda meio zonzo, Edmunds ficou sem saber se ela havia falado com sinceridade ou não.

– O assassino foi atrás da menina – prosseguiu ela. – Exatamente como o Wolf disse.

Edmunds abandonou seu café e sentou-se à mesa também, interessado nas novidades, esperançoso.

– O cara fugiu – disse ela, frustrando por completo as expectativas dele. – O policial que estava de plantão na casa levou uma porrada na testa, mas foi hospitalizado, vai ficar bem. – Ela fez uma pausa, preparando-se para o discurso que havia ensaiado na madrugada. – Olha, não culpo você pelo que aconteceu ontem, nem por ter suspeitado do Wolf. Diante das evidências que encontrou, não estaria fazendo seu trabalho direito se não tivesse suspeitado.

– Os peritos disseram que ele andou pesquisando Madeline Ayers no Google

um dia antes de encontrarmos o Boneco – começou Edmunds.

Mas Emily não deixou que ele terminasse.

– Você não conhece o Wolf como eu. – Wolf tem um código de honra. Talvez seja a pessoa mais correta que eu conheço, mesmo que às vezes isso o leve a fazer coisas horríveis e ilegais.

– Como é que uma pessoa pode ser correta e ao mesmo tempo fazer coisas horríveis e ilegais? – retrucou ele, meio pisando em ovos.

– Todos nós sabemos que às vezes a lei e a coisa certa não andam juntas do jeito que a gente gostaria. Wolf jamais faria nada disso que você... – Ela interrompeu o que ia dizendo quando Edmunds se levantou para tirar da mochila uma pasta de arquivo e deixá-la sobre a mesa. – O que é isto? – perguntou ela, aflita, sem nenhuma vontade de abri-la.

– Ontem à tarde dei um pulo no hospital psiquiátrico em que o Wolf foi internado. O St. Ann's.

A detetive franziu o cenho, deixando claro que não aprovava o que acabara de ouvir. O garoto havia passado dos limites.

– O que faz você pensar que tem o direito de...

– Encontrei uma coisa – disse Edmunds, falando mais alto que ela. – No quarto dele.

Furiosa, Emily enfim puxou a pasta para si e abriu. A primeira fotografia mostrava um quarto de paredes caiadas com os móveis fora do lugar. Ela olhou novamente para Edmunds, impaciente.

– Vai, continua – disse ele.

A segunda mostrava o que parecia ser uma mancha de sujeira na parede dos fundos.

– Impressionante – ironizou ela, jogando a foto na mesa para pegar a terceira e última delas. Sem dizer palavra, examinou-a por mais de um minuto. E precisou morder o lábio para não chorar diante do novato.

Porque a tal mancha de sujeira era na verdade uma espécie de decalque a lápis que deixava à mostra uma série de nomes talhados na parede: os nomes de todos os desafetos de Wolf, incrustados na centenária alvenaria.

– Sinto muito – falou Edmunds baixinho.

Emily balançou a cabeça e empurrou a pasta para longe.

– Você está enganado. Naquela época ele estava doente! Wolf nunca... Ele

jamais...

Ela sabia que estava mentindo para si mesma. De repente ficou achando que sua vida inteira era um equívoco: afinal, se ela havia sido ingênua o bastante para acreditar em Wolf, nada impedia que o resto também fosse uma grande ilusão. O homem que ela tanto admirava, a que tentava agradar, que queria para si... esse homem *realmente* era o monstro hediondo que Edmunds vinha pintando.

Ela ainda podia ouvir os berros do jornalista Jarred Garland, podia sentir o cheiro das entranhas queimadas do prefeito, lembrava-se de ter abraçado Chambers quando ninguém estava olhando, desejando a ele boas férias.

– É ele, Emily – revelou Edmunds. – Não há mais nenhuma dúvida. Sinto muito.

Aos poucos ela foi erguendo os olhos para o novato, depois assentiu com a cabeça. Realmente não havia mais dúvida.

Capítulo 31

Sábado, 12 de julho de 2014
8h36

– Foi você, não foi? – disparou a comandante Vanita, apontando para Finlay assim que entrou na sala de reuniões. – Ou será que foi você, Simmons?

Nenhum dos dois sabia do que ela estava falando.

Enfurecendo-se ainda mais com o espanto de ambos, a comandante pegou o controle remoto, ligou a televisão e foi passando os canais até encontrar Andrea na sua bancada com o Relógio da Morte no alto. Aumentou o volume quando surgiu na tela a imagem de uma foto desfocada.

– "... mostra Ashley Lochlan sendo escoltada no Aeroporto Internacional de Dubai pelo chefe de segurança Farahd Al Murr" – dizia Andrea. A foto deu lugar a um vídeo em câmera lenta, filmado com um telefone celular. – "E aqui vemos claramente o sargento-detetive Fawkes com Ashley Lochlan no Terminal 1 do Aeroporto de Glasgow..."

– Disso a gente já sabia – falou Finlay.

– Tem mais – rosnou a chefe.

Andrea reapareceu na tela.

– "Uma fonte próxima à investigação nos revelou com exclusividade que a Srta. Lochlan depôs como testemunha no julgamento de Naguib Khalid, o Cremador, e possui vínculos com outras vítimas do Bonequeiro ainda não identificado. Essa mesma fonte também confirmou a participação do detetive Fawkes na operação para retirar Ashley Lochlan do país."

– Muito bem, garota – aplaudiu Finlay.

– *Hein?* – disse a comandante Vanita, perplexa.

– Emily. Ela não vazou nada de muito importante, apenas o suficiente pra

provar que a *menina* Ashley Lochlan não é o alvo real do assassino. Acho difícil que ele agora faça mais uma tentativa contra ela ou contra qualquer outra Ashley Lochlan que exista por aí. Andrea acabou de informar ao mundo que ele vai fracassar.

– Acabou de informar ao mundo que a Polícia Metropolitana é tão incompetente que essa mulher achou melhor agir por conta própria do que aceitar nossa proteção! – disse a comandante Vanita.

– Ela está salvando vidas.

– Mas a que preço?

O telefone começou a tocar na sala da comandante. Ela soltou um palavrão e saiu da sala, chamando Simmons como se ele fosse um cachorrinho. Simmons hesitou um instante, olhou para Finlay.

– Terrence! – chamou ela de novo.

E Finlay balançou a cabeça, decepcionado ao ver o ex-chefe obedecer de modo tão submisso.

– A subserviência da liderança... – resmungou ele para si mesmo.

Edmunds abriu caminho para Simmons e entrou na sala. Calmamente foi tirando sua papelada da mochila e colocando sobre a mesa, indiferente ao noticiário da TV. Já havia conversado longamente sobre tudo aquilo com Emily Baxter.

– Então é o Will mesmo? – perguntou Finlay.

– Sim – confirmou Edmunds, solene, entregando a ele uma das suas pastas.

– Não quero nem ver – disse Finlay, voltando sua atenção para a TV. – Acredito em você.

– Não me leve a mal, mas... você não me parece muito surpreso.

– Quando você está neste ramo há tanto tempo quanto eu, nada te surpreende mais. Apenas entristece. Se tem uma coisa que aprendi na vida foi isto: se você continuar sacudindo uma pessoa, vai chegar uma hora que ela vai sacudir você de volta.

– Você não está tentando justificar os atos de Wolf, está?

– Claro que não. Mas ao longo dos anos vi muita gente supostamente "boa" fazendo coisas horríveis: marido estrangulando a mulher que o chifrou; irmão matando o namorado violento da irmã... No fim das contas você acaba concluindo que...

– Concluindo o quê?

– Que não existe isso de "gente má" ou "gente boa". Existem apenas aquelas pessoas que foram sacudidas além da conta e as que não foram.

– Você fala como se estivesse torcendo pra que o Wolf não seja pego.

– Precisamos pegá-lo. Algumas daquelas pessoas não mereciam o que aconteceu a elas.

– E você acha que outras mereceram?

– Acho, sim. Mas fique tranquilo, rapaz. Quero pegar o Wolf mais do que qualquer um de vocês. No mínimo porque quero vê-lo vivo.

A comandante Vanita e o inspetor Simmons voltaram à sala e, acanhados, ocuparam suas respectivas cadeiras. Edmunds entregou a ambos o perfil que havia preparado para o Bonequeiro.

– Estamos correndo contra o tempo – disse ele –, então reuni numa lista tudo aquilo que sabemos sobre nosso homem, mais algumas suposições pra afunilar as possibilidades: sexo masculino; branco; altura entre 1,82 metro e 1,95 metro; calvo ou cabelos raspados bem curto; cicatrizes no antebraço direito e na nuca; coturnos tamanho 44, fabricados pelo Exército até 2012; militar na ativa ou reformado. Inteligência superior, que ele coloca à prova regularmente apenas pra satisfazer a própria vaidade. Emocionalmente frio, dá pouco valor à vida humana, gosta de desafios e quer ser testado. Está entediado, portanto o mais provável é que já tenha pendurado as chuteiras. A teatralidade do seu modo de operar é sinal de que ele está se divertindo com a coisa toda. Provavelmente solteiro. Um solitário, um pária. Levando em conta os preços absurdos de Londres, deve morar sozinho num quarto e sala numa parte menos valorizada da cidade.

– São muitas conjeturas aí – disse Simmons.

– Conjeturas com algum fundamento, o que é melhor do que nada – retrucou ele com firmeza. – Precisamos compilar uma lista de todas as pessoas que batem com essa descrição e que foram dispensadas do serviço militar antes de 2008, ano do primeiro dos nossos casos arquivados.

– Mais um belo trabalho, Edmunds – elogiou a comandante.

– Com sua permissão, eu gostaria de continuar trabalhando nos arquivos junto com o Finlay. Seria ótimo se o detetive Simmons pudesse compilar esta lista por mim.

Simmons não gostou nem um pouco de receber ordens de um reles novato, e ia soltar os cachorros quando a comandante falou:

– Tudo que você precisar. Imagino que Baxter esteja procurando por Fawkes, não?

– Ela não vai sair do lado daquela menina antes da meia-noite. Você pode até falar grosso, ameaçar, implorar... mas acho difícil que mude de ideia. No seu lugar eu não perderia tempo com isso.

Finlay e Simmons olharam um para o outro, estupefatos. O frangote agora dava ordens à *comandante*?

– O assassino está chegando cada vez mais perto a cada morte. Provavelmente vai querer terminar sua história com uma acareação. Se o encontrarmos, encontraremos o Wolf também.

A comandante Vanita deu a reunião por encerrada e saiu com Simmons para a sala dela. Edmunds pediu a Finlay que esperasse um pouquinho, queria falar com ele em particular. Meio sem jeito, começou:

– É uma pergunta... estranha.

– Tudo bem, manda bala.

– Ontem, você e o Simmons estavam falando de uma coisa...

– Você vai ter de ser um pouquinho mais específico – riu Finlay.

– Simmons usou esta palavra: "faustiano". Eu queria entender melhor o que ele quis dizer com isso.

– Pra falar a verdade, nem lembro mais o que foi dito *naquela* reunião.

Hora de sacar o caderno.

– Estávamos falando das vítimas, e a certa altura você disse: "... é como se fosse a lista de arqui-inimigos do Will, se ele não estivesse incluso nela." Aí o Simmons disse: "Faustiano, eu diria." Mais ou menos isso.

Finlay assentiu, lembrando-se da conversa.

– Não foi nada. Uma observação boba, só isso.

– Mas você pode me explicar?

Finlay encolheu os ombros, voltou a sentar.

– Anos atrás tivemos um onda de malucos jurando de pés juntos pela própria inocência enquanto a pilha de cadáveres ia crescendo em torno deles.

– Pessoas que botavam a culpa num demônio qualquer? Ou no Diabo? – perguntou Edmunds, fascinado.

– Sim. O álibi faustiano, como a coisa ficou conhecida – explicou Finlay.

– Mas como era exatamente o esquema dessas pessoas?

– Como assim, o esquema?

– Em termos práticos, como elas faziam?

– Termos práticos? – riu Finlay, confuso. – É só uma maluquice, garoto.

– Vai, me explica.

– Mas aonde é que você pretende chegar com essa bobagem?

– Pode ser importante. Por favor.

Finlay conferiu as horas no relógio. O tempo era pouco e precioso.

– Tudo bem. Funciona assim: tem por aí uns números de telefone, números comuns de celular. Ninguém sabe de quem são, ninguém nunca conseguiu rastreá-los. São usados pra uma única chamada, depois desativados. Se uma pessoa consegue falar com um desses números, ela recebe uma oferta e se topar...

– Um pacto com o Diabo – disse Edmunds, cada vez mais interessado.

– Exatamente, um pacto com *o Diabo* – suspirou Finlay. – Mas como em todas as histórias que envolvem o coisa-ruim, a via é de mão-dupla: você precisa oferecer alguma coisa em troca. – Ele sinalizou para que Edmunds se aproximasse, depois berrou no ouvido dele: – *Sua alma!* – E se dobrou de tanto rir com o susto do outro.

– Você acha que pode haver algum fundo de verdade nisso tudo? – perguntou Edmunds.

– O Diabo como diarista? Não, não acho – disse Finlay, agora sério. – Você tem coisas mais importantes pra fazer hoje, não tem?

Edmunds fez que sim com a cabeça.

– Então vai lá.

O Sr. e a Sra. Lochlan viam televisão na modesta salinha de Edmunds. Baxter estava à mesa da cozinha, mas de lá podia ouvir Ashley brincando no andar de cima. Ia se levantando para comer alguma coisa quando estranhou o súbito silêncio da menina. Apesar do barulho da TV, aguçou os ouvidos e redobrou a atenção. Tranquilizou-se assim que a ouviu sair do quarto e a viu descendo alegremente as escadas. Dali a pouco viu-a entrar na cozinha com uma infinidade de presilhas e flores distribuídas a esmo pelos cabelos.

– Olá, Emily – disse ela sorrindo.

– Olá, Ashley – respondeu a detetive. Nunca tivera muito jeito com as crianças, não sabia direito como conversar com elas. Era como se as pestinhas farejassem seu medo. – Você está muito bonita.

– Obrigada. Você também.

Dificilmente, pensou Emily, mesmo assim sorriu para a menina.

– Eu só queria saber se você ainda quer que eu avise se eu vir alguém lá fora.

– Claro, por favor! – disse Emily com o entusiasmo que conseguiu reunir. – Estou esperando um amigo – mentiu.

– Ok!

Emily aguardou que a menina voltasse correndo para o quarto, mas ela ficou parada onde estava, rindo.

– O que é?

– Que é o quê? – devolveu Ashley, rindo ainda.

– O que você está fazendo aí parada? – disse a detetive, com uma pontada de impaciência.

– Isso que você me pediu pra fazer! Vim avisar que tem uma pessoa lá no jardim!

Emily imediatamente apagou seu sorriso forçado. Arrastando Ashley pelo braço, saiu para a sala, jogou a menina nos braços dos pais assustados e sussurrou para eles:

– Subam pro quarto e tranquem a porta.

Assim que os viu na escada, voltou para a cozinha e tirou a arma da bolsa. Quando ouviu um barulho estranho do lado de fora, correu para a janela mais próxima, mas não viu nada.

Algo bateu contra a porta da frente.

Ela correu para o banheiro do corredor e apontou a Glock quando ouviu um ruído metálico na fechadura. A porta se abriu devagar. Percebendo um vulto à soleira, ela prendeu a respiração e esperou que ele passasse diante do banheiro. No momento certo saltou para o corredor e enfiou o cano da arma na nuca encapuzada, fazendo com que o invasor deixasse cair uma bolsa repleta de tesouras afiadas, luvas descartáveis e lâminas de barbear.

– Polícia – disse ela, examinando a estranha bagunça espalhada no chão. – Quem é você?

– Tia. Noiva do Edmunds. Eu *moro* aqui.

– Meu Deus! Desculpa, desculpa, desculpa... – disse ela, baixando a arma. – Eu sou a Emily. Emily Baxter. É um prazer finalmente conhecê-la.

O chefe de segurança do aeroporto de Dubai já havia conversado com Wolf quando Ashley desembarcou. Era um brutamontes que não parava de distribuir ordens à sua volta, de modo que ela não ficou nem um pouco surpresa quando entrou no avião para Melbourne e constatou que o homem havia obrigado a companhia aérea a modificar todo o mapa de assentos para acomodá-la. Agora sentia-se péssima, pois os demais passageiros se espremiam em todos os assentos disponíveis enquanto ela viajava sozinha na sua poltrona, cercada de quatro fileiras vazias.

O relógio de bordo refletia a mudança no fuso horário. Na Austrália era oficialmente domingo, mas ela deixaria para se sentir segura apenas quando passasse da meia-noite no fuso britânico.

Ao ouvir os planos de Wolf ainda em Glasgow, ela ficara com receio ao saber que teria de embarcar num avião repleto de inocentes: ao que tudo indicava, aquele assassino onipresente não conhecia limite, e nada impedia que entre os seus múltiplos talentos estivesse o de explodir em pleno voo um jato da aviação civil. Fazia horas que ela se agarrava aos braços da poltrona, esperando despencar a qualquer momento. Além disso, tal como Wolf havia instruído, ela não aceitara nada para beber e ficava atenta toda vez que alguém se levantava para ir ao banheiro.

De um segundo a outro as poucas luzes ainda acesas na cabine começaram a piscar. Os comissários de bordo não deram muita importância ao fato, seguiram zanzando entre os passageiros adormecidos. Mas a coisa piorou e ela então pôde sentir um tremor no braço da poltrona, um tremor cada vez mais violento. O ícone de "apertar os cintos" acendeu no alto com um sinal sonoro festivo demais para as circunstâncias.

Pronto, o assassino a tinha encontrado.

O avião inteiro começou a sacudir, acordando as pessoas. Ashley não pôde deixar de notar a súbita preocupação dos comissários, que foram voltando às pressas para os seus respectivos assentos, tranquilizando este ou aquele passageiro ao longo do caminho. As luzes então se apagaram por completo.

Ashley olhou pela janela, mas enxergava apenas o breu da noite. Era como se já estivesse morta.

Aos poucos os sacolejos foram diminuindo e não demorou para que as luzes se acendessem de novo, arrancando risos nervosos de muita gente. O ícone dos cintos se apagou. Pelo sistema de comunicação interna o piloto pediu desculpas pela turbulência, depois brincou, dizendo que naquela companhia todos tinham direito a massagem, não só os passageiros da primeira classe. Aos poucos as pessoas foram adormecendo outra vez.

Menos ela, Ashley, que contou cada um dos segundos e minutos até pousar em total segurança no aeroporto de Melbourne.

Andrea encerrou o noticiário com as palavras de sempre. A pauta havia sido bem melhor do que ela havia imaginado, mais leve que as anteriores, diversas pessoas desejando boa sorte a Ashley Lochlan ou dispensando conselhos para que ela finalmente conseguisse vencer o facínora até então invicto. O maldito Relógio da Morte agora fazia sua contagem regressiva, não para a morte de mais uma vítima, mas para o fracasso de um assassino, e um espectador havia ligado para sugerir que ele fosse rebatizado como Relógio da Vida – um primeiro sinal de otimismo naquele mar de notícias ruins. Quando os créditos finais começaram a rolar, ele marcava: - 16:59:56.

No entanto, o bom humor de Andrea desceu pelo ralo assim que ela voltou à redação e avistou Elijah empoleirado no seu mezanino, arrogante como sempre, sinalizando para que ela subisse.

Ela não subiu. Em vez disso foi para sua mesa e se deu alguns minutos para acalmar os nervos, tentando não pensar na gravidade da decisão que estava prestes a tomar ou que já havia tomado. Respirou fundo e só então atravessou o salão para subir a escada metálica que levava à sala do editor-chefe.

Wolf assistia ao noticiário no quarto de um hotelzinho barato pelo qual havia pagado com dinheiro vivo. As últimas horas tinham sido de pura tensão e o susto foi grande quando, pouco depois da meia-noite, seu celular pré-pago apitou na mesinha com a mensagem de texto de um número desconhecido. “Vivinha da silva. Bj, L.”, era o que estava escrito.

Ela estava segura.

Aliviado, ele retirou o chip do aparelho, fechou-o e já ia desligando a televisão quando percebeu que o Relógio da Morte acabara de virar: - 23:54:23. Sem que ele sequer tivesse notado, cinco minutos haviam passado daquele que podia ser seu último dia de vida.

Capítulo 32

Domingo, 13 de julho de 2014
6h20

A comandante Vanita e o detetive Simmons haviam saído às sete e meia e às nove da noite, respectivamente, ao passo que os detetives Edmunds e Finlay se preparavam para mais uma noite em claro no trabalho. A sargento Baxter se juntara a eles no início da madrugada, tendo despachado os Lochlans de volta para casa com uma escolta policial.

Depois de ter transformado a casa deles num albergue para estranhos, - Edmunds havia se preparado para uma enxurrada de mensagens e ligações de Tia, mas a futura mamãe passara o dia inteiro brincando com sua hóspede de 9 anos e mergulhara em sono profundo quando Emily enfim saiu.

Finlay vinha trabalhando na árdua tarefa de compilar sua lista de militares reformados. Na sala de reuniões, Edmunds revirava pelo avesso a papelada que havia despejado das suas caixas de arquivo, tentando ligar os inúmeros pontos.

Emily sempre estranhava a atmosfera do departamento durante a madrugada. Ainda que o prédio fervilhasse de funcionários movidos a cafeína, o pessoal da noite parecia bem mais silencioso, assim como a iluminação parecia mais branda em razão da quantidade maior de salas e corredores vazios. Sem falar nas campainhas de telefone, bem menos frequentes e escandalosas que no turno normal, quando muitas vezes as pessoas precisavam gritar para serem ouvidas.

Às 6h20 Finlay roncava baixinho na sua cadeira enquanto Emily levava adiante a odiosa compilação. Guiando-se pelo perfil estabelecido por Edmunds e diante do expressivo contingente eliminado pela gravidade das deficiências

físicas, até então eles haviam chegado a uma lista de apenas 26 nomes entre os primeiros mil examinados.

Alguém pigarreou por perto.

Erguendo o rosto, Emily deparou com um auxiliar de boné à sua frente.

– São para o detetive Alex Edmunds – disse ele, apontando para as sete caixas acondicionadas no carrinho às suas costas.

– Ok, ele está logo ali na... – Virando-se para a sala de reuniões, ela viu Edmunds arremessar uma caixa para longe num acesso de raiva. – Pode deixar que eu mesma entrego a ele – falou ela ao rapaz.

Uma chuva de papéis caiu sobre sua cabeça quando ela fechou a porta de vidro atrás de si.

– Não consigo enxergar isso que *ele* enxergou! – berrou Edmunds, cada vez mais irritado. – O que ele descobriu nisto aqui? – disse e arremessou mais um punhado de papéis na direção da antiga chefe. – Nenhuma impressão digital, nenhuma testemunha, nenhuma conexão entre as vítimas... nada!

– Ok, rapaz, fica frio. A gente nem sabe se isso que o Wolf descobriu continua aí – disse ela.

– E também não há como verificar, porque ele terceirizou os serviços de perícia. Pra piorar, hoje é domingo e está tudo fechado! – Edmunds se esparramou no chão. Estava exausto, as olheiras mais negras e profundas do que nunca. Deu um tapa na própria cara, depois disse: – Não é uma boa hora pra ser burro ou incompetente! Não temos tempo pra isso!

Emily percebeu então que o esforço do garoto, que havia produzido resultados tão brilhantes, não era motivado por um desejo de mostrar serviço para o resto da equipe, nem por ambição, nem por vaidade, mas, sim, por uma necessidade patente e quase patológica de controle. Edmunds era muito mais parecido com Wolf do que imaginava, mas, diante das circunstâncias, aquele não era exatamente um bom momento para dizer isso a ele.

– Chegaram umas caixas aí pra você – disse ela.

Edmunds olhou para ela com uma careta de espanto.

– Por que você não falou antes? – perguntou, e levantou de um pulo para buscá-las.

Fazia uma hora que Wolf esperava no mesmo ponto de ônibus na rua Coventry e

a garoa fina começava a ensopar suas roupas. Durante todo esse tempo ele não havia despregado os olhos de um estabelecimento no outro lado da rua, um cibercafé que de algum modo, assim como aquelas inúmeras lojinhas de suvenir que vendiam quinquilharias da Família Real, conseguia sobreviver naquela vizinhança de lojas caríssimas.

Ele havia seguido o homem até ali, mantendo certa distância ao vê-lo pegar o metrô na Goldhawk Road, depois abrindo caminho na multidão reunida em torno dos artistas de rua em Covent Garden, depois entrando no tal cibercafé, que não ficava muito longe de Picadilly Circus.

A temperatura caíra o bastante para que sua presa se camuflasse no uniforme londrino para os dias chuvosos: sobretudo preto, sapatos pretos, guarda-chuva preto. Além disso, por vezes não era fácil acompanhar os passos ágeis do grandalhão através das hordas que enchiam as calçadas. Volta e meia alguém trombava com ele, vindo na direção contrária, ou então tentava pará-lo para pedir uns trocados ou entregar um panfleto. Mas nenhum deles podia imaginar o monstro que ia ali: um lobo selvagem em pele de cordeiro.

Pouco depois de deixar Covent Garden ele tinha tomado um atalho através de uma ruazinha mais tranquila e Wolf, seguindo muito atrás, aproveitara a oportunidade para apertar o passo e encurtar a distância entre eles. Estava quase correndo atrás do sujeito, que, aliás, nem desconfiava da sua presença, quando um táxi dobrou a esquina e parou mais adiante na rua, obrigando-o a despistar e retomar a caminhada normal rumo à movimentada avenida em que vira o homem entrar.

De repente a garoa deu lugar a uma chuva de verdade. Wolf subiu as lapelas do sobretudo preto e se encolheu para se proteger do frio. Na vitrine do cibercafé havia um relógio de néon que aos poucos foi se tornando ilegível por conta da água, lembrando a Wolf que aquele era o seu último dia, aquela era sua última chance.

Ele estava perdendo tempo.

Isobel Platt vinha recebendo um intensivão de última hora para aprender a lidar com uma gravação de estúdio. Ao que parecia eram necessários cinco técnicos para explicar à repórter absurdamente bonita os momentos certos de olhar para esta ou aquela câmera. Isobel havia optado por se vestir da maneira mais

conservadora possível para aquela inesperada oportunidade na sua incipiente carreira, mas Elijah já dera seu pitaco, ordenando que ela desabotoasse três casas da blusa.

Embora o formato da sua estreia em estúdio fosse relativamente simples – uma entrevista direta com apenas duas inserções de vídeo –, ela sabia que era esperada uma audiência na casa dos muitos milhões para aqueles reles trinta minutos de programa, gente de todo o planeta. Bastava pensar nisso para que Isobel tivesse ânsias de vômito.

Essa nunca havia sido sua ambição. Aliás, ela nem mesmo havia almejado o emprego de repórter; ficara tão perplexa quanto todos os demais ao ser convidada para o posto sem nenhuma experiência ou qualificação. O namorado insistia para que ela continuasse, mas ela odiava aquele trabalho e decidira que cedo ou tarde pediria as contas.

Todos na redação a viam como burra, ou como piranha, ou como uma piranha burra. Ela sabia muito bem o que cochichavam às suas costas. Era a primeira a admitir que não era nenhum gênio, mas enquanto outros eram perdoados por suas mancadas só porque tinham um mínimo de formação, Isobel era constantemente ridicularizada. Então se fazia de boba, ria das piadinhas idiotas e naquele exato momento fingia estar muito honrada com a oportunidade recebida, quando na verdade preferia mil vezes que Andrea estivesse ali no seu lugar, lidando com a pingue-pongue daquelas câmeras, com o timing complexo do programa.

– Assim vou acabar ficando mal acostumada – disse ela quando alguém a empurrou para a bancada na sua cadeira de rodinhas.

– Melhor não – falou Andrea, atravessando o estúdio a caminho da maquiagem, chegando surpreendentemente cedo para seu primeiro dia na nova posição. – Você só está aí porque não posso entrevistar a mim mesma, certo?

– Encontrei uma coisa! – berrou Edmunds da sala de reuniões.

Finlay, Vanita e Simmons haviam se aproximado quando Emily entrou também e fechou a porta às suas costas. O chão era um mar de papéis espalhados, e Simmons precisou contar até dez para não repreender o novato pela bagunça. Edmunds retirou alguns documentos de uma das caixas de arquivo e distribuiu para os quatro.

– Vamos lá – disse ele ofegante. – Vou pedir um pouquinho de paciência. A coisa ainda está meio confusa. Espera aí, esses não. – Puxou de volta os papéis que acabara de entregar a Simmons, jogou-os no chão e sinalizou para que ele acompanhasse com Finlay. Só então começou: – Este é um dos casos que o Wolf consultou nos arquivos. Stephan Shearman, 59 anos, CEO de uma empresa de eletrônicos em situação de falência. O filho dele era diretor da companhia e se matou depois que uma operação de fusão deu errado. Ou algo assim, não é importante.

– E qual é a relevância dessa história? – questionou Vanita.

– Foi o que eu fiquei me perguntando também – disse Edmunds, empolgado. – Mas adivinha quem foi o responsável pelo fracasso da tal fusão? Gabriel Poole Junior.

– Quem? – perguntou Emily, falando pelo grupo.

– O herdeiro da empresa de eletrônicos que desapareceu do quarto de hotel: piscina de sangue no chão, nenhum corpo.

– Ah – comentou ela, fingindo interesse. Todos ali tinham coisas mais importantes para fazer.

– Esta aqui – disse ele, esvaziando mais uma das caixas de papelão. – A filha dele foi morta por uma bomba... – Apontou para outra caixa. – ... plantada por este homem, que conseguiu morrer por sufocamento numa cela trancada.

Os quatro se entreolharam sem entender nada.

– Vocês não estão percebendo? – disse Edmunds. – São crimes *faustianos*!

Eles entenderam menos ainda.

– Isso é uma lenda urbana, rapaz – resmungou Finlay.

– São todos a mesma coisa! *Todos!* Crimes de vingança seguidos de um sacrifício! Era isso que faltava entender: a presença do próprio Wolf na lista dos inimigos dele. Mas agora tudo se encaixa!

– Isso é absurdo – disse Simmons.

– Uma grande conjetura, devo admitir – emendou a comandante Vanita.

Edmunds vasculhou o conteúdo de uma caixa, tirou dela um papel. Um relatório.

– Joel Shepard – disse. – Morreu seis meses atrás, talvez por suicídio. Condenado por três homicídios de vingança, convencido de que o Diabo estava vindo buscar a alma dele. Estava internado num hospital psiquiátrico.

– Bem, isso explica muita coisa – riu Simmons.

– No hospital St. Ann's – explicou Edmunds. – Estava internado lá na mesma época em que o Wolf. Dez dias atrás o Wolf retirou esta caixa dos arquivos e agora uma prova sumiu de dentro dela.

– Que prova? – perguntou Vanita.

– Uma página da Bíblia. Uma página ensanguentada, como está descrito aqui neste relatório. Acho que o Wolf descobriu alguma coisa.

– Então você está dizendo que o nosso Bonequeiro é muito mais prolífico do que tínhamos imaginado inicialmente? – perguntou a comandante Vanita.

– Estou dizendo que estes crimes faustianos não são apenas uma lenda urbana. Estou dizendo que os crimes do Boneco *também são* crimes faustianos. O Wolf descobriu a identidade do assassino e está por aí em algum lugar, caçando um indivíduo que acredita piamente ser, no mínimo, uma encarnação do Diabo.

A porta do cibercafé se abriu e um homem saiu para se misturar aos pedestres que seguiam feito um enxame de mariposas rumo às luzes de Piccadilly Circus. Wolf deu alguns passos para a direita para ver melhor, mas o rosto do sujeito já se escondia do outro lado do guarda-chuva que ele acabara de abrir e das pessoas que o cercavam.

O homem começava a se afastar e Wolf precisava tomar uma decisão rápida: permanecer onde estava ou ir atrás dele. Podia jurar que era sua presa que ia ali, estava a um passo de perdê-la de vista. Atravessou a rua depressa, cobrindo o próprio rosto para evitar ser reconhecido pelos tripulantes de um carro de patrulha estacionado. A chuva se intensificou de repente, afugentando alguns para o abrigo mais próximo e obrigando outros a sacar o guarda-chuva, o que vinham evitando fazer bravamente até então. Não demorou para que ele visse dez ou doze guarda-chuvas idênticos se abrirem em torno daquele que lhe interessava, todos pretos.

Receando perder definitivamente sua presa de vista, ele embrenhou-se pela rua e correu uns 10 metros até alcançar o vulto imponente do homem. Passando pela vitrine de uma loja, procurou ver o rosto dele refletido no vidro: precisava ter certeza de que estava perseguindo a pessoa certa antes de agir. Seu comportamento estranho vinha chamando a atenção dos que estavam por perto

e, de repente, ele se viu cercado por dois ou três curiosos que certamente o haviam reconhecido dos jornais e noticiários. Empurrando-os sem nenhuma cerimônia, ele apertou o passo novamente e quando passou pelo Trocadero tinha apenas duas pessoas como obstáculo no seu caminho até o homem. Ultrapassou a primeira e levou a mão para a faca que escondia no interior do casaco, uma faca de cozinha com 15 centímetros de lâmina.

Não poderia errar. Não poderia correr o risco de que o assassino sobrevivesse.

Ele vinha esperando pelo momento perfeito de entrar em ação, um parque tranquilo ou uma ruazinha vazia, mas percebera que aquele formigueiro de gente era o que mais lhe convinha. Seria apenas mais um rosto na multidão, mais um pedestre a se assustar quando o corpo desabasse na calçada.

Wolf viu quando ele virou o rosto antes de atravessar uma rua. Não tinha mais dúvida: era o homem certo. Então tomou sua posição atrás dele, perto o bastante para receber no rosto os pingos que caíam do guarda-chuva do vizinho. Depois sacou a faca e a manteve junto do peito, respirando fundo para firmar as mãos. Bastaria uma única estocada para enterrar a lâmina na nuca à sua frente.

De repente algo chamou sua atenção do outro lado da rua: seu nome e o de Andrea rolavam na fachada do Criterion Building, mais precisamente no cilindro de vidro que separava os quatro cavalos de Hélio das três filhas douradas do deus-sol. Ele levou um instante pra perceber que as letras invertidas eram um reflexo do luminoso da LG às suas costas, sob o qual um letreiro anunciava: "... ENTREVISTA EXCLUSIVA DE ANDREA HALL/FAWKES ÀS 13H. NÃO PERCAM..."

Wolf foi despertado dos seus pensamentos quando os carros pararam no sinal e as pessoas à sua volta começaram a passar por cima dele para atravessar a rua, fazendo com que novamente perdesse de vista o assassino. Aflito, guardou a faca na manga do casaco, seguiu adiante e correu os olhos por toda parte, procurando pelo homem na enxurrada de guarda-chuvas pretos. Um aguaceiro desabou de repente, para desespero dos turistas despreparados.

Assim que alcançou o famoso cruzamento, Wolf se viu cercado não só dos luminosos que multicoloriam o céu cinzento, mas sobretudo da horda de pedestres que vinha na direção contrária. Então se deu conta de como estava

vulnerável, acotovelando-se indistintamente com aquelas pessoas, uma das quais não era o que aparentava ser.

Wolf começou a se apavorar. Na ânsia de sair dali, foi abrindo caminho na multidão, derrubando quem precisasse derrubar, perdendo sua faca no caminho. Via apenas rostos hostis a seu redor e quando deu por si estava correndo no meio da rua entre os carros engarrafados, aqui e ali virando o rosto para trás. Para ver se a morte não vinha no seu encalço.

Hospital St. Ann's

Sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011
7h39

Joel rezava ajoelhado no chão frio como fazia todos os dias antes do café da manhã. Fora acordado no horário normal pelo enfermeiro que destrancara a porta para colocar as algemas que ele agora era obrigado a usar sempre que saía do quarto. Duas semanas antes atacara uma enfermeira numa bem-sucedida tentativa de prolongar sua internação. Gostava da moça, receava tê-la machucado mais que o necessário, mas não podia sair dali. Sabia que era uma grande fraqueza fugir do próprio destino, mas conhecia a si mesmo, havia muito aceitara a própria covardia.

Alguém gritou no corredor e passou correndo pela porta aberta do quarto. Ele interrompeu suas orações e dali a pouco ouviu um berro mais ao longe no prédio, um grito angustiado o bastante para fazer seu coração disparar dentro do peito. Levantando-se para ver o que era, deparou com diversos internos fazendo o mesmo que ele, espiando à porta dos seus respectivos quartos, olhando na direção da sala de recreação. Um enfermeiro parrudo surgiu segundos depois, gritando enquanto corria:

– De volta pra cama, todo mundo! Não quero ninguém no corredor!

Seguiu-se outro grito, tão desesperado quanto o primeiro.

Desobedecendo às ordens do enfermeiro, Joel e outros tantos seguiram correndo para as portas de vidro da sala de recreação, onde eles passavam boa parte do dia. Assim que ouviu um terceiro grito, reconheceu a voz de Wolf. Então abriu caminho entre os curiosos e entrou na sala.

Por toda parte viam-se móveis quebrados ou rachados. Um médico jazia inconsciente no chão, socorrido pelos enfermeiros. Wolf estava completamente

fora de si. Três funcionários do hospital tentavam imobilizá-lo enquanto uma enfermeira apavorada pedia ajuda por telefone.

– Eu falei pra eles, eu avisei! – gritava Wolf, olhando furioso para a televisão da sala. – Eu *avisei* que ele ia fazer isso!

Assustado, Joel olhou para a televisão também. Numa rua qualquer da capital, uma repórter transmitia sua matéria enquanto dois policiais aturdidos improvisavam uma cortina para esconder aquilo que fumegava do outro lado.

– Eu poderia ter evitado! – berrou Wolf, o rosto empapado de lágrimas. E tentou se desvencilhar com gestos violentos quando um médico se aproximou erguendo uma seringa grande, não muito diferente da de um veterinário disposto a sacrificar o urso feroz à sua frente.

Tudo ficou claro para Joel quando a repórter repetiu o pouco de informação que havia conseguido divulgar:

– "Para os espectadores que estão chegando agora, testemunhas afirmam que Naguib Khalid, principal suspeito dos crimes do Cremador, e absolvido destes mesmos crimes no último mês de maio, foi novamente preso pela polícia. Relatos ainda não confirmados dão conta de mais um homicídio e, como vocês podem ver, ainda há fumaça do outro lado do cordão de isolamento da polícia..."

Wolf gritou quando o médico espetou a agulha enorme em seu braço esquerdo, depois amoleceu o corpo, e os funcionários do hospital, já cansados, tiveram dificuldade para sustentar o peso dele. Antes de apagar completamente, Wolf olhou para Joel, que o fitava sem nenhuma expressão no olhar, nem de piedade, nem de surpresa, apenas meneando a cabeça como se dissesse: "Eu entendo."

Já havia anoitecido quando Wolf voltou a si. Deitado em seu quarto e com a visão um pouco turva, ele demorou alguns segundos para entender por que não conseguia erguer as mãos para afagar a cabeça que latejava: os enfermeiros o haviam amarrado à cama. Em vão ele tentou se desvencilhar das espessas pulseiras de couro, a fúria de antes ainda circulando nas veias. Lembrando-se das imagens do noticiário, da fumaça que espiralava sobre a cortina improvisada pelos policiais, ele espichou a cabeça para o lado e vomitou no chão. Sabia perfeitamente o que havia atrás daquele lençol. Podia muito bem imaginar o suplício de mais aquela vítima do Cremador. Um suplício desnecessário.

Ele precisava se concentrar. A raiva o consumia por dentro, nublando os pensamentos. Então fechou os olhos e, murmurando, começou a enumerar todas as pessoas que responsabilizava por mais aquela tragédia. Ainda pensava nisso quando uma ideia atravessou sua cabeça: um último recurso, um ato de desespero, ruminações confusas de uma mente instável.

– Enfermeira! – chamou ele. – Enfermeira!

Levou mais de cinquenta minutos para persuadir os médicos a soltá-lo da cama e outros trinta para arrancar deles a permissão para usar o telefone. Enquanto esperava por uma decisão, pegara a folha amassada que havia escondido debaixo do colchão; quase havia se esquecido dela por completo.

Com as pernas ainda um tanto bambas, precisou de ajuda para ficar de pé e caminhar até o telefone da estação das enfermeiras. Assim que se viu sozinho, desdobrou o papel amassado e pela primeira vez atentou para o que estava escrito abaixo dos dígitos: "Deus. Diabo. Alma. Inferno." Apoiando-se na parede para não cair, discou o número anotado e esperou. Dali a pouco ouviu um clique abafado do outro lado da linha, seguido de um estranho silêncio.

– Alô? – disse ele, nervoso.

Mais silêncio.

– *Alô?* – insistiu ele.

Por fim foi atendido por uma voz feminina automatizada:

– Deixe. Seu nome. Completo. Após. O sinal.

Wolf esperou pelo bipe, depois disse:

– William Oliver Layton-Fawkes.

Como resposta obteve apenas um novo e interminável silêncio. Sabia que isso não era racional, mas havia algo de desconcertante naquela voz robótica, algo na entonação ou no timbre. Era como se do outro lado da linha houvesse alguém se divertindo com o desespero dele, rindo dele.

– Em. Troca. De? – disseram afinal.

– Naguib Khalid... O prefeito Raymond Turnble... Madeline Ayers... O segurança do tribunal... O detetive Benjamin Chambers... E quem mais tiver nas mãos o sangue daquela menina – rosnou Wolf.

Silêncio.

Ele esperou mais um pouco, mas enfim desligou. E riu de si mesmo. Apesar dos medicamentos que ainda faziam efeito, tinha plena consciência do quão

ridículo era aquilo. Por algum motivo, no entanto, sentia-se mais leve depois de ter dito aqueles nomes todos em voz alta, ainda que para uma secretária eletrônica.

Estava a meio caminho do quarto quando ouviu o mesmo telefone tocar às suas costas, mas com uma campainha ensurdecedora que o fez cair de joelhos e tapar os ouvidos com as mãos. Cogitou se era possível um telefone tocar tão alto assim ou se a medicação havia afetado também seus sentidos.

Um dos enfermeiros obesos passou por ele às pressas, resmungando algo incompreensível enquanto corria para o telefone. Wolf ficou aflito ao vê-lo atender a chamada, perguntando-se quem, ou o quê, poderia estar do outro lado da linha.

O homem abriu um sorriso largo, depois disse:

– Eu sei, eu sei... Desculpa. Um dos pacientes estava usando o aparelho.

Wolf se levantou como pôde e foi se arrastando de volta para o quarto, aventando a possibilidade de que realmente estivesse ficando louco.

Capítulo 33

Domingo, 13 de julho de 2014
13h10

O detetive Finlay riscou mais um nome na sua lista e se presenteou com dez segundinhos de alongamento antes de atacar os quatrocentos militares reformados restantes. Emily Baxter debruçava-se sobre sua mesa, compenetrada no que fazia, fones de ouvido bloqueando o burburinho à sua volta. Edmunds havia deixado a sala de reuniões num estado deplorável e agora, no computador de Simmons, acessava um programa do qual Finlay nunca tinha ouvido falar.

Simmons, por sua vez, estava na toca da comandante Vanita para assistir com ela à entrevista de Andrea Hall, ambos se preparando para juntar os cacos da polícia após mais uma bomba despejada pela bela ex-mulher de Wolf. Não precisavam de um Relógio da Morte para saber que estavam correndo contra o tempo.

Finlay leu o nome seguinte na sua lista. Para chegar a um elenco final de suspeitos ele vinha somando o pouco que o Ministério da Defesa lhe permitira acessar nos seus bancos de dados àquilo que podia encontrar nos registros da Polícia Nacional e da própria Polícia Metropolitana, às vezes até mesmo no Google. Estaria mais tranquilo se eles estivessem arriscando menos, pois nada impedia que o Bonequeiro ainda estivesse na ativa ou fosse um militar. Melhor não pensar nisso. Essa era a última esperança que eles tinham de encontrar Wolf e só o que eles podiam fazer, tanto ele quanto Emily, era continuar fornecendo nomes de possíveis suspeitos a Edmunds.

Saunders veio caminhando feito um pavão e fincou os pés diante da mesa de Emily, mas ela seguiu trabalhando com os fones nos ouvidos, esperando que ele

entendesse o recado e fosse embora. Não demorou para que o outro acenasse a mão diante dela.

– Vaza, Saunders – esbravejou ela.

– Uau! Pra que tanta marra? Só vim saber como você estava. Afinal, depois desse último escândalo anunciado por Andrea Hall... – disse ele com um sorrisinho irônico. – Sobre Wolf e uma colega de trabalho "não identificada"... Quer dizer, todo mundo já desconfiava, né? Mesmo assim... – Ele se calou imediatamente quando viu a expressão no rosto da detetive. Chegou a recuar um passo, depois balbuciou alguma coisa inaudível e se afastou.

Ela ficou chocada com o que ouviu. E um tanto magoada também, por mais que lhe custasse admitir. Acreditava que ela e Andrea tivessem acertado seus ponteiros e que a outra finalmente tivesse aceitado a verdade de que nada havia acontecido entre ela e Wolf. Por outro lado, o que esperar de uma mulher que não tinha o menor escrúpulo de divulgar intimidades do ex-marido horas antes do possível assassinato dele? Ainda assim o que ela agora estava sentindo diante das pequenas traições da jornalista não era nada se comparado ao que ela sentia em relação à traição de Wolf.

Dali a uma hora, catando seus milhos no teclado, Finlay digitou o nome seguinte no computador. Era vergonhosamente mais lento que a detetive Baxter, mas queria ir o mais fundo possível antes que ela terminasse sua própria metade e viesse buscar mais nomes com ele. As informações do Ministério da Defesa eram sucintas como sempre: "Sargento Lethaniel Masse, Nasc.: 16/02/1974, (HUMINT), Serviço de Inteligência, dispensado por invalidez em junho de 2007".

– De que lado será que eles estão? – resmungou Finlay para si mesmo, já achando que aquela gente não conseguiria ser mais vaga nem se tentasse. Num guardanapo que havia sobrado do almoço ele rabiscou "inteligência militar".

Uma pesquisa no Google produziu páginas e mais páginas de resultados, quase sempre com matérias de jornal e fóruns de discussão. Ele abriu o primeiro link da lista: "... Sargento Masse, temporariamente transferido para o regimento de infantaria Mercian do Exército Britânico... único sobrevivente ao ataque que vitimou outros nove da sua unidade... comboio atropelou uma bomba caseira ao sul de Hyderabad, na província de Helmand... hospitalizado com lesões internas graves e queimaduras 'devastadoras' no rosto e no tórax."

No mesmo guardanapo, ao lado de uma mancha de café, ele rabiscou: "Sobrevivente – Megalomania?" Consultando a base de dados da Polícia Nacional, ficou surpreso ao encontrar um número bem maior de informações a respeito do tal sargento, incluindo altura (1,92 metro), estado civil (solteiro), ocupação (desempregado), registro de invalidez (sim), parente mais próximo (nenhum) e endereços conhecidos (nenhum nos últimos cinco anos).

Empolgado com o número de semelhanças com o perfil estabelecido por Edmunds, ele passou para a página seguinte e ali encontrou o motivo para tantas informações sobre Lethaniel Masse. Dois links faziam parte do dossiê. O primeiro levava a um boletim de ocorrência criado pela Polícia Metropolitana em junho de 2007:

> 2874 26/06/2007.
> Clínica de Saúde Ocupacional, 57 Portland Place, W1, 3º andar.
> [14h40] Comparecimento ao endereço após denúncia de tumulto: comportamento agressivo do paciente Lethaniel Masse com a equipe de funcionários da clínica. Chegando ao local, altercação ouvida nos andares superiores. Encontramos o Sr. Masse (cidadão britânico, branco, 30-40 anos, mais de 1,90 metro de altura, cicatrizes no rosto) sentado de pernas cruzadas no chão, olhando para o nada com um talho em sangue numa das faces. Mesa caída no chão, janela rachada. Enquanto colega interrogava o Sr. Masse, fui informado de que o talho da cabeça era autoimpingido e que não havia mais feridos no recinto. Acompanhado pelo Dr. James Bariclough num caso de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático), paciente entrou em surto após ser informado de que não poderia voltar ao serviço militar em razão das suas sequelas físicas e mentais. Nem o médico nem os funcionários quiseram prestar queixas. Nenhum motivo para detenção ou envolvimento adicional da polícia. Ambulância solicitada em razão do ferimento na cabeça e do risco de suicídio diante das condições mentais do paciente. Ficaremos no local até a chegada do veículo.
> [15h30] Chegada dos paramédicos.
> [15h40] Escolta aos paramédicos até o University College Hospital.
> [16h05] Operação encerrada.

Ansioso para dividir sua descoberta com o resto da equipe, Finlay percebeu que já estava de pé quando abriu o segundo link, uma pasta com três arquivos de imagem. Os dois primeiros não mostravam nada de relevante (um computador quebrado ao lado de uma mesa tombada, as vidraças rachadas de uma janela grande), mas o terceiro provocou nele um arrepio na espinha: Lethaniel Masse sentado no chão, observado de longe por alguns funcionários da clínica. O que mais o assustava não eram exatamente as cicatrizes horríveis no rosto do homem, mas o olhar dele: um olhar fixo, frio, calculista. Na sua longa carreira de policial ele já havia encontrado um número suficiente de monstros para saber que todos tinham em comum aquele mesmo olhar doentio que agora parecia encará-lo de volta na tela do computador.

– Emily! Edmunds! – chamou ele.

Lethaniel Masse era um assassino, quanto a isso não havia dúvida. Se era o Bonequeiro, o Diabo Faustiano ou os dois, tanto fazia. Edmunds que se virasse para averiguar as provas, porque ele e a detetive Baxter tinham coisa bem mais importante a fazer: encontrar o homem.

A paciência de Wolf chegava ao limite. Fazia horas que vinha acompanhando a chuva através da única janela do claustrofóbico apartamento, volta e meia limpando o vapor das vidraças, rezando para que Masse não demorasse a chegar, totalmente consciente de que poderia ter desperdiçado a única oportunidade que tivera para dar fim àquilo que ele próprio havia desencadeado anos antes.

Teria de se adaptar, de improvisar. Supunha que àquela altura estivesse muito além de qualquer redenção possível. Jamais poderia ter imaginado que seria obrigado a fazer sua parte sob os holofotes da mídia ou que, entre todas as pessoas possíveis, Masse escolhesse justamente Andrea como sua mensageira. Se as coisas tivessem tomado um rumo diferente, na manhã de terça-feira ele poderia chegar à New Scotland Yard como herói, mais um alvo inocente do ex-militar que ele fora obrigado a matar em legítima defesa. Qualquer prova do seu envolvimento morreria com Lethaniel Masse.

Ele ainda tinha consigo os recortes de jornal que havia escolhido cuidadosamente para plantar no apartamento do homem. A maioria deles tinha a ver com o julgamento do Cremador, relatos acusatórios de todos os tropeços (com os nomes sublinhados) que haviam culminado na morte desnecessária da

menina Annabelle Adams. Outros falavam das tentativas das Forças Armadas de minimizar o número de crianças e civis mortos no Afeganistão, sobretudo naquelas manobras de infantaria das quais fazia parte o regimento de Masse. Wolf confiava que esses fatos, somados às sequelas do episódio com a bomba caseira no deserto afegão, bastassem para explicar a perturbação mental do ex-militar.

Tudo isso agora era irrelevante. Ele soltara nas ruas da capital um predador com tendências sádicas e qualquer esperança que pudesse ter de uma vida minimamente normal havia se desintegrado juntamente com seu plano original. Elizabeth Tate e a filha dela nunca deveriam ter sido enredadas naquele horror. Fora uma grande imprudência envolver-se com Ashley Lochlan. E o maior imprevisto de todos: Alex Edmunds.

O novato vinha rondando desde o início, havia descoberto pelo menos um dos assassinatos mais antigos e mais atrapalhados de Masse. Era apenas uma questão de tempo até que ligasse todos os pontos. Se Wolf não tivesse cometido a burrice de soltar os cachorros para cima do garoto, naquele momento saberia exatamente o que ele e os outros haviam conseguido desenterrar.

Nada disso era tão importante quanto Emily ter descoberto não só o que ele havia feito, mas também o que ainda precisava fazer. Sabia que ela jamais conseguiria entender, por mais que tentasse. Apesar de todas as provas em contrário, ela ainda acreditava na lei, na justiça, naquele sistema podre que favorecia a todos os falsos e corruptos que operavam tranquilamente no seio de uma sociedade apática. Ela o veria como um inimigo, como alguém não muito diferente de Lethaniel Masse. O que, para ele, era insuportável.

Wolf ouviu a porta bater na portaria do prédio decrépito. Rapidamente buscou o martelo que havia encontrado sob a pia da cozinha e ficou esperando junto à porta de compensado. Segundos depois ouviu outra porta bater no andar de baixo, alguém ligando a televisão. Então baixou a guarda e voltou para a janela, cuja vista não poderia ser mais triste: as instalações desativadas do Shepherd's Bush Market e, para além delas, os trilhos do trem.

No apartamento não havia televisão, nem computador, nem espelhos. Seis conjuntos idênticos de roupas esperavam no armário com as peças meticulosamente dobradas nas gavetas ou penduradas nos cabides. Na geladeira, apenas uma caixa de leite. No lugar da cama, apenas um colchão fino no chão,

prática comum entre os soldados que voltavam da guerra intactos por fora mas irremediavelmente alterados por dentro. Os livros de uma estante davam a impressão de terem sido organizados pela cor: *Sobre a guerra e a moral*; *A espécie acidental: equívocos sobre a evolução humana*; *Enciclopédia dos explosivos*; *Usos da bioquímica na medicina...*

Limpando mais uma vez o vapor da vidraça, Wolf viu um carro parado mais adiante na rua estreita. Um carro ligado, ele podia ouvir o ronronar do motor através das frestas na esquadria, que não eram poucas. Não reconhecia nem marca nem modelo, mas podia ver que era um carro caro demais para pertencer a qualquer um dos moradores daquela modesta vizinhança. Então ficou de pé, intuindo que algo estava errado.

O carro arrancou de repente e parou logo abaixo da sua janela no segundo andar, atropelando gramado e canteiros, seguido de perto por duas Unidades Armadas da polícia.

– Merda – disse ele, afastando-se rapidamente.

Saindo ao corredor escuro, deixou a porta do apartamento de Masse bater às suas costas e dali mesmo pôde ouvir as passadas dos policiais que subiam a escada do prédio. Não havia para onde fugir: nenhuma escada de incêndio, nenhuma janela, apenas a porta do outro apartamento no mesmo andar.

Ele chutou uma vez: nada. Ao chutar outra vez, abriu uma rachadura no compensado. Depois disso bastou uma ombrada forte para que a madeira da fechadura enfim cedesse ao impacto. Ele entrou, encostou a porta arrombada e segundos depois ouviu alguém esmurrar a porta de Masse.

– Polícia! Abra!

Foi com o auxílio de um Enforcer, uma versão moderna do aríete medieval, que eles conseguiram entrar no minúsculo apartamento do sargento reformado. Não era a primeira vez que Wolf ouvia aquele estrondo de aço contra madeira. Com o coração a mil, ele se agachou junto da porta e ficou ouvindo os ruídos preocupantes da busca que os policiais armados vinham fazendo a poucos metros de distância.

– Tem só um quarto na porra deste apartamento! – disse uma voz conhecida no corredor. – Se não encontraram nada até agora, não vão encontrar nunca!

Wolf levantou-se novamente e, espiando pelo olho mágico, viu os detetives Baxter e Finlay esperando com impaciência no corredor. Houve um momento

em que Emily olhou diretamente na sua direção e ele chegou a pensar que tinha sido descoberto. Notando a fechadura quebrada, ela disse para Finlay:

– Um prédio familiar...

Em seguida empurrou a porta de leve, abrindo uma pequena fresta até a madeira bater contra os pés de Wolf. Virando o rosto, ele viu que do outro lado da janela às suas costas ficava o terraço do prédio vizinho, próximo o bastante para que ele o alcançasse com um só pulo.

– Não tem ninguém aqui, mas encontramos isto – disse um dos policiais, saindo para o corredor com um laptop nas mãos. – Estava escondido dentro do colchão e é um dos seus – disse ele com um olhar de censura.

Com efeito, um adesivo na tampa indicava que o computador pertencia ao Departamento de Homicídios e Crimes Hediondos. Manchas escuras se espalhavam no metal prateado: marcas deixadas por dedos ensanguentados, quase pretas sob a pouca luz do corredor. Ela abriu a máquina e a repassou imediatamente para Finlay, sem conseguir olhar para ela.

– Era do Chambers – explicou.

– Como você sabe?

– A senha.

Sobre o teclado havia um pedacinho de papel, também sujo de sangue, com uma senha anotada: "Eve2014".

Finlay pressionou uma tecla qualquer e o sistema operacional despertou do estado de sono em que fora deixado. A tela inicial era a mesma de todos os computadores vinculados ao servidor seguro da Polícia Metropolitana. Uma pequena mensagem de e-mail, datada de 7 de julho, estava aberta: "Você está recebendo esta mensagem porque foi recentemente removido(a) do grupo de destinatários do seu departamento. Se achar que se trata de um engano, favor entrar em contato com nosso serviço de atendimento aos usuários. Saudações, Suporte IT." Finlay virou a tela para Emily.

– Ele estava conectado com o nosso servidor durante todo esse tempo – concluiu ela. – *Por isso* estava sempre um passo na nossa frente! Eu sabia desde o início que o Edmunds estava enganado. Não era o Wolf que estava vazando informações!

– Sei que é nisso que você quer acreditar. Eu também. Mas ainda não podemos afirmar nada.

Ela fez uma careta de irritação, depois se afastou para a porta do apartamento e apressou a saída dos policiais armados, dizendo:

– Valeu, valeu, muito obrigada, voltem sempre...

Nesse meio-tempo, Wolf correu para a janela, saltou para o telhado do prédio vizinho e desceu à rua, discretamente virando o rosto ao passar pelos dois policiais que montavam guarda na esquina. Sob uma chuva fininha ele caminhou até a estação da avenida Goldhawk e ali tomou seu metrô de volta para o centro, ciente de que acabara de perder a pouca vantagem que ainda tinha sobre os companheiros.

Capítulo 34

Segunda-feira, 14 de julho de 2014
5h14

Emily Baxter acordou com o martelar da chuva nas janelas do seu apartamento. Tinha apenas aberto os olhos quando um trovão rugiu ao longe. Estava deitada no sofá, embalada pela luz suave que vinha da cozinha, a cabeça desconfortavelmente pousada no telefone sem fio sobre o qual tinha dormido.

Por algum motivo achara que Wolf iria telefonar. Como ele podia fazer uma coisa dessas? Não ligar? Ela estava furiosa, sentia-se traída, mas ainda assim pensava haver muitas coisas mal resolvidas entre eles. Talvez ela não significasse tanto assim para ele, tanto quanto havia imaginado. Nem sabia ao certo o que esperava ouvir. Um pedido de desculpas? Uma explicação? Talvez a confirmação de que seu amigo tivesse perdido a cabeça completamente, que era um homem doente, não um homem perverso.

Ela conferiu o celular que havia deixado na mesinha lateral: nenhuma ligação não atendida, nenhuma mensagem. Ao descer as pernas para se levantar do sofá, acidentalmente chutou para longe uma garrafa de vinho vazia e receou ter acordado os vizinhos de baixo com o barulho. Depois foi para a janela e dali ficou olhando para os telhados molhados da vizinhança, para as nuvens raivosas que se iluminavam em diferentes tons de chumbo com o lampejar dos raios.

Independentemente do que viesse a acontecer até o fim daquele dia, ela perderia algo de muito importante, talvez para sempre. Só não podia prever o tamanho do estrago.

Edmunds passara a noite analisando rastros monetários que ziguezagueavam pela cidade feito farelos de pão. Estes, mais o fato de que o computador de

Chambers fora encontrado no apartamento do homem, não deixavam dúvida de que Lethaniel Masse era realmente o assassino: autor dos crimes do Boneco, autor dos crimes faustianos. Pena que ele não poderia estar presente para ver a detenção daquele monstro tão fascinante e criativo. Por outro lado, nenhum monstro era mais chocante do que a comprovação do envolvimento de Wolf naquela história. Talvez o mundo nunca viesse a saber de toda a verdade.

Ele estava exausto, com dificuldade para se concentrar no trabalho. Por volta das quatro da madrugada havia recebido uma mensagem da mãe de Tia e ligara de volta imediatamente. Tia sofrera um ligeiro sangramento durante a noite e o obstetra da maternidade aconselhara que ela se internasse, apenas como medida de precaução, para garantir que o bebê estivesse bem. Elas estavam no hospital e os médicos já tinham informado que não havia nenhum motivo para preocupação, que manteriam Tia internada apenas para monitorá-la por mais algumas horas. Furioso, ele perguntara à sogra por que ela não havia telefonado antes e a mulher dissera que Tia não queria preocupá-lo com o que parecia ser uma bobagem, sobretudo num dia tão importante como aquele. Disse ainda que a filha ficaria brava quando soubesse que ela havia lhe mandado a mensagem.

Era inconcebível que Tia tivesse enfrentado aquele susto sozinha. Depois de desligar o telefone ele não conseguira pensar em outra coisa que não fosse nela, em quanto queria estar ao lado da noiva naquele momento.

Pouco depois das seis a comandante Vanita emergiu do elevador e veio caminhando na direção dele, o guarda-chuva molhado deixando um longo rastro de pingos no chão. Usava um terninho chamativo, prevendo a avalanche de câmeras que teria de enfrentar ao longo do expediente.

– Bom dia. Esses repórteres são mesmo uns guerreiros... Está um formigueiro lá embaixo!

– Começaram a chegar antes da meia-noite – disse Edmunds.

– Você passou a noite aqui outra vez? – perguntou a comandante, mais impressionada do que surpresa.

– Um hábito que não pretendo manter.

– Nem você, nem ninguém – retrucou ela sorrindo. – Mas você ainda vai longe, Edmunds. Parabéns pelo belo trabalho.

Ele entregou o relatório financeiro que havia preparado madrugada afora. Vanita correu os olhos rapidamente pela papelada, depois disse:

– Cem por cento confiável?

– Cem por cento. O apartamento da Goldark Road pertence a uma instituição filantrópica que assiste militares feridos em guerra, por isso foi tão difícil localizar. Ele paga um valor simbólico como aluguel. Está tudo aí na página 12.

– De novo, belo trabalho.

Edmunds pegou um envelope sobre a mesa e o entregou à comandante.

– Alguma coisa a ver com o caso? – perguntou ela, abrindo-o.

– De certa maneira, sim – disse Edmunds.

Estranhando o tom da resposta, ela franziu o cenho, preocupada, e saiu para sua sala.

A detetive Baxter chegou às 7h20 depois de ter sido expulsa da Central de Análise Pericial de Imagens (CAPI). A bem da verdade, ficara aliviada ao sair de lá. Não conseguia entender como aquela gente era capaz de passar tantas horas numa caverna escura, examinando imagens e mais imagens de uma infinidade de câmeras de segurança espalhadas pela cidade. Aquilo, na sua opinião, era uma plantação de enxaquecas.

Uma equipe de especialistas em reconhecimento facial, escolhidos a dedo pela capacidade de localizar indivíduos em multidões, vinha trabalhando por toda a madrugada, com o auxílio de softwares, na esperança de identificar Wolf e Lethaniel Masse nas ruas da capital. A detetive sabia perfeitamente que era mais fácil encontrar duas agulhas no palheiro, mas nem por isso deixou de ficar decepcionada com o insucesso da busca. Chegara ao ponto de dar um esporro em um dos membros da equipe quando ele voltou do seu intervalo com dois minutos de atraso. Foi o que bastou para que o supervisor tomasse as dores do seu funcionário e corresse com ela da sala sob um esporro de igual medida.

Chegando ao sétimo andar, foi diretamente para a mesa de Edmunds.

– Alguma sorte com as câmeras? – perguntou ele. Rapidamente terminou a mensagem que vinha digitando para Tia e deixou o telefone de lado.

– Fui enxotada de lá – respondeu ela, que estranhou quando viu o estagiário apenas encolher os ombros sem ao menos perguntar o motivo. – De qualquer modo, aquilo é uma grande perda de tempo. Eles não sabem onde procurar.

Ficam olhando em torno do apartamento do Wolf e do apartamento do Masse, quando é óbvio que nenhum dos dois pretende voltar pra casa.

– Mas e o reconhecimento facial?

– Você só pode estar brincando, né? – riu ela. – Até agora os programas já reconheceram o rosto do Wolf três vezes: primeiro numa velha chinesa, depois numa poça d'água e, por fim, num pôster do Justin Bieber!

Apesar do estresse a que ambos estavam submetidos, e das consequências graves da busca infrutífera, os detetives não conseguiram conter o riso diante do absurdo da situação.

– Preciso falar com você sobre um negócio – disse ele em seguida.

Emily deixou sua bolsa no chão e sentou na quina da mesa para ouvi-lo. Nesse mesmo instante a comandante Vanita abriu a porta da sua sala e de lá mesmo chamou:

– Inspetor Edmunds? – Tinha na mão um papel dobrado. – Pode vir aqui um segundo?

– Ih, fodeu – brincou Emily.

Edmunds imediatamente se levantou, foi para a sala da comandante e se acomodou numa das cadeiras em frente à mesa dela, onde viu a carta que ele havia digitado às quatro e meia daquela mesma manhã.

– Devo dizer que fiquei muito surpresa – começou ela. – Puxa, tinha de ser logo hoje?

– Acho que fiz minha parte – disse ele, apontando para o calhamaço ao lado da carta, o relatório final dos seus trabalhos.

– Sua contribuição foi de fundamental importância.

– Obrigado, comandante.

– Mas você *tem certeza* do que está fazendo?

– Tenho.

A comandante suspirou e disse:

– Você tem um futuro brilhante pela frente, rapaz.

– Eu sei, mas não aqui.

– Nesse caso... vou encaminhar a papelada da sua transferência.

– Mais uma vez, obrigado.

Edmunds apertou a mão da chefe e saiu da sala. Emily acompanhava a cena

de longe, junto da fotocopiadora, curiosa para saber o que eles estavam falando. Edmunds buscou seu paletó e dirigiu-se a ela.

– Vai sair? – perguntou ela.

– Indo pro hospital. Tia foi internada esta noite.

– Internada? Algum problema com o...? Ela...?

– Parece que ela e o bebê estão bem, mas preciso dar uma passada por lá – disse Edmunds. Via claramente a confusão estampada nos olhos da colega: ao mesmo tempo que lamentava a internação de Tia, ela mal podia acreditar que ele estava fazendo aquilo, deixando a equipe na mão justamente naquele momento de agonia. – Vocês não precisam mais de mim aqui – falou para acalmá-la.

Apontando o queixo para a sala da comandante, Emily disse:

– Por acaso ela... concordou com isso?

– Pra falar a verdade não estou nem aí. Entreguei meu pedido de transferência e pronto. Estou voltando pro Departamento de Fraudes.

– Você *o quê*?

– "Casamento. Detetive. Divórcio." Lembra? Foi você que disse.

Emily riu consigo mesma ao recordar a virulência da sua reação quando ouviu o garoto dizer que estava noivo e esperava um filho.

– Mas eu não... – gaguejou ela. – Não é com todo mundo que isso acontece!

– Tenho um filho vindo por aí. É nele que preciso pensar.

– Então por que não me deixa em paz e volta logo pra porra dessa Fraude? – esbravejou ela e, para surpresa de Edmunds, puxou-o para um abraço apertado.

– Pensa bem – disse ele. – Eu não poderia ficar aqui nem se quisesse. Todo mundo me odeia neste departamento. Não dá pra comprar uma briga sozinho, nem quando o outro está mais sujo do que pau de galinheiro. De qualquer modo... se você precisar de alguma coisa, pode ligar. *Qualquer coisa.*

Emily assentiu e desfez o abraço.

– Amanhã estou de volta – disse ele rindo.

– Eu sei.

Despedindo-se com um sorriso carinhoso, Edmunds vestiu seu paletó e saiu.

Assim que entrou na Ludgate Hill e avistou uma lixeira, Wolf se desfez da faca de cozinha que havia roubado do hotel. Mal conseguia enxergar a catedral de St.

Paul por causa da chuva, que por sorte já havia arrefecido um pouco quando ele dobrou na Old Bailey, a rua que dava nome ao famoso tribunal.

Ele não sabia ao certo por que escolhera o Fórum quando poderia ter escolhido tantos outros lugares igualmente significativos: o túmulo de Annabelle Adams, o local onde haviam encontrado Naguib Khalid junto do corpo em chamas, o hospital St. Ann's. Por algum motivo o Old Bailey lhe parecera a escolha mais acertada, onde ele se vira cara a cara com um demônio e sobrevivera para contar a história.

Fazia uma semana que ele vinha deixando crescer a barba negra. Um par de óculos escuros complementava o disfarce, junto com os cabelos molhados pela chuva. À porta do tribunal ele encontrou uma fila grande de visitantes esperando para entrar, todos tão molhados quanto ele. Um americano mais escandaloso falava sem parar de um julgamento importante que se realizava naquele exato momento na Sala 2. Dali a pouco já havia mais gente na fila e volta e meia ele ouvia o próprio nome às suas costas, alguém comentando e fazendo previsões para o caso Boneco de Pano.

Quando as portas enfim se abriram, as pessoas foram entrando lentamente e passando pelas máquinas de raio X da portaria. Uma guia as reuniu no saguão para depois acompanhá-las pelos corredores silenciosos até a Sala 2. Wolf não tinha alternativa senão perguntar se podia assistir ao julgamento da Sala 1. Sabendo que se tratava de um pedido estranho, receou por um instante que a moça o reconhecesse, mas ela concordou sem fazer perguntas e o levou para a porta certa, pedindo que esperasse ali até que fosse franqueada a entrada para as galerias. Outras quatro pessoas já esperavam por perto. Com certeza se conheciam, pois olharam torto quando ele se aproximou.

Não demorou para que as portas se abrissem. Mesmo antes de entrar Wolf pôde sentir aquele mesmo cheiro de couro e madeira encerada que sentira da última vez que estivera ali, quando fora arrastado sala afora com o pulso quebrado e as roupas imundas de sangue. Ele entrou com o grupo, acomodou-se na primeira fileira da galeria e dali a pouco viu entrar os protagonistas do julgamento que estava para começar: jurados, advogados, testemunhas, oficiais da casa. Em seguida viu o réu ser escoltado até seu banco por dois policiais: não precisou ver mais do que as tatuagens do homem, que eram muitas, para decidir que ele era desgraçadamente culpado daquilo que o acusavam, fosse lá o que

fosse. Por último entrou o juiz e todos se levantaram enquanto ele ocupava seu solitário assento no alto da tribuna.

A comandante Vanita repassara as fotos de Lethaniel Masse para a imprensa após confirmar a legitimidade das provas colhidas por Edmunds. O rosto retalhado de cicatrizes vinha circulando em todos os jornais e noticiários do país. De modo geral a equipe de relações públicas da polícia precisava implorar às emissoras de televisão que inserissem na sua programação alguns míseros segundos com a foto ou o retrato falado de algum criminoso, portanto a comandante não pensara duas vezes antes de tirar proveito daquele interesse sem precedentes por parte da mídia. A ânsia por notoriedade do ex-militar seria um catalisador da sua própria ruína, o que era quase um clichê.

Apesar das instruções dadas ao público, a central de atendimento da Polícia Metropolitana havia sido inundada com centenas de ligações de pessoas que tinham visto Masse em algum momento das suas respectivas vidas, algumas até em 2007. Coubera à detetive Baxter examinar as atualizações a cada dez minutos e fazer o elo com os peritos da CAPI. Ela já começava a perder a paciência e as esperanças. Lá pelas tantas, jogou no lixo mais uma lista inútil e berrou:

– Será que essa gente é surda? Não interessa saber que Masse estava num supermercado *cinco anos atrás*! Interessa saber onde ele está *agora*, porra!

Finlay achou por bem permanecer calado.

– Pronto, lá vem mais uma – bufou ela assim que ouviu o computador apitar indicando a chegada de mais um e-mail. Recostando-se na cadeira, correu os olhos pela nova lista até topar com um item relevante, alguém que dizia ter visto Masse às 11h15 daquela manhã: um bancário, decerto bem mais idôneo que os videntes e moradores de rua que compunham boa parte dos informantes.

O local: Ludgate Hill.

Antes mesmo que Finlay pudesse perguntar o que ela havia encontrado, ela saltou da cadeira e correu escada abaixo para a sala da CAPI.

Para Wolf era estranho ver um julgamento tão civilizado e calmo, sobretudo se comparado ao de Naguib Khalid quatro anos antes. Ao que parecia, o réu havia confessado um homicídio culposo, não um homicídio doloso, e era apenas isto que os jurados estavam ali para determinar: culpa ou dolo.

Passados noventa minutos de julgamento, duas pessoas atrás de Wolf na galeria se levantaram para ir embora, interrompendo os trabalhos quando deixaram a porta bater com estrépito ao sair. O advogado de defesa acabara de retomar sua argumentação quando o primeiro alarme de incêndio disparou ao longe no prédio. Num efeito dominó, outros alarmes foram disparando um a um até que os uivos, como uma onda, acabaram completamente com a tranquilidade da sala.

– Não, não, não! Fora daqui! – ordenou o mesmo supervisor que havia enxotado Emily naquela manhã.

– Ludgate Hill, 11h05 – disse ela, arfando.

O perito no comando da mesa de controle olhou para o chefe e ficou esperando pela ordem dele. Resignado, o supervisor acabou concordando e o perito rapidamente ligou os monitores para acessar as imagens gravadas pelas câmeras mais próximas ao local informado.

– Epa, espera aí – disse a sargento. – Que confusão é essa?

Os monitores mostravam diversas pessoas andando de um lado para outro na rua, muitos homens de terno, uma juíza de toga e peruca. O perito digitou algo noutro computador. Segundos depois, informou:

– Alarme de incêndio no Old Bailey.

Uma luz se acendeu nos olhos de Emily, que saiu correndo da sala sem dizer nada. O perito novamente precisou pedir instruções ao supervisor:

– E aí, continuo ou paro?

A detetive disparou escada acima, mas antes de sair para o sétimo andar, recompôs-se e caminhou tranquilamente até a mesa de Finlay. Em busca de alguma privacidade, agachou-se ao lado dele e sussurrou:

– Sei onde o Wolf está.

– Ótimo! – disse Finlay, mas sem entender por que eles estavam sussurrando.

– Está no Old Bailey. Ele e o Masse. Faz todo sentido.

– Você não acha que devia estar contando tudo isso pra alguém mais importante do que eu?

– Você sabe muito bem o que vai acontecer se eu disser a alguém que Wolf e Masse estão juntos no mesmo prédio. Vão mandar um regimento inteiro de policiais armados pra lá.

– E é isso mesmo que deve ser feito – retrucou Finlay, intuindo o rumo da conversa.

– Mas você acha que o Wolf vai simplesmente se entregar pra ser preso de novo?

Finlay não disse nada. Apenas suspirou.

– Pois é – confirmou ela.

– Mas então, o que você sugere?

– A gente precisa chegar lá primeiro. Conversar com ele. Se possível, dissuadi-lo.

Finlay exalou um segundo suspiro, mais demorado que o primeiro. Em seguida disse:

– Sinto muito, minha amiga. Não vai rolar.

– Por quê?

– Emily, eu... Você sabe perfeitamente que não quero que nada de mau aconteça ao Will, mas... ele fez as suas escolhas. Estou quase me aposentando, é nisso que tenho de pensar. Nisso e na Maggie. Não posso colocar meu próprio futuro em risco.

Emily se ressentiu do que ouviu.

– E se você está achando que vou deixar você ir sozinha lá pra esse...

– Eu vou.

– Não, não vai.

– Preciso só de alguns minutos com ele, depois chamo os reforços, prometo.

Finlay ruminou a ideia por alguns segundos.

– Vou botar a boca no trombone... – disse ele lentamente – ... daqui a quinze minutos.

Passado o susto, ela riu e disse:

– Preciso de trinta.

– Posso lhe dar vinte. Mas tenha muito cuidado – aconselhou Finlay, sentindo o estômago embrulhar quando baixou os olhos para o relógio.

Emily despediu-se com um beijo no rosto do escocês, buscou sua bolsa na mesa e passou calmamente pela sala da comandante antes de disparar em direção ao elevador.

Wolf permaneceu sentado enquanto as pessoas à sua volta, sem pânico,

recolhiam seus pertences para evacuar o prédio. Teve a impressão de que o réu procurou tirar partido da confusão e fugir, mas não demorou para que os dois policiais voltassem para buscá-lo. Um advogado entrou correndo para pegar o laptop que havia esquecido na mesa e, assim que saiu, Wolf se viu sozinho na célebre sala de tribunal. Mesmo com o barulho dos alarmes ele conseguia ouvir o alvoroço no saguão, portas batendo por toda parte, funcionários direcionando as pessoas para as saídas de emergência. Rezava para que fosse apenas um incêndio, mas sabia que era algo muito pior.

Capítulo 35

Segunda-feira, 14 de julho de 2014
11h57

Após uns vinte minutos, os alarmes cessaram de repente, deixando ecos fantasmagóricos na enorme rotunda do saguão. O silêncio mal havia retornado à Sala 1 quando novos ruídos surgiram para quebrá-lo outra vez: passos solitários se aproximavam das portas. Wolf permaneceu sentado na galeria, fazendo um esforço consciente para manter a regularidade da respiração, apertando as mãos em punho até esbranquiçar as articulações.

Uma lembrança distante escolheu um péssimo momento para vir à tona: um longo corredor com sua luz ofuscante, a campainha escandalosa de um telefone, alguém atendendo a chamada. Sua vontade era gritar para eles, alertá-los, mandar o bom senso às favas e sucumbir ao irracional ainda que por um breve instante.

Esse era o mesmo medo que agora o acometia.

Ele aguçou os ouvidos à medida que os passos foram ficando mais próximos, assustou-se quando a porta da sala bateu pesadamente a seus pés. Com olhos arregalados, ouviu os passos recomeçarem abaixo da galeria, até que um vulto imponente, escondido sob o capuz de um sobretudo preto, emergiu no seu campo de visão. No estado de inquietação em que se encontrava, chegou a pensar que o Anjo Escriba, sob uma nuvem de poeira e escombros, havia se despregado da fachada do prédio para martelar seu julgamento sobre ele.

– Devo confessar uma coisa – disse Masse, engrolando as palavras, dando a impressão de que cada sílaba precisava ser arrancada à força da sua boca. Era como se ele tivesse desaprendido a falar. – Estou muito impressionado que você tenha ficado.

Em seguida foi descendo pelo corredor lateral, roçando os dedos esqueléticos e muito brancos na madeira brilhante dos bancos, neste ou naquele objeto que alguém havia deixado para trás na pressa de sair da sala. Para Wolf era desconcertante que o homem soubesse exatamente onde ele estava, mesmo sem ter olhado para cima. Pensava ter chegado ali por vontade própria, mas começava a desconfiar de que havia inconscientemente cumprido a vontade dele.

– "Na certeza de vencer, qualquer covarde pode se jogar numa batalha; comigo quero apenas os que têm a coragem de lutar quando sabem que vão perder" – citou Masse, subindo os degraus para a tribuna onde ficavam as cinco cadeiras dos magistrados. Sem nenhuma pressa ele se adiantou até a cadeira central, retirou a Espada da Justiça que pendia acima do espaldar, lentamente puxou a lâmina da bainha metálica e ergueu-a para admirá-la melhor. – Foi George Eliot quem disse isso. Imagino que teria gostado de você.

A luz da sala refletia no aço da espada para pontilhar a madeira escura dos lambris. Até que, num gesto repentino e violento, Masse cravou a arma na mesa à sua frente, fundo o bastante para que ela permanecesse espetada ali, balançando de leve. Em seguida, sentou-se placidamente no banco do juiz.

Quanto mais se via na presença do homem, mais Wolf ficava apreensivo. Sabia que por baixo daquele capuz havia uma pessoa de carne e osso como qualquer outra: um assassino engenhoso e cruel, claro, mas ainda assim uma pessoa. Por outro lado seria pouco prudente ignorar que ali estava a verdade concreta daquilo que outros viam apenas como uma lenda urbana ou desprezar a comoção que, com sua última leva de crimes, ele havia conseguido provocar numa sociedade essencialmente apática. Se não era nenhum demônio, Masse era mais próximo disso que ele, Wolf, tivera a oportunidade de encontrar.

– Uma arma de verdade – disse Masse, apontando para a espada – pendurada acima da cabeça dos juízes numa sala constantemente frequentada por homicidas. – Ele levou a mão à garganta, começando a sofrer com o esforço do monólogo. – Há que se admirar os ingleses, não é? Mesmo depois daquilo que você próprio fez aqui dentro, eles ainda dão mais valor à pompa e à tradição do que à segurança e ao bom senso.

Masse sucumbiu a um violento acesso de tosse e Wolf aproveitou a oportunidade para tirar o cadarço de um dos sapatos, rezando para que as coisas não chegassem a um ponto em que ele fosse obrigado a usá-lo como garrote para

se defender. Começou a enrolá-lo na mão, mas parou assim que viu o homem descer o capuz para revelar o rosto castigado pelas queimaduras. Tinha visto fotografias dele, lido alguns relatórios médicos, mas nada era fiel àquilo que ele agora vislumbrava à sua frente: a pele fina e funestamente branca se estriava com uma malha de pequenas cicatrizes que iam inchando ou murchando ao sabor das expressões faciais.

Masse enfim ergueu os olhos para a galeria. Em razão da investigação paralela que havia feito, Wolf sabia que ele vinha de uma família abastada e tradicional: brasão centenário, escolas particulares, barcos, clubes, etc. Aliás, fora um rapaz até bonito. Ainda escondia traços da dicção aristocrática no seu modo arrastado de falar, sequela das queimaduras, mas ainda assim era bizarro ver um assassino desfigurado e doentio discursando com tanta verve e citando romancistas vitorianas.

Talvez isso explicasse por que ele havia se isolado do mundo: após o acidente no Afeganistão, não havia como voltar para o seio de uma família acostumada a campos de golfe e jantares filantrópicos. Talvez por isso ele tivesse agonizado tanto ao saber que não poderia retomar a carreira militar. Não havia mais lugar para ele no mundo real.

Uma cabeça brilhante presa a um corpo queimado.

Por um instante Wolf cogitou se o homem teria se tornado um cidadão comum caso tivesse tido um destino diferente ou se apenas havia perdido a máscara aristocrática na explosão daquela bomba caseira.

– Mas então, William... As coisas saíram como você queria? Será que nossa pequena Annabelle Adams pode finalmente descansar em paz, sabendo que foi vingada?

Wolf não respondeu. Com um sorriso torto nos lábios, Masse prosseguiu:

– Gostou de ver o prefeito se desfazer em chamas?

Num gesto automático, Wolf fez que não com a cabeça.

– Não gostou?

– Nunca quis nada disso – disse ele, não se contendo.

– Ah, quis, sim – ironizou Masse. – Foi *você* que fez tudo isso com essas pessoas.

– Eu estava doente! Revoltado! Não sabia o que estava fazendo! – explodiu Wolf, e ficou furioso consigo mesmo, ciente de que se deixava provocar.

Masse suspirou e disse:

– Vou ficar muito desapontado se você se revelar um desses bananas que dizem: "Essa não era a minha intenção!", "Quero voltar atrás no nosso acordo!". Ou melhor ainda: "Encontrei Deus!" Muito embora... se esse for o seu caso, vou adorar saber onde foi que o nosso amigo se escondeu.

A risada de Masse resvalou para mais um acesso de tosse, dando a Wolf a oportunidade de se recompor:

– E eu vou ficar muito desapontado se você se revelar uma dessas aberrações que...

– Não sou nenhuma aberração! – interrompeu Masse, levantando-se da cadeira, gritando mais alto do que Wolf teria imaginado possível.

A atmosfera ficou ainda mais tensa quando as sirenes da polícia começaram a uivar ao longe.

Uma espuma de sangue invadia o tribunal enquanto Masse ofegava de raiva, sua terrível perda de controle dando a Wolf a coragem necessária para desafiá-lo.

– ... essas aberrações que botam a culpa de todas as atrocidades e perversões nas vozes que escutam dentro da cabeça. Você mata pelo mesmo motivo banal que leva todos os seus semelhantes a matar: é um fraco que precisa se sentir forte!

– Será que é mesmo necessário você continuar fingindo que não sabe quem eu sou? Ou *o que* eu sou?

– Sei muito bem o que você é, Lethaniel. É um psicopata narcisista e delirante que muito em breve será apenas mais uma aberração embrulhada pra presente num uniforme presidiário.

Masse crivou em Wolf com um olhar que o deixou assustado. Depois caiu num silêncio desconcertante, formulando sua resposta. Dali a pouco, com a mais absoluta firmeza, disse:

– Sou constante. Sou eterno. Sou perpétuo.

– Daqui de cima você não me parece nada disso. Nem constante, nem eterno, nem perpétuo – disse Wolf com a segurança que conseguiu fabricar. – Na realidade, dá a impressão de que uma gripezinha vagabunda pode acabar com você antes que eu tenha o prazer de fazer isso com as minhas próprias mãos.

Correndo os dedos sobre as cicatrizes da cabeça, Masse disse:

– Isto que você vê pertencia a Lethaniel Masse, uma pessoa frágil, um fraco. Morreu queimado e eu tomei pra mim a carcaça que ele deixou pra trás. – Em

seguida arrancou a espada da mesa e desceu com ela para o chão da sala. A essa altura as sirenes já estavam bem mais próximas. – Você está tentando me antagonizar, não está? Por *isso* eu gosto de você, William. É um homem tenaz, determinado. Se os juízes dizem que precisam de mais provas, você inventa essas provas. Se um réu é absolvido pelos jurados, você espanca esse mesmo réu até a morte. Se é afastado da polícia, você dá um jeito e acaba voltando. E mesmo quando está cara a cara com a própria morte, agarra-se à vida com unhas e dentes. É admirável. Realmente admirável.

– Se você me admira tanto assim... – arriscou Wolf.

– Quer que eu deixe você ir? – perguntou Masse, como se a ideia fosse inteiramente nova para ele. – Você sabe muito bem que não é assim que a coisa funciona.

As sirenes se calaram de repente, o que significava que a qualquer momento o prédio seria invadido por um enxame de policiais armados.

– Eles já estão aí, Masse – disse Wolf, levantando-se para sair. – Não há nada que você possa contar a meu respeito que eles já não saibam. Acabou.

– Ah, o destino... sempre tão cruel. Até agora você ainda não se deu conta de que vai morrer aqui, nesta sala de tribunal. E como poderia ser de outra forma? Afinal, basta você sair por esta porta e não voltar nunca mais. Acho mesmo que é isso que você deve fazer.

– Adeus, Lethaniel.

– É tão triste ver você assim: preso numa coleira, subjugado pelo medo... Este aí não é o William Fawkes que eu conheço. O William que eu conheço não compara as alternativas, não toma decisões sensatas... aliás, não tem nenhum instinto de autopreservação. O William que eu conheço é só fogo e fúria, o homem que eles precisaram trancafiar num hospital psiquiátrico, o homem que me procurou em busca de vingança, o homem que tentou matar um assassino aqui mesmo nesta sala. O William que eu conheço *optaria* por descer até aqui pra morrer.

Wolf ficou confuso. Não sabia ao certo o que Masse estava tentando fazer. Cautelosamente ele foi se afastando para a porta de saída da galeria.

– Ronald Everett era um homem grande – disse Masse com a maior naturalidade do mundo. – Calculo que tenha produzido uns... seis ou sete litros de sangue? Talvez mais? Aceitou sua própria morte com a dignidade de um

cavalheiro. Fiz uma pequena incisão na artéria femoral, depois ficamos conversando tranquilamente enquanto ele sangrava. Tudo muito... civilizado. Em cinco minutos ele apresentou os primeiros sinais de choque hipovolêmico. Imagino que tenha perdido entre 20 e 25 por cento do sangue que tinha no corpo. Em nove minutos e meio perdeu a consciência e, em onze, seu coração exangue parou de bater.

Wolf já ia saindo da sala quando ouviu Masse arrastando algo pelo chão, abaixo da galeria.

– Só estou lhe contando essas coisas – gritou Masse de onde estava – porque faz oito minutos que esta aqui está sangrando.

Wolf rapidamente voltou para o guarda-corpo da galeria e precisou se conter para não gritar quando viu Masse arrastando Emily pelos cabelos, deixando no chão um longo rastro de sangue. O psicopata usara a echarpe e as algemas que ela sempre levava na bolsa para amordaçar e amarrar sua mais recente vítima, que àquela altura estava lívida, quase sem forças.

– Devo confessar que estou improvisando aqui – gritou ele para Wolf no alto da galeria, avançando na sala com sua presa. – Tinha outros planos pra você. Quem poderia imaginar que ela viria sozinha atrás da gente? Mas veio, então fiz o que tinha de fazer.

Ele largou Emily no chão e se ajoelhou ao lado, próximo o bastante para que ela visse a dança das cicatrizes no crânio dele, para que sentisse no ar o bafo pestilento e o cheiro forte das pomadas que ele devia usar para acalmar a pele sofrida. Ela ainda teve forças para se debater quando Masse tomou o braço dela, reacomodou-o à direita da virilha e pressionou para estancar o sangramento.

– Faça o mesmo de antes e mantenha a pressão – disse ele, cuspindo sua baba pelos cantos da boca. – Não queremos que você apague antes da hora, está bem?

Uma sombra desceu sobre Wolf, varrendo da sua cabeça todo o medo que ele ainda pudesse ter do falso demônio e da espada real que ele ainda tinha na mão. Sem pensar duas vezes, disparou galeria afora e seguiu correndo para a escada que levava ao pavimento de baixo.

Masse se levantou e, olhando para as portas da sala, disse:

– Finalmente nosso herói vem buscar sua própria morte...

Capítulo 36

Segunda-feira, 14 de julho de 2014
12h06

Wolf podia ouvir vozes e berros numa parte mais distante do prédio: bombeiros e policiais armados misturando-se uns aos outros nas suas respectivas buscas. De um só pulo ele saltou os últimos três degraus para o saguão e sentiu uma fincada no flanco, onde havia um ponto mal cicatrizado. Sentiu também um aperto no peito quando se viu observado do alto por um Moisés de túnica branca, sentado em seu trono no Monte Sinai, bem como pelo exército de anjos talhados nos arcos e representados nos vitrais. Sem falar nos retratos de arcebispos, cardeais e rabinos pregando a palavra divina e corroborando as crenças de Masse: existe um Deus, existe um Diabo, existem demônios transitando entre nós.

Era como se ele estivesse numa igreja.

Ignorando tudo isso ele correu para a porta certa e irrompeu na Sala 1, atropelando a poça de sangue que Emily havia deixado ali. Encontrou-a ainda no centro da sala, junto ao aquário dos réus, recostada num chão já saturado pelo sangue de Khalid. Correu na direção dela, mas Lethaniel Masse se interpôs no caminho com sua espada em riste.

– Aí está bom – disse ele, abrindo seu repugnante sorriso torto.

A detetive Baxter sentia-se mole, letárgica. Usava o cotovelo para apertar a artéria perfurada o mais forte que podia, mas receava adormecer toda vez que piscava os olhos. As calças empapadas de sangue grudavam frias nas pernas flexionadas. O rosto cobria-se com os arranhões profundos que ela própria havia produzido ao tentar arrancar a echarpe amarrada em torno da boca. Melhor

deixá-la onde estava. Ela sabia que não podia perder mais sangue com uma nova tentativa.

Ainda tinha consigo a arma que escondera na cintura, na altura da lombar. Masse não a tinha visto. Aproveitando a distração dele com Wolf, ela contorceu o corpo na esperança de alcançá-la com as mãos algemadas. Não conseguiu, então tentou o outro lado. Arqueando as costas, chegou a sentir o metal da arma na ponta dos dedos e por pouco não chorou de desespero. Estava disposta a deslocar os ossos se com isso pudesse espichá-los alguns poucos milímetros a mais. No entanto, deu-se por vencida quando viu que o sangue voltara a esguichar na perna no mesmo compasso do coração disparado. Rapidamente voltou com o cotovelo para o mesmo lugar de antes, mas a poça vermelha à sua volta havia dobrado de tamanho naqueles poucos segundos de esforço inútil pelos quais ela havia pagado com vários minutos de sobrevida.

Masse havia despido o sobretudo preto para deixá-lo sobre um dos bancos. Por baixo estava usando o mesmo conjunto de calça e camisa que Wolf havia encontrado no apartamento da Goldhawk Road: sua camuflagem. Wolf ainda ofegava quando se viu novamente cara a cara com o homem. Era um pouco maior que ele, mas o que faltava em altura no ex-sargento, mais do que sobrava em músculos.

Na pressa de evacuar a sala, alguém havia esquecido uma caneta-tinteiro sobre uma pilha de papéis. Wolf estava próximo o bastante para pegá-la com um gesto discreto, sem que Masse percebesse. Na ausência de uma espada...

– Eu sabia que você estava lá ontem, em Piccadilly Circus – disse Masse, para grande surpresa de Wolf. – Eu queria testar sua competência. Mas você é um fraco, William. Foi fraco ontem. Foi fraco no dia em que deixou Khalid sair daqui com vida. E está sendo fraco agora. Posso ver nos seus olhos.

– Não se iluda, Masse. Se você não tivesse...

– Bobagem – interrompeu ele. – Vi quando você entrou em pânico no meio daquela multidão. Vi quando passou correndo por mim. Estava bem ali na sua frente, mas você não me viu. Ou será que *não quis* me ver?

Wolf balançou a cabeça, tentando lembrar-se do momento exato em que tinha perdido o grandalhão de vista. *Claro* que teria tido coragem de acabar com

ele ali mesmo. Sabia que Masse estava brincando com as suas emoções, tentando desequilibrá-lo.

– Portanto... você sabe que não adianta resistir – prosseguiu Masse, calmamente. – Olha, gosto tanto de você, William, que vou lhe oferecer uma alternativa que não ofereci a nenhum dos seus colegas de infortúnio: ou você fica de joelhos, e eu prometo que serei rápido, ou você tenta se defender, sabendo que a coisa pode terminar de um jeito, digamos, desagradável pra você.

Wolf respondeu apenas com o olhar, o mesmo olhar sanguinário que podia ver no demônio à sua frente.

– Previsível como sempre – suspirou Masse, e ergueu sua espada.

Emily precisava estancar aquela hemorragia. Não ousara fazer nada enquanto Masse estava olhando, mas agora poderia arriscar uma solução menos precária do que pressionar a perna com o cotovelo, mesmo sabendo que estaria perdida caso o homem percebesse alguma coisa.

Sem tirar o cotovelo do lugar, ela respirou fundo e aos poucos conseguiu desafivelar o cinto para tirá-lo das calças. Ainda com muito esforço, em razão da fraqueza e das mãos algemadas, amarrou-o com o máximo de força que pôde em torno na coxa, logo acima do talho. A dor foi excruciante, mas o sangue se resumira a um mero fiapo. E os dois braços estavam livres para serem usados da maneira que lhe conviesse.

Masse deu um passo na direção de Wolf, e o detetive recuou um.

Outro avanço de Masse, outro recuo de Wolf.

Procurando não fazer nenhum gesto brusco, Wolf destampou a caneta surpreendentemente pesada, firmou o polegar logo abaixo da pena e ergueu o braço como se tivesse na mão uma faca.

Masse avançou para dar seu primeiro golpe de espada, mas Wolf desviou a tempo, deixando que a lâmina batesse contra a parede a seu lado. Masse arremeteu novamente, a espada cortando o ar a poucos centímetros do rosto de Wolf, mas acabou se desequilibrando com a violência dos próprios golpes. O detetive aproveitou a oportunidade e arriscou uma primeira estocada com sua caneta, espetando o braço do adversário antes de recuar de novo. Masse soltou

um berro de dor, depois avaliou o ferimento sem nenhuma pressa, fascinado com o que via.

O momento de calmaria durou pouco, pois de um segundo a outro, insuflado pela inesperada ousadia, o ex-sargento reiniciou seu ataque. Wolf seguiu recuando, mas nem por isso conseguiu evitar uma estocada no ombro esquerdo. Desesperado, jogou-se contra Masse e espetou tantas vezes quanto possível, tão profundamente quanto possível, o braço com que o outro empunhava a espada. Parou apenas quando foi ao chão, surpreendido por um murro de esquerda. No tombo, acabou deixando cair sua valorosa caneta e nada pôde fazer quando ela seguiu rolando sob o banco mais próximo.

Wolf e Masse fizeram uma pequena trégua no corpo a corpo, um caído no chão, segurando o ombro machucado, o outro de pé, observando com fascínio o sangue escuro que vazava do punho da camisa. Masse não dava nenhum sinal de que sofria com dores no braço ferido, muito menos de que estava intimidado: simplesmente parecia surpreso com a extensão do estrago que um oponente tão pífio conseguira fazer. Ele tentou reerguer a espada pesada com a mão direita, mas não conseguiu, então passou-a para a esquerda.

– De joelhos, Lethaniel – ironizou Wolf enquanto se levantava. – Prometo que será rápido.

Masse crispou os músculos do rosto numa careta de indignação, depois viu Wolf olhar de relance para Emily.

– Fico me perguntando se você lutaria tanto pra defendê-la se soubesse a verdade.

Wolf ignorou a provocação e deu um passo na direção da amiga. Masse novamente se interpôs no caminho, dizendo:

– Se você soubesse que o nome dela merecia estar naquela lista muito mais que o de outros...

Wolf ficou confuso.

– O detetive Chambers não era lá muito valente. Implorou antes de morrer. Chegou a chorar, jurando que era inocente – prosseguiu Masse, lançando um olhar incriminador na direção de Baxter.

Aproveitando o breve instante de distração, Wolf avançou para esmurrá-lo. Masse conseguiu bloquear o golpe, mas cambaleou para trás e acabou caindo sobre um dos bancos.

Emily viu o sobretudo de Masse escorregar com o impacto e cair no chão, levando consigo a bolsa dela, que estava junto do casaco. O conteúdo se esparramou por perto e no meio da tralha ela rapidamente avistou três coisas: seu celular, seu molho de chaves e a tesourinha de unha que Masse usara para espetá-la, ainda manchada de sangue.

– Ao que parece – prosseguiu Masse –, não querendo prejudicar a amizade entre você e a nossa amiga aqui, Benjamin Chambers permitiu que você continuasse pensando que havia sido *ele* quem mandou a tal carta pra corregedoria. A mesma carta que invalidou toda a sua argumentação contra Naguib Khalid. – Ele sorriu satisfeito quando viu o olhar de perplexidade que o outro lançou para a detetive Baxter. – Tenho a impressão de que matamos a pessoa errada.

Emily não conseguiu sustentar o olhar de Wolf. Abafou um grito de desespero, depois ergueu os olhos para o teto da sala.

Wolf foi tomado de surpresa quando Masse investiu novamente com a espada na mão esquerda. Sem alternativa, jogou-se rapidamente contra ele para bloquear o golpe, ambos desabando no chão, a espada deslizando para longe no piso encerado. Em seguida, com a fúria de um lobo faminto, partiu sem nenhuma piedade para cima do sargento caído e despejou sobre ele uma saraivada de murros sobre a cabeça desfigurada pelas queimaduras. Para se defender, Masse apertou quanto pôde o ombro esquerdo do seu agressor, o ombro que ele próprio havia fraturado pouco antes com um golpe de espada. Seu movimento, no entanto, não fez mais do que atiçar a ira dele. Com um urro ensurdecedor, Wolf inclinou a cabeça para trás, depois usou a testa para golpear com força o rosto do demônio, pulverizando o que ele ainda tinha de nariz, roubando toda a força e energia que ele ainda possuía nos braços.

Sem saber o que mais fazer diante de tanta ferocidade, Masse apenas o fitava de volta com os olhos arregalados. Olhos de súplica. Olhos de medo.

Arrastando-se como podia, manchando o chão com o próprio sangue, Emily alcançou a tesourinha de unha e usou-a para picotar sua mordaça. Cada vez mais fraca, arrastou-se um pouco mais e conseguiu pegar o molho de chaves.

Ainda montado sobre Masse, Wolf imobilizou a cabeça dele, tirou seu cadarço

do bolso, dobrou-o pela metade, depois passou-o em torno do pescoço do homem, determinado a estrangulá-lo. Num último surto de adrenalina, Masse começou a se debater, ora retorcendo o corpo, ora desferindo chutes a esmo. Tanto fez que conseguiu desvencilhar a cabeça.

– Você só está dificultando as coisas – disse Wolf.

Nesse mesmo instante ele localizou a caneta caída sob o banco, imunda com o sangue de Masse. Levantou-se para pegá-la, deu uma cusparada para o lado e plantou os olhos sobre o sargento. – Me responde uma coisa... – falou. – Se você é o Diabo, então eu sou o quê?

Masse arrastou-se para trás numa patética tentativa de fugir.

Sem pensar duas vezes, Wolf jogou-se novamente sobre o homem e fincou sua caneta na perna direita dele, repetindo o que o próprio Masse tinha feito com Emily pouco antes. Para calar os berros dele, pegou o cadarço e novamente o garroteou pelo pescoço, apertando até onde permitia o ombro quebrado. Gostou quando o ex-sargento começou a engasgar, cada vez mais fraco, cada vez mais ridículo nas suas tentativas de defesa. Viu também que os vasos sanguíneos começavam a explodir na esclera dele, então apertou o garrote ainda mais, chegando a tremer em razão do esforço.

– Wolf! – berrou Emily, pelejando com as chaves à medida que ia perdendo a destreza dos dedos. A sala parecia rodar à sua volta. – Wolf, para com isso!

Wolf nem ouviu, tamanha era a sua fúria. Ainda encarava Masse, vendo a vida sumir aos poucos dos olhos dele.

– Basta, Wolf! – gritou ela. Aquilo não era mais autodefesa: era uma execução. – Eu disse *basta*! – insistiu ela e engatilhou a arma que finalmente conseguira empunhar.

Wolf conhecia muito bem aquele clique metálico. Assustado, virou-se para trás e deparou com uma Glock apontada na sua direção. Ficou alguns segundos assim, encarando-a com perplexidade, depois despertou do transe e baixou os olhos para o que havia sobrado do sargento, um monte de cicatrizes e sangue. Foi como se estivesse vendo aquilo pela primeira vez.

Capítulo 37

Segunda-feira, 14 de julho de 2014
12h12

Emily Baxter sabia que estava prestes a apagar. Suava frio, a náusea piorava a cada segundo. Recostada no banco das testemunhas, ela mantinha a Glock apontada para Wolf, mas não sabia ao certo se o homem que estava ali era o mesmo que ela pensava conhecer. Wolf afastou-se de Masse e por alguns segundos ficou olhando para o corpo desfalecido a seus pés, parecendo surpreso com a extensão da sua própria brutalidade.

Emily podia ver que Masse estava inconsciente mas ainda vivo. De onde se encontrava, enxergava o peito dele inflar e desinflar a cada tentativa de respirar pelo nariz pulverizado; ouvia os gorgolejos do sangue na boca. Por mais que achasse que o homem merecia sofrer, não conseguia deixar de sentir pena daquele escombro de gente que já havia entregado os pontos muito antes de Wolf acabar com ele.

Gritos no saguão despertaram Wolf do seu transe. Ele correu para junto de Emily.

– Não encoste em mim! – gritou ela, apavorada.

Vendo que ela realmente ameaçava atirar, Wolf ergueu os braços do jeito que pôde.

– Posso ajudar você – disse, surpreso com a reação da amiga.

– Não se aproxime.

Wolf se deu conta de que a manga da camisa estava empapada de sangue. Com a voz embargada, perguntou:

– Você está com medo de mim?

– Estou.

– Este sangue... não é meu – disse ele na esperança de acalmá-la.

– Por acaso isso faz alguma diferença? – retrucou ela, mal acreditando no que acabara de ouvir. Já começava a arrastar as palavras. – Olha só o que você fez! – disse, apontando para o homem que morria aos poucos no chão da sala. – Você é um monstro!

Wolf limpou os olhos marejados de emoção, sujos do sangue de Masse.

– Só quando preciso ser... – disse ele melancolicamente, sofrendo para manter os braços erguidos. – Jamais faria alguma coisa pra machucá-la.

– Tarde demais – ironizou ela. Vendo a mágoa que havia causado, receou amolecer o coração. Uma porta bateu por perto em algum lugar. – Socorro! – gritou ela, disposta a acabar com aquilo o mais rápido possível. – Wolf, preciso saber a verdade: você realmente botou este homem atrás daquelas pessoas?

Wolf hesitou um instante, depois disse:

– Sim. No dia em que Annabelle Adams morreu.

A confissão teve sobre Emily o efeito de uma pedrada.

– Depois que fui reincorporado – prosseguiu ele –, comecei a investigar as histórias, mas pensei que aquilo não era real, juro que pensei! Até que vi aquela lista duas semanas atrás. – Fixando os olhos nela, disse: – Cometi um erro, Emily. Um erro terrível. Mas tudo que fiz até agora foi pra corrigir esse erro. Nunca quis que aquelas pessoas morressem.

Ela começava a escorregar para o chão, a respiração cada vez mais lenta, a arma pesando cada vez mais na mão fechada em punho.

– Você podia ter falado comigo – balbuciou ela. – Podia ter me procurado.

– Mas *como*? Como eu poderia lhe contar uma coisa dessas? Tudo que fiz com aquelas pessoas, com os nossos amigos... com você... – disse ele, apavorado com a poça de sangue que via crescer em torno da amiga.

Emily podia ver que ele estava tão arrasado quanto naquela foto de jornal que o mostrava ajoelhado ao lado do corpo de Elizabeth Tate. Por mais que viesse tentando evitar, nada pôde fazer quando uma lágrima lhe escapou dos olhos para rolar face abaixo.

– Eles teriam me tirado do caso – prosseguiu Wolf. – Provavelmente teriam me suspendido também. Pensei que pudesse ser útil pra equipe. Eu *sabia* que podia encontrar esse demônio! – disse ele, apontando para Masse. – Já tinha feito uma boa pesquisa inicial.

– Até quero acreditar em você, Wolf, mas...

Emily não aguentou. Deixou a arma cair e amoleceu para o lado.

Mais gritos no saguão: o inimigo que se aproximava. Wolf olhou para a porta que ficava atrás do banco das testemunhas e teve um lampejo das grades que o esperavam caso ele não desse um jeito de sair dali. Com todo cuidado ele reacomodou a colega no chão, depois embolou o casaco de Masse para colocar sob os calcanhares dela, erguendo as pernas acima do coração exaurido. Em seguida apertou o torniquete improvisado na coxa e grunhiu com a dor lancinante que sentiu no ombro. Ajoelhado ao lado da amiga, ainda apertando o cinto com as forças que tinha, viu que ela começava recobrar um pouco da consciência, a perna latejando no mesmo ritmo preguiçoso do coração.

– Não... – sussurrou ela, tentando afastá-lo ao mesmo tempo que soerguia o tronco.

– Não se mexa – disse ele, ajudando-a a se deitar novamente. – Você - desmaiou.

Ela demorou alguns segundos para processar a informação. Dardejando os olhos à sua volta para confirmar onde estava, deparou com a arma ainda caída por perto. Para surpresa de Wolf, não a pegou, mas ofereceu-lhe a mão trêmula.

Wolf tomou-a na sua e apertou-a tão carinhosamente quanto permitiam os dedos abrutalhados. Em seguida ouviu um clique rápido, sentindo no pulso a superfície fria de algo metálico.

– Você está preso – sussurrou Emily.

Ele rapidamente recolheu a mão, mas riu quando viu a dela subir junto, pendurada no outro aro da algema. Conhecia a amiga bem o bastante para saber que ela não deixaria algo tão trivial quanto a morte iminente demovê-la dos seus propósitos. Resignado, sentou-se no chão ao lado dela e pressionou ambas as mãos sobre o ferimento na perna, logo abaixo do torniquete.

– Aquela carta... – começou Emily. Apesar de tudo, ainda achava que devia uma explicação.

– Águas passadas – disse Wolf.

– Andrea e eu... a gente ficou preocupada com você. Só queríamos ajudar.

Masse deixou escapar um ruído gutural antes de ficar completamente imóvel no seu canto da sala. Emily olhou para ele, aflita. Wolf olhou também, esperançoso. Até que o homem gorgolejou ruidosamente e voltou a respirar.

– Merda – sussurrou Wolf, e riu ao ser repreendido por uma careta dela. Depois, traindo na voz um misto de preocupação, censura e uma pitada de admiração, perguntou: – Onde você estava com a cabeça quando resolveu vir sozinha pra cá?

– Precisava salvar você. Convencer você a se entregar antes que alguém metesse uma bala na sua cabeça.

– E agora? Está satisfeita?

– Mais ou menos – riu ela, sentindo-se forte o bastante para voltar a sentar.

Um policial berrou por perto:

– Aqui não tem ninguém!

Emily sentiu a madeira do piso reverberar com o tropel dos coturnos no saguão. Wolf olhou com impaciência para a porta aberta da sala.

– Estamos aqui! – gritou ele.

De repente a detetive percebeu que em nenhum momento ele havia procurado justificar suas ações, muito menos pedira que ela o soltasse ou sustentasse alguma mentira para provar sua inocência. Pela primeira vez na vida ele assumia a responsabilidade em vez de recorrer a subterfúgios.

– Estamos aqui! – repetiu ele.

Emily tomou a mão dele outra vez, agora com um carinho sincero. Sorrindo, disse:

– Você não me abandonou aqui.

– Cheguei a pensar na ideia – riu ele.

– Mas não abandonou, isso é o que importa – disse ela antes de libertá-lo da algema.

Por um instante Wolf ficou olhando para a mão livre sem entender muito bem o que estava acontecendo.

– Anda, vai! – sussurrou ela.

Wolf permaneceu exatamente onde estava, ainda pressionando a perna dela.

Os coturnos se aproximavam com a velocidade de um trem.

– Vai logo! – insistiu ela, recostando-se melhor no banco atrás de si. – Wolf, por favor!

– Não vou deixar você aqui sozinha.

– Não vou ficar sozinha – argumentou ela, meio tonta outra vez. – Eles já estão chegando, vão me ajudar.

Wolf chegou a abrir a boca para dizer alguma coisa, mas Emily foi mais rápida. Os policiais estavam cada vez mais perto.

– Anda logo, você não tem tempo a perder! – disse ela, e reuniu as forças que ainda tinha para empurrá-lo.

Wolf ficou desorientado, indeciso, mas de repente pegou o casaco embolado no chão e correu para a porta atrás do banco das testemunhas. Baxter viu quando ele parou um instante para fitá-la uma última vez, mas não detectou no azul dos olhos dele nenhum vestígio do monstro que pouco antes fizera picadinho de um ex-sargento do Exército britânico. Depois não o viu mais.

Ela olhou para Masse, duvidando que ele sobrevivesse, depois lembrou que precisava esconder a Glock. Tateou o chão à sua direita, mas não a encontrou. Então girou a cabeça para enxergar melhor, não sem algum esforço, e de repente deduziu o que havia acontecido: Wolf levara a arma consigo.

– Filho da puta... – sussurrou e ergueu seu distintivo bem alto assim que viu os policiais armados invadirem a sala.

Wolf se embrenhou nos corredores que conhecia feito a palma da mão. Abotoou o sobretudo de Masse para esconder a camisa manchada de sangue, vestiu os óculos escuros e tomou a primeira saída de emergência que encontrou. Imediatamente ouviu os alarmes dispararem à sua volta, mas sabia que ninguém os ouviria da rua, tamanho era o alvoroço diante do prédio.

A chuva intensa dava aos caminhões dos bombeiros um lustro adicional, o vermelho deles fazendo um forte contraste com o preto do céu. Os repórteres e curiosos formavam um contingente cada vez maior do outro lado da rua, acotovelando-se para ver o que acontecia no prédio cercado.

Wolf atravessou calmamente a terra de ninguém entre a calçada e o cordão de isolamento da polícia, passou por dois paramédicos que entravam no prédio, depois mostrou seu distintivo displicentemente para um jovem policial que nem percebeu sua presença, ocupado que estava na contenção da manada de civis. Ao passar por baixo do cordão de isolamento, olhou de relance para a estátua da deusa da Justiça que observava a tudo do alto do prédio, depois levantou o capuz do casaco e se jogou no mar de guarda-chuvas pretos, atropelado por uns e atropelando outros, indiferente à irritação de todos.

Nenhuma daquelas pessoas fazia ideia do monstro que passava por elas: um

lobo em pele de cordeiro.

Sobre o autor



Aos 33 anos, Daniel Cole já trabalhou como paramédico, foi oficial da Real Sociedade Protetora dos Animais e membro da Guarda Costeira Real, sempre imbuído do desejo de salvar pessoas – ou talvez movido pela culpa de ter matado tantos personagens em seus textos. *Boneco de pano* é seu primeiro livro, escrito originalmente como piloto para uma série de TV, e, nos primeiros dias após o lançamento no Reino Unido e na Holanda, já foi direto para as principais listas de mais vendidos. Ele vive em Bournemouth, na Inglaterra.

Twitter: Daniel_P_Cole

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
Quatro anos depois...
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Hospital St. Ann’s
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Hospital St. Ann’s
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Hospital St. Ann’s
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Sobre o autor
Informações sobre a Arqueiro